

Convergências
transversalidades

**PESQUISAS AVANÇADAS
EM ARQUITETURA, PROJETO,
ENSINO E CRÍTICA**

ANDREA QUEIROZ REGO
(ORG.)



PROARQ

COMITÊ EDITORIAL

Prof^ª. Dr^ª. **Angélica Benatti Alvim**

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Universidade
Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. **Javier Alejandro Figueroa Ortiz**

CEAUP, Universidad Central de Chile | UCC

Prof^ª. Dr^ª. **Maria Angela Dias**

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- PROARQ
- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. **Teresa Marat-Mendes**

Instituto Universitário de Lisboa | ISCTE, Escola de
Tecnologias e Arquitectura - Departamento de Arquitectura
e Urbanismo, DINÂMIA'CET-ISCTE

Prof^ª. Dr^ª. **Vera Tângari**

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- PROARQ
- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ

A853c Pesquisas avançadas arquitetura, projeto,
ensino e crítica, Organizado por Andrea Queiroz
Rego. Rio de Janeiro: Selo PROARQ,
Paisagens Híbridas, 2025.
278 p.; il; 14,5 x 25,0 cm
SÉRIE CONVERGÊNCIAS E TRANSVERSALIDADES (V. 1)
ISBN 978-85-69970-65-1 - 978-65-88335-42-0
1. ARQUITETURA 2. ENSINO 3. PESQUISA 4. PROJETO
I. REGO, Andrea Queiroz II. Título III. Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura- PROARQ
IV. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CDD: 724.6
CDU: 728.1

Todos os direitos desta edição são reservados
ao Selo PROARQ, à Editora Paisagens Híbridas,
e aos autores. Nenhuma parte desta obra pode
ser reproduzida ou transmitida por qualquer
forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou
mecânicos, incluindo fotocópias e gravação) ou
arquivada em qualquer sistema de banco de
dados sem permissão escrita dos editores. Os
artigos e imagens que compõem esta obra são
de inteira responsabilidade dos autores.

PROJETO EDITORIAL

SÉRIE CONVERGÊNCIAS E TRANSVERSALIDADES

COORDENAÇÃO DO PROJETO EDITORIAL

Prof^ª. D^ª. **Andrea Queiroz Rego**/Prof. Dr. **Rubens de Andrade**

PRODUÇÃO EDITORIAL

Rubens de Andrade/Antônio Marcelino Araujo

CAPA, PROJETO GRÁFICO

Rubens de Andrade

REVISÃO

Andrea Queiroz Rego

REVISÃO DOS ORIGINAIS

Andrea Queiroz Rego/Rubens de Andrade

FICHA CATALOGRÁFICA

Nara Ferreira Oliveira

CRB2/1313 - Conselho Regional de
Biblioteconomia- Seção Pará

COORDENAÇÃO EDITORIAL
PROARQ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROARQ – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA
Av. Pedro Calmon, 550, Prédio da FAU/Reitoria – sala 433
Cidade Universitária, Ilha do Fundão
CEP 21941-590 – Rio de Janeiro, RJ

**PAISAGENS
HÍBRIDAS
EDITORIAL**

www.ateliendencadernac.wixsite.com/pheditoraeatelier
editorapaisagenshibridas@gmail.com

Convergências
transversalidades

**PESQUISAS AVANÇADAS
EM ARQUITETURA, PROJETO,
ENSINO E CRÍTICA**

ANDREA QUEIROZ REGO
(ORG.)



PROARQ
PAISAGENS
HÍBRIDAS

RIO DE JANEIRO
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO | UFRJ

Prof. Dr. Roberto Medronho

Reitor

Profª. Drª. Cássia Turci

Vice-Reitora

CENTRO DE LETRAS E ARTES | CLA

Prof. Dr. Afranio Gonçalves Barbosa

Decano

Prof. Dr. Carlos Augusto Moreira da Nóbrega

Vice-Decano



FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO | FAU

Prof. Dr. Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Diretor

Prof. Dr. Alexandre José de Souza Pessoa

Vice-Diretor



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

Profª. Drª. Andrea Queiroz Rego

Coordenadora

Profª. Drª. Aline Pires Veról

Vice-coordenadora

COORDENAÇÕES ADJUNTAS

Profª. Drª. Luciana Bonvino Figueiredo

Ensino

Profª. Drª. Sylvia M. Rolla

Extensão

Profª. Drª. Niuxa Drago

Pesquisa

Prof. Dr. Rubens de Andrade

Editoria

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

Av. Pedro Calmon, 550, Prédio da FAU- Sala 433

Cidade Universitária, Ilha do Fundão

CEP 21941-590 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

www.proarq.fau.ufrj.br | secretaria.proarq@fau.ufrj.br



C A P E S

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Convergências transversalidades

A Série *Convergências e Transversalidades* nasce com o propósito de reunir e divulgar produções intelectuais que exploram as interfaces entre arquitetura, projeto, ensino e crítica, revelando a diversidade de abordagens e estratégias investigativas que caracterizam o campo contemporâneo da arquitetura e do urbanismo. A série pretende constituir-se como um espaço de reflexão e diálogo entre pesquisadores, docentes e discentes, fomentando o debate sobre práticas projetuais e metodologias que atravessam o fazer arquitetônico em sua dimensão técnica, estética e social. Ao integrar pesquisas sistematizadas e resultados de investigações desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- PROARQ, a coleção busca evidenciar o papel da universidade como agente produtor de conhecimento crítico e inovador. Cada volume propõe-se a destacar as convergências de temas, métodos e perspectivas que alimentam o pensamento arquitetônico, ao mesmo tempo em que valoriza as transversalidades que aproximam diferentes campos do saber, fortalecendo o vínculo entre teoria, prática, projeto e ensino.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
Leopoldo Eurico Gonçalves Bastos	
APRESENTAÇÃO	14
Andrea Queiroz Rego e Aline Pires Veról	
RUA DO LAVRADIO: CARTOGRAFANDO TRAÇOS E RASTROS DO COLETIVO-LUGAR	20
Fabíola Belinger Angotti	
DA GERAÇÃO DA FORMA À CO-CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO: UMA DÉCADA DE PESQUISA NA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA NAS CIDADES	66
Tathiane Agra de Lemos Martins	
BETHENCOURT DA SILVA E A CULTURA ARQUITETÔNICA DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO 19	90
Doralice Duque Sobral Filha	
AMBIÊNCIA E MEMÓRIA NA TRANSFORMAÇÃO DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL: IMPACTOS ESPACIAIS, SIMBÓLICOS E SOCIAIS	116
Natália Rodrigues de Melo	
PROJETAR COM CONTROVÉRSIAS: ARQUITETURA COMO PRÁTICA COSMOPOLÍTICA	140
Rodrigo das Neves Costa	
CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS NA MARÉ-RJ: DIÁLOGOS COM A JUVENTUDE COMO SUPORTE À CONSTITUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS NAS FAVELAS	152
Rafael Ferreira Diniz Gomes	
CINE-GRAFIA DO CORPO: UM LUGAR DE RESISTÊNCIAS	174
Mariana Valicente	
CIDADE MARAVILHOSA PRA QUEM? UM ENSAIO SOBRE INFÂNCIAS, PLANEJAMENTO URBANO E JUSTIÇA TERRITORIAL	202
Alain Lennart Flandes Gómez	
ITAMARATY EM REDE: REAGREGANDO A CONCEPÇÃO DO PALÁCIO	220
Cláudio Comas Brandão	

ARQUITETO EM FORMAÇÃO: PERCURSO ACADÊMICO DE ARCHIMEDES MEMÓRIA NA ENBA (1911–1916)	238
Diego Nogueira Dias	
RESUMOS/ABSTRACTS	260
ÍNDICE REMISSIVO	270
AUTORAS/AUTORES	271
ORIENTADORAS	274

PREFÁCIO

Convidado pela coordenação do PROARQ para prefaciar este livro que reúne pesquisas acadêmicas laureadas de mestrado e doutorado de ex-alunos, me deparei quando da leitura dos textos com a complexidade e a abrangência dos temas tratados. Compreendem memórias, caminhos, desvios e o porvir de pessoas e relações com a arquitetura e a paisagem urbana, através de processos de projeto, apropriações, interações, afetos e objetos de desejo. Portanto, é um grande desafio abordar em poucas linhas essa complexidade que envolve a arquitetura e a paisagem urbana em seus distintos aspectos: técnicos, ambientais, sociais, culturais e políticos.

Compreende-se que a complexidade na arquitetura e urbanismo deve ser estudada através da abordagem sistêmica, associada a um processo de disjunção com indicadores correspondentes às várias disciplinas envolvidas. Porém, torna-se necessário para a condução de ações e a realização de intervenções no espaço público manter uma ótica projetual ascendente, (*down to up*).

A concertação ao nível de projetos para os segmentos urbanos, como as comunidades, torna-se necessária para a redução e eliminação das desigualdades e da segregação socioespacial. Desta forma torna-se possível vislumbrar meios de modificar o caráter excludente e hegemônico de nossas cidades, heranças de um passado colonial. Assim, as cartografias desses territórios, conversas com moradores, envolvimento em atividades escolares com crianças e adolescentes poderão contribuir para o melhor conhecimento dessa realidade e concorrer para iniciativas do poder público para a redução de desigualdades. Duas pesquisas trataram destas vertentes, uma sobre as falas, desenhos e atividades com crianças em escolas públicas, enquanto a segunda evidencia a favela da Maré onde se evidencia os diálogos com a juventude como suporte à constituição de

Territórios Educativos nas favelas, uma extensão para os limites das atividades na escola.

O conceito de ator-rede, evidenciado por alguns autores no livro, representa muito bem um caminho para a arquitetura e o urbanismo. Não há mais espaço para o culto da genialidade profissional, pois as obras refletem em muito o esforço coletivo para sua realização. O trabalho em rede permite conexões entre os atores com suas capacidades, sentimentos e desejos, o que vem contribuir para o processo de construção do sentido de lugar e a ampliação do conhecimento profissional. Recordando os escritos do arquiteto Álvaro Siza:

Discuto com um operário como assentar mosaico num pavimento de geometria irregular em diagonal (como proponho) ou paralelamente a uma parede. Diz-me: nós em Berlim não fazemos como quer. No dia seguinte volto à obra: “Dou-lhe razão”, “É mais fácil de executar” (diz-me operário). (...) Redescobri a mágica estranheza, a singularidade das coisas evidentes!

A pesquisa sobre o Palácio do Itamaraty mostra claramente como o âmbito do trabalho em rede contribuiu para a realização da obra e de seu importante papel arquitetônico no contexto da cidade de Brasília. As duas narrativas sobre os caminhos seguidos pelos arquitetos do século XIX Archimedes Memória e Bethencourt Silva, denotam o interesse dos autores sobre a preservação da memória relacionada com a arquitetura e o urbanismo no Brasil. Pôde-se observar pela leitura dos textos o exemplo de dedicação destes profissionais para a formação acadêmica de pessoal qualificado e na realização de obras públicas na cidade do Rio de Janeiro.

Quanto ao contexto urbano carioca dois textos se sobressaem, o primeiro sobre a rua do Lavradio e suas características no transcorrer do tempo, os esforços de revitalização, formas de ocupação, gentrificação e relações de vizinhança. O segundo texto enfoca o estadio do Maracanã e sua remodelação por imposição de grandes eventos

esportivos e de turismo que resultaram em redução da ocupação com a supressão de espaços, mas uma arquitetura que se mantém presente no imaginário popular.

Também outro texto trata da relação do corpo feminino com o espaço, veiculada através de registros cinegráficos de performances públicas em que há encenação e declamação de versos a um público participativo. Constituiu-se em um processo de afirmação da mulher, resistência e de direito à ocupação do espaço urbano aberto. Idealmente e parafraseando Derrida, considero que essas oposições dialéticas devem ser pensadas em um nível horizontal e prioritariamente sem hierarquias.

A sustentabilidade nas edificações e nas cidades se constitui outro tema presente no livro com toda sua inerente complexidade. O objeto arquitetônico e sua relação com os condicionantes climático-ambientais e o contexto urbano em que se procura manter uma edificação sob condições adequadas de luz natural e condições efetivas de insolação no envelope. Através da utilização de ferramentas digitais torna-se possível realizar os processos multiobjetivo de otimização e análise da edificação sob distintas configurações urbanas. Com as mudanças climáticas e o efeito da ilha de calor nas cidades, o problema térmico nas edificações aumenta e ações devem ser requeridas ao poder público ao nível das edificações e da cidade. Também são descritos os esforços de concertação realizados na França com a participação do público-alvo e profissionais sob um espectro de saber multidisciplinar visando a realização de espaços de convivência adequados para uma população carente.

Certamente as pesquisas aqui relatadas são merecedoras dos prêmios recebidos, como também atestam a qualidade do esforço depreendido pelo corpo docente ao longo deste período decenal na orientação de mestres e doutores.

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-FAU UFRJ), um dos mais antigos e tradicionais programas de Pós-Graduação em Arquitetura do país, iniciou suas atividades em 1987 com a primeira turma de Mestrado. A introdução do Doutorado em 2003 marcou sua consolidação e o alinhamento com as demandas contemporâneas de pesquisa, o que, por sua vez, indicou uma trajetória e produção acadêmica de envergadura no cenário da pós-graduação no Brasil. O PROARQ alcançou o Conceito 6 da CAPES - após as avaliações de 2013-2016 e 2017-2020, sendo reconhecido como um Programa de Excelência na área de Arquitetura e Urbanismo.

Em 2024, o PROARQ instaurou mais uma nova fase para a estruturação de suas pesquisas, optando por estabelecer apenas uma Área de Concentração: “Arquitetura, Projeto, Ensino e Crítica”. Esta organização potencializa, de uma forma mais amadurecida, um atravessamento e melhor fluidez entre suas linhas de pesquisa – (1) Ambiente Construído, Tecnologia e Sustentabilidade; (2) Cultura e Paisagem; e (3) Teoria, História e Patrimônio.

A Comunidade *Proarqueana* esteve constantemente atenta a um horizonte de significativa diversidade de ideias, sobretudo na amplitude que alcançou a sua produção científica, fato esse, por vezes, não evidenciado. Ser plural, significa prospectar e refletir sobre os inúmeros problemas que permeiam a área da arquitetura e urbanismo e tratá-los por meio de múltiplas abordagens, interdisciplinares e transdisciplinares, reconhecendo que as soluções mais profícuas devem abranger dimensões materiais e imateriais, principalmente, na área das ciências sociais aplicadas.

O projeto editorial em questão, lançado por iniciativa da Coordenação do PROARQ (gestão 2024-2025), consolida-se como uma proposta de valor estratégico triplo: evidenciar a produção científica diversificada e de alta qualidade do Programa; inaugurar uma nova e promissora série do selo PROARQ, e, fundamentalmente, homenagear seus egressos, dando visibilidade às suas valiosas contribuições. O principal ganho desta iniciativa reside em fortalecer a imagem e o alcance do PROARQ, dinamizando sua comunicação acadêmica e reafirmando o impacto de seus egressos no campo da Arquitetura e Urbanismo.

A nova série *Convergências e Transversalidades* do selo PROARQ objetiva, principalmente, mostrar, como o nome indica, a pluralidade da produção do nosso Programa por meio de coletâneas, organizadas com abordagens transdisciplinares que exploram as interfaces entre arquitetura, projeto, ensino e crítica, revelando a diversidade e estratégias investigativas que caracterizam o campo contemporâneo da arquitetura e do urbanismo. A Série pretende constituir-se como um espaço de reflexão e diálogo entre pesquisadores, docentes e discentes, fomentando o debate sobre práticas projetuais e métodos que atravessam o fazer arquitetônico em suas múltiplas dimensões. A coleção busca, também, evidenciar o papel do PROARQ como agente produtor de conhecimento crítico, inovador e de suma importância no ensino da arquitetura e urbanismo.

O primeiro volume desta Série reafirma a homenagem que o Programa oferece à comunidade *Proarqueana*, que ao longo desses anos já formou um expressivo corpo de novos cientistas, totalizando 730 mestres e 208 doutores egressos. Nesse sentido, a obra celebra a trajetória de excelência dos trabalhos orientados pelo nosso corpo docente, dando destaque a uma amostra de seus laureados, cujas dissertações e teses receberam premiações nacionais de grande relevância no período compreendido entre 2014 e 2024.

O PROARQ reconhece o valor de todos os seus egressos, premiados ou não, responsáveis por ampliar e fortalecer sua rede de pesquisa, como também, potencializar

a troca contínua de saberes, seja a partir da atuação no âmbito acadêmico, seja no exercício de atividades profissionais do arquiteto e urbanista. Os textos foram livres, sem delimitações rígidas prévias. Alguns apresentam sínteses de suas teses ou dissertações, mas a maioria é ensaístico, incorporando reflexões e desdobramentos, apenas possíveis, pelo distanciamento temporal das pesquisas desenvolvidas na época das premiações. O livro poderia ser organizado de inúmeros modos, mas se optou por uma linha cronológica, que permite acompanhar o próprio desenvolvimento do Programa, na leitura de seus textos, *pari e passu* com a transformação do campo de saber.

O conjunto de ensaios que compõem esta coletânea delinea um horizonte vasto e promissor no campo da pesquisa em Arquitetura. Os percursos de excelência estabelecidos por esses trabalhos laureados oferecem ao leitor uma visão clara do mosaico de pesquisas de ponta desenvolvido pelo corpo docente do PROARQ e, crucialmente, evidenciam a natureza das ricas trocas e intercâmbios que orientam a construção dessas investigações junto aos nossos pós-graduandos, nos últimos 10 anos.

A coletânea apresenta um panorama diversificado de pesquisas premiadas, começando em 2014, com o capítulo “RUA DO LAVRADIO: CARTOGRAFANDO TRAÇOS E RASTROS DO COLETIVO-LUGAR”, de Fabíola Belinger Angotti, que recebeu Menção Honrosa no Prêmio ANPARQ (2014), ao abordar a relação entre espaço, cultura e lugar por meio de uma cartografia sociotécnica. Em seguida, Tathiane Agra de Lemos Martins, recebedora do Grande Prêmio Capes de Tese Antonio Houaiss (2015), apresenta “DA GERAÇÃO DA FORMA À CO-CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO: UMA DÉCADA DE PESQUISA NA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA NAS CIDADES”, que traz uma reflexão profunda sobre o desempenho termoenergético e a otimização de tipomorfologias urbanas para a sustentabilidade. Doralice Duque Sobral Filha contribui com “BETHENCOURT DA SILVA E A CULTURA ARQUITETÔNICA DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO 19”, Menção Honrosa do Prêmio ANPARQ de Tese (2016), que se aprofunda na cultura arquitetônica carioca do século XIX e a atuação de

um de seus expoentes. O trabalho de Natália Rodrigues de Melo, “AMBIÊNCIA E MEMÓRIA NA TRANSFORMAÇÃO DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL: IMPACTOS ESPACIAIS, SIMBÓLICOS E SOCIAIS”, Prêmio Brasil de Teses e Dissertações sobre Futebol e Direitos do Torcedor (2019), analisa a complexa relação entre o ambiente construído, a memória e as transformações sociais nos estádios.

A partir de 2020 destacamos o trabalho de Rodrigo das Neves Costa, “DEBAIXO DO MESMO TETO: PRÁTICA PROJETUAL EM EDIFÍCIOS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO BIOTECNOLÓGICO”, ganhador da Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese (2020), que aborda a prática projetual arquitetônica sob uma perspectiva sociotécnica, explorando a complexidade e as controvérsias na concepção de edifícios de pesquisa. O trabalho “CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS NA MARÉ-RJ: DIÁLOGOS COM A JUVENTUDE COMO SUPORTE À CONSTITUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS NAS FAVELAS”, Menção Honrosa do Prêmio Maurício de Almeida Abreu (2022), de Rafael Ferreira Diniz Gomes, foca na interface entre urbanismo, juventude e educação em territórios de favela. Mariana Valicente Moreira, com o trabalho “CINE-GRAFIA DO CORPO: UM LUGAR DE RESISTÊNCIAS”, Menção Honrosa do Prêmio Capes de Tese em 2023, aborda a relação entre corpo, gênero e Direito à Cidade, evidenciando o caráter constitutivo, subjetivo e material desta relação.

Os três últimos capítulos celebram o ano de 2024, quando o PROARQ foi contemplado com três teses premiadas. Assim, o oitavo capítulo “CIDADE MARAVILHOSA PRA QUEM? UM ENSAIO SOBRE INFÂNCIAS, PLANEJAMENTO URBANO E JUSTIÇA TERRITORIAL”, de Alain Lennart Flandes Gómez, é fruto de tese premiada com o 2o lugar no Prêmio ARQUISUR de Tese, que discorre sobre as dificuldades enfrentadas pelas crianças latino-americanas no reconhecimento sociopolítico e seus desdobramentos no espaço urbano. O nono texto, “ITAMARATY EM REDE: REAGREGANDO A CONCEPÇÃO DO PALÁCIO”, de Cláudio Roberto Comas Brandão, foi reconhecido com o Prêmio ANPARQ de Tese, que investiga a concepção do Palácio Itamaraty em Brasília a partir da noção

de concepção como ação em rede. Por fim, o último capítulo, “O ARQUITETO EM FORMAÇÃO: PERCURSO ACADÊMICO DE ARCHIMEDES MEMÓRIA NA ENBA (1911–1916)”, escrito por Diego Nogueira Dias, é fruto de sua tese, que recebeu o Prêmio Capes de Tese 2024. O ensaio de Diego investiga a formação do arquiteto no período em que o modelo pedagógico da *École des Beaux-Arts* de Paris se consolidava no Brasil.

Esta coletânea atesta, de forma inequívoca, a alta qualidade da pesquisa desenvolvida no PROARQ e o reconhecimento alcançado em suas diversas linhas de investigação. Expressamos aqui nossas sinceras congratulações, não apenas aos egressos cujos trabalhos foram laureados, mas também a seus orientadores, cujo papel é fundamental na formação e excelência dos novos pesquisadores. A obra celebra a capacidade do programa de produzir conhecimento de impacto e relevância nacional.

O lançamento deste livro, coincidindo com o 16o Colóquio do PROARQ, estabelece um importante alinhamento de ações. O Colóquio, evento homônimo, é dedicado à valorização de discentes, egressos e recém-pesquisadores, protagonistas essenciais na construção de novas ideias. O livro, portanto, simboliza o compromisso do programa em promover um ambiente vibrante, onde a pesquisa se entrelaça e se retroalimenta, impulsionando a vanguarda da Arquitetura e Urbanismo.

Agradecemos em especial ao Professor Rubens de Andrade, Coordenador Adjunto de Editoria, que acreditou no projeto e fez este livro acontecer.

Andrea Queiroz Rego
Coordenadora

Aline Pires Veról
Vice-Coordenadora

PROARQ 2024-2025

RUA DO LAVRADIO:
CARTOGRAFANDO
TRAÇOS
E RASTROS DO
COLETIVO-LUGAR
(2013)

FABÍOLA BELINGER ANGOTTI

Neste ensaio viso a apresentar e refletir sobre a pesquisa de dissertação *Rua do Lavradio: cartografando traços e rastros do coletivo-lugar*¹, defendida, em 2013, no Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU UFRJ.

A principal motivação da pesquisa foi entender a Rua do Lavradio, localizada no bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro, como um contexto amplo e diversificado que passou por sucessivas transformações (econômicas, sociais, culturais e políticas), entrelaçando a subjetividade, inerente às conexões entre os atores e aos seus, com a materialidade do ambiente construído.

Com base em fundamentos da Teoria Ator-Rede (TAR) – *coletivo* e *rede sociotécnica* – busquei reassociar humanos e não humanos, presentes na Rua do Lavradio e seu entorno, mostrando as inconsistências, os interesses opostos, as diferentes *traduções* e as *controvérsias* sobre a *qualidade do lugar*. Nesse sentido, diversas narrativas foram reunidas sobre a rua, procurando reconhecer os atores como seus agentes de transformação, não só por interferirem na dinâmica da rua, mas também por contribuírem para seu sentido de *lugar* e *atrabilidade*. A Rua do Lavradio também passou a ser compreendida por sua

¹ A pesquisa vincula-se ao grupo Lugares e Paisagem (ProLugar) e à linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído. Insere-se no projeto de pesquisa, Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade (Processo CNPq n.º. 303365/2010-2), então, coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz.

capacidade de ação, deixando de ser somente um suporte físico e/ou plano de materializações e significados das pessoas.

A estratégia metodológica utilizada na pesquisa foi a *cartografia de controvérsias*, cuja proposta é seguir os atores, enfatizando os movimentos que ocorrem na rede, em conjunto com instrumentos de análise tipomorfológica da avaliação pós-ocupação (APO) para conhecer características físicas e espaciais da rua – atores não humanos.

Aqui apresento de forma sucinta os caminhos que contribuíram para a escrita do projeto de pesquisa, sua problemática e seus objetivos. Em seguida, exponho, resumidamente, algumas bases teóricas sobre a construção do sentido de *lugar*, além de algumas proposições da Teoria Ator-Rede. Adiante, explico as estratégias metodológicas e os procedimentos da pesquisa. E por último, descrevo alguns resultados e descobertas da pesquisa, divididos em diferentes narrativas sobre a Rua do Lavradio.

Espero, por fim, demonstrar a importância da pesquisa, que envolve a abordagem *sociotécnica* e suas possibilidades de entrelaçamento com a Arquitetura e Urbanismo, além de ressaltar o dinamismo da Rua do Lavradio, em sua complexidade, bem como seus atores – humanos e não humanos – que participam da construção do sentido de *lugar*, ainda que de uma maneira não homogênea sobre os significados e materializações da Rua do Lavradio.

A MATRIZ E AS ORIGENS DO PROJETO DE PESQUISA

O primeiro contato que tive com a Rua do Lavradio foi, aproximadamente, em 1996, quando comecei a frequentar a Feira Rio Antigo². A relação direta com

² Passei a frequentar a feira após meus familiares alugarem uma loja na rua para comercializar móveis e objetos antigos. Meu conhecimento sobre a Rua do Lavradio também foi construído durante a minha infância, ao ouvir as memórias de meu avô materno sobre suas vivências e rotina de trabalho na região da Lapa, onde atuou como carteiro durante muitos anos.

a rua deu origem, em 2009, ao meu Trabalho Final de Graduação (TFG) na FAU/UFRJ, cujo projeto foi um *Centro de Comércio de Antiguidades*. A proposta visava a consolidar a comercialização de antiguidades na Rua do Lavradio como tradição histórica e cultural, evidenciando sua relação com a Feira Rio Antigo, sem, contudo, negar as tendências de entretenimento da região.

Tendo como ponto de partida as reflexões iniciadas por mim durante o TFG, elaborei o projeto de dissertação – *Rua do Lavradio: cartografando traços e rastros do coletivo-lugar*. Levando em consideração o alinhamento do grupo ProLugar – coordenado pelo professor Paulo Afonso Rheingantz – com a Teoria Ator-Rede, percebi a possibilidade de analisar a dinâmica da Rua do Lavradio e suas contínuas transformações de uso e de perfil, considerando tanto a subjetividade presente na conexão entre os atores, quanto a materialidade do ambiente urbano, além da história, da memória e das práticas culturais. Em virtude disso, parti da premissa de que

a Rua do Lavradio, por ter reconhecido valor histórico-cultural, deveria ser um exemplo de criação do lugar, em virtude de seus processos de transformação, que guardavam as marcas dos diversos tempos e das atividades que nela se desenvolviam³.

Acreditava-se que as transformações eram resultantes da multiplicidade de conexões e das prováveis divergências entre os atores, o que contribuía para gerar diversas *traduções* sobre os desejos de permanência e/ou mudanças de usos, forma e apropriação da rua.

O TEMA, A PROBLEMÁTICA E OS OBJETIVOS DA PESQUISA

Em 1950, a Rua do Lavradio passou a ser reduto de brechós e antiquários devido a transferência dos comerciantes para a Lapa e seu entorno, logo após a abertura da Avenida Presidente Vargas. No decorrer dos anos, a Rua do Lavradio

³ Angotti, 2013, p. 2, grifo nosso.

– desprovida de investimentos e políticas governamentais – começou apresentar indícios de degradação⁴.

Em 1996, os antiquários decidiram reativar a Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo (Accra) e passaram a promover, a cada primeiro sábado do mês, a Feira Rio Antigo com o objetivo de atrair visitantes e clientes, valorizar a história local e recuperar a rua. A prefeitura decidiu financiar um projeto de infraestrutura e, em 2002, concluiu inúmeras obras de melhoramento. A partir dessas ações, a Rua do Lavradio foi reforçada como *Rua dos Antiquários*.

Ao longo do tempo, a Rua do Lavradio foi se tornando local de diversão e lazer em virtude do aumento da quantidade de bares e restaurantes na região⁵. A Feira Rio Antigo também foi transformada e começou a comercializar outros objetos além de antiguidades.

Diante de todas as transformações pelas quais passou a Rua do Lavradio, o tema da pesquisa foi a *qualidade do lugar*, ressaltando a subjetividade presente nas relações entre os diferentes atores e seus processos de identificação e de atribuição de significado à rua, junto com a materialidade do ambiente urbano – atributos físicos, espaciais e morfológicos.

Dessa forma, apresentava-se como problemática à seguinte questão: **Quais são as relações, elementos e controvérsias que contribuem para a construção do sentido de lugar e atratividade da Rua do Lavradio, localizada na região central da cidade do Rio de Janeiro?**

Para responder a questão, tracei os seguintes objetivos específicos: (a) Identificar aspectos da

⁴ Froés, 2007. O início da década de 1960 – com a mudança da capital para Brasília – e o início da década de 1970 – com a fusão do Estado da Guanabara com o do Rio de Janeiro, a transformação da capital em município e a expansão da cidade em direção da Zona Sul e, posteriormente, a Barra – marcaram um longo período de empobrecimento para toda a área central.

⁵ Os próprios antiquários passaram a promover *happy hours* com apresentações de música ao vivo e serviços de bar. O objetivo principal era atrair uma nova clientela e estender o movimento além do horário comercial.

subjetividade e da materialidade que configuravam a Rua do Lavradio; (b) Mapear as *controvérsias* envolvendo os desejos de permanência e/ou mudanças de usos, forma e apropriação da rua e (c) Cartografar a dinâmica e a multiplicidade das relações entre os atores e suas narrativas sobre a rua.

O ENTENDIMENTO DE *LUGAR* E SUAS INTERFACES COM A ABORDAGEM *SOCIOTÉCNICA*

As bases teóricas que fundamentaram a pesquisa estão alinhadas com as discussões realizadas pelo grupo ProLugar sobre o tema *qualidade do lugar* e seus entrelaçamentos com a Teoria Ator-Rede⁶.

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE *LUGAR*

A construção do sentido de *lugar* atravessa diferentes áreas, adquirindo múltiplos significados. Em uma perspectiva humanista é possível considerar que *lugar* possui significado e valor, produzindo afetos que se formam somente nas relações com as pessoas. Isso se dá por meio de um “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” ao qual Tuan denominou de “topofilia”⁷. O ambiente influencia as relações, afeta o comportamento e molda a percepção dos indivíduos, ao mesmo tempo em que também é transformado pelas interações que nele ocorrem. Devido aos valores dos ambientes e às diretrizes de projeto de arquitetura, alguns ambientes passam a ser considerados atrativos, acolhedores ou, até mesmo, hostis⁸.

Segundo o geógrafo Milton Santos, o *espaço*⁹ é “um conjunto indissociável, solidário e [...] contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações”¹⁰. Os objetos

⁶ Rheingantz, *et al.* 2012.

⁷ Tuan, 1980, p. 5.

⁸ *Ibidem.*

⁹ Milton Santos não diferencia espaço de lugar.

¹⁰ Santos, 2006, p. 39.

condicionam as ações, que criam objetos novos ou se concretizam sobre objetos preexistentes. Nesse sentido, o *espaço* materializa as constantes interações entre os indivíduos e a natureza, caracterizando-se como uma “acumulação desigual”¹¹, de momentos “cristalizados como objetos geográficos”¹², que mudam “de papel e de valor, à medida que a história vai se fazendo”¹³.

Por isso, a ideia de *lugar* na atualidade assume um papel variável. Segundo Josep Maria Montaner, o lugar caracteriza-se como “intensos focos de acontecimentos, concentrações de dinamismo, torrentes de fluxos de circulação, cenários de fatos efêmeros, cruzamentos de caminhos, momentos energéticos”¹⁴. A *qualidade do lugar* é, portanto, percebida pelas pessoas através de estímulos¹⁵ “emitidos a partir de fatos ambientais que guardam relação [...] com a natureza objetiva e material [...] do ambiente” e “com sua natureza subjetiva – imaterial e imponderável”¹⁶.

Acredito, portanto, que a ideia de lugar é inseparável da vivência de cada indivíduo. O modo como um sujeito percebe o ambiente é algo intrínseco a sua história de vida, sua bagagem intelectual e cultural, seus desejos, expectativas etc. São aspectos que não são claramente definíveis, mas que interferem no modo como cada pessoa percebe o ambiente em que habita.

Um dos lugares da atualidade, para Lineu Castello, é o *lugar da urbanidade*, qualidade que está “vinculada à

¹¹ Santos, 2009, p. 9.

¹² *Ibidem*, p. 14.

¹³ *Ibidem*, p. 57.

¹⁴ Montaner, 2001, p. 44.

¹⁵ Segundo Castello (2005), a percepção de um lugar pode acontecer por uma ou pelo somatório de narrativas (fama); por estímulos naturais; pela associação a um edifício histórico; por associação a atos políticos e manifestações cívicas; por associação a tradições, (feiras e eventos tradicionais); pela construção de uma emoção (paixão dos torcedores nos estádios); pela oferta de um deleite sensorial; pela construção de uma imagem (locais frequentados por celebridades); pela oferta de conveniências, utilidades e facilidades tecnológicas.

¹⁶ Castello, 2005, p. 15.

dinâmica das experiências existenciais conferida às pessoas pelo uso que fazem do ambiente urbano público [...]”¹⁷. Resulta dos acontecimentos diários, dos eventos e das relações (sociais, econômicas etc.), permitindo experiências pluriculturais, modos de viver, escolhas, trocas, intercâmbios de informações.

Em outra perspectiva, a *urbanidade* é produzida por humanos e não humanos, já que “resulta da relação entre natureza – o mundo das coisas em si – e sociedade – o mundo dos homens em si”. Por isso, “[...] pode ser entendida como um conjunto de narrativas a serem traduzidas em sua dinâmica complexidade”, o que “implica produzir formas descentradas e não singulares de ser e conhecer”¹⁸. Nesse sentido, os estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), mais, especificamente, a Teoria Ator-rede (TAR), tornam-se importantes para compreender a complexidade de ambientes urbanos.

A TEORIA ATOR-REDE (TAR) E A ABORDAGEM *SOCIOTÉCNICA*

As ciências cognitivas e a sociologia tradicional, alinhadas ao paradigma moderno, passaram a limitar o estudo da subjetividade ao que é, fundamentalmente, humano, esquecendo-se de que os objetos também desempenham um papel nas relações humanas¹⁹. No âmbito dos estudos CTS²⁰, o sociólogo Bruno Latour, associado a Michel Callon e John Law, cunhou a TAR para

¹⁷ *Ibidem*, 2005, p. 36.

¹⁸ Rheingantz, 2010, p. 1-2.

¹⁹ Bruno, 2010.

²⁰ O campo de estudos denominado de CTS surgiu em torno de 1980 tendo como principal objetivo compreender, revisar e decidir a respeito das consequências da ciência e da tecnologia na sociedade atual. Apresenta duas principais vertentes – a norte-americana e a europeia. As duas tradições apresentam como foco superar a ideia tradicional que fundamenta a ciência e a tecnologia, promovendo a cooperação da sociedade nas decisões que conduzem o avanço tanto da ciência, quanto da tecnologia. Evidencia-se que as soluções dos problemas sejam democráticas, superando a manipulação da ciência da tecnologia.

tratar da inseparabilidade entre sujeito e objeto, natureza e cultura, ciência e sociedade²¹.

Considerar tal perspectiva no campo da Arquitetura e Urbanismo permite associar elementos heterogêneos, transformando os estudos sobre as relações pessoa-ambiente e as experiências produzidas no ambiente construído. O social, na abordagem latouriana, deve ser compreendido pelas conexões entre os atores e o efeito de seus movimentos, ao invés de ser um adjetivo aplicado a um estado de coisas estáveis, já que “tomado como um sólido”, o social “perde sua capacidade de associar-se”²². Ao mesmo tempo, “tomado como um fluido”, o social “torna a desaparecer porque só relampeja brevemente no momento fugaz em que novas associações estão reunindo o coletivo juntas”²³.

Uma rede social é formada, portanto, pela interação dos humanos com diversos elementos não humanos (arquiteturas, animais, textos etc.) que juntos compõem uma *rede sociotécnica*²⁴. A *rede sociotécnica* pode ser entendida como “um traço deixado por uma conexão ou uma série de conexões”²⁵. É dinâmica e instável e serve para “[...] acompanhar e delinear a produção dos fenômenos” que ocorrem a partir de “trocas intensas entre os vários pontos, conexões e atores”²⁶. Cada *ator* é definido por suas ações e produz transformações na *rede sociotécnica*²⁷. Ele próprio também “é uma rede de certos padrões de relações heterogêneas, ou um efeito produzido por uma tal rede”²⁸. Ou seja, ao mesmo tempo em que ele tem agência, faz alianças e convoca outros atores, ele também redefine e transforma os

²¹ Latour, 2001.

²² Latour, 2012.

²³ *Ibidem*, p. 229.

²⁴ Law, 1992.

²⁵ Rocha, 2012, p. 18.

²⁶ Pedro, 2010, p. 81.

²⁷ Latour, 2012.

²⁸ Law, 1992, p. 5.

elementos da rede a partir de seus movimentos²⁹ – por isso a expressão *ator-rede* com hífen. Para *coligar* as associações em uma *rede sociotécnica*, parte-se da ideia de *coletivo*³⁰ que

distingue-se em primeiro lugar de sociedade, termo que nos remete a uma má distribuição de poderes; acumula em seguida os antigos poderes da natureza e da sociedade num só lugar antes de se diferenciar novamente em poderes vários (consideração, organização, acompanhamento). Embora empregado no singular, o termo não nos remete a uma unidade já feita, mas a um procedimento para coligar as associações de humanos e não-humanos³¹.

O entendimento de *coletivo* pressupõe, portanto, uma divisão de responsabilidade entre os atores na dinâmica dos agenciamentos. Adotar o *princípio de simetria*, não significa negar a existência de uma relação hierárquica entre os atores do *coletivo*, mas sim, reconhecer que outras entidades, além dos humanos, também produzem efeitos na *rede sociotécnica*.

COLETIVO-LUGAR: UM HÍBRIDO DE HUMANOS E NÃO HUMANOS E SUAS REDES

Compreender um *lugar* a partir da noção de *coletivo* requer olhar para as conexões entre os atores, substituindo a noção de representação por *mediação*³² – “processo de criação de elos entre dois agentes, constituindo um composto híbrido que não existia antes e que desloca os objetivos, funções e intenções previamente estabelecidas”.³³ Para registrar as mediações que ocorrem no *coletivo*, o pesquisador deve recorrer à *tradução*³⁴, que “implica transformação e a possibilidade de equivalência, a possibilidade de que uma coisa (por exemplo, um ator) possa representar outra (por exemplo,

²⁹ Pedro, 2010.

³⁰ Latour, 2001; Latour 2004; Latour, 2012.

³¹ Latour, 2004, p. 372-373.

³² Latour, 1994.

³³ Bruno, 2010, p. 11.

³⁴ Law, 1992.

uma rede)”³⁵. Traduzir “não significa apenas a mudança de um vocabulário para outro”, mas também “um deslocamento, um desvio de rota, uma mediação [...]”, ou seja, “a apropriação local que cada ator faz do que circula na rede”³⁶.

Tendo isso em vista, o ambiente construído pode ser traduzido pelo pesquisador que passa a acompanhar o processo de constituição do *coletivo-lugar*, que “significa abordar a sua complexidade examinando pontos heterogêneos – técnicos, sociais, culturais, políticos” e “suas relações”. A *qualidade do lugar* passa a ser uma “experiência vivenciada no lugar”, sendo “entendida como uma grande narrativa a ser descrita em sua dinâmica complexidade”³⁷.

Ao adotar a TAR e a noção de *coletivo-lugar* no estudo da Rua do Lavradio foi possível interagir diretamente com a rua, seguir os atores e mapear as divergências. As associações entre os diversos atores – humanos e não humanos – produziram experiências e *traduções* singulares, enfatizando as *controvérsias* do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em etapas concomitantes: a teoria e a prática. Na etapa teórica foram estudadas a história e a evolução urbana da Rua do Lavradio e os fundamentos sobre *lugar* e a Teoria Ator-Rede. A pesquisa de campo partiu da minha interação como pesquisadora com a rua, em dias e horários distintos, por meio de derivas naturais de modo aberto e consciente³⁸.

³⁵ *Ibidem*, p. 7.

³⁶ Pedro, 2010, p. 83.

³⁷ Viana; Rheingantz, 2011, p. 54.

³⁸ Alcantara, 2008; Alcantara 2010. A aplicabilidade dos entendimentos de coletivo e tradução e do método da cartografia de controvérsias na avaliação da qualidade do lugar coloca o pesquisador como ator-rede. Dentro desse entendimento, a abordagem experiencial (AE), testada por Alcantara (2008), passa a ser uma voz dentro da rede, na qual o pesquisador busca reduzir a hierarquia entre si e os demais atores envolvidos no coletivo-lugar.

CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS: TRADUÇÕES DO COLETIVO-LUGAR RUA DO LAVRADIO

A principal estratégia metodológica utilizada na pesquisa foi a *cartografia de controvérsias* a fim atentar para os acontecimentos do *coletivo-lugar* da Rua do Lavradio, além de identificar os atores humanos e não humanos e a dinâmica de suas relações, seus embates e divergências.

A *cartografia*³⁹ reúne o dinamismo e os agenciamentos de uma rede e supera uma representação estática⁴⁰. Diferentemente dos mapas, ela “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem [...]”⁴¹. O pesquisador acompanha a dinâmica do *coletivo* e constrói seu caminho durante o processo, onde surgem, em meio as *traduções* dos atores, as *controvérsias*, geradas por de uma disputa ou discussão⁴². A tarefa do pesquisador é, portanto, “[...] traçar as conexões existentes entre as *controvérsias* e o processo de *tradução* das mesmas, ao invés de decidir como resolvê-las”. Com isso, a “pesquisa deixa de seguir um modelo dado e predefinido”, para ser “um processo que é mais fluido e instável [...]”⁴³. Durante a minha interação com a rua foram adotados os seguintes passos⁴⁴:

(1) A escolha por uma porta de entrada – foram escolhidas as vivências prévias da pesquisadora com a rua, atrelado às suas mudanças de usos e funções, desde sua origem até o momento de realização da pesquisa.

³⁹ Este método foi inicialmente proposto por Deleuze e Guattari (1995) para acompanhar um processo, em detrimento da representação de um objeto. Este método vem sendo utilizada em pesquisas que envolvem o estudo da subjetividade, em que cada caso é construído de modo particular.

⁴⁰ Rocha, 2012.

⁴¹ Rolnik, 2007, p. 23.

⁴² Pedro, 2010.

⁴³ Rocha, 2012, p. 20.

⁴⁴ Latour, 2011; Trannin; Pedro, 2007.

(2) A identificação dos porta-vozes (atores que falavam pela rede) – primeiramente foram identificados os grupos que atuavam na rua e escolhidos os atores que seriam seguidos e entrevistados. A escolha desses atores teve como objetivo dar voz aos atores pouco ouvidos, em contraposição aos membros da Accra, proprietários de bares, restaurantes etc. que estavam sendo privilegiados em matérias publicadas sobre a rua. Por fim, a identificação dos *porta-vozes* ocorreu em função das *traduções* e das *controvérsias* que surgiram durante as entrevistas.

Entrevistas semiestruturadas – para mapear as *traduções*, as *controvérsias* e os pontos positivos e negativos sobre a Rua do Lavradio foram realizadas entrevistas semiestruturadas. O instrumento foi elaborado com questões abertas, relacionadas ao problema da pesquisa, além da inclusão de perguntas que tinham como propósito deixar os atores falarem. Durante a pesquisa foram entrevistados visitantes (5), expositores (9), comerciantes de antiguidades (5), trabalhadores (2), moradores (3) e representante da associação (1).

(3) O acesso ao que materializava a rede – as informações foram obtidas a partir das visitas⁴⁵ ao local e também através de materiais que objetivassem a rede (textos, documentos, artigos acadêmicos, notícias de revistas e jornais, mapas produzidos a partir dos levantamentos da morfologia urbana). Os materiais tornaram-se elementos importantes, pois ressaltaram algumas questões apontadas pelos atores humanos em suas *traduções* sobre o *coletivo-lugar*.

⁴⁵ Os percursos foram realizados sem um roteiro predeterminado, visando observar a dinâmica da rua em seus diferentes momentos e atividades. Para demonstrar o processo de experiência foram feitos registros, tais como anotações, croquis e fotos.

ASPECTOS FÍSICO-MORFOLÓGICOS DO *COLETIVO-LUGAR* RUA DO LAVRADIO

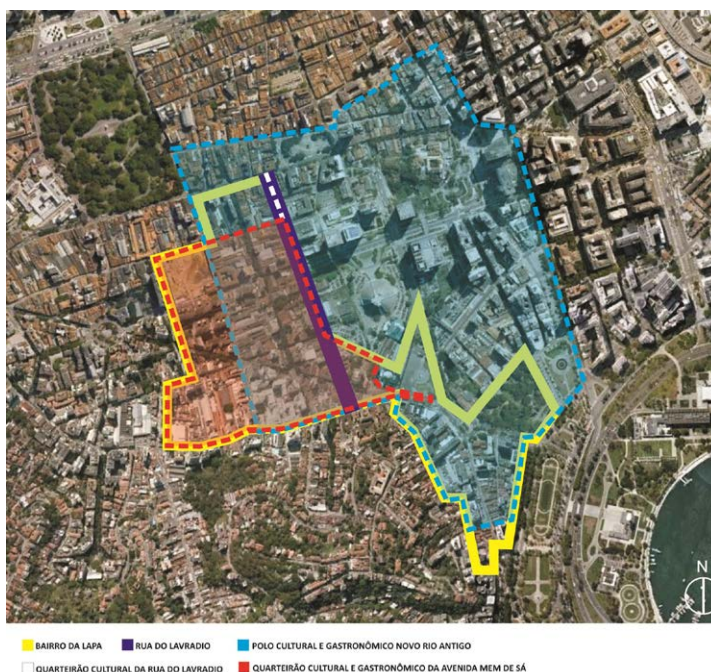
Além da *cartografia de controvérsias* foram realizados o levantamento e a análise dos atributos físico-morfológicos da rua para conhecer os atores não humanos, mostrar a evolução urbanística e espacial da rua, além de ressaltar os aspectos que contribuem para a *qualidade do lugar*. Os aspectos levantados foram: (a) históricos e de evolução urbana – identificação da história, do patrimônio e dos projetos urbanos existentes; (b) formais e funcionais – identificação do gabarito das edificações, do sistema viário, das formas de usos e ocupação do solo e da legislação urbana; (c) urbanísticos – reconhecimento do traçado urbano e da tipologia arquitetônica predominante; (d) ambientais e paisagísticos – identificação das características geográficas. Tais levantamentos foram obtidos por meio de anotações, croquis, fotos, informações de livros, trabalhos acadêmicos e sistematizados em mapas e registros gráficos.

Deste modo, a partir das *traduções* obtidas pelas entrevistas e da identificação dos aspectos físicos morfológicos – atores não humanos – foi possível identificar as questões em movimento e as *controvérsias*, apresentadas em diferentes narrativas sobre o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

ANÁLISES E DESCOBERTAS DA PESQUISA HISTÓRIA E FORMAÇÃO DO *COLETIVO-LUGAR* RUA DO LAVRADIO

A Rua do Lavradio encontra-se localizada no bairro da Lapa⁴⁶, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Faz parte da associação comercial denominada *Polo Cultural e Gastronômico do Novo Rio Antigo* e insere-se tanto no *Quartirão Cultural da Rua do Lavradio*, quanto no *Quartirão Cultural e Gastronômico da Avenida Mem de Sá e Adjacências* (Il. 1).

⁴⁶ O bairro está inserido na Área de Planejamento I e pertence à Região Administrativa II.



Il. 1: Rua do Lavradio e limites do bairro da Lapa e dos quarteirões culturais e do polo gastronômico, 2013. Imagem original do *Google Earth* editada pela autora. Fonte: Composição gráfica e arte de Fabíola Angotti.

Inicialmente, essa região era cercada por divisas naturais e por terras alagadiças que, durante anos, permaneceram afastadas. Após 1763⁴⁷, houve um aumento populacional e as condições de saúde e higiene ficaram precárias, exigindo uma reconfiguração da cidade. Em 1771, por determinação do Marquês de Lavradio foi aberta a Rua do Lavradio, que ligou o centro até as áreas mais isoladas⁴⁸. Durante o século XVIII, o Rio de Janeiro – devido aos lucros da exportação de ouro e do trabalho escravo – realizou melhorias urbanas e edificou muitas construções⁴⁹, aproximando o centro da Rua do Lavradio e do entorno, ainda pontilhados por chácaras.

Com a crise do ouro, no início do século XIX, a cidade entrou em decadência. Todavia, em 1808, a vinda da família real para a cidade transformou as condições e

⁴⁷ O Rio de Janeiro tornou-se capital do vice-reino do Brasil.

⁴⁸ Rabha; Pinheiro, 2007.

⁴⁹ Abreu, 2008.

os hábito de vida. No aspecto urbano, as chácaras foram divididas em lotes estreitos com grande profundidade. Nessa época, a Rua do Lavradio era muito prestigiada, devido ao seu traçado regular e as calçadas de mármore artificial. Além de símbolo da boemia, a rua tornou-se local de moradia dos nobres e dos membros da administração pública⁵⁰, tal como ressaltou um comerciante em sua entrevista:

Essa foi efetivamente a primeira rua residencial da cidade. Aqui veio morar o governador, que era o Marquês de Lavradio. A casa dele está preservada até hoje e está sendo restaurada. E moraram muito titulares do Império brasileiro aqui nessa rua, como o Duque de Caxias, a Baronesa do Flamengo, a Condessa de Belmonte. Músicos da orquestra sinfônica moraram aqui [...]. (Comerciante 2 – 19/1/2013).

Depois de 1814, a rua deixou de ser apenas residencial e passou a abrigar farmácias e armazéns. A partir de 1875, os palacetes foram substituídos por escolas e oficinas e surgiram, também, consultórios, escritórios e instituições. Alguns sobrados transformaram-se em lojas e as habitações dos nobres em pensões. Na metade do século XIX, a Rua do Lavradio começou a ter, a exemplo da Praça Tiradentes, locais de diversão, casas de show e teatros. No final desse período, fábricas, carpintarias e tipografias foram instaladas na rua, aumentando o número de operários, em detrimento da classe média⁵¹. Surgiram, com isso, as casas de cômodos. Com a produção de cerveja nacional, no início do século XX, muitas cervejarias se instalaram na Rua do Lavradio, intensificando as atividades noturnas. Na região também funcionaram lojas de móveis, roupas, bebidas, alimentos, além de atividades industriais, como a Fundação Progresso. Contudo, a Lapa entrou decadência quando a Avenida Central virou polo de diversão⁵².

⁵⁰ Rabha; Pinheiro, 2007.

⁵¹ Villaça, 1998.

⁵² Rabha; Pinheiro, 2007.

No decorrer do século XX, a rua foi afetada pelas obras de demolição do Morro do Senado (1904-1920) e sofreu, constantemente, com as ameaças do desmonte do Morro de Santo Antônio (1952-1956). Além disso, a rua passou por um período de instabilidade devido à presença de edificações históricas degradadas, brechós e prostíbulos. Na cidade houve um agravamento nos serviços sanitários e sociais: moradias insalubres, epidemias, falta de higiene e de água e aumento populacional⁵³. Entre 1902 e 1906, Pereira Passos, então prefeito da cidade, realizou muitas obras urbanísticas, entre elas a abertura da Avenida Mem de Sá e da Rua Gomes Freire, o que dividiu as chácaras e a demoliu várias edificações na Rua do Lavradio⁵⁴.

Devido à diminuição dos teatros na Praça Tiradentes e a repulsa à prostituição na Lapa, o bairro começou a ser considerado um local perigoso e a Rua do Lavradio entrou em declínio. Por volta de 1950, com fechamento do mercado de móveis da antiga Praça Onze, a Rua do Lavradio passou a ser conhecida como a *Rua dos Antiquários*⁵⁵. O comércio de antiguidades ganhou força a partir de 1980, porém, as edificações insalubres – cortiços, banheiros coletivos, pensões etc. – dificultavam a transformação do perfil da rua.

No início da década de 1960, a morfologia urbana da área foi transformada pela construção da Avenida República do Chile, que realizou um corte no tecido urbano e, posteriormente, passou a contrastar suas torres no estilo internacional – com os pequenos sobrados do entorno.⁵⁶ Na década de 1970, uma nova perspectiva de preservação surgiu, resultando na proteção patrimonial de parte do

⁵³ *Ibidem*, 2007.

⁵⁴ Abreu, 2008.

⁵⁵ Froés, 2007.

⁵⁶ Paes, 2012.

Centro⁵⁷. Apesar disso, na Rua do Lavradio não existiam incentivos públicos e a rua estava mal conservada⁵⁸. Um grupo de antiquários, inconformados com a situação, decidiu realizar uma atividade para transformar a rua. Assim foi criada a Feira Rio Antigo, que teve seu início no primeiro sábado de outubro de 1996, após a reativação da Accra⁵⁹. A divulgação da feira, inicialmente, era realizada pelos próprios comerciantes e passou a atuar como um movimento de resistência e mola propulsora para a revitalização da região.

Para expor na feira, o comerciante deveria apresentar à Accra mercadorias correspondentes ao perfil das peças expostas⁶⁰. Na distribuição espacial da feira não havia uma delimitação do espaço a ser ocupado por cada comerciante e nem a separação dos artigos por setores (Il. 2). Em geral, os móveis e objetos antigos ficavam na rua ou nas calçadas em frente às lojas (Il. 3).

Na feira eram comercializados utensílios, livros raros, objetos e móveis antigos, esculturas, telas com motivos locais etc. (Il. 4). Os comerciantes, para entreter o público, promoviam shows com artistas do rádio e apresentações de dança. Além disso, alguns comerciantes montavam, junto aos objetos, pequenas barracas para vender alimentos e ajudar na infraestrutura local.

⁵⁷ O Projeto do Corredor Cultural foi idealizado para salvaguardar o patrimônio, ressaltando o significado arquitetônico, paisagístico e estético, além do valor monetário de quatro áreas da região central: Lapa-Cinelândia, Praça Quinze, Largo de São Francisco e imediações e Saara. O projeto foi consolidado pela lei municipal nº 506 de 17 de janeiro de 1984 e substituído, em 1987, pela lei nº 1.139. O Projeto de Alinhamento (PA) 10.290 e o Projeto de Loteamento (PAL) são complementares à estas leis. No caso da Rua do Lavradio, apenas quinze edificações do lado ímpar, na primeira e na última quadra, foram protegidas. Além do Corredor Cultural, a Área de Proteção do Ambiente Cultural da Cruz Vermelha (Apac) também foi criada para proteger o patrimônio, tendo sido preservadas 65 construções do lado par da Rua do Lavradio.

⁵⁸ Pinheiro, 2007.

⁵⁹ Posteriormente a associação passou a ser denominada Associação Polo Novo Rio Antigo.

⁶⁰ Marques, 2002.



Il. 2: Início da Feira Rio Antigo na Rua do Lavradio, s.d. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

Il. 3: Móveis e objetos expostos na rua e na calçada durante a Feira Rio Antigo, s.d. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

Il. 4: Objetos comercializados na Feira Rio Antigo na Rua do Lavradio, s.d. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

No decorrer do tempo, a Feira Rio Antigo tornou-se um evento importante, transformando a Rua do Lavradio em um polo de atração de visitantes, capaz de resgatar a história e a memória. Em 1999, com a consolidação da feira, foi iniciado o Projeto de Recuperação e Reurbanização da Rua do Lavradio – coordenado pela Empresa Municipal de Urbanização (Riourbe)⁶¹. A intervenção se restringiu ao

⁶¹ Pinheiro, 2007.

espaço público e as edificações permaneceram sem reformas. Devido à falta de recursos e a mudança de governo municipal, as obras ficaram paralisadas, tendo sido concluídas apenas em 2002. Para um morador, a rua melhorou expressivamente, pois, estava em estado precário. Segundo ele, o período de conclusão das obras foi bastante difícil:

Essa rua melhorou 99%. Quando eu vim pra aqui, dava até medo de passar de noite aqui. Era um chiqueiro aqui. [...] Foi naquele intervalo, do Conde e César Maia, quando começou a obra. [...] o Conde perdeu para o César Maia. [...]. O César Maia não queria terminar a obra. Foi uma luta, os moradores, os comerciantes [...]. Aqui, pra andar aqui dentro, tinha que botar uma tábua. Aqui ninguém passava. [...]. Era um corredor, era um perigo, era uma rua abandonada. Andava assim, tudo cheio de lama. [...]. (Morador 1 – 6/10/2012).

Diante do exposto, considero que a Rua do Lavradio é detentora de traços e vestígios de diferentes momentos da história da cidade. Sua importância permite investigar suas sucessivas transformações no que tange aos seus usos e às diferentes conexões entre os atores humanos e não humanos que contribuíram para sua evolução.

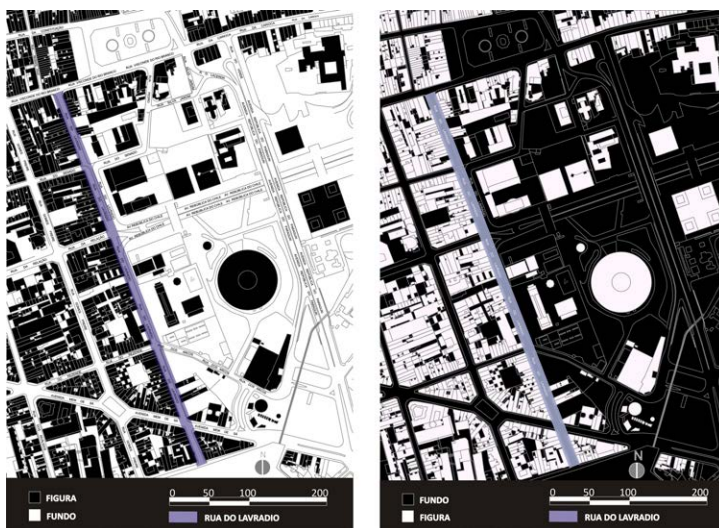
NARRATIVAS SOBRE O *COLETIVO-LUGAR* RUA DO LAVRADIO: ENTRELAÇANDO HUMANOS E NÃO HUMANOS

A Rua do Lavradio é um contexto *sociotécnico* que apresenta particularidades que evidenciam tanto as possibilidades de diálogos quanto os conflitos existentes nas relações entre humanos e não humanos. Nesta seção são apresentadas diferentes narrativas sobre o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, a partir do entrelaçamento dos atores não humanos, ou seja, a materialidade do ambiente construído, com as *traduções* dos atores humanos, destacando as *controvérsias*.

Tecido urbano: contrastes, rupturas e continuidades

A Rua do Lavradio interliga-se tanto às vias tradicionais, quanto às vias criadas após a demolição do

Morro de Santo Antônio. A rua atua como um limite que separa dois lados divergentes do tecido urbano: o traçado histórico, densamente ocupado, e o traçado modernista, com grandes lotes e edifícios implantados nos centros terrenos (Ils. 5 e 6).



Ils. 5 e 6: Mapa de figura e fundo e mapa de fundo e figura mostrando a diferença do traçado urbano, 2013. Fonte: Plantas cadastrais editadas por Fabíola Angotti.

A primeira quadra da rua (Il. 7), trecho entre as ruas Visconde do Rio Branco e do Senado, apresenta-se como um ambiente acolhedor devido ao traçado original da via, as edificações bem conservadas e seus usos e o acesso restrito de veículos⁶². O mesmo ocorre na quinta e última quadra da rua (Il. 8), entre a Avenida Mem de Sá e a Rua do Riachuelo, onde existem edifícios preservados. A proporção equilibrada entre a via e a altura das edificações, as fachadas frontais alinhadas e o ritmo das aberturas (portas e janelas), reforçam a identidade do conjunto arquitetônico e favorecem o bem-estar dos usuários⁶³.

A segunda quadra da rua, entre as ruas do Senado e da Relação, é dividida por um canteiro central arborizado.

⁶² Paes, 2012.

⁶³ Alexander *et al.*, 1980.



Il. 7: Primeira quadra da Rua do Lavradio com restrição de veículos, 2012.
Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 8: Quinta quadra da Rua do Lavradio e edificações preservadas, 2012.
Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

Ocorre neste trecho uma quebra de continuidade no ritmo das edificações devido às mudanças na morfologia urbana e à diferença tipológica existente entre os dois lados da rua (Il. 9). A expressão máxima do contraste é a Avenida República do Chile (Il. 10), que produz uma ruptura expressiva no tecido urbano com seu traçado modernista e a presença de edifícios de grandes proporções, que representam o poder econômico e religioso da cidade.

As ruas da Relação e do Resende delimitam a terceira quadra do lado de numeração par da rua (Il. 11), enquanto a Avenida República do Chile e a Rua dos Arcos delimitam o lado de numeração ímpar da rua, formado por três grandes lotes: o primeiro, ocupado por uma praça, o segundo pelo Templo Maçônico e o terceiro por um Ciep, junto a uma praça pública. Entre as ruas dos Arcos, do Resende e a Avenida Mem de Sá, situa-se a quarta quadra da rua, cujos terrenos vazios do lado ímpar são utilizados como estacionamentos (Il. 12). Tanto na terceira quanto na quarta quadra da rua, vários sobrados, com lotes e calçada mais estreitas, permaneceram preservados, formando um *continuum* edificado. A multiplicidade de linguagens existentes na paisagem da Rua do Lavradio expressa as heranças de momentos históricos distintos, bem como os interesses envolvidos na evolução urbana da cidade. O lado de numeração par da Rua do Lavradio atua como uma barreira que resiste ao desenvolvimento econômico e retarda o avanço da Esplanada.

Tipologias arquitetônicas e traços históricos

As construções da Rua do Lavradio datam de épocas distintas e compõem um contexto diversificado da arquitetura, seja no estilo, seja na tipologia⁶⁴. O lado de numeração par da Rua do Lavradio possui uma grande quantidade de sobrados protegidos pelo patrimônio⁶⁵. (Il. 13) Em sua maioria, os sobrados, embora mantenham várias características originais, foram sendo modificados durante os anos. Os sobrados apresentam pés-direitos altos e calçadas estreitas. Suas aberturas (de três a quatro portas e janelas), reentrâncias, adornos, cores, nichos e vãos ornamentam as fachadas, tornando o conjunto interessante e dinâmico.⁶⁶

⁶⁴ Mahfuz, 1995.

⁶⁵ Proteção realizada pela Apac Cruz Vermelha.

⁶⁶ Alexander *et al.*, 1980.



Il. 9: Segunda quadra da Rua do Lavradio, dividida por canteiro central e a oposição entre os dois lados da rua, 2013. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 10: Avenida República do Chile com seus edifícios de grande porte, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 11: Terceira quadra da Rua do Lavradio do lado par, 2013. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

Il. 12: Quarta quadra da Rua do Lavradio e os vazios urbanos do lado ímpar, 2013. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Mesmo reconhecendo que algumas edificações estão malconservadas, o então representante da associação, ressaltou que a arquitetura da rua é um dos seus aspectos identificadores:

[...] a Rua do Lavradio é a primeira rua residencial do Rio de Janeiro, então tem toda uma história. E acho que a parte arquitetônica marca bastante. [...]. Alguns casarões antigos estão bem danificados e tal, mas ainda assim, acho que essa parte arquitetônica chama muito atenção e marca muito (Representante da Associação – 17/1/2013).

Ainda do lado par da rua destacam-se o edifício eclético da Escola Municipal Celestino da Silva (Il. 14), o palacete neoclássico da Sociedade Brasileira de Belas-Artes (Il. 15), e o edifício residencial modernista Morro de Santo Antônio, todos citados por alguns atores como elementos físicos que lembram a rua. Destacam-se do lado ímpar da rua, o Templo Maçônico (Il. 16), em estilo neoclássico, e o Ciep José Pedro Varela (Il. 17), cujo projeto exemplifica a arquitetura moderna presente na rua. A presença de edifícios de grande porte que ficam na Esplanada de Santo Antônio – *Rio Metropolitan Center, Ventura Corporate Towers* (Il. 18), edifício da Petrobrás e Catedral Metropolitana – rompe com a sintaxe original do lugar⁶⁷ e interfere diretamente na paisagem. Outras edificações destoam do conjunto, como é o caso do Tribunal Regional do Trabalho (TRT), construído impositivamente sobre dois sobrados ecléticos (Il. 19). O gabarito da rua, cuja predominância é de edifícios de dois e três pavimentos, apresenta desigualdade tanto em relação ao número de pavimentos, quanto na proporção dos pé-direitos das edificações. O desequilíbrio gera perfis com distinções de massa e de volume (Il. 20).

As diferenças nas tipologias arquitetônicas da rua sinalizam as *controvérsias* presentes nas suas sucessivas transformações. Por um lado, a arquitetura dos sobrados,

⁶⁷ Alcantara, 2012.



Il. 13: Conjunto de sobrados na segunda
quadra da Rua do Lavradio, 2012.
Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 14: Escola Municipal Celestino
da Silva, 2012. Fonte: Fotografia de
Fabíola Angotti.



Il. 15: Sociedade Brasileira de Belas
Artes, 2012. Fonte: Fotografia de
Fabíola Angotti.



Il. 16: Templo Grande Oriente do
Brasil, 2013. Fonte: Fotografia de
Fabíola Angotti.



Il. 17: CIEP José Pedro Varela,
2008. Fonte: Fotografia de Fabíola
Angotti.

que se integra a paisagem e propicia ao pedestre uma sensação de proteção e acolhimento; por outro, os edifícios da Esplanada de Santo Antônio, que geram uma sensação de amplitude e perda de escala.



Il. 18: Edifício Rio *Metropolitan Center* e *Ventura Corporate Towers*, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

Il. 19: Tribunal Regional do Trabalho, ao fundo, em contraste com dois sobrados, 2013. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 20: Volumetria da Rua do Lavradio e seu entorno, mostrando os contrastes no tecido urbano, nas tipologias e nos volumes, 2013. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti. Modelo tridimensional elaborado pela autora e por Beatriz Ferrão.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES E PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO

Conforme mencionado anteriormente, a Rua do Lavradio encontra-se sob a proteção das leis do Corredor Cultural e da Apac Cruz Vermelha. Apesar disso, não há uma garantia da conservação dos sobrados, nem da qualidade dos espaços livres. Alguns sobrados de importância histórica da rua e do entorno encontram-se em estado de degradação, desocupados ou subutilizados como depósitos, o que demonstra o descaso com o patrimônio edificado.

Em maio de 2012, por exemplo, ocorreu o desabamento parcial de um sobrado – pertencente ao então clube Cordão do Bola Preta (Il. 21) – que estava interditado pela Defesa Civil e pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA). A edificação oferecia riscos aos pedestres e veículos que transitavam nas ruas Lavradio e da Relação (Il. 22).

Depois do desmoronamento, uma nova medida foi criada pela prefeitura para conceder à iniciativa privada o direito de uso das propriedades que estavam degradadas. O objetivo era garantir a conservação das edificações, tornando os futuros proprietários dos imóveis isentos do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) por cinco anos. Caso as intervenções de recuperação dos imóveis não ocorressem, haveria um aumento do IPTU, além de multas. Entretanto, as intervenções realizadas foram pontuais e visaram os interesses dos proprietários, como é o caso dos bares e restaurantes localizados na primeira quadra da rua. Além disso, alguns edifícios foram reformados como a vila residencial no nº 122 e o sobrado no nº 110, restaurado para servir de passagem entre as ruas do Lavradio e Gomes Freire (Il. 23).

O estado de preservação dos sobrados, a ausência de limpeza e de manutenção da infraestrutura da rua, dentre outros indicam problemas na qualidade dos serviços prestados pela prefeitura e no cumprimento das medidas pelos proprietários locais. A negligência do poder público



Il. 21: Edifício antes do desabamento, 2012.
Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 22: Edifício após o desabamento no dia da Feira rio Antigo, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 23: Sobrado nº 110 antes, durante e após a reforma, nos meses de março, abril e outubro, respectivamente, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

com o patrimônio produz um ambiente inseguro em função não só dos aspectos já citados, mas também pela presença de moradores de rua e das ocupações irregulares em toda a região. A preservação dos edifícios e a segurança deveriam ser prioridades, segundo um expositor:

O básico, que é a segurança e a conservação dos prédios. Eu acho uma pena esse abandono. Eu acho que a arquitetura, por ser antiga, [...] tem uma essência, uma coisa que você sente, [...] tem vida própria. Memória! A gente tem que preservar a nossa tradição, conservando, porque se não vai tudo pro bebeléu. (Expositor 1 – 4/8/2012).

As intervenções urbano-arquitetônicas realizadas na rua também precisam ser mais bem avaliadas. Os dois sobrados do edifício do TRT, apresentado na ilustração 19, por exemplo, mesmo estando do lado protegido pela Apac Cruz Vermelha, sofreram uma intervenção que aponta para a falta de comprometimento do poder público. A *controvérsia* resultante da presença deste edifício coloca em questão as ações dos órgãos responsáveis pelo patrimônio, que, muitas vezes, tem mantido a lógica de mercado, em detrimento da preservação das edificações, o que pode fazer com que a rua perca parte de seus edifícios para que sejam instaladas edificações de grande porte, que pouco se relacionam com o contexto urbano e histórico da rua.

Isto posto, considero importante que as futuras intervenções se comprometam com o contexto histórico e urbanístico da região, a fim de salvaguardar o patrimônio da Rua do Lavradio, tendo em vista que a rua guarda traços de períodos distintos de ocupação e construção da cidade.

Dinâmica de usos

A Rua do Lavradio é composta, predominantemente, por atividades de uso comercial ou de serviços. Além disso, usos corporativos, educacionais, religiosos existem ao longo da rua e no entorno. O uso habitacional, tanto temporário (hotéis) quanto permanente, ocorre em menor número. A

multiplicidade de funções da rua permite que o ambiente seja utilizado pelos usuários em dias e horários distintos, garantindo o sentido de *urbanidade* da rua.

No Quarteirão Cultural concentram-se bares e restaurantes que funcionam nos períodos diurno e noturno. Geralmente, estes estabelecimentos são ambientes frequentados por pessoas de maior poder aquisitivo, incluindo turistas. Outros restaurantes de comida a quilo funcionam, em geral, nos dias de semana, além dos dias de feira. Há, ainda, os estabelecimentos que são um misto de bar e restaurante, com uma aparência menos requintada, assim como lanchonetes. Alguns atores caracterizaram a rua e o seu entorno pela presença de bares e restaurantes e pela vida boêmia que, segundo eles, era positiva porque proporciona vitalidade para a região:

Eu acho que [positivo] agora é os bares que eles melhoraram, fizeram reforma. [...]. Os bares ficou mais bonito. [...] coisas antigas eles reformaram, ficou um outro ambiente, então, traz um outro tipo de público. [...]. Os restaurantes, as empresas que vieram, essas reformas que eles estão fazendo. Isso é o ponto positivo[...] (Expositor 1 – 1/9/2012).

O movimento noturno da Rua do Lavradio é reduzido no início da semana, exceto sexta-feira quando o movimento aumenta nos bares e restaurantes – sobretudo no Quarteirão Cultural e próximo à Avenida Mem de Sá – devido aos *happy hours*. Um dos bares mais citados como local de representatividade foi o Rio Scenarium porque, segundo alguns atores, atraía muitos turistas.

A agitação da Lapa, nos fins de semana, torna a ambiência noturna da Rua do Lavradio diferente da diurna, quando a rua funciona mais como rua de passagem. Os edifícios corporativos da Avenida Chile e o TRT atraem um expressivo número de transeuntes, trabalhadores e executivos. (Il. 24) O movimento de veículos é considerável durante a semana, principalmente, devido ao embarque e desembarque de pessoas que frequentam estes edifícios.

Em alguns trechos da calçada, apesar dos estacionamentos privados, há muitos carros estacionados, o que forma uma barreira que dificulta a circulação dos pedestres. As escolas José Pedro Varela (CIEP) e Celestino da Silva também favorecem o intenso movimento de alunos nos horários de entrada e saída das aulas. Há, ainda, muitos vendedores ambulantes que ficam em frente ao CIEP.

Na rua existem três pequenas praças (Il. 25): a praça Emilinha Borba, na esquina da Rua do Senado que é bastante utilizada nos dias de feira; uma praça, ao lado da Maçonaria, que fica, constantemente, fechada; e a praça Lima Barreto, em frente ao Ciep, que durante a semana é utilizada pelos estudantes e seus pais nos horários de início e término das aulas, pelos funcionários do TRT, pelos moradores e por pessoas em situação de rua.

Há, ainda, alguns antiquários (Il. 26), na rua e no entorno, mas o número de clientes é, relativamente, pequeno. Segundo alguns comerciantes, as pessoas, em sua maioria, que transitavam pela rua era para trabalhar e/ou em busca de lazer, o que não favorece as vendas.

O uso residencial é notado em alguns exemplos, como o edifício multifamiliar Morro de Santo Antônio (nº 106), o edifício Victor (nº 206) e a vila residencial (nº 122). A redução do uso habitacional era uma discussão aparente não só para a Rua do Lavradio, mas também para o bairro da Lapa. Em entrevista, Augusto Ivan de Freitas Pinheiro declarou que o perfil da rua repelia o uso habitacional e que “a vocação do entorno, mais voltada ao universo empresarial e de negócios” interferia “diretamente no caráter do uso do solo”⁶⁸. Alguns atores almejavam que a municipalidade incentivasse a moradia tradicional e a relação cotidiana com o lugar, para que a rua fosse melhor utilizada e preservada pelas pessoas, tal como pontuou um comerciante:

⁶⁸ Paes, 2012, p.132.



Il. 24: Transeuntes caminhando na Rua do Lavradio e no entorno, 2013. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 25: Praça Emilinha Borba, praça ao lado do Templo Maçônico e praça Lima Barreto, 2013. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 26: Loja de móveis e objetos antigos na primeira da rua, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

Tá faltando mais residência, porque eu acho que quando as pessoas moram num lugar, o lugar é mais bem cuidado. Tá faltando mais lojas sofisticadas, também. Pra elevar o nível do comércio (Atual comerciante 2 –19/1/2013).

Vale, portanto, ressaltar que novos levantamentos precisam ser realizados em futuras pesquisas para se ter um novo quantitativo a respeito dos usos das edificações, sobretudo, com relação as *controvérsias* que envolvem a diminuição dos antiquários em favor dos bares e restaurantes.

A Feira Rio Antigo

Uma das principais atividades realizada na Rua do Lavradio é a Feira Rio Antigo que, inicialmente, era realizada todo o primeiro sábado do mês. (Il. 27) A feira, legalizada pelo decreto nº 36176 de 29 de agosto de 2012, tem como principal objetivo expor e vender diversas mercadorias, além de promover a cultura e o lazer.

No decorrer dos anos, o perfil da feira foi sendo modificado e a proposta inicial dos antiquários perdeu força. A comercialização de mercadorias diversas – artesanato, roupas, bijuterias, bolsas etc. – passou a ser em maior número, aumentando, por um lado, a oferta de produtos, mas por outro, contribuindo para a descaracterização do comércio de antiguidades, antes expressivo. Para alguns atores, a feira deixou de comercializar peças de antiguidades:

[A feira está] horrível, péssima! Tá totalmente descaracterizado. A Feira virou um camelódromo. Tem bijuteria de Romanel, artesanato de papel. Isso nunca foi antiguidade. Acho que os organizadores estão pensando mais nos que eles arrecadam com o aluguel das barracas do que propriamente com feira. Descaracterizou completamente. [...]. Há bastante tempo atrás que a gente fazia as feiras e havia realmente público para antiguidades, hoje não. [...]. As pessoas vão ali para comer, beber, ouvir música, sambar. (Antigo comerciante da rua 2 – 6/10/2012)

O representante da associação justificou por que o perfil da Feira Rio Antigo se transformou:

[A Feira Rio Antigo] foi aberta ao artesanato porque a gente não tinha um número suficiente de antiquários para compor a feira. Porque era para ser só de antiguidades. Mas não tem. [...]. Ai, abrimos para o artesanato (Representante da Associação – 17/1/2013).

Com a mudança de perfil, a feira deixou de ser exclusiva dos comerciantes locais e atraiu expositores de outras localidades. As mercadorias começaram a ser expostas em barracas de tamanho padronizado (Il. 28), ocorrendo uma mescla entre as barracas, ocupadas pelos artesãos, e os espaços da rua ocupados com as antiguidades dos comerciantes tradicionais, que passaram a ser ínfimos. Alguns comerciantes também aderiram barras. Em 2012, ainda era possível notar alguns vestígios de móveis e objetos antigos sendo comercializados na feira, na tentativa de manter a tradição local (Il. 29). As disputas pelos espaços ocupados pelos expositores eram constantes, pois existia uma superlotação de barracas na feira. Um expositor relatou que a taxa cobrada para trabalhar na feira era elevada e que a organização tentava proibir a participação de vendedores ambulantes, apesar do discurso sobre inclusão social:

[Negativo] da feira em si, o valor dela que eu acho muito alto. Sessenta reais para expor [...]. [...] eles proibiram ambulantes de venderem cerveja. [...] colocam segurança e a pessoa não pode botar. [...]. Mas aqui no decreto, por exemplo, você vê: [...] produtos culturais, provenientes de projetos culturais ou produção resultante de inclusão social. [...]. Mas, por exemplo, no meu caso, até agora eu vendi [...] não chegou a duzentos reais, mas eu já paguei sessenta reais[...]. A feira é cara (Expositor 8 – 1/9/2012).

Além das barracas, bares e restaurantes colocavam mesas e cadeiras nas calçadas e na rua, dificultando a circulação (Il. 30). O apreço do público pela gastronomia e o entretenimento proporcionado por esses estabelecimentos, principalmente no Quarteirão Cultural, favoreciam a movimentação de pessoas na rua. Além disso, ocorriam atrações de forma espontânea, como apresentações musicais e performances de artistas de rua.



Il. 27: Feira Rio Antigo. na Rua do Lavradio, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 28: Padronização de barracas da Feira Rio Antigo na praça Emilinha Borba na Rua do Lavradio, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 29: Vestígios de móveis e objetos antigos sendo comercializados na Feira Rio Antigo na Rua do Lavradio, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.



Il. 30: Clientes dos bares e restaurantes ocupando a calçada e um trecho da rua, 2012. Fonte: Fotografia de Fabíola Angotti.

Um ponto negativo levantado por alguns atores foi o preço cobrado pelas mercadorias da feira e nos bares e restaurantes. Segundo eles, uma das medidas necessárias para a melhoria da feira seria a redução dos preços das mercadorias:

As coisas poderiam ser mais acessíveis, as coisas aqui são muito caras, porque eles estão achando aqui um lugar de turismo. [...]. [...] a maioria das pessoas vêm pra cá pra olhar, comprar muito pouco. [...] Eu acho que o pessoal vem pra cá pra comer e beber. Os bares ganham. [...]. O que dá dinheiro aqui é bar. Não adianta (Expositor 1 – 1/9/2012).

Pode-se dizer que existia uma tentativa de manter o domínio e o controle do funcionamento da feira e do espaço público, tanto por parte da organização da feira, com a proibição de vendedores ambulantes, quanto por parte dos bares e restaurantes, com a cobrança de preços abusivos. Soma-se a isso, as disputas entre expositores para garantir o melhor espaço na feira. Apesar das *controvérsias* relacionadas às transformações da feira, alguns atores ainda consideravam a Feira Rio Antigo um elemento positivo, representativo da cultura do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

Processos de transformação, interesses e embates

A Rua do Lavradio, desde seu surgimento, passou por muitas transformações, envolvendo diferentes usos, formas e utilização do ambiente urbano. Somente por volta de 1950, a rua começou a ser conhecida como a *Rua dos Antiquários*. Ao longo dos anos, diversas lojas de antiguidades foram sendo fechadas ou mudaram de endereço – devido ao aumento do valor dos aluguéis dos imóveis – e começaram a ser substituídas por bares e restaurantes. A mudança de perfil da rua passou a ser vista por muitos atores como um processo negativo:

[...] a Rua do Lavradio logo no início foi uma maravilha, que era tudo dos antiquários.

Atualmente virou mais rua dos restaurantes. Eu acho que perdeu aquele charme que ela tinha de ser conhecida como Rua das Antiguidades. [...]. E o pessoal quando vem pra cá, já não vem, assim, pra ver as antiguidades. Já vem pra feijoada, pra samba, pra oba-oba (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012).

Segundo um comerciante, apesar de os antiquários terem iniciado o processo de revitalização da rua, ela não poderia mais reconhecida por ele como *Rua dos Antiquários*:

[...] Ela já foi [Rua dos Antiquários], não é mais. Porque agora não há só antiquários que caracterizam essa rua. Há lojas de mobiliário de design moderno, moderníssimo até. Há restaurantes sofisticados, há bares[...]. Os antiquários é que lutaram para a reurbanização da rua, para fazer as obras de infraestrutura: de água, esgoto, eletricidade. [...] Mas com a rua pronta, houve uma certa valorização e outros tipos de comercio passaram a serem atraídos pra cá [...] (Comerciante 2 – 19/1/2013).

Pode-se dizer que os agenciamentos entre alguns atores passaram a ter como principal objetivo o crescimento econômico dos grupos que participavam da Rua do Lavrado, colocando em segundo plano a preservação dos ambientes e da história e a permanência dos antigos comerciantes. Em geral, foram valorizados os interesses privados e às demandas do capital, em detrimento de qualquer medida participativa dos moradores e dos comerciantes que não possuíam renda suficiente para participarem ativamente do processo. A compra ou o aluguel dos imóveis, por exemplo, só era possível por aqueles que possuíam uma grande fonte de renda. Um comerciante falou sobre a especulação imobiliária e os prejuízos para o comércio:

[...] O preço [dos aluguéis], não é um preço para esse tipo de comércio, porque o comerciante ali não era um empresário milionário e fica inviável. Eu saí por causa da cobrança, da valorização, da especulação imobiliária. De quatro mil reais, pagar vinte mil reais de aluguel? (Antigo comerciante da rua 1 – 19/9/2012).

De acordo com um levantamento realizado em 2002⁶⁹, existiam na Rua do Lavradio vinte antiquários e dezesseis estabelecimentos entre bares, restaurantes e lanchonetes. No entanto, a partir dos levantamentos realizados na pesquisa, em 2013, a Rua do Lavradio comportava cerca de quinze antiquários e vinte e um bares e restaurantes, o que demonstra que houve uma diminuição no número de antiquários. Um trabalhador falou sobre a importância de se preservar as atividades dos antiquários, mantendo viva parte da história:

[...]todo antiquário relata um pouco da história, certo? Porque são coisas antigas. [...]. Porque se você perder esses antiquários, você vai ter que ir sempre num museu saber de uma história, e nem tudo tem no museu. [...]. Então eu acho que você acabando com os antiquários, você vai tá acabando com um pouco da história que você vai ter do seu próprio país e daqui da rua [...] (Trabalhador 1 – 17/1/2013).

Acredito que, embora a Rua do Lavradio sempre tenha demonstrado vocação para atividades relacionadas à diversão e à boemia, o processo desenfreado desse tipo de atividade pode extinguir a tradição do comércio de antiguidades. Um comerciante relatou que o poder público deveria investir na preservação da cultura:

[Gostaria] que as autoridades tomassem mais consciência de que aqui não precisamos só de investimento para abrir novas casas [de show]. Eles dão muito apoio nesse investimento, mas não dão na segurança e não dão na preservação da cultura. [...]. A expectativa é que os antiquários vão sucumbir... vão pra periferia, vão sair do negócio. E essa região vai ser só de casa de show, de restaurante [...] (Comerciante 1 – 19/1/2013).

A infraestrutura e os serviços locais tendem a ser oferecidos, exclusivamente, para um público efêmero e de elevado poder aquisitivo, sobretudo turistas, deixando de

⁶⁹ Marques, 2002.

atender à população residente e os antigos comerciantes. Explorar uma imagem da rua voltada ao entretenimento se tornou uma atividade lucrativa, tanto para os empresários, que visam a expansão de seus negócios, quanto para o poder público, que se volta para o *marketing* turístico.

Em 2021, a Rua do Lavradio foi declarada patrimônio cultural imaterial do estado através da Lei 9.411 de 22 de setembro. A lei visa a valorização da rua como um importante polo histórico, cultural, turístico e econômico da cidade, além de estimular ações culturais e o turismo histórico. Com isso, a feira passou a ser realizada todos os sábados do mês⁷⁰.

Apesar das *controvérsias* relacionadas as disputas sobre os possíveis usos da rua, a Rua do Lavradio e seu entorno possuem vestígios de seu passado, seja pela arquitetura, seja pelas mínimas ações de atores específicos que atuam na área na tentativa de que a história e a cultura local não se percam. Visitando a rua, recentemente, em 2025, foi possível notar que alguns antiquários estão instalados em ruas próximas, como, por exemplo, a rua do Senado (Il. 31), o que levou a uma pequena expansão da feira⁷¹. Ainda assim, o número é inexpressivo em virtude da proposta inicial. Segundo um antigo comerciante de antiguidades da rua, em uma conversa informal, a comercialização de antiguidades e a Feira Rio Antigo (referindo-se ao modelo inicial), praticamente, não existem mais. Muito provavelmente, essa nova mudança está atrelada ao fato de que metade da feira passou a ser um grande evento gastronômico, com barracas de comidas e bebidas distribuídas ao longo da rua. Soma-se a isso eventos

⁷⁰ O governador, Cláudio Castro, vetou partes do projeto original em que o poder legislativo, juntamente com o poder executivo, poderia realizar um estudo de impacto para adotar iniciativas visando estimular o investimento e a conservação dos imóveis históricos, além de deduzir ou isentar impostos municipais, condicionadas à manutenção das características históricas das propriedades.

⁷¹ No levantamento realizado pela pesquisa, em 2013, haviam seis antiquários na Rua do Senado.

musicais, como o Samba da Feira, que reúne muitas pessoas em uma enorme roda de samba na praça Lima Barreto.

Vale ressaltar que, com a instalação de barracas destinadas a gastronomia, bares e restaurantes talvez comecem a perder espaço, o que poderá dar início a uma nova *controvérsia* e consequente mudança de perfil da rua, o que incita novas investigações.



Il. 31: Feira Rio Antigo em direção à Rua do Senado no quarto sábado do mês de agosto, 2025. Fonte: Fotografia de Fábíola Angotti.

APONTAMENTOS FINAIS SOBRE A PESQUISA

No início desta pesquisa, existiam inúmeras possibilidades de caminhos a serem percorridos. Explorar as sucessivas transformações de usos da Rua do Lavradio, desde sua formação até o momento de realização da pesquisa, mostrou-se uma questão relevante tendo em vista as *controvérsias* presentes no *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

A multiplicidade de interesses e os embates entre os diferentes grupos que atuam e/ou atuaram na Rua do Lavradio ficaram evidentes nas conexões estabelecidas e nos rastros deixados pelos movimentos dos atores humanos. Entrelaçar a subjetividade com a materialidade permitiu contemplar o ambiente construído e a *qualidade do lugar* como atores, além dos humanos, no processo de construção do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

Nesse sentido, a Teoria Ator-rede e suas possibilidades teórico-metodológicas – por explorar os conflitos e as associações do *coletivo*, incluindo o papel desempenhado pelos não humanos na vida urbana – se configuram como uma inovação para as pesquisas de Arquitetura e Urbanismo. Adotar abordagem *sociotécnica* reforça a inseparabilidade da associação entre humanos e não humanos na dinâmica das relações pessoa-ambiente, contribuindo para que diferentes *traduções* sejam reunidas no entendimento de *qualidade do lugar*.

A *cartografia de controvérsias* apresenta-se como um método significativo, pois abre novos horizontes no processo de compreensão de ambientes urbanos complexos, já que prioriza o cruzamento de informações, os conflitos e tensões que, normalmente, são preteridos para dar lugar a sentidos convergentes e hegemônicos sobre o *coletivo-lugar*.

Como avanço metodológico, exploro a noção de *performance*⁷², ou seja, a maneira como cada ator exerce

⁷² Mol, 2008.

suas ações dentro do *coletivo-lugar*, suas escolhas, suas influências, seus agenciamentos, além dos efeitos de tudo o que produz; incluindo a minha própria ação enquanto pesquisadora. Com isso, surgem as *políticas ontológicas*,⁷³ que produzem ou fazem existir *múltiplas realidades*⁷⁴, a partir dos agenciamentos entre os atores humanos e não humanos, resultando em diferentes *versões* sobre o *coletivo-lugar*.

Como direções futuras para a pesquisa, apresento a ideia de estabelecer uma relação, ainda mais autêntica, entre as experiências de campo e a escrita de novos textos-narrativos, de modo que estes sejam um reflexo do dinamismo do *coletivo-lugar*. Trata-se de tornar a própria escrita como um laboratório que se faz, concomitantemente, com a experiência de *pesquisar COM*⁷⁵ entrelaçando descrições, *traduções, performances, argumentos e desvios*⁷⁶. Por meio do *agir COM*⁷⁷ e da *escrita COM*⁷⁸ é possível dar visibilidade a mundos silenciados presentes no *coletivo-lugar*, além de pôr em prática novos modos de conhecer ambientes complexos que incitam inúmeras *controvérsias*.

⁷³ Em importante desdobramento nos estudos da Teoria Ator-rede, Annemarie Mol, com base nas proposições de John Law, desenvolveu a expressão políticas ontológicas. Segundo a autora, a expressão é influenciada pelo perspectivismo, que multiplica o ponto de vista e a perspectiva com que cada pessoa vê uma mesma realidade, abrindo as portas para que diferentes perspectivas de uma mesma realidade coexistam lado a lado; e pelo construtivismo, que, a partir de diferentes histórias de construção, evidencia como cada versão específica de verdade ou de sucesso de um determinado fato foi construída ou criada.

⁷⁴ Mol, 2008.

⁷⁵ Moraes, 2010.

⁷⁶ Latour, 2012.

⁷⁷ Angotti, 2019.

⁷⁸ Bonamigo, 2017.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro; Instituto Pereira Passos, 2008.
- ALCANTARA, Denise de. *Projeto, desempenho urbano e construção do Lugar: Avaliação de qualidade ambiental do Parque Guinle*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- ALEXANDER, Christopher. *A Pattern language/Um language de partrones*. Barcelona: G.Gilli, 1980.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 131-149.
- ANGOTTI, Fabíola Belinger. *Rua do Lavradio: cartografando traços e rastros do coletivo-lugar*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
- ANGOTTI, Fabíola Belinger. *Porto Maravilha em ação: qualidade do lugar na Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro*. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.
- BRUNO, F. Prefácio. In: FERREIRA, A. A. L.; FREIRE, L. de L.; MORAES, M.; ARENDT, R. J. J. (Orgs.) *Teoria ator-rede e psicologia*. Rio de Janeiro: NAU, 2010. p. 9-14.
- CASCO, Ana Carmen Amorim Jará. *Arco das Lapas: um estudo de antropologia urbana*. Tese de Doutorado. PPGAS – MN. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- CASTELLO, Lineu. *Repensando o lugar no projeto urbano. Variações na percepção de lugar na virada do milênio (1985-2004)*. Tese de Doutorado. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.
- FRÓES, Plínio Quintão. Apresentação. In: PINHEIRO, Eliane Canedo de Freitas; PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas (Orgs.). *Rua do Lavradio*. Rio de Janeiro: Rio Scenarium Decorações e Antiguidades. 2007.
- FISCHER, Gustave-N. *Psicologia social do ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOURE, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2001.

LATOURE, Bruno. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

LATOURE, Bruno. *Ciência em Ação*. São Paulo: Unesp, 2011.

LATOURE, Bruno. *Reagregando o social*. Uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador, BA: Edufba, 2012; Bauru, SP: Edusc, 2012.

LAW, John. *Notes on the Theory of the actor network: ordering, strategy and heterogeneity*. Lancaster: Centre for Science Studies, Lancaster University, 1992. Disponível em < <http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf>> Acesso em 6.fev.2012.

LAW, John. *Notas sobre a teoria ator-rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade*. Tradução livre de Fernando Manso do original em inglês, 1992.

MARQUES, Maria Fernanda Dias de Almeida. *A valorização cultural de áreas urbanas :a Feira de São Cristóvão e a Feira da Rua do Lavradio*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

MAHFUZ, Edson da Cunha. *Ensaio sobre a razão compositiva*. Viçosa, UFV-Imprensa Universitária; Belo Horizonte, AP Cultural, 1995.

MONTANER, Joseph Maria. *A modernidade superada*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

NORBERG-SCHULZ, Noberg Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBIT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a Arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PAES, Clarissa Fontes. *O futuro do passado: o papel da herança cultural na cidade contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Urbanismo - PROURB. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Sobre redes e controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial. In: FERREIRA, A. A. L.; FREIRE, L. de L.; MORAES, M.; ARENDT, R. J. J. (Orgs.). *Teoria Ator-Rede e psicologia*. Rio de Janeiro: NAU, 2010. p.78-96.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. *Tecendo a qualidade do lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade*. Projeto de Pesquisa. Proc. CNPq nº. 303365/2010-2]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Traduições Experienciais da Urbanidade In: I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2010, Rio de Janeiro. I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Proureb, 2010. V. 1, p. 1-19.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Narrativas ou traduções de Urbanidade. *In*: AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinícius M. *Urbanidades*. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012, p. 107-125.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso *et al.* Qualidade do lugar e cultura contemporânea: tecendo controvérsias em coletivos urbanos na atualidade. *In*: RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. (Orgs.). *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea*: controvérsias e ressonâncias em ambientes urbanos. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Proarq, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012, p. 17-31.

ROCHA, Iara de Salvo. *Unidades de polícia pacificadora*: controvérsias que tecem a vida urbana. Dissertação de Mestrado. Mestrado. IP-EICOS. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2006.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2009.

TRANNIN; Maria Cecília; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Cartografando comunicabilidades em redes sócio-técnicas: um estudo da rede instituto fábrica do milênio. *In*: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. *Anais...* Recife: SBS, 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

**DA GERAÇÃO
DA FORMA À
CO-CONSTRUÇÃO
DA INFORMAÇÃO:
UMA DÉCADA DE
PESQUISA
NA TRANSIÇÃO
ENERGÉTICA NAS
CIDADES**

TATHIANE AGRA DE LEMOS MARTINS

A luz do contexto atual, marcado por rápidas e profundas transformações impulsionadas pelas tecnologias digitais e pela profusão na geração de informação, (re)situar e dialogar com uma tese de doutorado¹ escrita há mais de uma década e que se inscrevia justamente no contexto nascente do uso da inteligência artificial generativa e de redes neuronais na automação da parametrização da forma em arquitetura, entrega-me hoje um exercício tanto desafiador quanto extremamente oportuno.

Renunciei cedo à ideia de redigir mais um texto científico centrado prioritariamente nas preocupações climatoambientais ou na apresentação de métodos físicos ou matemáticos ao seu serviço, para elencar soluções objetivamente eficazes. Preferi dar voz às questões subjacentes aos meios e materiais da pesquisa — relativamente inovadores há quinze anos e que hoje evoluem no ritmo que também é próprio aos desafios enfrentados pela nova geração de pesquisadores. Esses mecanismos encontram-se no cerne do debate contemporâneo, que busca se refundar em um diálogo cada vez mais multidisciplinar e em colaboração entre diferentes setores atuantes do nosso campo.

A urgente transição ecológica e digital já não esbarra apenas na dificuldade operacional de gerar mais dados e informações, mas, sobretudo, no desafio de dotá-los de sentido.

¹ MARTINS, T.A.L. *De condicionantes solares a oportunidades de desenho urbano: otimização de tipomorfologias urbanas em contexto de clima tropical*. Tese (doutorado em Arquitetura). PROARQ/FAU UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

Isso exige a capacidade de nossas pesquisas em transpor fronteiras disciplinares para responder de forma mais crítica e robusta à complexidade inerente aos problemas urbanos. Decisões assertivas demandam que o “saber” produzido seja crítico e plural e, e que as próprias ferramentas de trabalho, sejam alimentadas por uma visão interdisciplinar.

Em 2013, enquanto rodávamos mais de 80 mil simulações – aquecendo o computador por dias a fio para gerar cenários formais de quadras urbanas –, o estudo proposto provocava certo desconforto na comunidade acadêmica onde se inscrevia a tese. Distanciávamos dos métodos clássicos do projetar ao cruzar fronteiras disciplinares e mesmo recorrendo à matemática e aos algoritmos para fundar novos pilares metodológicos. Se reivindicar o termo “otimização” no campo da arquitetura naquele momento gerava tensões importantes, ao mesmo tempo abria uma preciosa oportunidade de experimentar um caminho metodológico que trazia consigo um debate necessário sobre a **inter e a transdisciplinaridade**.

O aparato metodológico desta tese, que apresento resumidamente aqui, ancorou-se em uma abordagem paramétrica generativa por otimização multiobjetivo da forma urbana. O objetivo da otimização era triplo: (1) maximizar o potencial solar das cobertas das edificações para geração de energia; (2) minimizar a incidência solar direta nas suas fachadas (diminuindo a sobrecarga térmica nos espaços); assegurando, ao mesmo tempo, (3) garantir condições adequadas de luz natural no interior dos mesmos. Por meio da automação de processos, os parâmetros de forma mais sensíveis à variação da resposta solar procurada (potencial de geração de energia solar) foram calibrados em intervalos reais, com a imposição de restrições normativas locais de projeto (código de obras e de urbanismo). O objetivo mais amplo da pesquisa foi fornecer uma contribuição prospectiva para a requalificação da forma urbana como oportunidades geradas a partir do aproveitamento racional do potencial

solar, aplicado a arquétipos urbanos de referência. O estudo tomou como campo de observação uma cidade brasileira de clima tropical úmido, caracterizada por uma expansão não planejada, fragmentada e regida por normas setoriais e obsoletas. A tese buscava, sobretudo, por informações úteis ao processo de decisão, com foco na construção de regras de urbanismo relativas ao desenho formal da cidade.

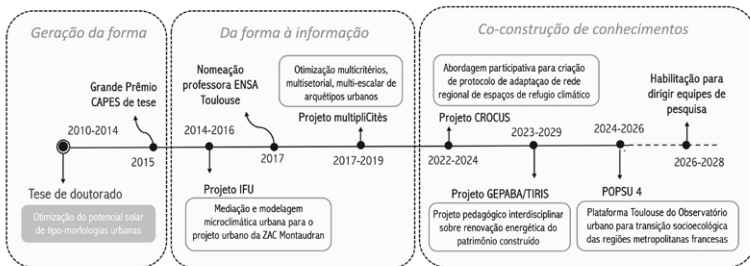
Nessa perspectiva, tornou-se imprescindível considerar a multiplicidade de escalas e de fatores que condicionavam os fenômenos em análise. Ainda que essa escolha implicasse adentrar o universo da complexidade urbana – impossível de abarcar integralmente em um único estudo monográfico –, foi imposta a necessidade de estabelecer um recorte tanto dimensional quanto objeto-centrado. Somente assim o arcabouço metodológico poderia aspirar a ser compreendido, reproduzido e transferido a outros contextos.

Da disposição das quadras às características das superfícies construídas – cuja materialidade absorve, reflete e dissipa energia, alterando de forma crítica o balanço radiativo local –, cada camada, cada limite espacial urbano ou arquitetônico revelou-se não apenas como dado físico, mas como elemento-chave para o estudo da transformação formal da cidade. Nesse sentido, emergia o segundo debate central da tese: o da abertura escalar. Uma abordagem interdisciplinar e multidimensional (inter e intra-quadras urbanas), capaz de transpor a visão restrita ao edifício isolado e voltar-se à adaptação em escala ampla das cidades, permitindo integrar, para além dos fenômenos físicos inerentes, discussões necessárias sobre os impactos das soluções propostas nas dimensões econômicas, ecológicas e sociais.

Identificam-se, então, dois pontos fundamentais que estruturam a contribuição reflexiva deste ensaio, centrado na produção de informação como suporte ao processo decisório no planejamento urbano. O primeiro

está na matriz do projeto da tese em si: a tentativa de interdisciplinaridade, por meio da criação de indicadores capazes de instituir uma linguagem comum entre a morfologia urbana e o desempenho energético e a matemática aplicada como método generativo de projeto. O segundo ponto refere-se às tensões desse processo, circunscrito ainda ao espaço acadêmico, e às interrogações suscitadas nos diálogos que marcaram a evolução da pesquisa e seus desdobramentos em minha trajetória enquanto pesquisadora.

Este ensaio organiza-se, portanto, em três partes. Primeiro, a exposição dos fundamentos teóricos e aberturas metodológica que fundamentaram a tese e trouxeram ao centro do debate os mecanismos de geração de informação. Em seguida, os diálogos subsequentes, decisivos para o amadurecimento da reflexão iniciada no percurso doutoral e que resultaram em quatro projetos de pesquisa fomentados por distintas instituições – entre eles, o que constituiu uma devolutiva direta da experiência do doutorado, o Prêmio CAPES de Tese (o único até hoje concedido à disciplina Arquitetura e Urbanismo), que levou ao desenvolvimento do segundo pós-doutorado na área. Por fim, as reflexões, inflexões e perspectivas que deram e dão continuidade às questões abertas desde a introdução, compondo o espaço no qual se inscreve os projetos atuais e futuros (Il. 1).



Il. 1: cronologia situada da trajetória de pesquisas a partir da tese de doutorado. Fonte: autora, 2025.

DAS MATRIZES À ABERTURA INTERDISCIPLINAR: DA PARAMETRIZAÇÃO A GERAÇÃO DA FORMA URBANA

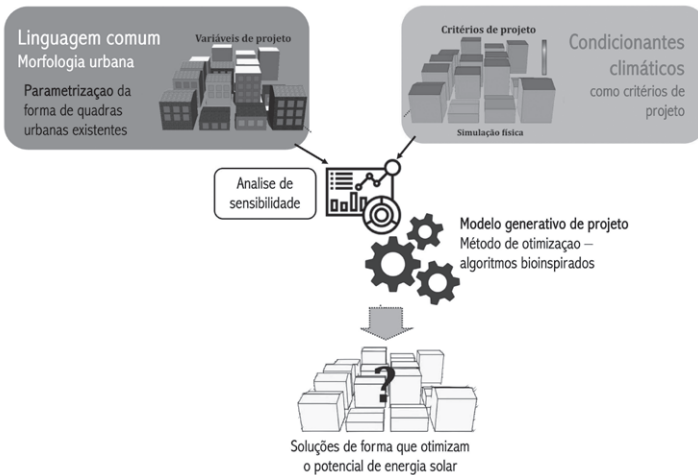
Os campos da arquitetura e do urbanismo são, por essência, interdisciplinares, pois nascem da convergência de saberes distintos e complementares (Choay, 1965). Contudo, a prática atual ainda se caracteriza por métodos de projeto unidirecionais e compartimentados. Sabe-se que desde as etapas iniciais, a elaboração de um projeto requer uma base crítica de conhecimentos que dificilmente pertencem a uma única disciplina – sejam elas de ordem climática, ambiental, social, econômica, legal ou cultural – e que se configuram, integradas, condicionantes incontornáveis à concepção. A diversidade e a complexidade desses dados, somadas aos desafios socioambientais contemporâneos, exigem práticas capazes de articular os diferentes setores da decisão ou ainda tornar compatíveis dados e saberes muitas vezes divergentes. No entanto, tais conhecimentos se mostram muitas vezes conflitantes ou ainda de difícil apropriação por aqueles que precisam traduzi-los em decisões ou gestos projetuais. Esse entrave decorre, de um lado, da pouca porosidade entre disciplinas afins, e de outro, da ausência de **uma linguagem comum** na qual os próprios mecanismos de leitura e escritura arquitetônica e urbanística possam refletir os saberes gerados.

Dessa inquietação emerge a primeira hipótese que sustenta a tese. No campo da morfologia urbana, diversos conceitos já integram o vocabulário técnico e normativo compartilhado por profissionais do urbanismo. Atributos morfológicos como gabarito, coeficiente de aproveitamento, taxa de ocupação ou área construída total permitem definir zoneamentos, regular usos e ocupação do solo, bem como identificar diferentes intensidades urbanas. A partir desse repertório consolidado, seria possível construir uma linguagem comum entre pesquisadores e profissionais, capaz de traduzir não apenas tipologias de quadras e formas urbanas, mas também seu desempenho energético solar,

revelando tendências relevantes para a evolução das cidades. A definição de tipologias urbanas de referência, apoiada na linguagem da morfologia urbana e, mais especificamente, na sistematização de indicadores morfoenergéticos (Adolphe, 2001; Benzerzour, 2004; Huang; Lu; Sellers, 2007; Salat; Labbé; Nowacki, 2011), oferece subsídios para medir e avaliar a evolução morfológica das cidades segundo seu potencial de geração de energia solar. A tese consolidou essa hipótese por meio de um conjunto de indicadores desenvolvidos em ambiente de sistemas de informação geográfica, replicáveis em qualquer cidade brasileira e capazes de classificar o tecido urbano existente com base em parâmetros familiares aos profissionais do setor (Martins; Bonhomme; Adolphe, 2013). A consolidação de um sistema de métricas como linguagem comum entre forma e desempenho energético viria a ser um passo fundamental na continuidade das pesquisas subsequentes na área (Bonhomme, 2013; Hidalgo; Jouglu, 2018; Martins; Faraut; Adolphe, 2018; Masson *et al.*, 2020; Tornay *et al.*, 2017; Wang; Geoffroy; Bonhomme, 2022).

A segunda contribuição da tese, já mencionado na introdução, apoiou-se na hipótese de que uma metodologia de projeto orientada por métodos transpostos da matemática aplicada, particularmente guiada pela parametrização, análise estatística de sensibilidade das métricas propostas e modelos generativos de projetos por otimização – poderia produzir informações não apenas relevantes, mas inovadoras para a construção de conhecimento aplicado ao estudo da forma construída e evolução das tipo-morfologias urbanas. Se as ferramentas paramétricas oriundas da matemática já haviam saído do meio acadêmico e ingressado nos escritórios de arquitetura desde os anos 1990 (Holzer; Hough; Burry, 2007; Peters, 2019), seu acoplamento a modelos de simulação climática e energética em escala urbana era incipiente ainda no início da década de 2010. Os métodos de otimização multiobjetivo abriam, naquele momento, novas possibilidades para o estudo paramétrico da forma urbana,

e a tese foi uma das primeiras a valorizar a interface entre métodos de otimização (pesquisa operacional) e urbanismo, especialmente com aplicação ao contexto brasileiro – ainda hoje escasso em dados urbanos confiáveis para análise. Essa ambição oferecia uma abertura interdisciplinar metodológica como alternativa às abordagens convencionais – baseadas em tentativa e erro – e aos métodos de análise multicritério apoiados em ponderações e *rankings* (Bastos; Calzans, 2024; Castro, E, B.P.; Virgone, 2008), mais amplamente utilizado na área, com o objetivo de reduzir a subjetividade do processo e a repetição exaustiva de ciclos avaliativos, no auxílio à decisão. Nesse sentido, a metodologia da tese (Il. 2) viabilizou a exploração automática de múltiplas configurações urbanas, a partir de uma linguagem considerada comum aos urbanistas, avaliando o desempenho energético solar e hierarquizando a relevância dos parâmetros sensíveis.



Il. 2: esquema metodológico geral da pesquisa de doutorado, baseada na automação de processos generativos por otimização na produção de variantes formais de quadras urbanas (Martins, 2014).

A otimização de formas urbanas com base em objetivos energéticos conflitantes possibilitou conceber variações de densidades urbanas construídas e formas de implantação que conciliavam a redução da demanda energética com o incremento no potencial de oferta de energia de forma solar

na escala de quadra. Além de propor cenários “ótimos” no sentido da matemática, a tese abriu espaço para um debate mais amplo sobre a densidade urbana e suas implicações tipológicas, funcionais e sociais, articulando-as à eficiência energética.

Embora ainda em estágio experimental, o emprego de redes neurais artificiais surgia como promissor no campo de atuação da Arquitetura e do Urbanismo. A adoção de práticas digitais e de processos automatizados, em todas as áreas, conheceu um rápido avanço nos últimos dez anos e especialmente no seu alcance. Ainda que possa e deva ser guiada por uma programação bastante criteriosa e crítica, reconhece-se que esta carrega o risco de reduzir o projeto a um mero exercício algorítmico, esvaziado de sua dimensão política, social e cultural – e, em alguns casos, pouco inteligível para os profissionais a quem também se destina. Essa tensão não apenas atravessou o percurso da tese, como também orientou as pesquisas subsequentes que serão apresentadas.

O desafio atual, portanto, reside em articular a força das novas ferramentas digitais ao âmbito de uma prática colaborativa, multidisciplinar, crítica e situada não apenas no objetivo de alcançar eficiência técnica, mas de produzir sentido de forma coletiva e, quiçá, contribuir para uma epistemologia emergente no campo do projeto urbano e arquitetônico.

Evoluções e desdobramentos: da forma à informação

Se a pesquisa doutoral teve como força a proposição de um quadro metodológico-analítico centrado na identificação, avaliação e otimização energética de arquétipos morfológicos urbanos – com a elaboração de indicadores como ferramenta interdisciplinar fundamental para pensar tecnicamente a transição energética das cidades brasileiras –, ela constituiu igualmente um ponto de **inflexão metodológica**. Ao mesmo tempo em que

propôs ferramentas técnicas, abriu espaço para que estas pudessem também servir de instrumento mediador entre diferentes setores.

A questão latente que emergiu após a defesa, e que permanece atual, diz respeito à um duplo desafio da pesquisa no vasto e complexo campo da arquitetura e do urbanismo: **transcender a lógica setorial** que ainda fragmenta o campo disciplinar e o da **cooperação interprofissional** – entre o mundo da investigação científica e as esferas da decisão públicas, regionais e locais. Para que os conhecimentos possam ser compartilhados, apropriados e mobilizados a serviço do projeto (Molina, 2016), as abordagens precisam ser mais integrativas, tanto pelos meios como nos materiais.

Dessas reflexões derivam algumas questões que norteiam a continuidade das pesquisas:

- Como transpor ou estender de forma eficaz o vasto conjunto de dados urbanos e conhecimentos disponíveis, de modo a tornar as ferramentas de apoio à tomada de decisão no projeto urbano mais assertivas e adequadas à adaptação climática e transição socioambiental das cidades?
- Como avançar da produção de conhecimento científico para e com a ação pública? E que potencial os atuais projetos de pesquisa-ação oferecem para vislumbrar formas futuras de cooperação técnica entre cidades?

Tornou-se evidente que a efetividade das proposições científicas que pretendiam poder tirar do papel dependia, sobretudo, de sua capacidade de dialogar com práticas, com os questionamentos, das escolhas e condicionantes da produção projetual próprias ao debruçar no terreno real. Dessa constatação emergiram duas pesquisas pós-doutorais, em sequência, que nos permitiram testar e incrementar uma metodologia colaborativa voltada a aproximar o domínio da pesquisa acadêmica ao do universo operacional dos profissionais urbanos.

O primeiro, projeto IFU (*Ilhas de Frescor Urbanas*), laureado pela ADEME², reuniu um consórcio entre pesquisadores da arquitetura (LRA/ENSA), da engenharia (LMDC/INSA), do setor aeroespacial (ONERA), e de urbanistas da metrópole de Toulouse. O objetivo era apoiar, com dados científicos (medidos e modelados), o projeto da ZAC³ Montaudran – novo bairro em requalificação urbana no sudoeste de Toulouse – com o objetivo de transpor e prescrever soluções de mitigação do efeito de ilha de calor urbano alternativas integradas para o projeto já iniciado. O desafio consistia não apenas em prescrever, mas em oportunidade de traduzir os famosos indicadores morfo-energéticos para serem um instrumento comum a ser manipulado nas trocas entre profissionais e pesquisadores e, assim, propor ações mais assertivas. Dava-se origem a uma primeira experimentação metodológica nesse sentido, a construção de um **instrumento de mediação**, que chamamos de “fichas-variáveis” (Martins *et al.*, 2015), concebidas como suportes de comunicação e negociação entre hipóteses científicas e intenções de projeto. A partir delas, cinco cenários urbanos – derivados da primeira versão de projeto – foram co-construídos e validados, combinando condicionantes programáticas, intenções formais e resultados de simulação microclimática (Martins *et al.*, 2016).

Um ano após o início desse projeto, a tese de doutorado seria agraciada com o Grande Prêmio CAPES de Tese, distinção inédita ao campo da Arquitetura e Urbanismo no contexto brasileiro, colocando aquela mais-valia científica do doutorado novamente na mesa, mas sob novas perspectivas e ambições que veriam nascer uma segunda oportunidade pós-doutoral e a minha nomeação

² ADEME: *Agence de l'environnement et de la maîtrise de l'énergie* (“Agência do Meio Ambiente e do Controle da Energia”), organismo público francês responsável por políticas de eficiência energética e transição ecológica.

³ ZAC: *Zone d'aménagement concertée* (“zona de urbanização concertada”), instrumento jurídico-administrativo do urbanismo francês destinado ao planejamento integrado de áreas urbanas prioritárias.

como professora-pesquisadora titular na ENSA de Toulouse (II. 1).

A colaboração interprofissional proporcionada pelo projeto IFU consolidou-se não apenas como prática desejável a ser considerada nos procedimentos metodológicos dos projetos de pesquisa, mas também como exigência dos próprios editais franceses. Foi o caso de “Modeval-Urba” de 2017, outro edital da ADEME, que passava a priorizar consórcios multi-institucionais e cofinanciados. Dessa dinâmica emergiu a parceria entre LRA/ENSA, LMDC/INSA e a AuaT (Agência de Urbanismo de Toulouse), com o projeto “multipliCités”, laureado neste edital e concebido para avançar na integração da colaboração interprofissional na transição energética urbana.

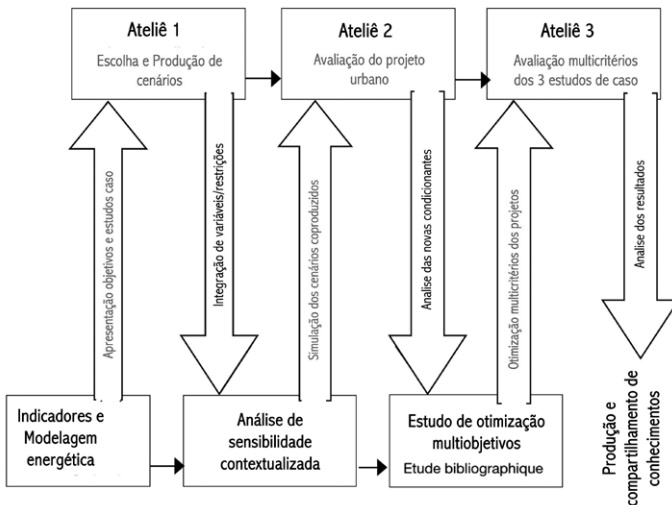
A proposta partia das questões levantadas pela tese de doutorado e buscava explorar, para a cidade de Toulouse, estratégias de requalificação de tipologias urbanas de referência. Para isso, articulava a abordagem de otimização multiobjetivos a uma abordagem participativa e multicritério, de modo a integrar parâmetros qualitativos, como aspectos socioeconômicos, culturais e de conforto multisensorial, aos cenários energéticos. O objetivo era conceber uma **ferramenta metodológica transversal**, capaz de incluir, desde as hipóteses de trabalho até a análise dos resultados, a contribuição de diversos interlocutores da prática urbana em Toulouse, inclusive na escolha dos estudos de caso. Essa participação se deu por meio dos chamados “ateliês participativos”, espaços de troca com promotores, gestores urbanos, arquitetos, consultores e pesquisadores. (II. 3)

Nesse ponto de virada, para além do mero uso de instrumentos de mediação para transmitir conceitos e resultados da pesquisa interdisciplinar, instaurávamos experimentalmente espaços de co-construção, nos quais hipóteses científicas pudessem ser confrontadas, validadas e enriquecidas, nas idas e vindas, e pela experiência de profissionais ativos no campo. Três ateliês participativos

consolidaram essa prática de diálogo, integrando-se às etapas técnicas de geração de dados no âmbito do projeto “multipliCités” (Il. 4).



Il. 3: manipulação de indicadores morfo-energéticos e co-construção de dados no âmbito do ateliê participativo 1 – projeto “multipliCités”, na Agência de Urbanismo de Toulouse (AuaT). Fonte: autor, 2017.

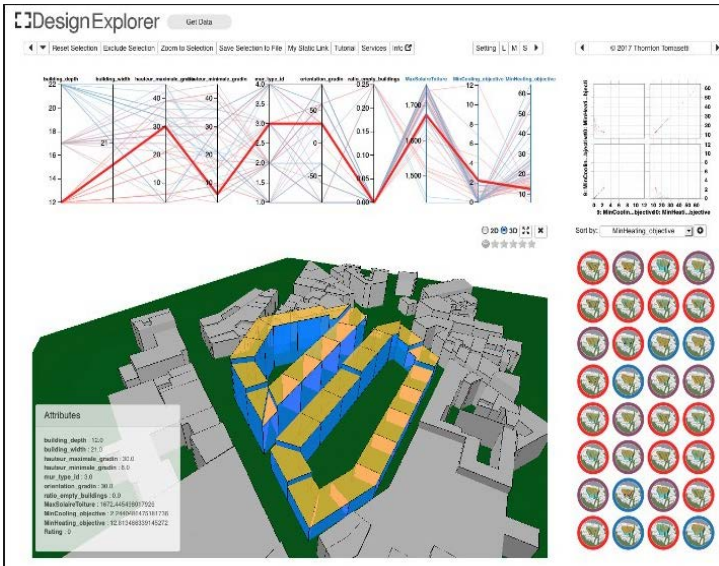


Il. 4: esquema da abordagem metodológica experimental do ateliê urbano participativo integrado e permeando os estudos via modelagem computacional climática e acoplamento aos modelos generativos de projeto. Fonte: adaptado de Martins *et al.*, 2018.

Essa abertura permitiu incluir dimensões qualitativas e passou a reconhecer a “otimização urbana” não como a busca de soluções matematicamente ótimas e únicas, mas como a confrontação em um campo multicritério mais vasto, capaz de articular a multiplicidade e plasticidade (subjetiva) de fatores que modelam de forma determinante a qualidade dos ambientes urbanos em evolução.

Três estudos de caso – definidos em parceria com a AuaT – serviram de base para o desenvolvimento dos ateliês participativos, permitindo contextualizar as problemáticas e os desafios energéticos específicos de cada território em diálogo com suas características socio-econômicas, geográficas e políticas. As análises de sensibilidade foram assim adaptadas a cada bairro e se tornaram objeto de debate e de validação de hipóteses relevantes à posteriori (Martins *et al.*, 2019). No primeiro ateliê, buscou-se enriquecer os critérios e indicadores empregados; em seguida, projetar cenários urbanos orientados para a melhoria do desempenho energético. Esses cenários foram posteriormente submetidos a modelagens, cujos resultados retroalimentaram o ciclo de reflexão nos ateliês seguintes, instaurando uma dinâmica iterativa que possibilitou *feedbacks* valiosos.

A força e esforço principal desse projeto estava concentrado na construção de um espaço comum de compartilhamento, entre técnica e prática, ao longo dos quase três anos de pesquisa. Os resultados finais puderam alimentar uma ferramenta comum, de acesso livre, permitindo a todos visualizar interativamente as imagens de síntese das soluções compromisso geradas (Il. 5) e sem custo computacional. Essa ferramenta comum permite o projetista/planejador manipular **variações formais** com base em parâmetros e restrições predefinidos (como densidade, orientação solar, coeficiente de aproveitamento, custos, etc.) e **avaliá-las simultaneamente sob múltiplos critérios** – principalmente quantitativos.



Il. 5: visualização no DesignExplorer, permitindo que planejadores explorem evoluções do arquétipo urbano Belfort (centro de Toulouse). Fonte: Martins *et al.*, 2018.

Se de um lado esse tipo de resultado-ferramenta permite sistematizar a geração de informação de projeto, comparar resultados, tornando explícitas as relações críticas entre **forma urbana** e outros **desempenhos e critérios** (energético, ambiental, econômico), o risco da caixa-preta algorítmica permanece: os resultados dependendo dos parâmetros inseridos, carregam vieses – pois foram considerados segundo algumas dimensões e olhares. Aspectos culturais, memória do lugar ou intenções políticas não são redutíveis a algoritmos. A interpretação deve ser (re)situada e a decisão final crítica.

Outros projetos, em continuidade direta às pesquisas conduzidas no laboratório da ENSA Toulouse, voltaram-se nos últimos anos para o apoio às coletividades territoriais na adaptação às mudanças climáticas, com ênfase na gestão do conforto térmico e no enfrentamento do superaquecimento urbano em escala metropolitana. É nesse contexto que se inscrevem os trabalhos que deram origem ao protocolo GeoClimate (Bernard *et al.*, 2024), hoje

capaz de gerar arquivos em SIG com informações sobre zonas climáticas locais, seguindo a classificação de Stewart e Oke (2012) e com base nos indicadores morfo-energéticos construídos e programados progressivamente ao longo dos últimos vinte anos no âmbito do laboratório (Adolphe *et al.*, 2002; Bonhomme, 2013; Martins, 2014). A investigação sobre os fenômenos climáticos e energéticos urbanos evoluiu de forma significativa, incorporando a forte heterogeneidade espacial da cidade não apenas em termos de morfologia, mas também de materialidade e de usos, antes pouco integrados ou representados de maneira simplificada.

Os dados produzidos por essa metodologia se mostraram particularmente pertinentes para enriquecer e generalizar o vocabulário técnico, além de estruturar e coordenar ações de adaptação dos diferentes elementos urbanos diante dos desafios climáticos complexos. Esse avanço resultou na sistematização do método em uma cadeia de cálculo denominada GeoClimate, desenvolvida no âmbito do projeto PÆNDORA também laureado da ADEME, em parceria entre o CNRM (Météo-France), o LISST (UT2J), o LAB-STICC, o LMDC/INSA e o LRA/ENSA. O protocolo gera uma malha automática do tecido urbano metropolitano em unidades espaciais de referência, identificando características tipomorfológicas semelhantes e agrupando-as em classes de clima local. Mais recentemente, essa abordagem passou a integrar também a prática pedagógica: vem sendo experimentada com estudantes do terceiro ano no ateliê de projeto urbano na ENSA.

Paralelamente, outra frente de desdobramentos prossegue na reflexão da gestão da informação no âmbito do projeto **CRoCuS**⁴, onde trabalhamos atualmente, nas fases finais, do desenvolvimento de um protocolo interdisciplinar

⁴ Projeto de pesquisa *Territorial Climate Resilience: an analysis from cultural spaces seen as climatic refuges from heat and cold*, financiado pelo LABEX SMS e desenvolvido em colaboração entre o LISST-CIEU/UT2J, o LRA/ENSA de Toulouse, o LMDC/INSA de Toulouse e o Instituto de Desarrollo de Galicia (IDEGA)/Universidade de Santiago de Compostela.

e participativo, concebido como instrumento de análise e de decisão para avaliar a capacidade de adaptação de uma rede regional de bibliotecas em espaços de refúgio climático em situações de crise, tendo como caso a região da Galícia, na Espanha. A ideia central foi investigar de que modo essas infraestruturas já existentes poderiam ser convertidas, sem muitos custos, em **abrigos climáticos públicos temporários**, capazes de oferecer condições de reconforto térmico à população local frente às ondas de calor, sem comprometer sua função cultural e social de base.

A metodologia se estruturou em três eixos complementares: a gestão e cruzamento de bases de dados heterogêneas (georreferenciamento urbano, características arquitetônicas e medições climáticas in situ); a escuta dos usuários e atores locais por meio de entrevistas qualitativas, de modo a compreender os usos reais e as percepções de conforto dos frequentadores; e, finalmente, a co-construção de um protocolo de avaliação em diálogo com diferentes especialistas e profissionais ligados à gestão dos equipamentos culturais, visando criar um instrumento transferível e também adaptável a outras realidades. Foi realizada uma campanha de medições, no verão 2024, com estações de medição interativas onde todo usuário participava da enquete sobre sua percepção e uso do espaço e em condições de extremo calor.

A experiência em torno desses projetos de construção coletiva de competências consolida hoje uma forte hibridação metodológica que se reafirma na integração dos aspectos sensíveis aos meios práticos-técnicos impulsionada pela governança participativa e interdisciplinar.

DIÁLOGOS TRANSVERSAIS E PERSPECTIVAS: DA INFORMAÇÃO COMPARTILHADA À PRODUÇÃO CONHECIMENTO GENERALIZÁVEL

A produção e a colocação em comum de dados transformados em informação sobre a cidade não constituem um fim em si, mas a etapa inicial de um processo de construção

de conhecimento que é, por natureza, coletivo e situado. Informação não pode se confundir com conhecimento, sendo esta apenas uma de suas fontes. O conhecimento mobiliza um processo humano de transformação de informações brutas para lhes atribuir significado (Paquet, 2006). O conhecimento uma vez deduzido – segundo um olhar – poderá, por sua vez, ser combinado com outras informações e/ou conhecimentos para dar origem à novos conhecimentos, e assim por diante. O conhecimento exige interpretação e valor crítico, articulação de saberes, intersubjetividade e enraizamento em contextos específicos e só se tornaria pertinente quando integra dimensões diversas – técnicas, sociais, culturais e políticas –, e não quando isola fragmentos de realidade em lógicas setoriais. Estruturar metodologias participativas que promovam a coprodução do saber (Funtowicz; Ravetz, 1993) permite, portanto, não apenas ampliar a robustez e a pertinência das soluções, mas também favorecer a apropriação por parte dos setores envolvidos.

A tão falada transição que carrego no título desse ensaio e que traz a dimensão apenas energética, evolui hoje para expressar sua abrangência e complexidade multidimensional. Passamos a falar de transição socioambiental, ou ainda socio-ecossistêmica, para incluir a ecologia e os sistemas sociais em seu sentido mais amplo. E nesse contexto, quando os projetos se orientam para o conhecimento, e não apenas pela informação gerada, questiona-se não só o porquê e pra quem construí-lo, mas também o papel da cultura e seus atores, situados naquela temporalidade. Estes não desempenham papel à título consultivo, mas devem contribuir efetivamente na elaboração e na capacidade de propor uma ou mais representações e de sua relação com os outros (Jaillet, 2024). Para que a informação vire conhecimento e o conhecimento tácito possa ser mobilizado e mobilizador.

Nesse sentido, o engajamento das equipes técnicas de urbanismo em diálogo com pesquisadores, gestores

públicos, representantes da sociedade civil e cidadãos torna-se condição essencial para que o conhecimento produzido não derive em tendências impositivas, mas em suportes plurais e negociados e mobilizados para a decisão urbana.

Nessa perspectiva, atualmente em curso nessa trajetória, um observatório urbano na França foi criado, POPSU⁵, e propõe desde 2022, a criação de 23 plataformas locais capazes de produzir inteligência coletiva orientada para a pesquisa-ação nas metrópoles francesas. As plataformas locais e nacionais atuam como arenas de diálogo, onde métodos qualitativos e quantitativos se cruzam e onde as ciências sociais, ambientais e de engenharia se interpenetram na tentativa de responder, de forma sistêmica, às urgências nas transições socio-ecossistêmicas territoriais.

No âmbito da plataforma POPSU toulousana, o nosso eixo de trabalho se inscreve, na viabilidade técnica de implantação de uma rede de **refúgios climáticos urbanos** na escala da metrópole de Toulouse. A emergência de ondas de calor cada vez mais intensas e frequentes coloca em primeiro plano a questão do conforto térmico urbano como direito coletivo à habitabilidade das cidades. Um espaço-refúgio consiste em “lugar interno ou externo no qual os indivíduos buscam reconforto térmico quando estão submetidos a condições atmosféricas estressantes em outros locais” (Molina, 2022). Esses espaços se caracterizam por condições térmicas, ambientais e sociais acolhedoras e saudáveis, graças à presença, nos espaços externos, de ventilação, água ou vegetação e, nos edifícios, de um design bioclimático que minimize o uso de ar-condicionado.

⁵ POPSU Transitions (*Plateforme d’Observation des Projets et Stratégies Urbaines*), iniciativa francesa que articula pesquisa e ação pública no campo urbano. As plataformas locais reúnem universidades, centros de pesquisa, agências de urbanismo e coletividades territoriais, com o objetivo de observar, analisar e acompanhar as transformações urbanas em curso, produzindo conhecimento aplicado para orientar políticas de planejamento e desenvolvimento urbano sustentável.

A terminologia para esse tipo de dispositivo varia de acordo com os contextos de implantação (Estevez; Hidalgo; Bonhomme, 2024). O desafio, como no que se desenvolve paralelamente na Galícia com o projeto CRoCuS, é identificar, caracterizar e ativar um conjunto de espaços públicos, construídos e/ou naturais que funcionem como refúgios, distribuídos de modo equitativo no território, capazes de acolher populações vulneráveis e de garantir bem-estar em situações de crise climática. Esses espaços sendo diversos e isolados são aqui pensados em rede, articulando parques urbanos, praças, equipamentos públicos e até sistemas agrícolas periurbanos. Sendo um **observatório das transições** que permita monitorar, interpretar e mobilizar essas condições de habitabilidade, ao mesmo tempo em que contribui para forjar um **novo imaginário territorial**, centrado na ideia de uma “metrópole reconfortante”.

A metodologia proposta permite cruzar os dados técnicos numa abordagem de cima para baixo com as demandas e respostas dos diferentes representantes da sociedade civil, de baixo pra cima. Dentre as ferramentas participativas empregadas no âmbito desse projeto, destaca-se a plataforma SIG com a cartografia participativa, onde o objetivo é interrogar e compartilhar, reflexos e hábitos que os habitantes já adotam como refugio contra ondas de calor atualmente, a fim de identificar as suas práticas. Qualquer cidadã(o) pode indicar espaços públicos de uso como abrigo contra ondas de calor (igrejas, bibliotecas, parques, praças, fontes, etc.) sem exigência de sobriedade energética. Outro dispositivo tratou de conhecer como a população entende a problemática e o próprio fenômeno da canícula, através do *ateliê com habitantes*. Estes mecanismos possuem papel necessário na experiência e do conhecimento ativo na montagem do problema e da questão. Sem o qual, nenhuma resposta efetivamente adequada pode ser gerada.

Os mesmos desafios de cooperação e de produção coletiva de conhecimento inspiram na escala da pedagogia, iniciativas que possam também fomentar essa vivência profissional aos alunos. Concomitantemente, o projeto GEPABA, laureado pelo edital MP/TIRIS⁶, nos permite desde 2024, reunir cinco IES do sítio universitário de Toulouse, integrar ao currículo e trazer uma simulação desse tipo de experiência da negociação e da gestão de projetos pluridisciplinares, envolvendo alunos de quarto ano de graduação futuros arquitetos, urbanistas, juristas do setor imobiliário, engenheiros e gestores do patrimônio. Em torno de um estudo de caso real para o qual devem propor soluções integradas de renovação e gestão sustentável do patrimônio.

Embora a interdisciplinaridade seja amplamente discutida e buscada, o grande desafio hoje, nessa prática ainda bastante incipiente, é fazer com que esses exercícios da pesquisa-ação ou inter-formação, ultrapassem o simples encontro de *experts*, saberes ou a justaposição de experiências disciplinares. Se os mecanismos que permitem a interdisciplinaridade ainda encontram barreiras metodológicas importantes, torna-se imperativo co-construir conceitos e práticas à luz e partindo dos problemas que nos são comuns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio fez emergir um fio condutor que atravessa diferentes experiências de pesquisa no vasto campo interdisciplinar da arquitetura e do urbanismo, voltado aos métodos de produção de conhecimentos capazes de serem explorados e generalizados na prática do planejamento das cidades. Em tempos de profusão

⁶ O edital Minor Program, gerido pela TIRIS (*Toulouse Initiative for Research and Innovation on Sustainability*), consiste em um fomento a aquisição de competências interdisciplinares em torno dos grandes desafios da transição sustentável, incentivando a colaboração entre as diferentes instituições de ensino superior do sítio universitário de Toulouse.

de dados, o grande desafio já não reside na geração automática de massas de informação, mas em dotá-las de sentido – submetendo-as a um crivo crítico, integrando-as em narrativas multidimensionais e multisetoriais, e articulando-as com valores, contextos e desafios urbanos, socioambientais e políticos.

Há pouco mais de dez anos da defesa da minha tese de doutorado, ponto de partida desse ensaio, trazíamos a parametrização e otimização dos indicadores energéticos da morfologia urbana como abertura metodológica interdisciplinar relativamente inovadora e necessária na geração de conhecimentos úteis ao desenho da forma das cidades em expansão. Em uma década passamos da urgência em gerar dados para a urgência em recuperar o sentido crítico indispensável à co-construção de significados diante da complexidade informacional da cidade contemporânea. O conhecimento precisa hoje ser, ao mesmo tempo, mobilizado e mobilizador, permitindo que o processo de decisão seja mais explícito, transparente e responsivo às múltiplas dimensões de desempenho urbano. A forma construída, nesse contexto, e em última instância torna-se a interface visível entre informação e decisão.

Transformar a crise climática em oportunidade para repensar os modos de planejar, governar e habitar a cidade, passa pelo conhecimento compartilhado como ferramenta central. Para além de uma simples superposição de informações, a articulação interdisciplinar e participativa aqui permite compreender o território e os seus usos em sua pluralidade.

REFERÊNCIAS

ADOLPHE, Luc. *A simplified model of urban morphology: application to an analysis of the environmental performance of cities*. V. 28, nº. 2, p. 183-200, 2001.

ADOLPHE, Luc *et al.* *SAGACités Vers un Système d'Aide à la Gestion des Ambiances urbaines*. Toulouse: MENRT, 2002.

BASTOS, Leopoldo Eurico; CALAZANS, Aline. Retrofit em edificação: decomposição bim e análise ambiental por multicritério. *In: Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, V. 9, n°. 2, p. 175-185, 21.maio.2024.

BENZERZOUR, Mohamed. *Transformations urbaines et variations du microclimat : application au centre ancien de Nantes et proposition d'un indicateur "morpho-climatique"*. phdthesis-[S.l.]: Université de Nantes, 24.out.2004.

BERNARD, Jérémy *et al.* A generic algorithm to automatically classify urban fabric according to the local climate zone system: implementation in GeoClimate 0.0.1 and application to French cities. *In: Geoscientific Model Development*, V. 17, n°. 5, p. 2077-2116, 13.mar.2024.

BONHOMME, Marion. *Contribution à la génération de bases de données multi-scalaires et évolutives pour une approche pluridisciplinaire de l'énergétique urbaine*. PhD - Toulouse: Université de Toulouse, 2013.

CASTRO, E, B.P.; VIRGONE, J. Using Multicriteria to aid building conception. *In: International conference on engineering optimization (ENGOPT 2008)*. EngOpt 2008. *Anais...*Rio de Janeiro: 2008.

CHOAY, Françoise. *L'urbanisme, utopies et réalités: une anthologie*. Paris: Seuil, 1965.

ESTEVEZ, B.; HIDALGO, Julia; BONHOMME, Marion. Anticipatory action and future living in a context of increasing temperatures: an analysis from the Barcelona Climate Shelter Network. *In: Cities as anticipatory systems*. (Accepted). Springer ed. [S.l.: S.n.].

FUNTOWICZ, Silvio O.; RAVETZ, Jerome R. *Science for the post-normal age*. *Futures*, V. 25, n°. 7, p. 739-755, set.1993.

HIDALGO, Julia; JOUGLA, Renaud. *On the use of local weather types classification to improve climate understanding: An application on the urban climate of Toulouse*. *PLOS ONE*, V. 13, n°. 12, p. e0208138, 12.dez.2018.

HOLZER, Dominik; HOUGH, Richard; BURRY, Mark. Parametric design and structural optimisation for early design exploration. *In: International Journal of Architectural Computing*, V. 5, n°. 4, p. 625-643, dez.2007.

HUANG, Jingnan; LU, X. X.; SELLERS, Jefferey M. A global comparative analysis of urban form: applying spatial metrics and remote sensing. *In: Landscape and Urban Planning*, V. 82, n°. 4, p. 184-197, out.2007.

JAILLET, Marie-Christine. Une Lecture Transversale des Projets de POPSU Transitions. Forum National POPSU Transitions, *Anaes...*, 2024.

MARTINS, Tathiane *et al.* *Projet IFU, Ilots de fraîcheur urbains*. [S.l.]: ADEME, 2015. Disponível em: <<https://insa-toulouse.hal.science/hal-02161236>>. Acesso em: 19.set.2025.

MARTINS, Tathiane *et al.* *MultipliCités: optimisation énergétique multiscalare et modélisation multicritères des formes urbaines*. Toulouse: [S.n.].

MARTINS, Tathiane A. L. *et al.* Impact of Urban Cool Island measures on outdoor climate and pedestrian comfort: Simulations for a new district of Toulouse, France. *In: Sustainable Cities and Society*, V. 26, p. 9-26, 1.out.2016.

MARTINS, Tathiane Agra de Lemos. *De condicionantes solares à oportunidades de desenho urbano: otimização de tipo-morfologias urbanas em contexto de clima tropical.* phdthesis-[S.l.]: INSA de Toulouse ; Universidade federal do Rio de Janeiro, 31.mar.2014.

MARTINS, Tathiane Agra de Lemos; BONHOMME, Marion; ADOLPHE, Luc. Análise do impacto da morfologia urbana na demanda estimada de energia das edificações: um estudo de caso na cidade de Maceió, AL. *In: Ambiente construído*, V. 13, nº. 4, p. 213-233, 27.mar.2013.

MARTINS, Tathiane; FARAUT, Serge; ADOLPHE, Luc. *Multiscale Parametric Urban Morphology and Energetic Optimization Framework - Case studies in Toulouse, France.* In: 15 dez.2018.

MASSON, Valéry *et al.* City-descriptive input data for urban climate models: Model requirements, data sources and challenges. *In: Urban climate*, V. 31, p. 100536, 1.mar.2020.

MOLINA, Géraldine. La fabrique littéraire des territoires: quand l'Oulipo renouvelle les pratiques de l'aménagement urbain. Territoire en mouvement *Revue de géographie et aménagement.* *In: Territory in movement Journal of geography and planning*, nº. 31, 6.out.2016.

MOLINA, Géraldine. *Modèle d'analyse des "espaces refuges" des habitants des villes lors des événements météorologiques extrêmes.* jan.2022. Disponível em: <<https://hal.science/hal-03927677>>. Acesso em: 9.maio.2024.

PAQUET, Philippe. *De l'information à la connaissance*, 2006.

PETERS, Brady. Architectonic design and computation in performative buildings. *In: The routledge companion to paradigms of performativity in design and architecture.* [S.l.]: Routledge, 2019.

SALAT, Serge; LABBÉ, Françoise; NOWACKI, Caroline. *Les villes et les formes: Sur l'urbanisme durable.* Paris: Hermann CSTB, 2011.

STEWART, I. D.; OKE, T. R. Local climate zones for urban temperature Studies. *In: Bulletin of the american meteorological society*, V. 93, nº. 12, p. 1879-1900, 1.dez.2012.

TORNAY, Nathalie *et al.* GENIUS: A methodology to define a detailed description of buildings for urban climate and building energy consumption simulations. *In: Urban Climate*, V. 20, p. 75-93, 1.jun.2017.

WANG, Biao; GEOFFROY, Sandrine; BONHOMME, Marion. Urban form study for wind potential development. *In: Environment and Planning B: Urban Analytics and City Science*, V. 49, nº. 1, p. 76-91, 1.jan.2022.

**BETHENCOURT
DA SILVA E
A CULTURA
ARQUITETÔNICA
DO RIO DE
JANEIRO NO
SÉCULO 19**

DORALICE DUQUE SOBRAL FILHA

*Quando a arte é conseqüente
com ela mesma, leva de maneira bem mais
segura cada coisa para seu fim.*
Victor Hugo, 1827.

O presente trabalho traz a narrativa biográfica como proposta discursiva. Esta, como constitui um campo de pesquisa e indagações dos historiadores com fronteiras ainda não muito definidas, mais precisamente necessárias de discussões e aprofundamentos. Mapear a história e historiografia por meio da quantificação e qualificação dos aspectos da vida individual de um personagem se caracteriza ainda uma das grandes preocupações, face às peculiaridades do tempo, da sua fragmentação, das incertezas das fontes e ambigüidades históricas vividas pelos indivíduos. Porém, como diria Ricouer (1994, p. 15):

O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.

Segundo Giovanni Levi (2006, p. 168):

A maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas das escalas de análise e das relações entre regras e práticas, (...).

A riqueza histórica que proporciona as trajetórias individuais construídas socialmente se sobrepõe aos percalços encontrados pela

fragilidade das fontes e pela tentativa de produzir biografias verídicas, desnecessárias a nosso ver, possibilitando abordagens diversas.

Modelos de narrativas prosopográficas¹, ou seja, uma biografia moldal que de certa forma “ilustram os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais e “são considerados historicamente reveladores quando tem alcance geral” (Levi, 2006. p. 168). Nesse caso a figura biografada ilustra várias características de um grupo de indivíduos quando associadas ao contexto que em que se inserem.

Nesta tomada de decisão, a escolha de Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1911), ou simplesmente Bethencourt da Silva como é conhecido na historiografia e como trataremos ao longo do texto, não foi aleatória. Embora seja uma figura recorrente no estudo da arquitetura carioca da segunda metade do século 19, a tese de doutoramento “Bethencourt da Silva e a Cultura arquitetônica do Rio de Janeiro no século XIX” (Sobral Filha, 2015) revelou a necessidade de um aprofundamento substancial e de fazer conexões sobre sua trajetória de vida e profissional e sua produção arquitetônica bastante fragmentada.

Além de produzir uma quantidade de projetos de grande importância para a cidade, Bethencourt da Silva se destacou dos demais profissionais por ter sido um arquiteto brasileiro formado pela Academia de Belas Artes e ter sido professor de arquitetura da mesma instituição por trinta anos (1858-1888). Sendo assim, atuou diretamente na formação dos demais arquitetos da época. Ao longo de sua carreira assumiu diversos cargos públicos no Rio de Janeiro, o que denotou ser ele, um personagem de destaque no cenário da arquitetura do período e responsável por uma produção bastante diversa e representativa.

¹ Prosopografia. [De prosop(o)- +-graf(o)- +-ia.] S.f. 1. Descrição das feições do rosto. 2 Esboço de uma figura. Dicionário Aurélio, Nova Fronteira.

Bethencourt da Silva pôde atuar também, como educador, crítico de arte e poeta. Fundou a Sociedade Propagadora das Belas Artes e do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro em 1856. Tais entidades, ainda existentes, viriam a ser responsáveis pela pioneira inserção do ensino dos ofícios para indústria e construção civil no Rio de Janeiro.

Ele abrangeu, na sua atividade de arquiteto, professor e diretor do Liceu, temáticas referentes às artes, desenho, técnica, artesanato; quer seja no campo da prática ou da teoria. Consideramos estas questões de grande importância para o reconhecimento da arquitetura que se produzia no Brasil dos oitocentos, pois envolvem quase todas as áreas que constituem seu campo disciplinar e revelam o caráter multifacetado do profissional do período.

No tocante à vida sociocultural do arquiteto, este manteve, desde o início de sua carreira profissional, contato com a elite literária do Império. Fermentou uma intensa campanha pela disseminação das artes e do desenho e pela consolidação do campo profissional e artístico brasileiro, seja pelos seus discursos como fundador do Liceu ou por meio da imprensa carioca, onde publicou artigos em várias revistas recreativas, jornais e livros. Defendeu sempre nos seus escritos as “Belas Artes” no país, afirmando que esta, só seria bem-sucedida aqui por meio de um ensino artístico sólido e com o apoio da sociedade e do meio político.

É ingênuo afirmar que Bethencourt da Silva estava sozinho na empreitada. Segundo Bourdieu (7ªed. 2011, p.186), para se estudar um sujeito histórico é preciso situar o

(...) corpus assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte bem como estabelecer relações entre a posição deste corpus neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu.

Temos então como estratégia metodológica proposta para a análise, uma atenção para a vida pessoal e profissional de Bethencourt da Silva, perfazendo o liame entre

teoria e prática. Para abordar estes dois temas procuramos trabalhar com dois conceitos de Bourdieu (*Ibid*) inseridos na pesquisa científica, o de “campo” e o de “*habitus*”.

O conceito de “campo” – *Champ* – para Bourdieu fere-se a um domínio autônomo que, em dado momento, atinge a independência em uma cultura e produz as próprias convenções culturais (Burke, 2ª ed., 2008, p. 76). O campo se constitui, por sua vez, num espaço social estruturado pelo conjunto de ações, representações e interações nos quais os sujeitos participam. Sendo assim, a história da vida intelectual está diretamente ligada ao campo intelectual, revelados através do sistema de produção de bens simbólicos e da própria produção destes bens (Bourdieu, 7ª ed, 2011, p. 99).

Compreendendo a arquitetura do período como bem simbólico e artefato cultural, ela está diretamente ligada a um processo de erudição fundamentado pela teoria e transmitido na tradição escolar. Assim a formação inicial e o da atuação profissional nos remete diretamente à trajetória de Bethencourt da Silva e sua contribuição para cultura arquitetônica carioca.

O termo “*habitus*”² é definido por Bourdieu (*Ibid*. p. 186) como “sistema de disposições inconscientes que constitui um produto de interiorização das estruturas objetivas”. O sujeito internaliza as estruturas do mundo externo, tanto as definidas culturalmente como as objetivamente reais. Essas estruturas internalizadas formam um *habitus*, que por sua vez se corporifica neste “sistema de disposições” que inclinam os atores a agir, pensar, e sentir de maneira consistente com os limites da estrutura que convivem. Segundo Giovanni Levi, a relação entre *habitus* de grupo e *habitus* individual estabelecida por Pierre Bourdieu remete à seleção entre o que é comum e mensurável. A autora ainda complementa que:

² O conceito de “*habitus*” (*Mental Habit*) foi tomado do historiador de arte Erwin Panofsky do seu livro “Arquitetura gótica e a escolástica” como meio de entendimento de uma unidade para arquitetura gótica e da uniformidade das diversidades individuais expressas nessas obras.

(...) o estilo próprio de uma época ou de uma classe, e o que diz respeito à “singularidade das trajetórias sociais”: “na verdade é uma relação de homologia, isto é, da diversidade na homogeneidade, que reflete a diversidade na homogeneidade características de suas condições sociais de produção e que une os hábitos singulares dos diferentes membros de uma mesma classe.

O termo assume para Bourdieu uma relação direta entre a teoria e prática utilizadas pelos atores culturais num determinado momento histórico, partindo desde a herança cultural determinada pelo processo de educação, seja familiar ou escolar, até chegar à contribuição pessoal de cada ator neste processo. O *habitus*, por conseguinte, também se revela um indicador da diversidade dentro de um campo específico, verificados na prática, seja pelas ações ou nos objetos criados pelos sujeitos que participam de um mesmo campo disciplinar comum.

No Brasil a fundação da Academia Imperial de Belas Artes e da Academia Imperial Militar (posteriormente Escola Politécnica) foram catalisadoras do processo de formação de um campo intelectual da arquitetura ao longo dos dezenove. Embora atualmente as especificidades de cada área estejam bem definidas, ambas as instituições, durante todo o século 19 e início do século 20, tiveram o papel importante na formação de uma classe profissional intelectualizada e autônoma criadora de uma arquitetura significativa para a história e cultura da cidade. O termo cultura ganha sentido conforme (Geertz, *apud*. Burke, 2008, 2ª Ed., p. 52), como:

(...) um padrão historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida.

Assim entendemos que a cultura arquitetônica se desenvolve numa relação dialética entre teoria e prática,

e se situa como sistema simbólico de formas herdadas e traduzidas dentro de um campo intelectual.

Para compreendermos o campo intelectual em que a arquitetura da segunda metade dos dezenove se desenvolveu trazer o contexto do ensino da arquitetura e a atuação de Bethencourt da Silva dentro dele é fundamental. O fato de este ter sido aluno e professor de arquitetura da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), e de ter atuado também como professor da Escola Central³ e do Liceu de Artes e Ofícios demonstra sua relevância no campo da instrução e constituição de um corpo de produtores e operários para a arquitetura carioca oitocentista.

Diante da importância deste personagem na transmissão de uma cultura arquitetônica, indagamos, no entanto, se Bethencourt da Silva foi um defensor da tradição herdada de seu mestre, Grandjean de Montigny ou se foi um dos precursores da mudança compositiva nas construções que vai despontar no final do século 19 e início do século 20?

Compreendendo que o sistema de ensino cumpre a necessidade de legitimação cultural (Bourdieu, 2011, p. 120), entender o papel da tradição escolar (acadêmica e técnica) na constituição da arquitetura do período e os caminhos e descaminhos desta tradição (*o habitus*). Além disso, como a prática é consolidada pelo corpo de produtores com *habitus* comuns é importante esclarecer também, o corpo social com o qual o Bethencourt interagiu.

Dessa forma, verificar a trajetória profissional de Bethencourt da Silva, como aluno recém-formado pela AIBA, no mercado de trabalho da época foi fundamental. Assim também, é importante validar a ascendência social diante da titulação acadêmica para a consolidação de

³ A Escola Central foi fundada no Rio de Janeiro em 1858, dada a separação dos ofícios do engenheiro militar para o engenheiro civil e demais ramificações da engenharia. Em 1874 passou a ser chamada de Escola Politécnica.

classe dos arquitetos nos oitocentos. Sobretudo quando se colocam no mercado de trabalho, assumindo cargos públicos, posturas de representação intelectual entre seus pares, onde se dedicaram a fazer e divulgar a arquitetura do período.

Além disso, as obras produzidas por Bethencourt da Silva como representante da classe de arquiteto, nos remetem ao tema da circulação de formas no contexto carioca, podendo ser traduzido pela análise da obra em si, pelo contexto ou pelo artista. No entanto, ela invariavelmente se relaciona às demais obras produzidas no Rio de Janeiro, quando fazemos um paralelo entre a teoria do ensino, as narrativas do campo intelectual e a prática dos principais atores com os quais o arquiteto interagiu e que estiveram em destaque no cenário da cidade.

Segundo Bourdieu (*Ibid.*) as obras trazem as marcas dos sistemas de posição em relação às quais se define sua originalidade, e contém indicações acerca do modo com que o autor pensou a novidade de seu empreendimento, ou seja, daquilo que o distinguia de seus contemporâneos e de seus antecessores. O objeto arquitetônico se configura como fonte de toda uma cultura fundamentada na história de sua constituição.

No tocante à trajetória de vida Bourdieu (2006, p. 190) coloca que:

O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construídos estados sucessivos do campo no qual o agente se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.

Na sequência deste texto introdutório trataremos uma pequena biografia de Bethencourt da Silva, diante da

necessidade de se compreender a ‘trajetória’ do personagem reconstituída no campo arquitetônico, político, artístico e literário, situando-o dentro do contexto histórico do Rio de Janeiro. Apresentamos de forma sucinta o campo intelectual em que ele atuou, e sua importância para a cena carioca em conjunto com os demais atores com quem interagiu. Buscamos, sobretudo, evitar a produção monográfica laudatória, esquivando-nos da supervalorização do personagem principal desta narrativa para não incorrer na ilusão biográfica (Bourdieu, 2006, p. 183-191).

BETHENCOURT DA SILVA - Um arquiteto brasileiro do século 19

Filho de portugueses, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (Il. 1) nasceu em 1831, ano de grandes mudanças e incertezas na história brasileira. Desde pequeno acompanha a construção da figura do imperador D. Pedro II e o ideário da nova nação, que despontariam como mecanismos para a modernização da cidade do Rio de Janeiro, enquanto município neutro⁴ e capital sede do Império.

As décadas de 1830 e 1840, foram marcadas por uma grande instabilidade política no país. A manutenção da unidade nacional foi um dos fatores que marcaram este momento na história do país, especialmente quanto à aceitação da monarquia parlamentar. O sentido ou o sentimento de “nacional” começa de fato a ganhar forma tanto nas ações políticas quanto sociais. Começar a pensar no Brasil foi uma tarefa para os intelectuais do período em especial da elite literária. Neste período o romantismo, em sua primeira fase, ganha força com a valorização de algumas peculiaridades nacionais, como a língua, o indígena e os aspectos regionais do país.

A educação, aos poucos, se torna um dos componentes dessa transformação, que embora muito incipiente, vira símbolo de *status* e começa a ser pensada

⁴ O Rio de Janeiro torna-se município neutro por decreto em 1834.



Il. 1: Félix Ferreira, Bethencourt da Silva, 1875, Fotografia, Rio de Janeiro.

como necessidade. Embora o ensino jesuítico predominasse, em 1837, o Seminário de São Joaquim é convertido em Colégio Pedro II e destinado a ser a escola pública à elite da época. Bethencourt da Silva fez seus estudos primários no Seminário de São José, existente desde 1739. Essa primeira educação eclesiástica deve ter sido aquela que lhe rendeu um sólido conhecimento das questões morais e políticas, especialmente dos ideários das revoluções francesa e americana, ideias de liberdade política, social e de democracia voltadas para o trabalho, pois os padres da época foram os grandes disseminadores desses conteúdos (Carvalho, 1996, p. 167).

Terminado o curso secundário a escolha de uma carreira era fundamental para percorrer um caminho seguro que proporcionasse um status social. A decisão de Bethencourt da Silva foi ingressar na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), e em 1843, aos doze anos de idade entra para o curso de arquitetura. Este funcionava desde 1826, sob a organização do prestigiado professor francês Grandjean de Montigny, arquiteto vencedor do grande prêmio de Roma em 1799. Sobre os ensinamentos de Grandjean aos arquitetos do império, destaca-se a importância do exercício do desenho como formação de uma cultura erudita, educação do olhar e do gosto, baseado nos modelos da cultura clássica (Il. 2).

Il. 2: Bethencourt da Silva, Desenho de Entablamento e capitel Compósito, 1845. Acervo Museu D. João VI- EBA-UFRJ, nº registro 934.



O papel de Grandjean na formação artística de Bethencourt foi decisivo não apenas para as suas inclinações compositivas, mas também na sua intenção para transformar um campo muito carente na época, o dos ofícios. A mão de obra desqualificada sempre foi um empecilho na produção arquitetônica de Grandjean no Rio de Janeiro, e o arquiteto brasileiro viu de perto os aspectos negativos do precário incentivo dado à formação dos ofícios na construção do próprio edifício onde estudara⁵.

Cabe destacar aqui, que no período da sua formação como arquiteto Bethencourt também se dedica a escrever versos, demonstrando sua segunda inclinação artística, a literária. Conviveu durante sua mocidade com diversos escritores românticos e outros intelectuais da época em que vão colaborar com poesias e artigos nos jornais e revistas da época⁶, especialmente as revistas ilustradas e

⁵ O prédio da Academia Imperial de Belas Artes, teve o projeto de Grandjean de Montigny e foi comprometido pela falta de recursos e pelo mal acabamento do trabalho dos artífices da época (Ferreira, 1885).

⁶ Os primeiros textos publicados por Bethencourt foram poesias lançadas na revista O Beija-Flor entre 1849-1851.

recreativas. Quem queria ser visto e conhecido teria que se expor também através desses meios de comunicação.

Em 1850, ano da morte de Grandjean, Bethencourt da Silva tem nas mãos o título de arquiteto e se depara com o primeiro percalço da sua profissão, o campo profissional da arquitetura na capital carioca. Neste mesmo ano Bethencourt pede por ofício ao Diretor de Obras Públicas o lançamento de um novo concurso para “arquiteto desenhador” do órgão⁷ (Il. 3).

Em julho de 1850 o arquiteto foi nomeado, por concurso, a assumir um dos postos na Diretoria de Obras Públicas da Câmara Municipal, órgão responsável pela fiscalização e execução de obras arquitetura e engenharia da cidade⁸. Neste período como funcionário do Município, Bethencourt executa diversos projetos ligados ao plano de Remodelação do Rio de Janeiro de autoria do engenheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, ganhando especial atenção pelos dois mercados públicos, um na freguesia da Glória e outro na freguesia de Santa Rita.

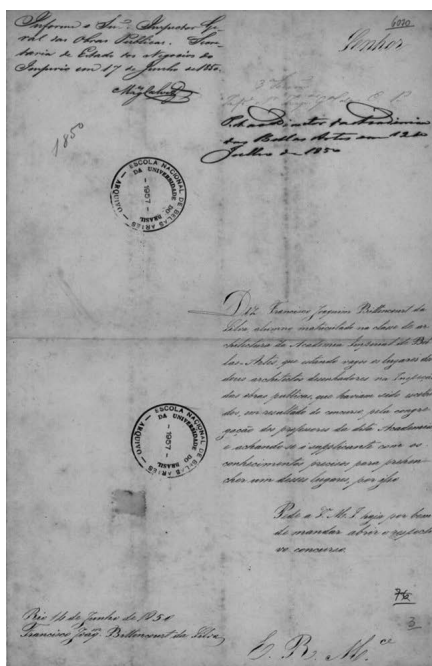
Mesmo como funcionário público, Bethencourt se coloca também como profissional autônomo no mercado de trabalho. Seu nome é encontrado em propagandas de jornais desde 1854, conforme o *Almanak Laemert* (Il. 4), onde assinava como Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, seu nome de nascimento⁹. É importante salientar que apesar da AIBA existir a mais de vinte anos havia poucos arquitetos na cidade e este título também era atribuído muitas vezes aos engenheiros.

Em 1852 perde o concurso do prêmio de viagem da AIBA para Victor Meirelles e em 1853, projeta três cenotáfios – monumentos funerários – para as exéquias de D. Maria II de Portugal. Estes trabalhos lhe renderam a insígnia da Ordem Rosa em 1860, que era dado pelo imperador aos artistas mais talentosos da corte.

⁷ Disponível no acervo digital do museu D. João VI da Escola de Belas Artes da UFRJ.

⁸ O cargo na Diretoria de Obras Públicas era sempre assumido por um engenheiro.

⁹ Em 1862 o arquiteto começa a assinar com o sobrenome de Bethencourt.



Il. 3: Bethencourt da Silva, Ofício escrito de candidatura à vaga na Diretoria de Obras Públicas. Acervo digital do Museu D. João VI.

Architectos.

Camillo Maria de Menezes, engenheiro civil, r. d'Ajuda, 29.

EUGENIO AUGUSTO JEANNE.

EM PETRÓPOLIS

Encarrega-se de fazer plantas para jardins e casas; incumbem-se de sua construção; mede terrenos, faz nivellamentos, emfim tudo o que é relativo à sciencia do engenheiro e do architecto.

Francisco Joaquim Bitancourt da Silva, r. das Mangueiras, 38, incumbem-se de apromptar quaesquer trabalhos de architectura e topographia.

João Mamêde, junior, engenheiro civil, r. de S. Diogo, 21. Incumbem-se de apromptar quaesquer desenhos de architectura, topographia, e corographia, de que o encarregarem.

D. Joaquim Soto Garcia de la Vega, r. da Alegria, 18, S. Christovão, r. do Ouvidor, 123.

Rênê Leroyer, r. do Ouvidor, 64 A, mestre em construcção, architecto de Paris, membro de varias sociedades, incumbem-se de quaesquer obras.

T. Olivier, r. de Pedro, 323.

Il. 4: Sobral Filha, Propaganda dos Arquitetos – Almanak Laemert – 1854, 2015. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em 1855 publica seis artigos sobre arte e arquitetura na revista *O Brasil Illustrado* (1855 a 1856) (QUADRO 1), pelos quais vai se destacar também como crítico de arte, tornando-se um dos porta-vozes da sua classe de arquiteto e das belas artes nacionais. O conteúdo dos seus escritos, neste momento trazem muita referência ao seu início de carreira e à sua busca

por estabilidade profissional apontando principalmente o descaso das autoridades para a formação dos arquitetos da Academia Imperial de Belas Artes. O artigo mais importante dessa coletânea seria o “Architectura Oficial” no qual o arquiteto coloca sua definição sobre arquitetura e nos dá uma noção da sua formação e de suas intenções projetuais e intelectuais. A necessidade de atualidade está presente nesse texto, além da inquietação por querer fazer uma arquitetura diferenciada e representativa para seu tempo.

QUADRO 1
Lista de artigos publicados por Bethencourt
na revista o *Brasil Illustrado*

PUBLICAÇÕES	
NÚMERO E DATA DO PERIÓDICO	ARTIGO SEÇÃO DE BELAS ARTES
1 N.º 2 V. 1- 15 de abril de 1855	Belas Artes: A estátua Equestre de D. Pedro I
2 N.º 3 V. 1- 15 de maio de 1855	Belas Artes: A architectura Oficial
3 N.º 4 V. 1- 30 de junho de 1855	Belas Artes: Estátua Equestre de D. Pedro II (concurso)
4 N.º 5 V. 1- 31 de julho de 1855	Belas Artes: Duas palavras sobre architectura
5 N.º 6 V. 1- 15 de agosto de 1855	Belas Artes: Academia de Belas Artes o novo método
6 N.º 8 V. 1- 15 de outubro de 1855	Belas Artes: Exposição de Paris

Sobral Filha, 2015. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em 1856 fundou, em conjunto com alguns literatos, a Sociedade Propagadora das Belas Artes, solicitando à elite pública apoio para o progresso na instrução dos ofícios ligados à indústria e à construção. Desde então se pronunciara como articulador político para organizar o empreendimento que marcou sua passagem na história do ensino dos ofícios do

Rio de Janeiro. Em 1857 funda o Liceu de Artes e Ofícios, instituição sem fins lucrativos, cuja solenidade de abertura contou com cerca de 90 membros da elite política da corte, todos por ele convidados. Junto ao Liceu, Bethencourt inaugura a *Revista o Brasil Artístico*, onde procurou trazer diversos textos sobre educação, arte, desenho e a arquitetura. Nos seus discursos no Liceu, publicados na revista, colocava em xeque a necessidade de civilizar o meio e destacava o atraso e a falta de apoio em relação às artes. Esta, para ele, seria uma das principais alavancas para o progresso e para o refinamento do gosto na população. Desde a inauguração do Liceu, o arquiteto torna-se professor da instituição, ministrando aulas de desenho geométrico, desenho de arquitetura civil e de desenho máquinas.

Em 1858 foi nomeado professor interino na AIBA no lugar do arquiteto Job Justino de Alcântara e em 1859 entra como efetivo, assumindo a cátedra do professor da cadeira de arquitetura e vai exercer a profissão até 1888. Neste mesmo ano, foi professor substituto da cadeira de Desenho Linear na Escola Central, tornando-se catedrático em 1874 com a transformação da instituição em Escola Politécnica.

Entre 1859 e 1860 inicia mais uma vez suas atividades como crítico de arte colaborando com uma série de artigos para o periódico *O Espelho – Revista Semanal de literatura, modas, indústria e artes*, assinando sempre a seção de Belas Artes. A revista tinha como redator chefe Francisco Eleutério de Souza e contava com a colaboração de diversas personalidades, entre elas: Silva Rabelo, Machado de Assis, Moreira de Azevedo, Macedo Junior, Justiniano José da Rocha e Casimiro de Abreu¹⁰. Vários poemas de Bethencourt são encontrados na revista entre os de Machado e Casimiro, denotando sua presença forte como literato na época.

No periódico, Bethencourt traz na sua redação leituras de atualidades artísticas das revistas europeias, e

¹⁰ A revista foi publicada em 2008 numa edição *fac-similar* pela Biblioteca Nacional.

escreve diversas questões referentes às belas artes no país. Na publicação de 11 de dezembro de 1859, da revista *O Espelho*, coloca uma nota sobre periódico a inaugurar sob sua direção em 1860, intitulado *Revista Contemporanea Brasileira*, Typ. Americana de José Soares de Pinho, no qual convoca a participação dos jovens artistas a publicarem seus trabalhos demonstrando que as vantagens da publicação são às glórias futuras¹¹.

Em 1861 esteve como arquiteto da Santa Casa de Misericórdia onde desenvolveu alguns trabalhos de gerenciamento de obras e projetos: Recolhimento de meninas órfãs (1861-1866); a colocação de três grandes painéis de mármore sobre o tímpano do frontão, no pórtico de acesso ao Hospital da Santa Casa (1868); reforma do salão nobre do mesmo hospital¹² e da cúpula da Igreja da Candelária (1868)¹³.

Em 1862 Bethencourt escreve o artigo “*Artes Liberais e Mecânicas*” para o Livro do Relatório Geral da 1ª Exposição Nacional realizada no Brasil em 1861. Bethencourt

¹¹ Não encontramos até o momento nenhum exemplar do periódico, somente este texto do próprio Bethencourt. Poderia ser talvez a primeira revista publicada exclusivamente sobre arte e arquitetura evidenciando os artistas nacionais. Não sabemos ao certo se a empreitada foi à frente, porém nos seus dados bibliográficos por Sacramento Blake de 1895, não há registro de tal fatura.

¹² Conhecido atualmente como Hospital da Santa Casa de Misericórdia, o escultor responsável pelos baixos relevos foi, segundo Araújo Viana (1889, p. 569), Chaves Pinheiro professor de escultura da Academia Imperial de Belas Artes. Segundo Velho Sobrinho (1937, p. 326) nesta obra foi realizado os primeiros trabalhos em estuque do Brasil.

¹³ Em 15 de setembro de 1868, Bethencourt assume as obras da Cúpula da Igreja da Candelária onde apresenta novo desenho, desentendendo-se com a administração e sai no dia 24 do mesmo mês. Bethencourt fica no lugar do primeiro projetista da cúpula Gustav Waehneltd que adoece neste mesmo ano. Segundo Vitorino Souza (1999, p. 28-29) o arquiteto pediu exoneração do cargo "por não querer a administração mandar fazer um modelo em madeira e ferro sem que seu plano fosse aprovado". O projeto apresentado por Bethencourt, segundo este autor, causou polêmica das quais desconhecemos ainda, sendo convidados a analisá-lo os engenheiros: Ernesto Gomes Moreira Maia, Evaristo Xavier da Veiga, André Rebouças, Antônio Teixeira Coimbra, Daniel Pedro Ferro Cardozo e Gabriel Militão de Vila Nova Machado. A cúpula só foi concluída em 1877, e de 1878, até a inauguração oficial da igreja em 1898, dirigiu as obras o engenheiro Antonio de Paula Freitas.

esteve presente nas comissões julgadoras de vários eventos que aconteciam no Rio de Janeiro, além de organizar pessoalmente diversas exposições do Liceu de Artes e Ofícios. Ainda em 1862 torna-se arquiteto honorário da Casa Imperial recebendo do Imperador honrarias de oficial. Dentro desta função, Bethencourt também é incumbido de gerenciar e fiscalizar diversas obras dentro e fora da capital, como a do palácio do imperador em Petrópolis¹⁴. Durante este decênio acumulara várias honrarias (cavaleiro da Ordem Rosa, Comendador, Ordem de Sant'Iago de Portugal e arquiteto da Casa Imperial) fruto de seu momento mais produtivo, sendo consagrado, também, por uma série de arquiteturas efêmeras (Rocha-Peixoto, 2004, p. 409-410).

Esta década foi um período de grande importância na sua carreira, pois, lhe rendeu grande visibilidade e possivelmente maior senso de responsabilidade com o gerenciamento e a execução de obras. Bethencourt demonstrou seu grande esforço na sedimentação da mão de obra qualificada, com o ensino do Liceu de Artes e Ofício. Além disso, foi um grande incentivador da indústria nacional especialmente quando ligadas à construção civil, como as fundições, carpintarias etc., utilizando diversos materiais e recursos em suas obras. Os aspectos técnicos e artesanais, o uso de materiais nacionais unidos a uma composição mais elaborada, marcaram profundamente sua produção arquitetônica.

A partir de 1870 Bethencourt da Silva vai deter um grande número de obras na capital carioca em uma só década. Ainda como Arquiteto da Casa Imperial, assume o cargo, sem honorários, de arquiteto da Diretoria de Obras Públicas (Telles, 1994) onde, possivelmente, muitos projetos realizados na capital carioca tinham que passar por sua leitura e ou aprovação.

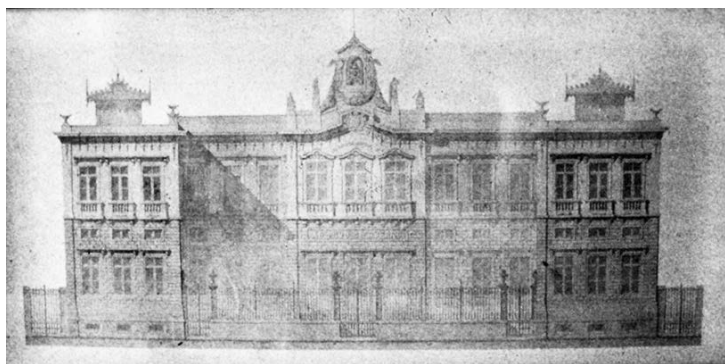
¹⁴ No acervo digital do Museu D. João VI há diversos ofícios escritos por Bethencourt no qual justifica sua ausência na Academia Imperial de Belas Artes para executar trabalhos técnicos como arquiteto da casa Imperial, inclusive do Palácio de Petrópolis.

Segundo Abreu (2008. p. 37) década de 1870 foi um período em que a cidade do Rio de Janeiro se transformou numa grande metrópole de fato. A introdução do bonde de burro e do trem a vapor foi marco divisório entre os períodos. Além disso, o fim do escravismo e o acúmulo de pessoas nas áreas centrais, vai requerer uma estruturação política que assumisse novas posturas e mais controle nos serviços públicos. É criada a Comissão de Saúde Pública como forma de padronizar e disciplinar o meio urbano no sentido de saneá-la das constantes epidemias. O Ministro do Império João Alfredo Correa de Oliveira, se apresenta como grande promotor dessa nova configuração urbana.

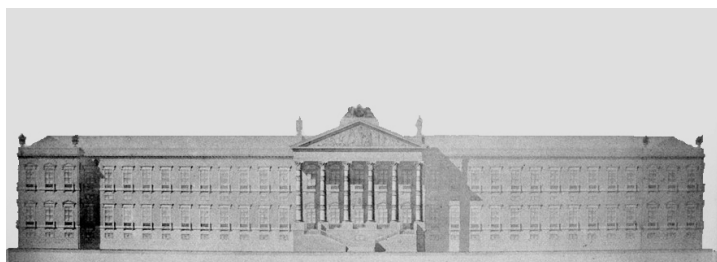
Um dos primeiros projetos realizados neste período é referente às escolas primárias públicas. Após a Guerra do Paraguai o Imperador Pedro II ganha em sua homenagem um monumento em bronze a se erigir em comemoração ao momento glorioso do Império com a vitória da guerra¹⁵. Na ocasião, o Imperador Pedro II recusa a homenagem e doa os fundos arrecadados e o bronze da sua estátua para construções de escolas públicas primárias que ficam a cargo da Diretoria de Obras Públicas. Na Diretoria, Bethencourt trabalhou junto com vários engenheiros, entre eles Francisco Pereira Passos e Luiz Rafael Vieira Souto, organizadores do Plano de Remodelação da Cidade do Rio de Janeiro de 1875.

A pedido do próprio ministro João Alfredo, Bethencourt executa sete obras com fins educacionais na capital do Império, a citar: a Escola da Freguesia da Glória (1870) (Il. 5), a Escola da Freguesia de Santa Rita (1871), a Escola da Freguesia de Santo Antônio (1872) (não executada), a reforma do Colégio Pedro II (1872), O Instituto de Meninos Cegos (1873) (Il. 6) e a Escola Normal (1876) (não executada).

¹⁵ Segundo Alba Bielinski Bethencourt da Silva aproveita as sobras do material bélico da guerra do Paraguai e desenvolve todo mobiliário escolar para o Liceu de Artes e Ofícios. Ainda existem na instituição alguns exemplares, cadeiras e mesas, usadas pelos alunos em sala e aula durante o século XIX, possivelmente sobras do incêndio de 1893.



Il. 5: Bethencourt da Silva, Projeto da Escola da Glória, 1870. Ferreira, 1875.



Il. 6: Bethencourt da Silva, Projeto da Fachada do Instituto dos Meninos Cegos, 1873. Ferreira, 1875.

A arquitetura religiosa não ficou de fora, em 1870 Bethencourt projeta as torres para a Igreja do Santíssimo Sacramento, em forma de agulha remetendo ao estilo gótico. Outro projeto datado de 1873 foi a Igreja Matriz de São João Batista. Segundo mapas de 1867 e 1870 a igreja já existia, mas não sabemos se com a construção de Bethencourt, restando um ponto de interrogação sobre este projeto de Bethencourt a ser solucionado.

Com a crescente expansão dos bairros surge a oportunidade de Bethencourt exercer o ofício de urbanista como gerente da Companhia Arquitetônica a pedido do Barão de Drummond. Projeta em 1873 o bairro de Vila Isabel e com o desenho moderno a Avenida 28 de Setembro, segundo o modelo dos *Boulevards* franceses.

Bethencourt também não ficou de fora da vida agitada da nova metrópole, participou de várias associações entre os cargos públicos somados ao longo da segunda metade do século 19 e início do século 20. Dentre

essas participações podemos citar: 2º dito do *Gymnásio Científico-Literário* (desde 1858), Juiz de Paz do 2º distrito da Freguesia da Glória, suplente de vereador da Câmara Municipal (1870), membro da Sociedade Brasileira de Ensaio Literários (1870), Presidente da Associação Nacional dos Artistas Brasileiros: trabalho, união e moralidade (1870), Membro do Club Polytechnico (1872), Juiz da Irmandade de N. Senhora da Luz, em S. Francisco Xavier (1875-76), Membro da Sociedade Comemorativa da Independência (1874), Membro da Congregação da Academia de Belas Artes, etc...¹⁶

Em 1875 o escritor, crítico de arte e membro da Sociedade Propagadora das Belas Artes Félix Ferreira dedicou o livro “Perfil Artístico” descrevendo diversas obras de Bethencourt, especialmente as do decênio de 1870, período mais produtivo da sua carreira. No livro o crítico descreve Bethencourt como o “arquiteto das Agulhas do Santíssimo Sacramento” obra bastante elogiada por ele. As descrições minuciosas de Felix Ferreira nos ajudam a perceber a produção de Bethencourt dentro do panorama da arquitetura oitocentista (Il. 7).

No final da década de 1870 Bethencourt da Silva escreve dois textos de grande importância na sua carreira. O primeiro em 1876, intitulado *A Escola Normal*, é advindo de uma fase sua, no qual ele ficou conhecido como pai da educação dada sua atuação no Liceu e como projetista de diversas construções com fins educacionais, como pontuamos anteriormente.

Outro texto de grande importância na sua carreira literária foi *Belas Artes*, publicado na *Revista Brasileira* em 1879. Neste artigo Bethencourt faz uma visão panorâmica do estado das artes na segunda metade dos dezenove pontuando a importância do movimento romântico e das Exposições

¹⁶ Todas as referências foram tiradas do Almanak Laemert (1855-1889), possivelmente há mais associações em que participara, porém ainda não foi totalmente catalogado.



Il. 7: Ludovico Berna, Desenho da Igreja do Santíssimo Sacramento, 1914. *Revista Ilustração Brasileira*, nº. 133, 1 de dezembro de 1914.

Nacionais. O conteúdo foi dividido em cinco partes, onde as três primeiras se referem aos aspectos estéticos e teóricos da arte e nas duas últimas Bethencourt faz uma análise crítica dos quadros *A Batalha dos Guararapes* de Victor Meirelles, e *a Batalha do Avahy* de Pedro Américo.

A década de 1880 foi um período conturbado na história política nacional. O país já havia se estabelecido com uma elite de formação nacional, onde a grande parte era do

partido liberal ou republicano ou os dois ao mesmo tempo. A vida intelectual do país começa a mudar com a introdução de novas correntes europeias de pensamento, sobretudo o positivismo e o evolucionismo.

Foi um período em que os profissionais de engenharia formados pela Escola Politécnica buscaram disciplinar e modernizar a cidade pois tiveram presentes em quase todas as obras de transformação da capital assim como produziram grandes empreendimentos arquitetônicos. Entre os engenheiros que começaram a despontar neste período nas obras públicas podemos citar: André Gustavo Paulo de Frontin – chefe do Escritório da Direção de Obras Públicas; André Pinto Rebouças – Diretor da Companhia de Docas D. Pedro II; Francisco Pereira Passos – Diretor de Obras Públicas e Engenheiro do Ministério da Agricultura e Viação e do Ministério do Império; Antônio de Paula Freitas – Arquiteto da Casa Imperial; Adolfo Del Vecchio – Diretor de Obras do Ministério da Fazenda, entre outros. Carvalho (1996, p.65), vai salientar que no final do Império a Escola Militar, já separada da Escola Politécnica, transformara-se num centro de oposição política e intelectual contra o regime onde “sua educação era técnica e positivista, em oposição à formação jurídica e eclética da elite civil”.

Os engenheiros politécnicos, motivados pelo cientificismo, produziram pesquisas sobre diversos materiais de construção, tais como o ferro, cimento, argamassa tiveram grande importância nas novas formas de composição aliadas, por sua vez, a novas práticas construtivas. No rol de suas pesquisas não ficaram de fora os materiais nacionais: madeiras, granito, dentre outros, que foram elementos utilizados em grande escala na arquitetura oitocentista carioca. Além de pregarem “louvores à técnica” (Picon, 2001, p. 84), houve uma grande preocupação, por parte dos engenheiros, no fazer artístico. Em muitas construções eram adotados estilos diferenciados bem como o uso intensivo da matéria prima nacional.

Vale salientar que há uma diferença muito grande entre este decênio e o anterior em relação a quantidades de projetos desenvolvidos e executados por Bethencourt, devido ao seu afastamento dos cargos públicos que ocupava. Neste período somente três obras foram desenvolvidas pelo arquiteto: a 3ª Praça do Comércio (1880), a reforma da Academia de Belas Artes (1881) e o banco da Caixa Economia (1884).

Este período é também marcado por uma profunda crise no ensino de arquitetura da Academia de Belas Artes. Em 1881, segundo Uzeda (2002-2003, p. 59) do grupo de 86 pensionistas, conhecidos como bolsistas do Imperador apenas um era arquiteto. Em 1884, o engenheiro alemão Luiz Schreiner, membro do Instituto Politécnico, encaminha um projeto no qual visava retirar o curso de arquitetura da Academia para ser lecionado na Escola Politécnica.

Em 1884 Bethencourt da Silva publica o livro *Vulgaridade da Arte: O poeta e o Artista, A Poesia e a Arte, A Arte e o Artista*, onde traz uma compilação de outros textos já publicados como “O Poeta e o Artista - Fragmentos de um livro inédito” de 1865 e *Folhas Dispersas: Fragmentos* de 1878.

Dois escritos seus, publicados em 1890, são realmente intrigantes. O primeiro é seu discurso na posse de chefe da Federação Operária e o segundo são os estatutos da mesma federação por ele redigidos. Não é de estranhar, que tenha sido convidado a representar uma classe por quem tanto lutou ao longo dos anos de sua vida. Na sua autobiografia, sobre a pergunta de Mucio Teixeira, *Qual é a reforma que mais ardentemente gostaria de ver realizada?* Responde: *A da remuneração do trabalho, pela doutrina do socialismo: o braço do operário deve ser considerado como um valor pecuniário ante o capital.*

Possivelmente desencantado com o fim do Império, Bethencourt assume para si algumas ideias socialistas. No entanto dada sua atuação política como diretor do Liceu, não se envolveu em nenhum movimento que fosse contra a República.

Na década de 1890, alguns trabalhos foram atribuídos ao arquiteto como o projeto para o Salão da 1ª constituinte de 1892, citado por Silva Telles e Alba Bielinski; a reforma e ampliação do Edifício da Caixa Econômica e Monte Socorro e a colaboração para o novo arruamento da Avenida Central no qual, segundo Bielinski (2006), o arquiteto auxilia o Engenheiro Paulo de Frontin na definição da largura da rua que, a seu ver deveria ser maior do que a executada. Neste decênio Bethencourt aparece também como engenheiro do Ministério da Fazenda, responsável por diversas obras na cidade.

O único, e talvez último, grande trabalho desenvolvido neste período por Bethencourt da Silva foi o projeto do edifício do Liceu de Artes e Ofícios na Avenida Central. O projeto foi desenvolvido devido ao incêndio que acontecera em 1893 no antigo prédio do Liceu na Rua da Guarda Velha nº. 3. O incêndio destruiu boa parte das dependências, a biblioteca e oficinas (Bielinski, 2006) e todos os desenhos do arquiteto Grandjean de Montigny que estavam com Bethencourt da Silva. O projeto do Liceu foi desenvolvido em 1894, em terrenos pertencentes à Sociedade Propagadora de Belas Artes, porém suas obras só vão começar em 1912 após sua morte, sendo uma parte inaugurada em 1916.

Um dos últimos cargos que veio a desempenhar na cidade do Rio de Janeiro foi o de diretor do Arquivo Nacional, por decreto de 25 de abril de 1902, já com 70 anos. Uma de suas reivindicações, que defendeu com ardor, foi a de novas instalações para a instituição, conseguindo em 1907 a transferência para a residência palaciana de João Rodrigues Pereira de Almeida, Barão de Ubá, que havia sido comprada por D. João VI em 1817. O palácio foi restaurado e adaptado para o novo uso, onde funcionou até meados do século XX¹⁷. Em 1910 se exonera do cargo já no final da sua vida.

¹⁷ Dados retirados da Revista: *Mensário do Arquivo Nacional*, Ano 7, V. II, julho de 1976. Ainda não sabemos se a reforma foi feita durante a sua fase como diretor e se traçou os planos da reforma.

Bethencourt da Silva, “atravessou todo o século XIX brasileiro com figura simbólica das aspirações e dos sentimentos do seu tempo” (Costa Filho, 1973, p. 11). De membro de família humilde à Comendador, foi fiel ao Império de D. Pedro II devendo a esta grande parte da sua fortuna arquitetural. Foi simpatizante dos movimentos abolicionistas e dos liberais da república, recebeu constantes visitas de Campos Salles e Rodrigo Alves no início do século 20 (*Ibidem*, p. 8). Sempre cauteloso com suas ideias a respeito da classe menos favorecida, lutou pela educação democrática por meio da arte e pela moralidade. Procurou caminhos de resolver um dos grandes problemas que já começavam a se acentuar na capital carioca, a desigualdade social, causadas pela falta de educação e de trabalho para os menos favorecidos.

No início do século 20 procurou reviver a revista *O Brasil Artístico - Nova Phase*, procurando ainda destacar as artes e a arquitetura nacional. A revista foi publicada depois de seu falecimento com uma edição, conteúdo reedição dos artigos de 1857 e mais outros artigos novos sobre artes, exposições, instrução pública e o Liceu, entre os quais colaboraram: o próprio Bethencourt, Morales de Los Rios, Araújo Viana, Ludovico Berna, B. Ribeiro de Freitas etc.

Morre em 1911 aos 81 anos. Conseguiu alcançar vários edifícios sendo inaugurados na Av. central, menos o seu que só ficou pronto em 1916. Bethencourt possivelmente pôde assistir a tão famosa Exposição Nacional de Arquitetura de 1908 no Rio de Janeiro, onde viu de perto e com grande mudança, a cultura arquitetônica carioca se adaptando aos novos empreendimentos e aos novos modelos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2008.

BETHENCOURT DA SILVA. *Revista O Brasil Ilustrado*. Publicação Literária. 1855-1856.

BETHENCOURT DA SILVA. *Explicação do modo porque procedeu no arbitramento das águas do rio S. Pedro*. Rio de Janeiro: Typografia Hildebrant, 1881.

- BETHENCOURT DA SILVA. *Vulgaridade da arte*. Rio de Janeiro: Typ., 1884.
- BETHENCOURT DA SILVA. O Brasil Artístico. In: *Revista da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro*. Nova Phase. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1911.
- BIELINSKI, Alba Carneiro. *Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, dos pressupostos aos reflexos de sua criação*: de 1856 a 1900. Dissertação de Mestrado. PPGAV. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- AMADO, Janaína. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BURK. Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: UFRJ, Reliume-Dumará, 1996.
- FERREIRA, Felix. *Bethencourt da Silva*: Perfil Artístico. Rio de Janeiro: Typ. Academica, 1875.
- FERREIRA, Felix. *Bellas Artes*: estudos e apreciações. Rio de Janeiro: Typ. Academica, 1885.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- Mensário do Arquivo Nacional. Biografia de Bethencourt da Silva. Rio de Janeiro, V.7, nº.7, p. 40-43, julho de 1976
- PICON, Antonie. Racionalidade técnica e utopia: a Gênese da Haussmanização. In: SALGUEIRO, Heliana Angoti (Org). *Cidades Capitais do Século XIX*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. *Arquitetos do Brasil Imperial: A obra arquitetônica dos primeiros alunos da Academia Imperial de Belas Artes*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.
- SOBRAL FILHA, Doralice Duque. *Bethencourt da Silva e a cultura arquitetônica do Rio de Janeiro no século XIX*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Proarq-UFRJ, 2015.
- TEIXEIRA. Mucio. *Dispersas e Bosquejos artísticos*. Biografia de Bethencourt da Silva. Rio de Janeiro: Typ. Papelaria Ribeiro, 1901.
- TELLES, Pedro da Silva. *História da Engenharia no Brasil (séculos XVI a XIX)*. Rio de Janeiro, Clavero, 1994
- UZEDA. Helena Cunha de. *O ensino de arquitetura no contexto da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro: 1846-1889*. Rio de Janeiro: PPGAV-UFRJ, 2000.
- UZEDA. Helena Cunha de. *Ensino Acadêmico e Modernidade – O curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes (1890-1930)*. Tese de Doutorado. PPGAV. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

**AMBIÊNCIA E
MEMÓRIA NA
TRANSFORMAÇÃO
DOS ESTÁDIOS DE
FUTEBOL:
IMPACTOS
ESPACIAIS,
SIMBÓLICOS E
SOCIAIS**

NATÁLIA RODRIGUES DE MELO

Minha tese de doutorado nasceu da inquietação sobre como grandes reformas em estádios de futebol alteram não apenas a paisagem urbana, mas também a forma como esses espaços são vividos e [re]significados por seus frequentadores. No contexto da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, diversos estádios foram reconstruídos ou profundamente reformados, seguindo padrões internacionais – sobretudo as normas da Federação Internacional de Futebol, FIFA – e lógicas mercadológicas que foram sendo impostas ao futebol ao longo do tempo. Essas intervenções, embora justificadas por discursos de modernização, segurança e legado, suscitaram profundas transformações na experiência do torcer, nas dinâmicas territoriais e na memória associada a esses espaços.

No Brasil, o futebol é o esporte mais popular entre seus habitantes. Por essa razão, ele pode ser analisado pelas suas práticas sociais e culturais, principalmente manifestadas durante as partidas, incluindo seus suportes espaciais, como os estádios.

A importância atribuída a esse esporte, as práticas de torcidas, as lendas, as superstições, a frequência de idas ao estádio são fatos que possibilitam a compreensão da visão de mundo e dos valores dessa sociedade. Nesse sentido, o estádio de futebol emerge como uma forma concreta e organizadora que sustenta o significado desse esporte na vida de cada entusiasta. Esse espaço é, portanto, um lugar de experiências

realizadas valorizando os elementos físicos do lugar, as relações estabelecidas com o outro e todos os elementos sensíveis que dele fazem parte.

Realizada junto ao Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura, LASC-PROARQ, sob orientação da professora Cristiane Duarte e coorientação da professora Paula Uglione, a pesquisa analisou o estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, reformado para a Copa do Mundo de 2014, e buscou compreender as transformações nele ocorridas a partir de um olhar interdisciplinar, ancorado principalmente nos conceitos de **ambiência e memória**. Mais do que investigar alterações físicas, interessava-nos identificar e categorizar como a reformulação de um estádio pode reconfigurar relações afetivas, usos em dias de partidas e até o próprio perfil de público.

Em 2020, a tese foi laureada durante o concurso do Prêmio Brasil de Teses e Dissertações Sobre Futebol e Direitos do Torcedor do Ministério da Cidadania - Secretaria Especial do Esporte. Atualmente, as pesquisas que foram desdobradas da tese, buscam aperfeiçoar e adaptar a metodologia utilizada e torná-la reproduzível em uma análise sobre os impactos das reformas de estádios de futebol no território francês.

MATRIZ CONCEITUAL E METODOLÓGICA

A matriz conceitual da pesquisa combinou referências da arquitetura, sociologia urbana, antropologia, geografia humana e estudos sobre o esporte. A *ambiência* foi o principal conceito utilizado, sendo central para interpretar mudanças nas experiências dos torcedores. Aliado a *ambiência*, o conceito de *memória* também permitiu compreender como a história e as vivências passadas são importantes nas novas configurações espaciais dos estádios reformados.

A *ambiência*, segundo Thibaud (2004), precede e determina os modos de ação e integração de todos os elementos do espaço em conjunto com as relações

humanas. Tudo o que está contido em um dado ambiente é cercado ou rodeado por essa “atmosfera moral e material”. Ainda de acordo com o autor, a ambiência só pode ser compreendida por meio da corporificação no espaço e é por meio experiência, do envolvimento/movimento do corpo com o meio, que o ambiente será (re)conhecido. Havendo uma conexão com a atmosfera do lugar, o usuário a analisará segundo seus aspectos emocionais e afetivos, tornando-a passível de ser arquivada na memória.

A partida de futebol, que acontece esporadicamente, é o evento no qual a ambiência de um estádio emerge. É no espaço-tempo de uma partida, que o corpo/torcedor – com suas paixões e afetações pelo futebol – se movimenta e se envolve, com outros torcedores, e com as materialidades do lugar. Neste encontro, a ambiência do estádio (re)surge, movimentando e envolvendo, a seu turno, sensações e símbolos, os quais (re)afetam os sujeitos e as coisas locais, deixando marcas mnemônicas neste corpus atmosférico da partida. Por isto, cada nova partida, que é sempre única e diferente de qualquer outra, é uma experiência de reencontro, ainda que o time tenha mudado, ou o público não seja mais o mesmo, ou porque as materialidades do lugar tenham sido alteradas. É a ritualística do futebol, e todos os aspectos subjetivos e culturais que ele pressupõe e que ele engendra, que impregna na memória e se perpetua nos atores e nos palcos futebolísticos.

A memória não é um ato simples de evocar recordações, mas ela é um processo complexo de significações, que envolve lembranças e esquecimentos, e no qual participam a fantasia e o desejo. Este processo é fundamental na construção e atribuição de sentidos e de valores aos lugares, e ele é forçosamente ativado nas exigências de novas significações de um lugar.

Como o estádio de futebol é dotado de semiótica e admite um conjunto de relações sociais que corroboram para o processo de apropriação e ressignificação enquanto

território (Mascarenhas, 2005), a memória é continuamente acionada ao mesmo tempo que construída e atribuída de novos significados. Os estádios fornecem o subsídio necessário para a apropriação simbólica e concreta necessárias para a territorialização. Segundo a teoria de Lefebvre (2006), essa territorialização se pauta na oposição dominação (política) e apropriação (simbólica). A territorialidade é, segundo Raffestin (1993), o conjunto de relações que se originam na sociedade, no espaço e no tempo e está atrelada ao processo de “atração-repulsão” que define e cria as condições de “raízes”. Porém, para se territorializar determinado espaço não basta somente se apropriar dele, mas ser aceito como parte daquele território, isto é, ser “eleito” pelos representantes.

Ao ser (re)apropriado e/ou (re)territorializado após uma ruptura, e, conseqüentemente voltar a gostar, a cuidar, a sentir-se bem (Tuan, 1983), o estádio vislumbra novamente a identidade torcedora ancorada nesse lugar, por meio da “paixão” pelo futebol, enquanto processos subjetivos complementares um do outro. Ambos dependem dos significados que se constrói e se atribui, individual e coletivamente, a este todo que é o futebol, do qual a atmosfera das partidas é um elemento crucial, quiçá, primordial. No Brasil, uma vasta gama de testemunhos, sejam literários, musicais, ou outros, dão provas da força com que uma partida de futebol no Maracanã vive na memória e na cultura popular deste país.

Historicamente, as sociedades convivem com vontades mais ou menos fortes e atuantes de apagamento de traços que formam os tecidos e as redes identitárias dos grupos humanos. Para Nora (1981), os lugares de memória existiriam nas mais diversas culturas, como um modo de compensar a perda dos “meios” de memória que atingem essas culturas. Na análise de Montaner e Muxi (2014), no contemporâneo presencia-se uma forte tendência de conceber e intervir nas cidades, desconsiderando-se

redes sociais e comunitárias. Acreditamos que se trata de concepções e intervenções que são, muitas delas, apoiadas em noções simplistas e simplificadoras, sobre desenvolvimento, tradição, cultura, social e outros, e que encobrem (tais noções), em muitos casos, lógicas e interesses econômicos, mercadológicos, políticos, e que acabam por justificar o desmanche de práticas, símbolos e lugares importantes e “vivos” nas identidades e identificações de indivíduos e de coletivos. Desmanches que rompem linhas e amarras que montam as histórias dos grupos e de suas culturas, e que têm efeitos mais ou menos intensos, e até mesmo sofríveis. No entanto, também devemos lembrar que as transformações nos cenários da vida não estão necessariamente e simplesmente atreladas a concepções e intervenções mal planejadas ou mal-intencionadas de rompimentos com as tradições e o passado. Afinal, as fissuras e rupturas são inerentes à vida.

Porém, essas rupturas, quando mal elaboradas, podem causar traumas. Na tradição filosófica da psicanálise, os traumas são efeitos no psiquismo, de uma “parada” no processo de significação, que decorreria de algo que é vivenciado como “excedente”, ou “fora” do conjunto dos significados que dão sentido à vida de uma pessoa. Os traumas humanos são decorrência de rupturas, frente aos quais o psiquismo é convocado a construir e ou (re)montar significados; e a memória é o mecanismo psicológico pelo qual estes novos significados serão (ou não) construídos e rearranjados no psiquismo. Mecanismo que Derrida (2001) chama de “máquina de escritura”, em suas teorizações acerca desta concepção freudiana de memória. Neste sentido, estamos chamamos de traumas urbanos (Duarte *et al.*, 2012) os efeitos de rupturas nas pedras das cidades (Halbwachs, 1990) que montam os sentidos e as histórias dos lugares.

A Reforma do Maracanã, assim, foi tomada como um trauma na história de muitos torcedores, e na história da cultura brasileira. Uma ruptura traumática, que tem ativado e exigido esforços de simbolizações e rearranjos.

ARQUIVO MARACANÃ

Em 16 de junho de 1950 o estádio Maracanã foi inaugurado. Ele foi construído para a Copa do Mundo do mesmo ano e para ser o maior palco futebolístico do mundo. Constantemente utilizado, o Maracanã passou por um processo de ocupação e territorialização das torcidas até meados da década de 1980. A partir deste período, segundo Buarque de Hollanda (2016), as torcidas mais fanáticas, principalmente as torcidas organizadas, passaram por um processo de criminalização. Dados episódios de violência, essas torcidas foram sendo ceifadas e/ou controladas dentro do estádio. De acordo com o autor, essas mudanças foram, a princípio, importantes para garantir maior segurança aos frequentadores, porém, essa forma de atuação foi uma justificativa para as reformas do Maracanã a partir do final dos anos 1990 (Il. 1).



Il. 1: Maracanã, 1950. Fotografia, 17,3 x 9,7 cm, Rio de Janeiro. Wikimedia Commons (*Public Domain*).

Reconhecido como patrimônio histórico desde os anos 2000, qualquer reforma realizada no Maracanã deveria respeitar o projeto original do imóvel e o valor cultural atrelado à ocupação das torcidas (Girão, 2013). Porém, logo em seguida aconteceram três reformas: 1) para o Mundial de Clubes da FIFA, em 2000; 2) para os Jogos Pan-Americanos de 2007; 3) e para sediar a Copa do Mundo de 2014. Sem atender as exigências de preservação física e cultural, a última reforma demoliu a parte interna do Maracanã e a marquise, mantendo somente a fachada. Além disso, o estádio sofreu um processo de hipersetorização que, segundo Ferreira (2017) consiste em normas de confinamento de torcedores dentro de setores específicos e delimitados pelo valor do ingresso. O novo Maracanã hoje possui setores sul, norte, leste e oeste, que são igualmente subdivididos em níveis superior, inferior, camarotes, cadeiras cativas e Maracanã+, influenciando diretamente na variação dos valores dos ingressos (Il. 2).

Buscando analisar os impactos da última reforma no Maracanã, realizamos uma investigação qualitativa e empírica articulada em três frentes principais:

1. Análise documental e iconográfica – levantamento de projetos arquitetônicos, imagens e registros históricos dos estádios antes e depois das reformas;
2. Trabalho de campo etnotopográfico¹ – observação direta de jogos, registro de dinâmicas espaciais e comportamentais;
3. Entrevistas semiestruturadas com torcedores.

¹ A análise etnotopográfica, criada pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura, LASC, visa investigar a configuração dos atributos do espaço, a fim de compreendê-lo enquanto materialização das culturas, das subjetividades e dos projetos de vida (Duarte *et. al.*, 2007). Diferente da etnografia, a etnotopografia concentra-se num grupo sociocultural em um determinado lugar, com base e suporte no espaço em si, e utiliza gráficos visuais para a interpretação dos elementos colhidos.



Il. 2: Evandro Ferreira Cardoso, Maracanã pós-reforma para Copa do Mundo de 2014, 2014. Fotografia, 26,9 × 7,2 cm, Rio de Janeiro. *Creative Commons 4.0 International license*.

Essa abordagem possibilitou cruzar dimensões materiais, simbólicas e afetivas, criando um quadro de relatos mais completo dos impactos das reformas. Esse quadro surgiu como inspiração na ferramenta do “Arquivo Mnemônico do Lugar”, igualmente criada pelo LASC a partir dos estudos de Uglione (2008). Ela trata da condição inexata da memória dos lugares, vislumbrando que todo lugar é “inventado” e construído pela força significadora da subjetividade. A ferramenta utiliza de relatos (re)escritos pelo pesquisador/ouvinte sobre lugares específicos da cidade, a partir de relatos orais de narradores. Percorrendo as metáforas presentes nesses depoimentos, as ambiências suscitadas através das lembranças fazem surgir os valores e significados dos lugares da cidade (Uglione, 2008).

Usamos a técnica do agrupamento de relatos em um quadro único e, assim como no Arquivo Mnemônico do Lugar, buscamos identificar as ideias e metáforas mais significantes que emergiram do texto. Foi criado o *Arquivo Maracanã* no qual captamos fragmentos e traços por meio das metáforas presentes nos depoimentos dos torcedores.



As ideias repetidas nos permitiram eleger metáforas que apontaram para a relação dos torcedores com o Maracanã. Posteriormente, criamos os extratos metafóricos com base nas metáforas e fragmentos a elas relacionados. As descrições e análises foram desenvolvidas com base nessas metáforas e nas anotações originadas com as observações de campo. Os referidos extratos foram essenciais na busca por respostas sobre os significados atribuídos pelos frequentadores ao Maracanã novo e antigo. Os extratos metafóricos atribuídos pelos entrevistados ao Maracanã, são: **Campo de Batalha, Lugar Mágico, Colosso, Teatro de Sonhos e Emoções e Engomadinho** (Il. 3).

o território. Um exemplo de microambiência constantemente observada é formada pelas torcidas organizadas. Os membros desses grupos foram forçados pelos gestores do estádio a estabelecerem suas trincheiras mais ao centro dos setores norte e sul, no nível superior, mas espontaneamente foram expandindo seus territórios para as laterais e para o nível inferior desses mesmos setores, criando uma borda com cânticos (e hinos não-oficiais), bandeiras e camisetas com as cores do time e símbolos próprios à cada organizada. Outra microambiência característica do Maracanã é a formada pelos “pós-geraldinos”, ou seja, os saudosistas da Geral, conhecido espaço próximo ao campo para poder torcer de pé e que foi extinto na reforma de 2007. Eles formam bordas ao se debruçarem nas divisórias com o gramado, ora xingando os jogadores ora vibrando com a partida, reforçando assim seu o território.

As microambiências nos levam à compreensão da dominação do território com parte do direito adquirido no **Campo de Batalha**. Não existe mais a “livre territorialização” cunhada pela livre circulação do passado e atualmente dificultada pela hipersetorização, mas as porções predeterminadas, foram e vão sendo aos poucos modificadas pela “luta” dos torcedores. Em dias de partida, as torcidas podem transformar o estádio em um campo de forças e, em consequência, se apropriam desse território que, segundo Haesbaert (2011), se dá muitas vezes por identificação, mas também por combinação de controles, funções e simbolizações.

O extrato metafórico do **Lugar Mágico** representa a transcendência do Maracanã. Nele traduzimos a ascendência da ambiência embebida no encantamento que o gigante do futebol produz em seus torcedores. Captamos esse extrato metafórico das narrativas que descrevem o Maracanã como dotado de uma magia, envolto em ritos, portador de aura e alma. Esse templo do futebol lançou os moldes do torcer em massa, “inventou” ídolos, formas inusitadas de encorajar

as equipes, competições... Ele abriga memórias de finais improváveis e fantasmas de grandes derrotas. Ele possibilitou a criação de uma identidade torcedora e dirimiu diferenças. Por isso o Maracanã é um **Lugar Mágico**.

Um dos exemplos da magia do Maracanã é quando ídolos ou mesmo os grandes jogos decisivos são lembrados, denotando que aquele lugar foi o palco de algo memorável. Porém, o estádio não perdeu sua magia quando é lembrado também por ter sido lócus de derrotas. Esses fragmentos são acionados para que os torcedores, usando de sua memória, possam achar seu lugar e sentirem pertencentes de novo ao Maracanã. Segundo Tuan (1983), a construção de mitos não é uma coisa do passado e sim um conhecimento que temos como indivíduos e como membros de uma determinada sociedade. Os ídolos, enquanto mitos, deixam marcas importantes na memória do torcedor e possuem uma aderência com o lugar.

No extrato do **Lugar Mágico**, podemos destacar que a reverberação das falas dos entrevistados nos mostra que o antigo estádio não deveria ter sofrido tantas alterações, mas ao mesmo tempo eles pontuaram que a mística do estádio de outrora e os rituais que são engendrados no lugar são salutares para a sua continuidade enquanto donatário de um espírito. Como assevera DaMatta (1983), o ritual da festa, da ordem dos cânticos e da marcha modifica a dinâmica do ambiente e todo esse processo importa em sua resignificação.

Para muitos, o Maracanã ainda é o maior estádio do mundo. Embora sua capacidade máxima tenha sido reduzida na última reforma para cerca de 79 mil torcedores, em oposição aos 200.000 torcedores do passado, ele ainda é gigante em sua potencialidade, em seu eco e representatividade para o futebol e para a arquitetura mundial. Ele é um ícone e um monumento. E muitas pessoas pensam dessa forma, pois a ideia do extrato metafórico **Colosso** surgiu com muita força em algumas narrativas dos torcedores.

Contudo, essa dimensão da grandiosidade do Maracanã é pautada sobretudo pelo campo simbólico, pelas marcas deixadas no tempo. Além disso, a grandiosidade do estádio se altera com a ambiência de cada partida, nos diferentes jogos, uma vez que ela não está representada somente pelo tamanho físico, mas principalmente pela circulação dos elementos sensíveis. Logo, a ambiência de uma grande final de campeonato muda completamente a grandeza do estádio para aquela de jogos convencionais, pois a atmosfera criada possui mais som, mais cor, mais calor e mais movimento... Ou seja, todas as sensações se misturam à expectativa do torcedor e se modificam com a dinâmica do jogo mais decisivo.

A memória também é peça chave na descrição do **Colosso** do Maracanã, porque outrora o estádio comportou um público muito maior que o público atual, era considerado o estádio das grandes massas, além de ter sido palco de jogos grandiosos e emblemáticos. Assim, o discurso do tamanho físico do Maracanã do passado traz à sua dimensão simbólica de hoje e sua grande importância para o esporte e para a sociedade de uma forma geral. É no arquivo da memória que a imensidão do estádio é acionada.

O extrato metafórico **Teatro de Sonhos e Emoções** sintetiza as encenações que se desenrolam no estádio durante uma partida de futebol, das quais os torcedores são espectadores ao mesmo tempo que participantes do que se passa no palco futebolístico. Esse extrato foca sobretudo às representações que envolvem um jogo de futebol e todo o ritual desenvolvido por essas atuações.

Podemos falar que em dias de partida, a teatralização do **Teatro de Sonhos e Emoções** do Maracanã começa com os rituais de preparação e se estendem ao entorno, antes do início de cada disputa. Por exemplo, nos bares do entorno os torcedores são observados devidamente trajados com o uniforme de sua equipe e eles aproveitam para beber, conversar e cantar. Aqueles que circulam com seus uniformes

evitam passar próximo ao portão do adversário ou por respeito ou para não serem hostilizados. Há sempre muitos vendedores de comidas, bebidas, souvenirs e até mesmo torcedores fantasiados com as cores das equipes, cumprindo o papel de animadores do pré-jogo. Embora o que se preveja é uma grande batalha, o ritual que a antecede é bastante festivo, efusivo, com pitadas de tensão, mas, acima de tudo, é muito representativo.

Outros ritos dentro do **Teatro** do jogo também formam as ondas que cortam as microambiências: como os gritos e os insultos em momentos oportunos do jogo (faltas, final do primeiro tempo, final da partida, chamar atenção de algum jogador etc.); a participação mais ativa do torcedor no segundo tempo de cada partida; a vaia para a torcida adversária; a tensão quando um jogador vai bater um pênalti. Isto é, a ritualização de momentos específicos, rompem as franjas, somam o todo, mas como em uma ópera teatralizada: há o momento de ouvirmos um grupo menor e há o momento de ouvirmos todos tocando juntos.

O **Teatro de Sonhos e Emoções** é o rompimento no cotidiano. Torcer é uma festa, as pessoas comuns se transvestem de torcedores, se transformam e se entregam de corpo e alma a essa festa que é a torcida pelo seu time. Na saída do Maracanã, os torcedores seguem para suas casas e a ambiência final se esvai aos poucos, enquanto seus resquícios ainda pairam sobre o estádio e sobre os torcedores até que nenhum deles seja mais visto.

Por fim, o extrato metafórico **Engomadinho** é o resumo da reverberação da angústia, da tristeza e da revolta com as reformas do Maracanã. A frase “não é mais o mesmo Maracanã” foi escutada muitas vezes e foi essa assertiva que instigou o problema da pesquisa: será que mesmo com as mudanças o estádio consegue ser ressignificado?

Uma das primeiras angústias que elencamos nas narrativas sobre o **Engomadinho** refere-se ao encolhimento do estádio. Para alguns, o Maracanã continua sendo o

gigante. Porém, para outros ele foi maior em outra época, pois a sua grandeza estava associada ao seu caráter mais acolhedor e popular. Pelo fato de não ter sido consultado sobre as alterações que foram feitas no Maracanã, o torcedor sente-se marginalizado e ainda mais resistente às mudanças, ampliando a sensação de diminuição do lugar. Deparamo-nos com as mudanças surgindo enquanto necessidades contemporâneas e visando a modernização, porém elas vão contra certos desejos de continuidade de outra parcela que acredita que outrora “era melhor”. Da mudança dessa dinâmica restou um trauma.

A vigilância do estádio foi outra angústia reverberada no **Engomadinho**. O torcedor se sente tolhido e vigiado pelo que ele considera um excesso de segurança. A ambiência do estádio, formada por cânticos, cores, movimentos corporais de encorajamento ou de tensão, é cruzada pelo controle da vigilância que denota um caráter menos espontâneo à partida. Mas os torcedores são “transgressores” e aos poucos vão se apossando do que por direito é seu: o direito de encorajar sua equipe. Eles já não obedecem mais a numeração das cadeiras, usam espaços vazios como arquibancadas improvisadas (escadas, locais com cadeiras quebradas, divisórias de setores, rampas), levantam-se, pulam e buscam romper com toda ordem de controle. Segundo Roux (2014), as vítimas simbólicas da mudança de paradigma desses equipamentos, os “lugares de pé” são combatidos energeticamente pelos novos designers de estádios. Mesmo quando existe os “lugares de pé”, eles estão ali para recriar uma atmosfera propícia à comercialização do evento, que não denigra a imagem da marca e da mídia em questão.

A memória do torcedor relatada no **Engomadinho** revela, em muitos casos, uma experiência de des-pertencimento, e que, por conseguinte, gerou um trauma. Heidegger (1967) lembra que a dinâmica entre pertencimento e des-pertencimento está ligada à busca de sentido da existência, sempre a partir de uma perda. Nessa linha, Vaz

(2015) define o des-pertencimento como algo que ocorre “em lugares em que se pode chegar, mas, de fato, não constitui o habitar” (p. 284), isto é, quando o torcedor deixa de se reconhecer como parte atuante do Maracanã. Os relatos do **Engomadinho** sugerem que essas mudanças exigem tempo até que seja possível uma nova forma de aceitação, capaz de gerar atração e re-enraizamento. Em certos casos, contudo, essa ressignificação não acontece: o estádio, reformado e transformado, passa a ser objeto de repulsa (Raffestin, 1993).

DEVOLUTIVAS OBTIDAS E GANHOS ALCANÇADOS

Os resultados da tese foram compartilhados em diferentes frentes:

- No campo acadêmico, por meio da publicação de artigos, comunicações em congressos, participação em mesas temáticas e um convite da plataforma *Ludopédio*² para ser colunista;
- Na sociedade civil, em conjunto com outras reflexões sobre as demandas da Copa do Mundo de 2014, via reflexões sobre as reformas dos estádios e o impacto dessas obras para os usuários e comunidades do entorno.
- Junto a profissionais e gestores, sobretudo a partir de discussões sobre estratégias para integrar modernização e preservação de identidade.

Essas devolutivas são importantes para o diálogo entre grupos que são partes interessadas e afetadas pela transformação da cidade e, mais especificamente pelas transformações dos equipamentos esportivos: arquitetos, urbanistas, clubes, gestores, torcedores e autoridades locais. Vislumbra-se o uso dos resultados da pesquisa tanto para a preservação dos bens físicos, quanto para o planejamento de novos projetos.

² Ludopédio é uma plataforma de divulgação científica e reflexões críticas a partir do futebol. Endereço eletrônico: <https://ludopedio.org.br/>

Por consequência, a pesquisa trouxe ganhos de ordem:

- Acadêmica, contribuindo para consolidar a aplicação do conceito de ambiência nos estudos sobre o esporte, articulando-o à memória, ao trauma e à análise territorial;
- Profissional, ampliando minha capacidade de realizar pesquisas interdisciplinares e aplicar métodos qualitativos em contextos urbanos complexos;
- Pessoal, fortalecendo minha escuta, sensibilidade e habilidade para mediar perspectivas distintas, algo essencial quando se trabalha com temas carregados de afetos e disputas simbólicas.

HORIZONTES ABERTOS PELA PESQUISA E DIREÇÕES FUTURAS

Durante o percurso investigativo, a pesquisa revelou que o debate sobre reformas de estádios ultrapassa o campo esportivo, mobilizando questões de direito à cidade, uso do espaço público e socioeconomia urbana. Constatou-se, por exemplo, que a ambiência anterior – mais permeável, popular e ruidosa – foi substituída, em muitos casos, por ambientes mais caros, controlados, segmentados e silenciosos, marcados pela presença de consumidores ocasionais e menor protagonismo das torcidas organizadas. Esse deslocamento abriu novas questões de pesquisa:

- Como a reconfiguração de um equipamento esportivo altera a vitalidade de seu entorno imediato?
- De que forma a gestão do espaço influencia a manutenção ou o apagamento de memórias coletivas?
- É possível criar modelos de reforma que preservem elementos da ambiência tradicional e, ao mesmo tempo, atendam a demandas de modernização?

A partir dessas perguntas, os desdobramentos da pesquisa passaram a incluir uma análise mais ampla sobre os impactos das reformas tanto nos usuários excluídos pela lógica mercadológica que sustenta a gestão dos estádios quanto na população residente no entorno imediato. Essa abordagem vem sendo atualmente desenvolvida no contexto francês, no âmbito de minha atuação como professora-pesquisadora da *Université Bourgogne Europe*, no curso de Educação Física, especialização em Gestão do Esporte.

O objetivo central é aperfeiçoar e adaptar a metodologia construída na tese, tornando-a reproduzível para analisar os impactos das reformas de estádios de futebol no território francês. Através dessa metodologia, pretendemos, assim identificar, mapear e categorizar os efeitos dessas transformações sobre:

- a ambiência, a memória e o pertencimento dos torcedores e demais usuários;
- os usos e as dinâmicas locais do entorno imediato;
- as estratégias de valorização espacial ligadas ao marketing territorial.

Trata-se, portanto, de investigar como reformas orientadas por uma lógica mercadológica – muitas vezes impulsionadas por megaeventos esportivos – modificam as relações afetivas e sensíveis com os estádios, bem como as dinâmicas sociais e espaciais de seus entornos. Três conceitos centrais estruturam a pesquisa: além da *ambiência* e da *memória*, incluímos o conceito de *marketing territorial*. Este último é entendido como “um processo iterativo e conduzido de transformação acelerada do território visando aumentar a promoção de regiões geográficas e torná-las atrativas para investidores, turistas e residentes” (Chamard; Schlenker, 2017, p. 45).

Como resultados, buscamos:

1. elaborar uma tipologia detalhada dos impactos das reformas sobre a ambiência, o território e os espaços sociais das comunidades locais;
2. desenvolver um protocolo metodológico reprodutível, aplicável em diferentes contextos;
3. produzir dados geográficos e comportamentais representados em cartografias dinâmicas.

Os estádios desempenham um papel importante na evolução e na identidade de determinadas comunidades, podendo mesmo ser considerados, como sugere Bromberger (1995), “um mapa reduzido da cidade”. Esta pesquisa é uma tentativa de inserção de um projeto mais amplos dentro das políticas públicas esportivas e das políticas de planejamento do esporte na França. De caráter interdisciplinar, ela também abre perspectivas para parcerias internacionais, contribuindo para a gestão e o ordenamento de diferentes territórios, oferecendo ferramentas para gestores, arquitetos e comunidades compreenderem melhor as dinâmicas organizacionais do esporte e tomarem decisões mais sensíveis às identidades locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida na tese, assim como seus desdobramentos, evidencia que a modernização de um estádio não se reduz apenas a uma intervenção arquitetônica, mas constitui um ato capaz de reconfigurar memórias, práticas sociais e paisagens urbanas. Ao articular os conceitos de ambiência e memória – e, mais recentemente, o de *marketing territorial* – busca-se contribuir para um debate mais amplo sobre a preservação de identidades e a construção de espaços esportivos que sejam, ao mesmo tempo, funcionais, economicamente viáveis e culturalmente enraizados.

No caso do Maracanã, observamos que a ambiência sofreu rupturas significativas, tanto pela transformação física

do estádio, quanto pela exclusão de públicos populares e pela alteração dos modos de torcer. Doze anos após sua reinauguração em 2013, os torcedores vêm recuperando esse espaço de maneira lenta e parcial, em um processo que foi realizado sem eles – ou mesmo contra eles – sem levar em conta todo o processo de pertencimento estabelecido ao longo do tempo, nem mesmo marcas originais do ambiente físico. Nesse contexto, os clubes residentes, que dependem de uma relação autêntica e efusiva com suas torcidas, não têm nada a ganhar apostando no esquecimento gradual que, como lembra Ricoeur (2000, p. 536), remete inevitavelmente à memória e à fidelidade ao passado. Pelo contrário, seria de seu interesse incentivar processos de co-construção da ambiência, ainda que isso não corresponda integralmente à lógica mercadológica de uma “experiência ideal” para o cliente.

Essas reflexões não se restringem somente ao contexto brasileiro e, por essa razão, esse projeto se desdobra para outros estádios no mundo. Desde o Relatório Taylor, elaborado no início da década de 1990 em resposta à tragédia de Hillsborough – que vitimou 95 torcedores do Liverpool – o futebol mundial passou por uma profunda reformulação, sobretudo nos estádios. Embora o foco tenha sido a segurança e a organização, tais transformações também redefiniram as formas de torcer, privilegiando patrocinadores e direitos televisivos em detrimento do público popular. O resultado é a consolidação do futebol como mercadoria, centrada no consumo e na experiência do cliente, em lugar do engajamento coletivo e da paixão. Como bem aponta Huyssen (2004), ser moderno não implica romper todos os laços com o passado, dissolvendo redes de identidade. Não se trata de estagnar, mas tampouco de esgotar o que já existia, nem de romper os vínculos forjados no tempo.

REFERÊNCIAS

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980). *In: Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*. V. 5, nº.1, p. 367-404, 2016.

BROMBERGER, Christian. *Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: De la MSH, 1995.

CHAMARD, Camille et SCHLENKER, Lee. La place du marketing territorial dans le processus de transformation territoriale. *In: Gestion et management public*, V 6, nº 1(3), p. 41-57, 2017.

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Tradução: Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; UGLIONE, Paula; VILAÇA, Liz. Lieux Traumatiques: les récits urbains dans la [re]-construction collective de la signification des lieux. *In: THIBAUD, Jean-Paul; SIRET, Daniel. Ambiances in action – 2nd Congrès International sur les Ambiances. Actes...* France. Réseau International, 2012, p. 499-504.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; BRASILEIRO, Alice; SANTANA, Ethel Pinheiro; PAULA, Katia; VIEIRA, Monique; UGLIONE, Paula. O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. *In: DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; BRONSTEIN, Laís; AZEVEDO, Giselle. O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

FERREIRA, Fernando da Costa. *O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

GIRÃO, Claudia. Maracanã: destruir ou preservar. *In: Vitruvius*, Ano 12, fev. 2012.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990

HEIDEGGER, Martin. *Sobre humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967

HYUSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Paris: Anthropos, 2006

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. In: *Espaço e Cultura*: UERJ. Rio de Janeiro, n^o. 19-20, p. 61-70, 2005.

MELO, Natalia Rodrigues de. *O grande palco futebolístico*. ambiência e memória no estádio do Maracanã pós-reforma para a copa de 2014. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. *Arquitetura e política*: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Dili, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto história. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, 1981.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: África S. A, 1993.

RICOEUR, Paul. *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Le Seuil, 2000.

ROUX, Jean-Michel. L'ambiance des stades. In: *Dossier grands stades en quête d'urbanité*. *Urbanisme*, 393. France, 2014.

THIBAUD, Jean-Paul. O Ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas. In: Tassara, Eda Terezinha de Oliveira; Rabinovich, Elaine Pedreira; Guedes, Maria do Carmo (Eds.). *Psicologia e ambiente*. São Paulo: Edusc, 2004.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

UGLIONE, Paula. *A memória na cidade e a invenção do lugar*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

VAZ, Aline. Retorno migratório: globalização afetiva e despertencimento no Filme O Céu De Suely. In: *Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.*, Ponta Grossa, p.277-285, set./dez. 2015.

**PROJETAR COM
CONTROVÉRSIAS:
ARQUITETURA
COMO PRÁTICA
COSMOPOLÍTICA**

RODRIGO DAS NEVES COSTA

E escrever este texto é, para mim, uma tarefa difícil e, ao mesmo tempo, muito valiosa. Há pouco mais de seis anos eu defendi minha tese de doutorado, que tratou da prática projetual em edifícios de pesquisa biomédica (COSTA, 2019). Meu objetivo aqui não é reapresentar o trabalho desenvolvido na tese, e sim, descrever e refletir sobre o percurso que foi trilhado. É um exercício de revisitar a experiência, fazer uma espécie de retrospectiva para compartilhar com os leitores aquilo que foi importante. Por outro lado, de certa forma, olhar o passado permite pensar sobre o futuro, um exercício de amadurecer pensamentos e pensar novos passos. Ou seja, **é tanto um pensar sobre o que foi quanto sobre o que poderá ser.**

Fazer pesquisa tem sempre duas faces. Por um lado, se busca intervir no mundo, realizando alguma diferença. Esse é um efeito, até certo ponto, intencional e controlado, na medida em que é proposto pelo pesquisador. Mas, de forma diversa, uma outra ação também ocorre, pois a pesquisa também intervém no pesquisador. Acredito que ambos vão se moldando à medida que se desenrola o percurso. Os efeitos da pesquisa são, geralmente, mais visíveis pois geram produtos “concretos” com materialidade específica, cujo maior exemplo é a tese em si. Essa é a perspectiva mais comum, mas não é esse o interesse deste ensaio. Aqui o foco será outro, pois escolhi tratar dos **efeitos do pesquisar sobre o pesquisador**, a partir da minha experiência na pesquisa de tese.

Para pesquisar, ou para fazer diferente, é preciso questionar. São as perguntas, mais do que as respostas, que têm a capacidade de impulsionar mudanças. E é difícil, desafiador e incômodo pensar (diferente), pois isso resulta de um choque, um impacto com algo capaz de mobilizar. É a partir do estranhamento do encontro com o outro que surge um pensamento (Moraes, 2010). A rotina não oferece isso, é uma questão de se aventurar, ou se arriscar, como um desvio do conforto de uma rota conhecida. É preciso ser desviado, desestabilizado, motivado por algum encontro. É aí que surgem as perguntas. É a partir desse fio condutor que construo esse texto, com a intenção de expor quais foram **os encontros que me causaram estranheza durante a pesquisa, quais foram as questões que me moveram e como me afetaram**. E, paralelamente, coloco como minha visão da arquitetura e do projeto foram sendo modificadas.

Há duas questões importantes nesta escolha. A primeira diz respeito à **visibilidade**. Ao longo da trajetória, colecionei experiências e inquietações que, em parte, são apresentadas aqui. Assim, esta apresentação se concentra em tornar visíveis conexões deste estudo com tais experiências, alinhando-se à questão política que foi praticada durante a própria pesquisa, no sentido de reconhecer a intervenção, situar o conhecimento e reconhecer a capacidade de ação dos diversos atores envolvidos no processo. Por outro lado, peço licença para **ampliar o recorte**, considerando que a trajetória começou um pouco antes da tese em si, pois o doutorado é uma parte desse processo.

O INÍCIO

O primeiro encontro transformador ocorreu durante o Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante o esforço que é cursar uma graduação, com estudo contínuo e diversificado, sobressaiu para mim a **prática de projeto**. Essa era uma força capaz de me mobilizar. O encontro com o projetar me fazia pensar

sobre como funcionava (ou poderia funcionar) o projeto enquanto ferramenta profissional de arquitetura. Em outras palavras, me interessava saber o que seria um bom projeto a partir daquilo que se considerava a boa técnica.

Naquele momento, meu foco estava no desenvolvimento do produto. A preocupação era entender como se faz um bom projeto. As questões importantes estavam relacionadas às **técnicas em si** – métodos de programação, concepção e desenvolvimento de projeto e suas formas de representação – e à **incorporação de requisitos** relacionados à sustentabilidade, inclusão, racionalidade, dentre outros. Posso dizer que prevalecia o entendimento do produto enquanto algo que é decorrente de um processo bem conduzido, com certo grau de autonomia e independência. Ou seja, tratava-se de compreender bem o que os outros precisam para incorporar adequadamente tais necessidades no projeto.

Essa visão se alinhava à minha experiência na época. A prática, tanto na faculdade quanto nos primeiros estágios em arquitetura, contribuiu no sentido de **aprofundar o exercício das técnicas em si mesmas**. Tive muitas experiências que foram úteis para melhorar a técnica relacionadas às diversas etapas dos projetos, como viabilidade técnica e legal, o programa de necessidades, a conceituação, o partido arquitetônico, a organização espacial e o detalhamento das soluções. Essas foram inquietações que me levaram a aprofundar a prática de projeto, com foco na melhoria do produto.

Se eu fosse colocar meu entendimento na época em forma de pergunta seria algo do tipo: o que confere ao projeto qualidade arquitetônica? Como a arquitetura e o projeto podem atender às necessidades dos usuários (entendidos de forma ampla) em termos de funcionalidade, utilidade, beleza e construção? E mais, o que deve ser considerado para elaborar um projeto? Ou ainda, sobre o processo, como deve ser o processo para desenvolver um bom projeto?

Quais são as técnicas necessárias? Como dito antes, essa visão traz **a arquitetura como algo capaz de alterar o mundo no sentido de oferecer o que ele precisa, como uma espécie de resposta**. Ou seja, arquitetura se coloca com um tipo de resposta ao que é solicitado. Não cabe aqui falar em certo ou errado, mas havia de minha parte certa ignorância em relação a compreender que mundo, ou melhor, que mundos são esses e como são considerados.

A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Com pouco contato com a pesquisa científica durante a graduação, meu percurso profissional começou em 2005 como sócio de um escritório de pequeno porte, concentrado em projetos arquitetônicos e sistemas complementares para a rede pública estadual de ensino. Frente às variações do mercado e à escassez de trabalhos, prestei concursos e ingressei na Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz. Esta mudança proporcionou uma rica imersão nos projetos de **laboratórios de pesquisa biomédica**, onde exerci múltiplas funções: desde a concepção e coordenação dos projetos até a fiscalização da execução e das obras.

Esse foi o segundo encontro. A convivência com os edifícios destinados à pesquisa biomédica me mobilizou ainda mais no sentido de compreender o funcionamento do projeto. Fiquei interessado em compreender melhor o que definia a pesquisa biomédica e suas necessidades. Compreendi melhor a pesquisa com manipulação patógenos; a importância de obter resultados e publicações melhores e mais rápidos; a cultura dos pesquisadores; o peso de um instituto de pesquisas; o controle de riscos de contaminação; dentre outras questões. Naquele momento, meu foco estava mais no processo em si, em vez do produto, eu estava interessado em **saber como conduzir um processo de projeto** com certa competência técnica.

O mestrado foi um efeito desse momento, com ênfase na gestão do processo de projeto (COSTA, 2011), sob

orientação da professora Mônica Salgado. Seu objetivo foi avaliar a compatibilidade entre requisitos físicos relacionados à biossegurança e princípios de qualidade ambiental, aplicáveis aos projetos de laboratórios de pesquisas biomédicas. Como resultado, percebi que os requisitos físicos relacionados ao conceito de biossegurança não impediam a incorporação dos outros associados à qualidade ambiental, apesar de interferências pontuais, tanto positivas como negativas. A pesquisa da dissertação permitiu, além de contato com a pesquisa científica, levantar uma pista importante. **Considerando que há compatibilidade – ao menos parcial – entre requisitos de diferentes naturezas, por que alguns por vezes não são incorporados ao projeto?** Por que não têm força para serem inseridos no projeto do edifício ou são menos privilegiados? Penso que aí começou uma mudança de foco.

Em paralelo ao mestrado, veio outro atravessamento que ajudou no desvio de rota. Encontrei-me com o projeto e a obra do **Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde**. Trata-se de um complexo voltado à transformação de achados científicos em produtos que possam ser utilizados como insumos de saúde. Durante a experiência, passei a vivenciar e enxergar o projeto como um objeto de disputas entre diversos atores, envolvendo interesses e alianças. O edifício era uma forma de alcançar, por exemplo, prestígio para os pesquisadores e financiamento para os institutos. Isso pode não parecer algo diferente, afinal, espera-se que um bom projeto seja capaz de contribuir com uma boa imagem do instituto de pesquisa. Porém, passei a estranhar a falta de conexão entre a arquitetura “praticada” e aquela “descrita nos manuais”.

Seguindo a linha de pensamento deste ensaio, a questão a ser colocada seria: por que ocorrem desvios no projeto? Ou ainda, como o projeto é manipulado para criar conexões e gerar efeitos desejados, tais como hierarquia e poder? O que faz alguns aspectos de sobressaírem sobre

os outros? Naquele momento, eu passei a uma visão **da arquitetura como uma negociação entre diferentes atores cujas forças influenciam o projeto de diferentes formas e com distintas intensidades**. Ou seja, arquitetura não seria uma resposta ao que é solicitado, mas uma forma de negociação e acomodação, revelando um caráter mais político do projeto. Foram essas questões que me levaram a buscar o doutorado.

DOUTORADO

O início do doutorado foi um misto de entusiasmo e desorientação. O encontro com outros **colegas e a variedade de abordagens e projetos de pesquisa traz uma energia muito grande, mas também faz questionar sobre os caminhos da própria pesquisa**. Qual seria a melhor forma de executar a pesquisa? O tema está adequado? Como definir exatamente o problema? O recorte não está amplo demais? Essas foram algumas das minhas preocupações naquele momento.

E acredito que é um movimento natural de se perder para depois se achar. Neste sentido, a disciplina de Avaliação Pós-Ocupação, ministrada pela professora e orientadora Giselle Azevedo me abriu novas possibilidades de experimentação e abordagem, principalmente em relação às ferramentas para pesquisa de campo. Além disso, a participação no grupo ProLugar (Qualidade do Lugar e da Paisagem – PROARQ/FAU UFRJ) me trouxe o contato com a **Teoria Ator-Rede** (LATOIR, 2012), principalmente por meio dos estudos desenvolvidos pelo professor Paulo Afonso Rheingantz. E, por consequência, o contato com o ProLugar me levou ao NECST (Núcleo de Estudos Ciência, Tecnologia e Sociedade – PPGP/IP UFRJ), coordenado pela professora Rosa Pedro, que se tornou minha coorientadora.

Além do enriquecimento trazido pela troca com os colegas psicólogos, a participação no grupo me permitiu aprofundar o contato com autores como Bruno Latour,

John Law e Annemarie Mol, fundamentais na Teoria Ator-Rede. Considerando os impactos para minha atuação como arquiteto, foi esse encontro com a Teoria Ator-Rede, certamente, aquele que causou efeitos mais transformadores. Neste ponto, é importante fazer uma ressalva. Esse encontro foi capaz de me mobilizar fortemente porque tenho um perfil voltado à inovação, isto é, gosto de “inventar” e correr riscos. Minha questão fundamental passou a ser **a descrição da prática projetual**, ou ainda, a proposição de entendimentos sobre como a arquitetura funciona na prática. Considero que é impossível explicar essa mudança de compreensão sem explicar o que foi a pesquisa e, por isso, coloco aqui um resumo.

A tese teve como tema a prática projetual em edifícios de pesquisa biomédica. O problema colocado decorreu da percepção de que a prática projetual desses edifícios é mais complexa que algumas representações sugerem, pois trazem consigo simplificações que têm se mostrado inadequadas à compreensão do funcionamento dos projetos, como a subordinação social ou tecnológica (Yaneva, 2012). Isso se relacionou intrinsecamente à **abordagem sociotécnica** que, de modo muito simplificado, pode ser compreendida como um conjunto de noções que permitiram compreender a prática projetual como um modo particular de construção – e investigação – social, que agrega diferentes atores e modos de funcionamento. A partir disso, a investigação foi realizada em três movimentos analíticos, que descrevo sinteticamente a seguir.

O primeiro movimento partiu da premissa de que as representações dominantes em arquitetura enfatizam o produto e seu criador, escondendo o projeto enquanto processo complexo e político, que envolve a negociação entre diversos agentes. Essa perspectiva simplificada, que trata o processo como uma “caixa-preta” e reforça a ideia de uma arquitetura autônoma, é tão limitante quanto a visão oposta, que subordina a arquitetura a ser um mero espelho linear

do contexto sociocultural. Na prática, o desenvolvimento do projeto é um ciclo contínuo de negociações e reconfigurações devido a condicionantes como movimentos populares, restrições orçamentárias e preferências estéticas. Para superar essas limitações, o que se propôs com a abordagem sociotécnica foi olhar para a arquitetura em ação. Foi fundamental nessa proposta a noção de **política ontológica** (Mol, 1999), cujo argumento central é que a realidade não é dada, mas sim múltipla e ativamente construída pelas práticas. Conseqüentemente, o projeto arquitetônico foi colocado como um dispositivo capaz de negociar e performar realidades que coexistem.

No segundo movimento analítico, busquei compreender a articulação entre diferentes performances da pesquisa biomédica por meio do projeto. A ideia de multiplicidade ontológica foi estendida, com o auxílio da topologia, para se relacionar com as espacialidades. O resultado foi compreender que a pesquisa biomédica como algo que existe em diferentes performances, que se relacionam a distintas espacialidades. Um avanço significativo foi possível ao associar a noção de **cosmopolítica** (Stengers, 2005), pois permitiu pensar o projeto no sentido do trabalho de coordenação necessário à coexistência de tais espacialidades sob o mesmo teto. E cada espacialidade tem materialidades, configurações e regras de funcionamento distintas. Nesta perspectiva, o projeto é dispositivo cosmopolítico, capaz de articular espacialidades distintas, reunindo-as em um objeto arquitetônico ou, dito de outra forma, debaixo do mesmo teto.

No último movimento da tese, propus pensar o projeto por meio da **cartografia de controvérsias** (Venturini, 2010), entendendo seu potencial para ampliar a complexidade do objeto ao buscar a processualidade, a divergência e multiplicidade de leituras e técnicas. O método permitiu mapear as disputas, incertezas e oposições que frequentemente moldam o projeto, tornando-o um objeto

complexo e dinâmico. Um estudo de caso do Projeto do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) serviu como plataforma para essa análise. Deste modo, consolidou-se a ideia do projeto como tanto como um fórum de discussão – no cotidiano da prática – quanto como um observatório para a investigação – se considerada a perspectiva de pesquisa.

Voltando à proposta do texto, eu passei a pensar a arquitetura como uma forma particular de organizar diferentes realidades e mundos. A questão fundamental a ser tratada seria: como o projeto articula heterogeneidades e controvérsias, por meio de diferentes modos de operação, com a particularidade da coabitação (debaixo do mesmo teto)? E isso diz mais sobre a **arquitetura em seu caráter político**, considerando que não trata apenas de atender necessidades e requisitos, mas de articular as possibilidades, como um manejo daquilo que é incluído ou não por meio do projeto. Em outras palavras, há um trabalho de negociação para fazer existir determinadas realidades, ou ainda, ocultá-las.

COMENTÁRIOS FINAIS

Retomando o objetivo inicial de refletir sobre a trajetória de pesquisa, a partir dos efeitos do pesquisar sobre o pesquisador, coloco a seguir desdobramentos de três naturezas distintas: perspectivas abertas com a pesquisa, devolutivas obtidas e considerações sobre o processo.

Em primeiro lugar, penso que a pesquisa contribuiu para avançar em relação ao problema proposto – a simplificação que algumas representações comuns em arquitetura carregam consigo – no sentido de compreender o funcionamento dos projetos. Acredito que a principal conquista foi formular uma abordagem capaz de investigar a complexidade específica da arquitetura e dos projetos na prática, tratando-os como meios de negociação e de inscrição de interesses, considerando sua especificidade

na articulação espacial de elementos heterogêneos. A cartografia de controvérsias emergiu como um ganho metodológico particular, servindo não apenas como uma ferramenta para a pesquisa, mas também como um meio de organizar e registrar os debates, evidenciando a utilidade do projeto como um “observatório” de processos. Com isso, entendo que o caminho a seguir é o de pesquisas que permaneçam atentas à complexidade, à multiplicidade e à divergência, buscando sempre uma trilha em vez de um trilho (predefinição).

Além disso, acredito que, assim como correu comigo em particular, a tese foi capaz de mobilizar outros atores. Isso abriu a possibilidade de apresentar o trabalho em fóruns acadêmicos e profissionais, gerou reconhecimento da CAPES por meio da Menção Honrosa no Prêmio de Teses de 2020, impulsionou a publicação do livro originado na tese, além de convites para compor bancas de defesa de dissertações e teses. Essas participações me permitiram captar devolutivas importantes, cujo foco principal diz respeito ao método desenvolvido na pesquisa. Se, por um lado, a abordagem sociotécnica do projeto foi uma questão que teve repercussão positiva, a dificuldade em materializar e, principalmente, visualizar os processos e as controvérsias é uma questão a ser explorada.

Por fim, penso ser útil fazer algumas considerações sobre o processo. Não resta dúvida que a trajetória da pesquisa, que se mistura com a profissional, me permitiu, acima de tudo, mudar minha visão sobre a arquitetura e o projeto. E isso só foi possível ao sair da zona de conforto. Apesar da dificuldade, foi primordial transitar em áreas de conhecimento diferentes, com a psicologia e a sociologia. A transposição de conceitos e ideias é tão difícil quanto enriquecedora. Por outro lado, parte da mudança de compreensão trazida com a pesquisa se desdobrou na minha própria atuação profissional, pois já não fazia muito sentido para mim a discussão pormenorizada de aspectos técnicos e,

assim, voltei meu foco para a política imbricada nos projetos. Como síntese, acredito que o processo em si é que pode ser transformador, independente do produto gerado com a pesquisa.

REFERÊNCIAS

COSTA, R. D. N. *Debaixo do mesmo teto: prática projetual em edifícios de pesquisa e desenvolvimento biotecnológico*. UFRJ. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

COSTA, R. D. N. *Qualidade ambiental em laboratórios biomédicos*. UFRJ. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

LATOUR, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012.

MOL, A. *Ontological politics: A word and some questions*. In: JOHN, L.; HASSARD, J. *Actor Network Theory and After*. Malden, Oxford: Blackwell Publishing, 1999. p. 74-89.

STENGERS, I. A cosmopolitical proposal. In: LATOUR, B.; WEIBEL, P. *Making things public: atmospheres of democracy*. Cambridge: MIT Press, 2005. p. 994- 1003.

VENTURINI, T. Diving in magma: how to explore controversies with actornetwork theory. In: *Public Understanding of Science*, V. 19, nº. 3, 2010. 258-273.

**CARTOGRAFANDO
EXPERIÊNCIAS NA
MARÉ-RJ:
DIÁLOGOS COM
A JUVENTUDE
COMO SUPORTE
À CONSTITUIÇÃO
DOS TERRITÓRIOS
EDUCATIVOS NAS
FAVELAS**

RAFAEL FERREIRA DINIZ GOMES

O processo de expansão das favelas tornou-se cada vez mais evidente nas cidades brasileiras, marcado historicamente por disputas territoriais entre classes sociais e pela reprodução de desigualdades. Contudo, observa-se atualmente um movimento de ressignificação desses territórios, que passam a afirmar-se não apenas por estigmas associados à precariedade, mas também pela valorização de sua trajetória de resistência, de sua cultura e da força coletiva de seus moradores.

No município do Rio de Janeiro, destaca-se o Conjunto de Favelas da Maré, conhecido simplesmente como Maré, considerado o maior agrupamento de favelas da cidade (Redes da Maré, 2019). Situado na Zona Norte, o complexo reúne 16 comunidades em uma área de cerca de 800 mil metros quadrados, localizada às margens da Baía de Guanabara, abrigando cerca de 140 mil habitantes. A região apresenta elevado adensamento populacional com altos índices de violência urbana, intensificados por frequentes operações de segurança pública. Ainda assim, a Maré constitui também um território de potencialidades, impulsionado pela criatividade, pelo engajamento e pela inventividade de sua juventude.

Na pesquisa que originou a tese intitulada “Um estudo sobre narrativas de jovens moradores da Maré-RJ: oportunidades para os Territórios Educativos”¹, articulam-se referenciais teóricos oriundos de distintas áreas do conhecimento, como Percepção Ambiental,

¹ Tese de Doutorado em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ – PROARQ/FAU UFRJ (Gomes, 2020).

Sociologia Urbana, Geografia, Cartografia Social, Democracia e Cidadania, Educação, Arquitetura e Urbanismo. A análise da crise urbana, dos processos de fragmentação territorial e da concentração da pobreza como fatores que aprofundam desigualdades recorrentes nas cidades latino-americanas conduziu ao diálogo com conceitos fundamentais para o desenvolvimento desta investigação: o *efeito-vizinhança* (Wilson, 1987) e a noção de *ativos, vulnerabilidade e estrutura de oportunidades* – AVEO (Kaztman, 1999). O efeito-vizinhança busca compreender de que modo o lugar de residência condiciona o acesso a oportunidades de bem-estar social, produzindo tanto impactos positivos quanto negativos. Já a estrutura de oportunidades refere-se ao conjunto de recursos – sociais, econômicos e políticos – disponíveis (ou não) aos indivíduos na luta contra os efeitos prejudiciais da pobreza.

A educação em contextos de vulnerabilidade social, com ênfase no Conjunto de Favelas da Maré, constitui um dos eixos centrais desta investigação. Nesse sentido, adota-se o conceito de *Educação Integral* (Gadotti, 2009; Moll, 2012; Arroyo, 2012; Giolo, 2012), que compreende a formação humana em sua totalidade, abrangendo dimensões intelectuais, culturais, afetivas e estéticas, por meio de uma prática pedagógica holística e global. Tal abordagem busca assegurar às crianças e jovens um processo de aprendizagem mais humanizado e coerente com a realidade física e simbólica que as circunda. Nesse horizonte, a cidade é também concebida como território educativo em potencial. Pela (con) vivência nos espaços urbanos, sujeitos de diferentes idades e origens têm a possibilidade de aprender algo nos múltiplos cenários constituídos pela vida urbana. A escola, portanto, não é a única responsável por garantir a formação das novas gerações, mas compartilha essa função com a família, a vizinhança e os espaços públicos, em consonância com o princípio das *Cidades Educadoras* (Zitkoski, 2006; Morigi, 2016; Cabezudo, 2004; Machado, 2004; Bernet, 2012).

A constatação de que o modelo escolar tradicional não responde satisfatoriamente às demandas contemporâneas de aprendizagem levou à expansão da sala de aula para o cotidiano, tornando a experiência discente mais plural e menos centrada em uma base de ensino conteudista. Desde a década de 1990, multiplicaram-se iniciativas educativas em diversas cidades do mundo, sendo a experiência de Barcelona uma das pioneiras na consolidação do conceito de cidades educadoras. No Brasil, apesar das recorrentes crises políticas e educacionais, surgiram em diferentes regiões práticas voltadas à educação integral, impulsionadas pela necessidade de ultrapassar os limites físicos da escola. Tais experiências demonstram que a construção de uma cidade educadora não é inalcançável, embora ainda haja um longo caminho a percorrer. O desafio atual consiste em preparar os centros urbanos para assumir plenamente sua função educativa, favorecendo assim a constituição dos *Territórios Educativos* (Singer, 2015).

A partir da análise do bairro, delineou-se o pressuposto de que a Maré abriga uma ampla rede intersetorial composta por iniciativas culturais, esportivas, de saúde, de enfrentamento à violência e de assistência social. Esses espaços funcionam como estruturas de oportunidade, constituindo mecanismos fundamentais de resistência e de mitigação das desigualdades socioespaciais. Todavia, verificou-se que parte das escolas da região ainda opera de maneira restrita, marcada pelo isolamento institucional, pela dificuldade de dialogar com os jovens e pela ausência de articulação com as famílias e com potenciais parceiros comunitários. A adoção de uma postura ativa e politicamente engajada por parte das escolas, integrada às redes educativas já existentes, pode representar um avanço significativo no enfrentamento das desigualdades sociais que atravessam o território.

Com base nesse diagnóstico e na experiência de campo, definiu-se como objetivo geral da pesquisa a construção de narrativas sobre o Conjunto de Favelas da

Maré, a Educação e a Cidade, em diálogo com a juventude local – institucionalmente inserida e residente na região – de modo a gerar pistas e reflexões que contribuam para a constituição dos Territórios Educativos. Entendendo a educação em seu sentido mais amplo, enquanto promotora do desenvolvimento social e da equidade de direitos, parte-se da premissa de que a superação das desigualdades educacionais e sociais depende de uma Escola Cidadã (Gadotti, 2009), que atue de forma integrada com a comunidade e seus diversos agentes educativos, fortalecendo o desenvolvimento integral do ser humano e do espaço em que habita.

No âmbito dos objetivos específicos, a pesquisa propôs: (1) relacionar os conceitos de educação integral, cidades educadoras e territórios educativos ao contexto das favelas; (2) investigar as formas de articulação entre escolas, comunidades e instituições locais na constituição de práticas educativas integradas; (3) compreender como os jovens da Maré percebem e experienciam o território, identificando narrativas que expressam suas potencialidades e desafios; e (4) analisar de que maneira a atuação conjunta entre escola e atores comunitários pode favorecer a construção de um espaço urbano mais equitativo, capaz de reduzir os impactos das desigualdades sociais e educacionais. Nesse sentido, o presente capítulo propõe apresentar, de forma geral, a descrição da pesquisa realizada, o percurso metodológico adotado, as experiências vivenciadas junto aos jovens da Maré e alguns resultados gerais obtidos ao longo do processo investigativo.

CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

A pesquisa de doutorado vinculou-se ao projeto integrado “Do Espaço Escolar ao Território Educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral

com a cidade do Rio de Janeiro”², desenvolvido pelo Grupo Ambiente-Educação (GAE)³ em parceria com os grupos de pesquisa Lugares e Paisagens - ProLUGAR⁴ e Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro - SEL-RJ⁵. A metodologia da pesquisa foi construída com base na *Cartografia* (Deleuze; Guattari, 1995; Kastrup, 2015), que se mostrou adequada diante da necessidade de compreender a complexidade, a diversidade e o caráter imprevisível do território da Maré. Esse método permitiu traduzir as múltiplas realidades e subjetividades presentes no contexto investigado. De acordo com Gomes (2020), as principais estratégias de pesquisa envolveram: (1) registros de investigação e experiências por meio de diários de campo; (2) entrevistas com jovens moradores, a fim de captar percepções e informações relevantes sobre os temas discutidos; e (3) aplicação de dispositivos de escuta, aproximação e participação coletiva elaborados pelo GAE, possibilitando a valorização da voz dos sujeitos pesquisados.

A partir das experiências de imersão no território da Maré, tornou-se possível acessar um conjunto expressivo de narrativas sobre seus cenários, seus moradores e os elementos que configuram o lugar. Os sujeitos que participaram da pesquisa de campo desempenharam papel fundamental na construção deste trabalho, evidenciando a relevância de se potencializar suas vozes no processo investigativo (II. 1). Ao oferecer espaço para que os próprios

² Contemplada com apoio financeiro do CNPq (CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS APLICADAS - 22/2014), integra a abordagem conceitual e metodológica dos grupos de pesquisa Ambiente-Educação (GAE), Lugares e Paisagens (ProLUGAR) e Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro (SEL-RJ), vinculados ao PROARQ-FAU UFRJ.

³ Grupo de pesquisa registrado no Diretório Grupos de Pesquisa do CNPq, coordenado pela Prof.a Giselle Arteiro Azevedo e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU UFRJ.

⁴ Grupo de pesquisa registrado no Diretório Grupos de Pesquisa do CNPq, coordenado pelo Prof. Paulo Afonso Rheingantz, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU UFRJ.

⁵ Grupo de pesquisa registrado no Diretório Grupos de Pesquisa do CNPq, coordenado pela Prof.a Vera Tângari e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU UFRJ.

moradores se expressem, amplia-se a possibilidade de representar ou traduzir o cotidiano da forma mais próxima possível da realidade.



Il. 1: Autor: Rafael Gomes, Experiência de imersão no território, um passeio pelo Piscinão de Ramos, 2020. Fotografia, 26 x 21 cm, Rio de Janeiro.

A compreensão dos processos de produção da realidade exige um método capaz de acompanhar o caráter dinâmico e processual da investigação. Nesse sentido, o método da cartografia revelou-se particularmente pertinente, não apenas por sua abertura às dimensões subjetivas, mas também por possibilitar a criação de dispositivos de aproximação e escuta que marcaram momentos decisivos no percurso da pesquisa. A adoção da perspectiva do *PesquisarCOM*⁶ permitiu uma aproximação efetiva ao campo estudado: aproximá-los da investigação, construir mapas coletivamente e explorar o território em conjunto constituíram a base das oficinas realizadas. Afinal, quem poderia conhecer melhor as favelas da Maré senão seus próprios habitantes?

⁶ Termo cunhado por Márcia Moraes, para caracterizar métodos de pesquisas participativas. (Moraes, 2014, p. 132).

O processo de pesquisa orientado pela cartografia caracteriza-se por sua natureza dinâmica e em constante transformação. Ao acompanhar e registrar práticas, amplia-se a compreensão da complexidade do campo investigado. Cartografar significa, em essência, observar e descrever. No âmbito cartográfico, entretanto, observar implica assumir uma postura de abertura máxima às situações vivenciadas. Nessa perspectiva, a objetividade não se constrói a partir de um suposto distanciamento entre pesquisador e objeto de estudo, mas pela multiplicação e diversidade dos pontos de observação (Costa, 2019). A descrição, por sua vez, corresponde à arte de mapear objetos, relações e práticas, compreendendo-os em sua processualidade. Como destacam Barros e Kastrup (2015, p. 59), “o objeto-processo requer uma pesquisa igualmente processual e a processualidade está presente em todos os momentos”. Assim, a atenção voltada aos processos torna-se fundamental para avaliar a efetividade das abordagens e estratégias utilizadas, identificar limites e possibilidades e promover ajustes que tornem os dados produzidos mais consistentes e próximos da realidade vivida.

Como acompanhar, então, processos tão dinâmicos e mutáveis? Existiriam mecanismos capazes de representar o movimento contínuo de pessoas, práticas e elementos característicos das situações vivenciadas nas pesquisas de campo, mas que nem sempre conseguimos apreender plenamente? De modo geral, a utilização de determinados procedimentos na pesquisa científica qualitativa conduz à elaboração de instrumentos de coleta de dados (Rudio, 1986). Esses instrumentos, contudo, mostram-se mais eficazes quando aplicados em investigações que privilegiam os resultados em detrimento dos processos.

Para que sua aplicação seja de fato eficiente, exige-se uma análise prévia do instrumento em relação ao contexto de uso, o que implica, no mínimo, uma clara definição de objetivos: o que investigar? Que território está em questão?

Quem são seus habitantes? Quais atividades realizam? Como se relacionam? Nesses termos, os resultados tendem a ser representados de forma objetiva, uma vez que a investigação se orienta por categorias fixas, frequentemente incapazes de abarcar o fluxo processual no qual emergem as subjetividades. Surge, assim, a questão central: como acompanhar os processos e, ao mesmo tempo, produzir conhecimento de forma coletiva por meio da cartografia?

DIÁRIO DE CAMPO: UM DISPOSITIVO DA PESQUISA CARTOGRÁFICA

Segundo Barros e Kastrup (2015), a elaboração de textos a partir de anotações e desenhos em diários de campo constitui uma prática fundamental no método cartográfico. Enquanto dispositivo metodológico, o diário possibilita registrar, de maneira simultânea à imersão ou logo após as atividades realizadas, elementos que contribuem para a construção de narrativas sobre o objeto de estudo, tanto em sua dimensão objetiva quanto coletiva. Esses registros – que incluem acontecimentos vividos, diálogos, impressões, expectativas, frustrações e interpretações – permitem acessar aspectos que, em um primeiro momento, poderiam passar despercebidos pelo pesquisador.

Para ampliar sua potência, a escrita deve acolher a diversidade de vozes e percepções emergentes do campo, trazendo à tona não apenas consensos, mas também contradições, dúvidas, mal-entendidos e sentimentos, sem hierarquizar discursos ou reduzir sua complexidade. Assim, a produção textual se torna um recurso essencial para dar visibilidade aos processos em curso, evitando o risco de transformar a pesquisa em mera coleta de dados fragmentados. Como destacam Barros e Kastrup (2015, p. 73), “os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados numa pesquisa”.

Nesse contexto, o uso do diário de campo como instrumento de registro assume, na cartografia, o papel de um verdadeiro dispositivo metodológico. Sua função não é a de encerrar a pesquisa ou antecipar resultados, mas de possibilitar o desdobramento do processo investigativo em novas direções. O diário opera como um recurso que amplia a reflexão, permitindo que a experiência se reinvente continuamente. Como afirmam Barros e Passos (2015, p. 174), “o diário de campo se apresenta como um desvio metodológico, quando uma alteração da política de pesquisa se impõe a partir das viagens de investigação”.

O bairro da Maré apresenta uma multiplicidade de características decorrentes de suas distintas formas de ocupação, dos diferentes períodos históricos de consolidação, das expressões culturais, das identidades e da própria extensão territorial. Essa diversidade torna inviável qualquer tentativa de definição homogênea ou generalizante a respeito do conjunto. Entre os aspectos mais marcantes, destaca-se a intensa vitalidade social presente nos espaços públicos das favelas. Em sua complexidade urbana, observa-se um fluxo constante de pessoas nas ruas, calçadas e vielas – circulando em deslocamentos cotidianos para o trabalho e a escola, ou participando de forma ativa da vida econômica local, em estabelecimentos como mercados, bares, farmácias, açougues, tendas e pequenos comércios. Nesse movimento contínuo, entrelaçam-se diferentes atores sociais: jovens, adultos, crianças, idosos, comerciantes, trabalhadores, agentes comunitários de saúde, integrantes de organizações não governamentais e, de maneira visível, também os traficantes armados que exercem controle territorial.

O principal objetivo da imersão realizada no território da Maré, a partir da prática cartográfica, consistiu em construir narrativas sobre o Conjunto de Favelas, a Educação e a Cidade em diálogo com a juventude local – institucionalmente inserida e residente no bairro – de modo

a identificar pistas e estratégias voltadas à redução das desigualdades educacionais e sociais no contexto analisado. Partindo de uma concepção ampliada de educação, compreendida como processo de desenvolvimento social fundamentado na equidade de direitos, reconhece-se que a superação das desigualdades só é possível mediante o fortalecimento de uma Escola Cidadã (Gadotti, 2009), capaz de atuar de forma integrada com a comunidade. Isso significa articular a participação conjunta de diversos agentes e atores educativos, de modo a promover o desenvolvimento integral das pessoas e do espaço em que vivem.

Entre as principais táticas metodológicas adotadas, destacou-se a descrição dos movimentos observados em campo, registrada por meio de anotações sistemáticas em diários de campo. As cenas, os diálogos e os aprendizados resultantes da experiência foram também gravados em dispositivos móveis, sobretudo em situações em que não era possível realizar registros escritos simultâneos, possibilitando análises posteriores. Já a produção textual mais reflexiva, realizada em momentos de maior tranquilidade, permitiu elaborar questionamentos, explicitar angústias e organizar as impressões emergentes das vivências no território.

Foi, em grande medida, a partir da leitura e da escuta desses registros que se tornaram possíveis redirecionamentos no percurso investigativo: recalcular rotas, interromper ou modificar movimentos. Embora a tendência do pesquisador seja frequentemente tentar prever acontecimentos, são justamente as surpresas e adversidades que conferem maior riqueza ao processo. Nesse sentido, registrar a experiência configurou-se como um recurso privilegiado para acessar o imprevisível.

OFICINAS DE APROXIMAÇÃO E ESCUTA COM ALGUNS JOVENS DA MARÉ

As imersões realizadas no território da Maré possibilitaram o contato com múltiplas narrativas sobre seus

cenários, seus moradores e os elementos que compõem o lugar. Nesse sentido, o desenvolvimento de dispositivos de aproximação e escuta com os jovens da Maré constituiu um momento crucial do processo investigativo. A abordagem da pesquisa coletiva permitiu descobrir aspectos singulares do campo: aproximá-los da investigação, mapear e interpretar coletivamente o território foi a base para a produção das oficinas, um dos dispositivos fundamentais da pesquisa. As oficinas foram realizadas em três instituições distintas: duas escolas – o Colégio Estadual Professor João Borges, de ensino médio, e a Escola Municipal Ginásio Olimpíadas Rio 2016, de ensino fundamental II – e uma turma de curso preparatório para o ensino médio oferecido pela ONG Redes da Maré. Essa diversidade de espaços educativos possibilitou a produção coletiva de um conhecimento mais plural sobre o território.

Entre os dispositivos desenvolvidos nas oficinas, destacou-se o *Mapeamento Afetivo – ou Mapete*, dispositivo amplamente utilizado pelo GAE e inspirado em metodologias desenvolvidas pelo CECIP⁷ voltadas à escuta e participação de crianças pequenas em relação aos lugares onde vivem, brincam e circulam (Pérez; Jardim, 2013, p. 25). A atividade consiste na utilização de um mapa ampliado do território, impresso em papel, lona, cartolina ou mesmo projetado, sobre o qual os participantes são convidados a indicar os locais de que gostam ou não, os percursos que realizam e os espaços que desejariam transformar (II. 2).

A partir desses registros, promove-se o diálogo sobre as percepções e os sentimentos associados a tais lugares, possibilitando a construção de um mapa afetivo da comunidade. Além disso, o exercício instiga os jovens a compartilhar lembranças e experiências vividas nos pontos destacados. Para sua aplicação, o material necessário inclui

⁷ O CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos e não-partidária, que desde 1986 se dedica ao fortalecimento da cidadania por meio da educação e da comunicação.

um mapa ou maquete com suporte, folhas de papel manteiga ou vegetal, materiais de desenho, adesivos, barbantes ou outros recursos que permitam demarcar locais e trajetos (Azevedo, 2019).

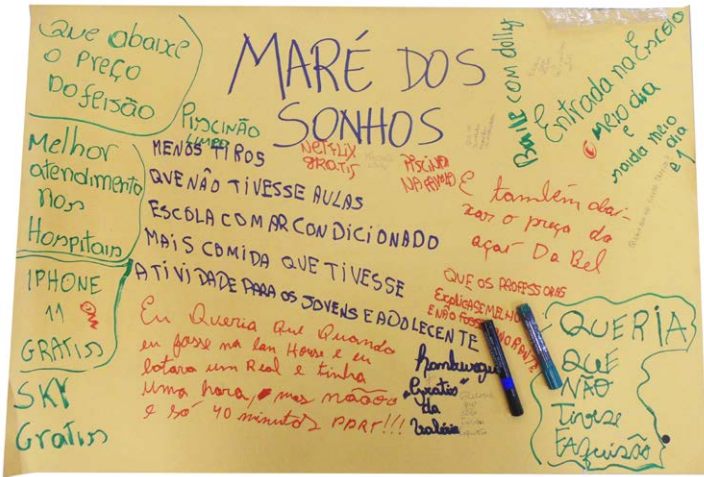


Il. 2. Autor: Rafael Gomes, Mapeamento afetivo da Maré com estudantes do Colégio Estadual Professor João Borges, 2020. Fotografia, 26 x 21 cm, Rio de Janeiro.

Nas oficinas, os participantes realizaram o *Painel dos Desejos*, inspirado no *Wish Poem* de Henry Sanoff (1994). Trata-se de uma ferramenta de livre expressão bastante eficaz em dinâmicas de grupo, workshops e oficinas, cujo objetivo é possibilitar a emergência de anseios, sentimentos e necessidades de um coletivo em relação a determinado espaço, situação ou território. No caso da pesquisa, o painel foi elaborado pelos adolescentes de maneira espontânea e criativa (Ils. 3 e 4). Aos participantes foi apresentado um cartaz em papel pardo, no qual puderam registrar seus desejos para o território das favelas.



Il. 3. Autor: Rafael Gomes, Painel dos Desejos com estudantes da Escola Municipal Ginásio Olimpíadas Rio 2016, 2020. Fotografia, 26 x 21 cm, Rio de Janeiro.



Il. 4. Autor: Rafael Gomes, Resultado do Painel dos Desejos feito pelos estudantes da Escola Municipal Ginásio Olimpíadas Rio 2016, 2020. Fotografia, 26 x 21 cm, Rio de Janeiro.

A questão norteadora foi propositalmente aberta, permitindo respostas amplas, que incluíram tanto aspirações concretas quanto formulações mais abstratas. Em alguns momentos, as manifestações ocorreram individualmente, com liberdade para que cada jovem escrevesse seus próprios desejos. Em outras situações, as reflexões se deram de forma coletiva, resultando em discussões e consensos que foram traduzidos em desejos compartilhados pelo grupo.

Assim como no Mapete, o aspecto mais relevante não foi apenas o resultado das oficinas, mas o processo em si – marcado pelos discursos, reflexões, divergências e concordâncias que emergiram durante a atividade. Essa experiência revelou-se particularmente significativa para a produção de conhecimento acerca das visões que os adolescentes possuem sobre os territórios da Maré, bem como para compreender os desdobramentos dessas percepções em relação ao contexto mais amplo da cidade.

Outro dispositivo empregado na pesquisa de campo foi a entrevista em suas diferentes modalidades, complementada por grupos focais ou rodas de conversa. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas e não estruturadas, realizadas tanto individualmente quanto em formato coletivo, principalmente com jovens institucionalmente inseridos e residentes na Maré – faixa etária entre 15 e 24 anos, segundo a classificação de juventude estabelecida pelo IBGE. Além dos adolescentes e jovens, participaram também profissionais vinculados às instituições educativas da região, já mencionadas anteriormente, bem como alguns moradores que contribuíram com percepções relevantes para a construção das narrativas. Esse dispositivo mostrou-se fundamental para captar, por meio dos relatos, diferentes dimensões da experiência local: noções de cidadania; a diversidade das juventudes e suas especificidades; ações afirmativas desenvolvidas no território; concepções de educação na cidade; fatores relacionados à evasão escolar; formas de apropriação e circulação nos espaços urbanos das

favelas; os impactos da violência associada às operações de segurança pública; e, por fim, o papel da escola em contextos marcados pela vulnerabilidade social.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA DE CAMPO

A Maré constitui um território extenso e de grande complexidade, impossível de ser plenamente apreendido em um tempo limitado ou a partir de um único olhar. A pesquisa teve início de modo mais tradicional, orientada por concepções da ciência moderna que buscavam isolar objeto e pesquisador, com metodologias previamente controladas e objetivos definidos antes mesmo da entrada em campo. Essa perspectiva considerava o território quase como um laboratório, no qual hipóteses poderiam ser testadas e a eficácia dos métodos avaliada. No entanto, ao longo do processo, tornou-se evidente que tais procedimentos não eram capazes de abarcar a densidade e a multiplicidade daquela realidade.

A dificuldade de delimitar uma porção territorial que representasse adequadamente a Maré explicitou essas limitações. Trata-se de um espaço marcado por alta densidade, múltiplas formas de vida, redes sociais complexas, problemas comuns e especificidades locais que não podem ser interpretados a partir de um olhar externo e descontextualizado. Não sendo moradores, tampouco vivenciando cotidianamente o bairro, reconhecemos a impossibilidade de representá-lo com a mesma legitimidade de seus habitantes. Assumimos, assim, uma postura de cautela, conscientes de que não se tratava do nosso lugar de fala. Ao contrário, nos colocamos como espectadores de um campo inédito de aprendizagens, aberto a possibilidades que só a experiência da imersão poderia revelar.

A noção de território na Maré, por sua vez, revelou-se complexa, abrangendo dimensões físicas e simbólicas, além de interpretações muitas vezes controversas. Essa compreensão não se deu de imediato, mas foi fruto de um

processo de aproximação gradual e parcial. No enfrentamento das incertezas típicas de uma pesquisa empírica, a cartografia, apoiada pelo diário de campo, mostrou-se um dispositivo fundamental. Os registros possibilitaram que dúvidas, inquietações e questionamentos emergissem como motores da própria investigação. Estar em campo significou habitar, ainda que provisoriamente, um território antes distante, experimentando realidades múltiplas e compreendendo que não bastava observar – era necessário vivenciar para, de forma parcial, buscar entendê-las.

O valor do diário de campo reside, sobretudo, na possibilidade de acompanhar a pesquisa em sua processualidade. A escrita, seja durante a experiência ou no momento posterior de reflexão, permitiu redefinir objetivos, recalcular percursos e reconhecer a mutabilidade de um contexto em permanente transformação. Também possibilitou lidar com os imprevistos e adversidades inevitáveis nas pesquisas empíricas – como o acesso negado a determinados espaços ou a dificuldade de contato com pessoas-chave – funcionando como testemunho das inquietações vividas pelos pesquisadores-cartógrafos. Em muitos momentos, foram as próprias anotações que trouxeram respostas a questões levantadas antes, durante e depois da imersão. O acompanhamento atento do processo revelou associações e relações entre os diferentes atores que compõem esse coletivo plural e heterogêneo. Se a cartografia tem como premissa central colocar o processo da pesquisa em primeiro plano, não há dúvida de que o diário de campo constitui um dos dispositivos mais eficazes para viabilizar tal tarefa.

Nas oficinas, a análise das atividades desenvolvidas confirmou que uma das maiores preocupações expressas pelos estudantes, tanto na dinâmica de mapeamento afetivo quanto no painel dos desejos, foi a questão da segurança. Entre os registros, apareceram pedidos pela redução dos tiroteios nas favelas, pela eliminação do tráfico e das facções criminosas, além de reivindicações para que não houvesse

operações policiais nos horários de entrada e saída das escolas. Também foi mencionada a necessidade de diminuir a circulação ostensiva da polícia e de reduzir os episódios de violência cotidiana, seja nos confrontos armados, seja em situações de ordem social.

Algumas manifestações chamaram especial atenção, como as de estudantes que desejavam o domínio de toda a Maré por apenas uma facção criminosa. Tal desejo pode ser interpretado de duas formas: (1) na percepção dos jovens, a violência cotidiana está diretamente associada à disputa territorial entre grupos rivais, de modo que, se um único grupo controlasse o território, os confrontos deixariam de ocorrer; (2) há indícios de que os estudantes, assim como parte significativa da população local, incorporam precocemente a lógica da territorialidade do poder vigente.

No campo social, os desejos expressos destacaram demandas por mais respeito aos moradores, menos brigas, menos preconceito e intolerância ao racismo, valorização da identidade favelada e maior presença de relações afetivas. Também houve menções à necessidade de que professores respeitassem os estudantes moradores da favela, revelando tensões latentes entre escola e comunidade. Os aspectos econômicos evidenciaram a atenção dos jovens ao cenário de crise nacional. Foram recorrentes os pedidos pela redução do preço dos alimentos básicos, como o feijão – possivelmente reflexo das conversas ou preocupações familiares –, além da diminuição dos preços de produtos de consumo imediato, como lanches no comércio local, e de serviços como a televisão por assinatura.

No aspecto relacionado ao lazer, apareceram reivindicações pela limpeza do Piscinão de Ramos, a fim de que se tornasse uma alternativa segura de diversão, bem como pela realização de mais bailes e pela criação de piscinas nas favelas e nas escolas. Quanto à saúde, os jovens pediram mais clínicas de saúde e a distribuição gratuita de preservativos e absorventes, indicando uma preocupação

tanto com o atendimento médico quanto com o acesso a insumos básicos de cuidado e higiene. No que se refere à educação, os estudantes manifestaram o desejo por maior diversidade de atividades na escola, que estimulasse aptidões em esportes, artes, cultura e lazer. Sugeriram, ainda, o fortalecimento de parcerias entre escolas, coletivos locais e ONGs da Maré, com o intuito de ampliar iniciativas artísticas e culturais – música, dança, teatro – tanto no espaço escolar quanto fora dele. Relataram que tais atividades, quando ocorrem, costumam ser temporárias, e expressaram a vontade de que passassem a integrar a rotina escolar.

Outro ponto relevante diz respeito à percepção espacial do território. Os estudantes classificaram como negativos ou proibidos os lugares que não conhecem ou pelos quais nunca circularam. Embora grande parte deles jamais tivesse visitado as favelas vizinhas, sua localização geográfica era suficiente para atribuir-lhes uma conotação negativa. Em contrapartida, a Cidade Universitária da UFRJ surgiu como um espaço associado a múltiplas possibilidades de educação e lazer. Apesar da proximidade geográfica, esse lugar foi descrito como distante, ressaltando a necessidade de estreitar a relação entre a favela e a universidade – um desejo que se reflete de forma recorrente nos discursos dos jovens da Maré.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções dos jovens e demais entrevistados sobre a Maré constituem uma chave importante para compreender o contexto local. No entanto, é preciso reconhecer que essas visões não são as únicas formas de representação da realidade do território, nem refletem necessariamente os desejos de todos os moradores – em especial daqueles que não participaram das atividades. Ainda assim, considerando que as decisões políticas e ações socioeducativas em áreas vulneráveis costumam ser definidas de maneira hierárquica, “de cima para baixo”,

escutar os jovens, dar-lhes voz e acolher seus anseios pode indicar caminhos para a formulação de ações afirmativas mais consistentes e contextualizadas. Cada contexto é singular, nenhuma cultura é superior a outra, e a realidade é tão plural quanto a diversidade humana que a compõe.

As narrativas produzidas pelos jovens institucionalizados que participaram desta pesquisa evidenciam a necessidade de que as escolas da Maré dialoguem ativamente com o território e se impregnem de suas dinâmicas. Quando se fecham sobre si mesmas e atuam de forma isolada, acabam sendo fragilizadas pelo contexto de violência, têm sua estrutura desvalorizada e deixam de ser reconhecidas pela comunidade como espaços de potencialidades. Esse afastamento contribui para que os estudantes, mais cedo ou mais tarde, percam o interesse pela instituição escolar e pela continuidade de sua trajetória educativa. Por outro lado, ao abrir-se para o entorno, a escola pode identificar a riqueza das iniciativas em rede que já se desenvolvem no território. Esse conjunto de atores e organizações, que atua de forma integrada, pode encontrar na escola uma parceira estratégica. Se as instituições de ensino assumirem uma posição central no processo de desenvolvimento territorial e socioeducativo, estabelecendo parcerias sólidas com agentes locais e externos, será possível lançar as bases para consolidar a Maré como um verdadeiro Território Educativo.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver. *In*: MOLL, Jaqueline *et al.* *Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45.
- AZEVEDO, Giselle. (Org.). *Diálogos entre arquitetura, cidade e infância: territórios educativos em ação*. Rio de Janeiro: Selo PROARQ, Paisagens Híbridas, 2019.
- BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 52-75.

BARROS, Regina; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 172-200.

BERNET, Jaume. Introdução. In: E. A. *Educadores, La Ciudad Educadora = La Ville Éducatrice Barcelona*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona, 1990, p. 6-21.

CABEZUDO, Alicia. Cidade educadora: uma proposta para os governos locais. In: GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo; CABEZUDO, Alicia. (Orgs.). *Cidade educadora*: princípios e experiências. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras América Latina, 2004.

COSTA, Rodrigo. *Debaixo do mesmo teto*: prática projetual em edifícios de pesquisa e desenvolvimento biotecnológico. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. V. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

GADOTTI, Moacir. *Educação integral no Brasil*: inovações em processo. São Paulo, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GIOLO, Jaime. Educação de tempo integral: resgatando elementos históricos e conceituais para o debate. In: MOLL, Jaqueline et al. *Caminhos da Educação Integral no Brasil*: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 94-105.

GOMES, Rafael. *Um estudo sobre narrativas de jovens moradores da Maré-RJ*: oportunidades para os Territórios Educativos. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura -PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

KAZTMAN, Ruben. *Activos y estructuras de oportunidades*: estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay. Santiago: CEPAL, 1999.

MACHADO, Joaquim. Escola, município e cidade educadora: a coordenação local da educação. In: Simpósio sobre organização e gestão escolar, 3., 2004. *Actas...*Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

MOLL, Jaqueline. A agenda da educação integral: compromissos para sua consolidação como política pública. In: MOLL, Jaqueline et al. *Caminhos da Educação Integral no Brasil*: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 129-146.

MORAES, Marcia. Do “pesquisarCOM” ou Tecer e destecer fronteiras. In: TAVARES, Gilead; MORAES, Marcia; BERNARDES, Anita. *Cartas para pensar*: políticas de pesquisa em psicologia. Vitória: EDUFES, 2014. p. 131-138.

MORIGI, Valter. *Cidades educadoras*: possibilidades de novas políticas públicas para reinventar a democracia. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PÉREZ; Beatriz; JARDIM; Mariana. *Vamos ouvir as crianças? Caderno de metodologias participativas*. Projeto Criança Pequena em Foco. Rio de Janeiro: CECIP, 2013.

REDES DA MARÉ. *Censo Populacional da Maré*. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019.

RUDIO, Franz. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANOFF, Henry. *School Design*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1994.

SINGER, Helena. O bairro-escola: tecnologias sociais para territórios educativos. In: SINGER, Helena (Org.). *Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola*. São Paulo: Moderna, 2015. (Coleção territórios educativos; V. 2). p. 11-24.

WILSON, William. *The truly disadvantaged: The inner city, the underclass, and public policy*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

ZITKOSKI, Jaime. *Horizontes de refundamentação em educação popular: um diálogo entre Freire e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CINE-GRAFIA DO CORPO: UM LUGAR DE RESISTÊNCIAS*

MARIANA VALICENTE

Este ensaio deriva da Tese de Doutorado intitulada Linguagens e Corpos no Discurso do 'Slam Das Minas': ambiências de resistência e ressignificação espacial por meio de mulheres nas batalhas de poesia urbana, laureada com menção honrosa do Prêmio Capes Tese 2023 e que se desdobrou no livro Cine-grafia do corpo na cidade: ambiência de resistência e a ressignificação espacial por mulheres nas batalhas de poesia urbana, financiado pela Capes e PROARQ UFRJ.

Este ensaio possui como ponto de partida o subsídio conceitual provocativo acerca do Sistema de Espaços Livres - SEL (Magnoli, 2006), que carrega consigo o potencial tanto do *livre* quanto da *ausência*, do *vazio*. Em inglês traduzido para *Open Spaces System*, ainda traz a atribuição de algo aberto, e assim, passível de uso e transformação, mas suscetível ao fechamento. Este *devir* espacial poderia dialogar com esta mesma dimensão do Direito à Cidade, contudo, quando falamos em espaços públicos urbanos, estamos falando de espaços livres, mas por quanto fechados à tantos corpos, reproduzindo barreiras, espacializando desigualdades. O Direito à Cidade (Lefebvre, [1968] 2001), que abraça a potencialidade do espaço público, na prática não é um direito, mas um privilégio, e o que resta deste abraço não é necessariamente um espaço livre ou público, mas sim uma utopia ou insurgência.

Nos caminhos desta cidade utópica e insurgente, nos voltamos às vivências e experiências, às subjetividades e aos corpos que constroem esse espaço. É sob essa lente interpretativa que alcançamos o conceito de ambiências para abordar a relação constitutiva de corpo e espaço. A noção de ambiências permite compreender o espaço construído para além de sua dimensão material, articulando-se a uma concepção interdisciplinar que integra corpo, sentidos e subjetividade. Trata-se de um conceito que enfatiza a experiência sensível do espaço, na qual as propriedades físicas e os estados afetivos daqueles que o vivenciam

tornam-se inseparáveis (Augoyard, 2004). Assim, as ambiências não são apenas produto de estruturas objetivas, mas resultam de experiências, afetividades e percepções, constituindo-se em uma relação dinâmica e situada (Pinheiro, 2010).

Essa dimensão relacional implica reconhecer que as ambiências podem incidir de maneira positiva ou negativa sobre indivíduos e grupos, ao mesmo tempo em que são constantemente alteradas por esses sujeitos em suas práticas cotidianas. Aqui, enfocamos em corpos que ultrapassam o cotidiano e suas resistências diárias ao se encontrarem para fazer poesia e construir um lugar ressignificado, bem próximo à insurgência e utopia abraçadas pelo Direito à Cidade. O *Slam das Minas, Manas, Monas e Monstras*, como diz uníssonos o grito de guerra, traz consigo um recorte interseccional de gênero e uma forma potente de gerar afetos que impactam espacialmente nas cidades contemporâneas. Na união da potencialidade do *dever espacial e das relações de gênero*, as batalhas de poesia de mulheres (cis, trans e não binárias) não são apenas sobre performance literária, mas acima de tudo são sobre criar, ocupar e ressignificar espaços, configurando uma ambiência de resistência que reflete na materialidade espacial.

É com o desenho desses corpos (*cine-grafia*) e poesias que optamos por interpretar o espaço público urbano, percebendo sua transformação para um espaço livre, aberto e preenchido de outros significados. Entre a utopia e a insurgência, esses encontros revelam *um lugar* no espaço público que se torna verdadeiramente livre quando apropriado por aqueles que historicamente o acessam de forma subalternizada, desigual e precarizada. A seguir, são apresentados conceitos, metodologias e estudo de caso acerca dessa abordagem na intenção de provocar outros olhares sobre a relação indissociável entre corpos e espaços nas cidades contemporâneas.

MINAS, MANAS, MONAS E MONTRAS REVISITANDO O DIREITO À CIDADE

Teriam as mulheres Direito à Cidade? Para além da busca por uma resposta, expectativa jamais pretendida ao propor o questionamento, esta indagação é o fio condutor que orienta a busca por referenciais teóricos capazes de representar uma perspectiva de gênero e provocar inflexões contemporâneas sobre o tema. Perguntar se as mulheres têm direito à cidade é, ao mesmo tempo, questionar as bases sobre as quais esse direito é formulado e disputado. O conceito, quando examinado sob a ótica de gênero, não se limita à inserção das mulheres em um espaço já dado, mas implica interrogar como esse espaço é produzido, regulado e apropriado. Assim, a formulação lefebvriana do *Direito à Cidade* (Lefebvre, 2001) fornece o ponto de partida para essa reflexão, pois desloca a cidade de uma condição meramente física e a compreende como projeto social em disputa.

Embora o filósofo francês não tenha sido o pioneiro a vislumbrar a cidade como direito, sua formulação adquiriu caráter distintivo e fundante no campo da teoria urbana. Antes dele, experiências intelectuais e práticas já indicavam essa construção teórica, ainda que sem nomeá-la nesses termos, tais como os escritos e ações seminais de Ildefonso Cerdà registram a *Cidade como direito humano* (Debrassi, 2006), a *Carta de Atenas* (Le Corbusier, 1933) e a obra de Jane Jacobs em *Morte e Vida das Grandes Cidades* ([1961] 2015), que também já apontavam para a cidade como condição humana fundamental. Contudo, é a Lefebvre ([1968] 2001) que se deve a força política e conceitual da expressão, precisamente por articular a formulação teórica a um momento histórico singular: a efervescência da Primavera de 68 em Paris, quando as fronteiras entre universidade e rua se tornaram porosas e os protestos populares encontraram ressonância acadêmica. Desde sua origem, portanto, o conceito se estruturou em uma dupla chave, reflexiva e reivindicativa, como observa

Tavolari (2016), e esse viés continua a marcar sua recepção contemporânea.

Dessa forma, o Direito à Cidade (Lefebvre, 2001) só pode ser apreendido em sua dimensão conflitiva: a cidade é, em essência, o território do dissenso. É nesse campo de forças, onde se confrontam interesses divergentes e desiguais, que temos a possibilidade de reconhecer e efetivar o direito de grupos subalternizados à cidade. Ao se deslocar para a esfera subjetiva, o Direito à Cidade (*Op. cit.*) revela-se como potência criadora, capaz de instaurar direitos ainda inexistentes e de reconfigurar a própria forma urbana a partir das necessidades concretas e dos desejos dos sujeitos. Nesse horizonte, ganha centralidade a experiência das mulheres, para quem o espaço urbano historicamente se apresenta como território de violências em diferentes perspectivas, considerando gênero de forma interseccional. Reivindicar o Direito à Cidade implica, portanto, validar o mais elementar dos direitos: o direito ao próprio corpo, entendido como primeiro espaço de apropriação. Trata-se de recuperar a temporalidade e a espacialidade como dimensões de autonomia, instaurando direitos de caráter utópico, que ultrapassam a mera normatividade jurídica e abrem caminho para imaginar novas possibilidades de sociabilidade. Nesse sentido, pensar o Direito à Cidade é também pensar a utopia, não como fuga da realidade, mas como horizonte crítico capaz de reinventar o projeto urbano e social (Lefebvre, 2008; Harvey, 2012).

Nessa perspectiva, torna-se indispensável incorporar a dimensão de gênero e suas interseccionalidades à releitura do conceito de Lefebvre (2001), sobretudo quando se trata de compreender os mecanismos de controle e regulação dos corpos no espaço urbano. Esses processos não são neutros, eles operam seletivamente sobre determinados sujeitos, produzindo exclusões, repressões e hierarquias que se traduzem em disputas e resistências. Cada prática de controle aciona, em contrapartida,

respostas múltiplas e criativas daqueles que são privados de direitos, abrindo fissuras no tecido urbano e desafiando as formas instituídas de dominação. Essa reflexão remete inevitavelmente às formulações de Foucault (2008) acerca do biopoder e da biopolítica, que desvelam como a vida passou a ser administrada como objeto de poder, sobretudo nos espaços urbanos. Retomando essa perspectiva, Mbembe (2018) propõe o conceito de necropolítica, com a compreensão além da relação de controle e poder, mas da lógica política que opera na dominação de corpos e vidas, e assim, também da morte. Ao iluminar essa lógica, o autor camaronês nos permite compreender o espaço urbano como território em que a política de controle se manifesta não apenas pela regulação das práticas e movimentos cotidianos, mas também pela produção de vidas descartáveis, cujos corpos são submetidos a regimes de exclusão, violência e silenciamento desde a colonização. Como aponta o autor:

O espaço era, portanto, a matéria-prima da soberania e da violência que ela carregava consigo. Soberania significa ocupação, e ocupação significa relegar o colonizado a uma terceira zona, entre o estatuto de sujeito e objeto (Mbembe, 2018, p. 39).

Essa lógica, fundada em práticas disciplinares e de controle, persiste na conformação contemporânea dos territórios urbanos e molda as relações de poder que os atravessam. Diante desse quadro, o Direito à Cidade (Lefebvre, 2001), em sua dimensão utópica, possui também uma dimensão insurgente e aponta para a necessidade de imaginar novos caminhos de sociabilidade e produção espacial. É nesse entrelaçamento entre insurgência e utopia que se revela a potência dos chamados “espaços inventados” (Miraftab, 2016), lugares nos quais emergem práticas de planejamento insurgente que desafiam a hegemonia das narrativas dominantes. Ao acolher vozes silenciadas e experiências historicamente marginalizadas, esses espaços constituem alternativas de urbanismo mais humano e

plural, em que a cidade deixa de ser mero reflexo da ordem estabelecida para se tornar campo de criação coletiva e emancipatória. Cabe então a provocação de Milton Santos, ao afirmar:

Essa visão repetitiva do mundo confunde o que já foi realizado com as perspectivas de realização. Para exorcizar esse risco, devemos considerar que o mundo é formado não apenas pelo que já existe (aqui, ali, em toda parte), mas pelo que pode efetivamente existir (aqui, ali, em toda parte). (Santos, 2000, p. 78)

As batalhas de poesia do Slam das Minas, ao ocupar o espaço público, produz afetos e ressignificações, convertendo a experiência em prática política que desafia normas e instaura novas formas de vivência urbana. Estas, por sua vez, impactam na construção de um lugar que pode efetivamente existir (aqui, ali, em toda parte).

AMBIÊNCIAS URBANAS E A EXPERIÊNCIA SITUADA DO CORPO

Ao tratar da transformação do espaço, a reflexão de Henri Lefebvre em *La production de l'espace* ([1974] 1991) é fundamental, pois desloca a análise para compreender o espaço não como dado estático, mas como resultado de práticas sociais, em permanente processo de produção e reprodução. Nessa perspectiva, a relação entre espaço e corpo adquire centralidade: é por meio da ação corporal que o espaço se materializa e, simultaneamente, se ressignifica. O corpo não apenas ocupa o espaço, mas o produz, instaurando nele marcas de presença, temporalidades próprias e possibilidades de existência que escapam à lógica hegemônica. Assim, pensar a (re)produção do espaço é também reconhecer sua dimensão criadora, que abre caminho para a constituição de espacialidades alternativas, insurgentes e não totalizantes.

Ao deslocar o olhar para as práticas sociais e experiências enquanto partes constituintes tanto do espaço, quanto da própria corporalidade, nos apoiamos nas

ambiências urbanas, conceito muito explorado pelo LASC¹. A noção de ambiência implica reconhecer o processo de subjetivação do espaço, configurado a partir da experiência sensível de quem o vivencia. Essa dimensão subjetiva faz com que as ambiências não sejam neutras, mas portadoras de valores narrativos que se inscrevem no território e orientam as diferentes formas de apropriação de um mesmo espaço físico. Nesse sentido, as ambiências podem ser compreendidas como expressão do campo ambiental do vivido, atribuindo a cada situação um caráter singular e irrepetível (Pinheiro, 2010).

Ao pensar no *devoir* espacial através da interlocução entre corpos e ações (realidades prático-sensíveis), tomamos as ambiências como forma perceptiva dessa relação. O sociólogo Jean Paul Thibaud (2012), descreve as ambiências como espaço-tempo vivido pelos sentidos, englobando não apenas a experiência, mas também sua potência de transformação pela imaginação e criação:

A noção de ambiência restitui o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos; ela permite caracterizar nossas formas de experienciar a vida urbana; ela auxilia também a imaginar e criar espaços urbanos e arquitetônicos. A ambiência não existe somente no nível de recepção sensorial, mas também no nível de produção material. (*Ibidem*, p. 10)

Sob o olhar das ambiências, algumas considerações devem ser feitas sobre as relações dos corpos de mulheres, suas subjetividades e intersubjetividades, com o espaço público urbano. O conceito de ambiências, de caráter interdisciplinar, conecta dimensões sensoriais e multidimensionais por meio do corpo, em trocas afetivas nas quais ele afeta e é afetado pelo ambiente. Nesse sentido, “para uma melhor compreensão do seu alcance, podemos dizer que não é composto apenas pelo ambiente material em

¹ LASC: Laboratório Arquitetura Subjetividade Cultura vinculado ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ/FAU UFRJ.

que se vive, mas pelo efeito moral que este ambiente físico induz no comportamento dos indivíduos” (Bestetti, 2014, p. 602). Destaca-se ainda o caráter contextual e afetivo da ambiência na relação com o corpo.

O ambiente em que atuamos, construído ou não, emite estímulos que podem nos agradar ou desagradar, gerando uma sensação de desconforto se houver grande disparidade com os limites do nosso corpo. Além disso, a formação cultural do indivíduo determinará o que é agradável ou desagradável, pois as escolhas dependem da história de cada um. (Bestetti, 2014, p. 602).

Ao focarmos nos corpos de mulheres, considerando sua diversidade, temos várias formas de referenciar as sobreposições de opressões que neles incidem simultaneamente. O que Saffioti (1987) chama de “nó”, Crenshaw ([1989] 2015) nomeia como interseccionalidade, enquanto Kergoat (2010) conceitualiza como cosubstancialidade e coextensividade, não esquecendo dos apontamentos feitos por Gonzalez (1984) acerca do racismo e sexismo na cultura brasileira. Adotamos aqui a nomenclatura definida por Kimberlé Crenshaw ([1989] 2015), que introduz o conceito de interseccionalidade ao examinar as experiências de mulheres negras no mercado de trabalho norte-americano. Sua reflexão evidencia como raça e gênero se articulam na produção de múltiplas formas de discriminação, revelando fronteiras específicas de opressão em que racismo e sexismo se entrelaçam. Ao discutir essas interações, a autora demonstra de que modo tais dinâmicas interseccionais configuram dimensões políticas e estruturais da violência direcionada às mulheres negras.

Compreendemos assim que as relações de poder ditam formas de controle dos corpos colonizados e subalternizados. Essas categorias relacionam-se de forma interseccional, atravessando as questões de gênero, raça e classe (valendo acrescentar, inclusive, sexualidade). Segundo

os dados apontados no estudo “Urbanismo sensível ao gênero: como oferecer cidades seguras para as mulheres”, elaborado pela Consultoria Legislativa do Senado (2025), no Brasil, a cada 1,5 segundo uma mulher é vítima de assédio nas ruas; a cada 6,9 segundos uma mulher é vítima de perseguição; e a cada 7,2 segundos uma mulher sofre violência física. Sob uma perspectiva interseccional, pesquisas dos institutos Patrícia Galvão e Locomotiva indicam que 30% das mulheres negras utilizam o ônibus como principal meio de transporte, percentual que sobe para 36% entre as mulheres de baixa renda.

O estudo revela ainda que 34% das mulheres negras de baixa renda deslocam-se principalmente a pé, aumentando sua exposição à insegurança nos trajetos cotidianos. Em geral, trata-se de mulheres que residem em áreas periféricas, percorrem maiores distâncias e dependem majoritariamente do transporte público ou da caminhada, tornando-as mais vulneráveis a diversas formas de violência e riscos durante seus deslocamentos, conforme observa Maíra Saruê, diretora de pesquisa do Instituto Locomotiva (Araújo, 2025). Ainda podemos citar que pelo 16º ano consecutivo o Brasil lidera os índices globais de assassinatos contra pessoas trans e travestis (Benevides, 2025). Sob uma perspectiva interseccional, indispensável à análise de gênero no planejamento urbano, podemos inferir que a experiência urbana vinculada ao gênero é imersa em sensações de desconforto e medos.

As ambiências, portanto, podem afetar positiva ou negativamente os indivíduos, ao mesmo tempo em que também são influenciadas por eles. As Teorias do Afeto ajudam a compreender essa troca, marcada por afetividades mútuas e simultâneas (positivas ou negativas), em que o corpo é, ao mesmo tempo, agente e receptor (Anderson; Ash, 2015). Esta relação de afetos ao serem locadas em uma espacialidade, imprimem sentidos, ações e reações. O medo, enquanto afeto, conforma ambiências que podem coexistir com práticas

de resistência, capazes de ressignificar, mesmo que de forma efêmera, tais ambiências. Na compreensão das ambiências urbanas de medo e resistência, destaca-se o caráter coletivo e compartilhado intrínsecos à dimensão urbana, para além de uma esfera individual. No espaço público a ambiência de resistência pode emergir como potência coletiva, onde o encontro de corpos em situação de resistência configura um corpo coletivo, sendo este o caso aqui focado. A coexistência entre medo e resistência se ancora tanto na materialidade quanto na subjetividade de contextos historicamente hostis, abrigo performances corporais que respondem a essas condições, como é o caso do Slam das Minas. Essa interação evidencia a capacidade dos corpos, individuais e coletivos, de ativar ambiências de resistência, desafiando assimetrias cotidianas e produzindo modificações espaciais que rebatem diretamente as opressões urbanas cotidianas sob a ótica interseccional de gênero.

O SLAM DAS MINAS E AS BATALHAS [DE POESIA]

O Slam, movimento de batalhas de poesia realizado em ruas de diversos países, ultrapassa a literatura ao se afirmar como performance corporal, de resistência e ressignificação. Conhecida como a mãe do Slam, Roberta Estrela D'Alva, trouxe o *Poetry Slam* para o Brasil em 2008 ao fundar o ZAP! Slam em São Paulo. Ela define o evento como expressão artística, política, contestadora e insurgente do espaço urbano:

Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo (D'Alva, 2014, p. 109).

A poesia marginal levou à criação do primeiro Slam em 1986, no *Green Mill Jazz Club* (Chicago), quando Mark Kelly Smith e o grupo *Chicago Poet Ensemble* lançaram o *Uptown Poetry Slam*. O termo *Slam* foi apropriado de uma onomatopeia inglesa — comum em esportes como baseball e basquete, equivalente à “pá!” em português — para nomear as performances poéticas. O objetivo era popularizar a poesia falada em contraposição à crítica elitista da literatura (D’alva, 2014; Neves, 2017). Desde sua criação, o *Poetry Slam* se expandiu de Chicago para diversos países, alcançando mais de 500 comunidades, incluindo o Brasil. Apesar das diferenças locais, mantém três regras básicas: a poesia deve ser autoral, a apresentação ter no máximo três minutos e não pode haver uso de música, figurino ou adereços.

O Slam das Minas surgiu em Brasília, em 2015, criado por mulheres como movimento poético-político de empoderamento e militância de gênero. Em 2016 chegou a São Paulo e, impulsionado pelas redes sociais, se espalhou por estados como Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia, consolidando-se como espaço de resistência e liberdade de expressão. Mais que poesia, afirma-se como movimento sócio-literário de identidade e autorrepresentação no campo da performance poética (Paiva, 2019).

A arte exerce um papel essencial na crítica social e na produção de inquietações, assim como as manifestações e os protestos, que enfrentam a realidade por meio de corpos políticos que atuam na coletividade. Podemos inferir que quando arte e corpos políticos se encontram no espaço urbano, são capazes de produzir afetos e configurar um corpo coletivo com potência de transformar a ambiência local (Valicente, 2022). Essa articulação se concretiza, física e espacialmente, nas performances do Slam das Minas.

No que diz respeito ao recorte de gênero, o Slam das Minas constitui um espaço de representação e enunciação

de corpos sob a perspectiva interseccional. Trata-se de um movimento organizado e realizado por mulheres trans, cis e pessoas não binárias – todas aquelas que se reconhecem e se autoproclamam como minas, manas, monas ou monstras. Defende-se, assim, a centralidade dos corpos dissidentes na produção de afetos e resignificação dos espaços, em diálogo com a arte e a poesia. Nas performances do Slam das Minas, a presença dos corpos funciona como dispositivo de ação na atribuição de significados aos espaços e ambiências, conformando resistências que se espacializam, corporificam e transformam o espaço urbano.

TRAÇANDO CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os espaços públicos revelam-se intrinsecamente políticos, assim como os corpos que os ocupam e os resignificam. Nesse sentido, a apropriação desses espaços pela força da linguagem corporal e poética, de corpos ativos e reativos, cria uma ponte fundamental para se pensar novas formas de urbanismo; um urbanismo que considera práticas, expressões e modos não hegemônicos de ser urbano. Assim, no contexto do Slam das Minas, dois aspectos centrais podem ser destacados para a compreensão das ambiências de resistência: de um lado, o corpo das mulheres em performance; de outro, o corpo coletivo que se constitui a partir dos afetos mobilizados ao longo do evento. É na relação entre essas dimensões, e pela espacialização que os corpos promovem, que se torna possível classificar as ambiências de resistência no recorte temporal aqui analisado. Para tanto, foi necessário estruturar uma abordagem metodológica capaz de tornar visíveis os processos corporais e seus impactos espaciais.

O corpo e seu gestual adquirem, portanto, um papel central para o entendimento das ambiências de resistência. Tal enfoque exige um esforço interpretativo que contemple gestos, linguagens e múltiplas formas de atuação no espaço. Para alcançar a espacialização dessas ambiências,

foi inicialmente desenvolvido o método **Cine-gráfico**², que combina a análise biomecânica dos movimentos corporais em diálogo transversal com o valor simbólico atribuído às performances. Posteriormente, este método foi ampliado para o **Cronofotográfico**, que, por meio da sobreposição de imagens, permite representar graficamente o movimento do corpo em determinado recorte temporal, tornando-o passível de análise. Assim, ao materializar a trajetória corporal no espaço, seus padrões e interpretações, e ao integrá-los à análise etnográfica da ambiência, promove-se o encontro entre pesquisas qualitativas e quantitativas numa abordagem metodológica complementar.

Ao escolher analisar o Slam das Minas, outro recorte foi necessário como resposta às limitações encontradas para um levantamento de campo durante a pandemia da COVID-19, em que o Slam das Minas migrou do espaço físico ao digital (entre 2020 e 2022). Assim, o enfoque foi no Slam das Minas RJ e as performances da Batalha Final de 2017 do Rio de Janeiro, sediada no Largo do Machado, por meio dos registros de vídeos disponibilizados no YouTube.

A análise se apoiou em vídeos e imagens do evento, com base nos apontamentos do método cine-gráfico, porém voltando o olhar para a própria imagem – o *frame* do vídeo (fotograma), no método cronofotográfico. Essa abordagem dialoga com experimentos fotográficos que antecedem o cinema. No século XIX, Étienne-Jules Marey e Eadweard Muybridge desenvolveram a cronofotografia como técnica de apreensão do movimento. Com o uso de um disparador fotográfico, Marey tornou possível registrar até 12 imagens por segundo, capturando fases sucessivas do movimento de diferentes objetos (Ferreira, 2017). A cronofotografia consiste, portanto, na realização de fotografias sucessivas

² Para saber mais sobre o método Cine-gráfico: VALICENTE, M.; RAMARI, C.; PINHEIRO, E.; ALBERTSEN, N. Corpo cine-gráfico: Proposta de Método Transdisciplinar para Cidades Corporificadas. In: *VIRUS*, São Carlos, nº. 20, 2020. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=9&lang=pt>>. Acesso em: 15.set.2020.

em intervalos regulares de tempo, permitindo a análise detalhada do movimento de pessoas, animais ou objetos. Essa técnica inaugurou não apenas uma metodologia científica do movimento, mas também a possibilidade de encadear temporalidades visuais, constituindo um dos fundamentos do cinema e da animação.

Aplicada à análise da performance, a cronofotografia possibilita registrar imagens sequenciais e sobrepostas do movimento corporal em frações de tempo, revelando sua relação com o espaço durante as batalhas de poesia. A análise detalhada de vídeos e imagens, nesse sentido, não apenas documenta os deslocamentos corporais, mas também permite apreender suas reverberações afetivas, espaciais e coletivas. Esse processo evidencia a conformação de uma ambiência de resistência, cuja materialidade se manifesta na forma de uma topografia corporal. Essa topografia corporal, contudo, não se reduz à mera presença física dos corpos no espaço público. Ela constitui uma ferramenta de transformação espacial, um gesto de reivindicação do corpo, do coletivo, da fala e do próprio espaço urbano enquanto lugar de segurança e acolhimento.

Para a seleção das imagens a serem analisadas, extraídas dos vídeos da *Final do Slam das Minas RJ* de 2017 no Youtube, foram identificados momentos específicos em que os corpos evidenciam relações de afeto, definidos como picos interacionais entre corpos, poesia e espaço. Parte-se da premissa de que tais picos são indicativos da conformação do corpo coletivo e da ativação de uma ambiência de resistência. Cada um desses momentos foi examinado em seu contexto próprio, considerando que cada vídeo corresponde a uma performance individual de poesia, cujas reverberações, somadas, constituem a experiência do evento como um todo.

Nesses trechos selecionados, os vídeos foram decompostos em *frames* (fotogramas), posteriormente sobrepostos em sequência para evidenciar as dinâmicas de

movimento corporal individual e coletivo. O procedimento resultou em uma série de cronofotografias que registram não apenas esses instantes de interação, mas também a conformação do corpo coletivo emergente no contexto analisado. Como os registros não apresentam padronização de duração, angulação ou sequência cronológica, cada análise foi conduzida considerando suas especificidades. Ainda assim, todos os vídeos compartilham uma estrutura básica: iniciam com a apresentação da slammer, seguem com a performance e finalizam com as reações da plateia — algumas mais prolongadas, outras mais breves. A análise, portanto, buscou mapear: (i) a ação corporal da slammer em performance; (ii) os afetos gerados sobre o público; e (iii) as reverberações espaciais desses afetos, interpretadas como zonas e massas de interferência que conformam a ambiência de resistência. Dessa forma, as imagens-síntese obtidas pelo método cronofotográfico não apresentam homogeneidade formal, pois variam conforme a forma, ângulo e conteúdo de cada registro. Contudo, a análise revelou a recorrência de três momentos estruturantes em todas as performances, aqui nomeados como:

Momento 1: Conformação da ambiência: corresponde à fase inicial da performance, quando a atenção do público se volta para o centro da roda. Os corpos se acomodam, instala-se o silêncio e emerge a escuta atenta, configurando a predisposição afetiva da coletividade.

Momento 2: Trocas de afetos: manifesta-se nas reações do público, expressas por olhares, gestos, comentários, registros em vídeo ou sons de aprovação. Nesse estágio, os afetos já se mostram consolidados, reforçando a coesão coletiva.

Momento 3: Reverberação final: ocorre ao término da performance, quando a reação em massa do público evidencia a intensidade da experiência compartilhada e a transformação espacial promovida pelo corpo coletivo.

Esses recortes não devem ser entendidos como rígidos ou absolutos, mas como ferramentas metodológicas que auxiliam na observação, sendo inspirados em parâmetros perceptíveis também em outras performances, nacionais e internacionais, analisadas no decorrer da pesquisa. Alterar a escala ou lente de observação pode revelar outros momentos e dinâmicas.

Para garantir consistência, cada vídeo foi analisado repetidamente, em diferentes ordens e em velocidades distintas: primeiro em tempo real, preservando a temporalidade da experiência vivida, e depois em reduções de 0,75 e 0,5, a fim de capturar com maior precisão os movimentos corporais. Nessas análises, três frames foram selecionados em cada momento, compondo as cronofotografias que ilustram a ação corporal e suas reverberações afetivas e espaciais. Os *frames* foram sobrepostos tendo como pontos de ancoragem a plateia, a vegetação e a arquitetura circundante, conformando as imagens-síntese apresentadas a seguir. Importante destacar, por fim, que o movimento corporal não é aqui dissociado da fala, mas compreendido em sua unidade com o discurso poético e político. O gesto, o ritmo e a palavra são indissociáveis. Assim, os resultados expostos nas análises demonstram como, por meio da performance das *slammers* e da interação com o público, conforma-se uma ambiência de resistência que ressignifica o espaço urbano pela potência dos corpos em ação.

CINE-GRAFIA DO CORPO: UM LUGAR DE RESISTÊNCIAS

A fim de ilustrar aplicação da metodologia e a relação constitutiva entre corpo e espaço, a seguir temos como exemplo a análise do vídeo da **Carol Dall Farra**³, uma das finalistas do evento.

Análise de vídeo: Carol Dall Farra⁴

O vídeo se inicia com o *slammaster* (pessoa que executa a função de “mestre de cerimônia” do *slam*), Tom Grito – poeta trans não-binário, entoando no microfone sem aparecer no enquadramento do vídeo o grito de guerra da coletiva Slam das Minas. O *slammaster* diz “Slam das...” e o público responde: “MINAS!”. A *slammer* Carol Dall Farra então respira e inicia a sua performance, sem microfone e com as mãos livres.

MOMENTO 1 | 0:12 – 0:18 – Mudança de ambiência, pessoas se acomodando e direcionando o olhar para o centro da roda, estabelecimento de trocas de afetos que se seguem ao longo da performance - “Shiu” vindo da plateia (II 1). Trecho declamado no momento: “não chora nem fala das mortes diárias, pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido: - preta é firme!”

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy_jcCXE. Acesso em: 28.ago.2025.

⁴ A análise é parte retirada na íntegra do conjunto de vídeos analisados na tese de doutorado que sustenta este ensaio: VALICENTE, Mariana. Linguagens e corpos no discurso do ‘Slam das Minas’: ambiências de resistência e resignificação espacial por meio de mulheres nas batalhas de poesia urbana. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.



Il. 1: Imagem síntese cronofotográfica do Momento 1 da performance de Carol Dall Farras.
Fonte: Valicente; Lazera, 2022.

MOMENTO 2 | 0:40 – 0:52 - Fala Rápida, atenção focal da plateia para o corpo da slammer (Il. 2). Trecho declamado no momento: “Mãe preta teve teus calos calejados pela falta de arrego, dos atrasos da história que traçaram teu destino. Mãe preta que pariu no reboliço e trouxe com muito ofício outra preta que não sorriu, filha de Preta!”



Il. 2: Imagem síntese
cronofotográfica do Momento
2 da performance de Carol Dall
Farras.
Fonte: Valicente; Lazera, 2022.

***MOMENTO 2' (extra) | 1:16 – 1:30** - Interação direta apontando para pessoas ao redor (Il. 3). Trecho declamado no momento: “Dedos te apontaram ontem, hoje o cano te aponta. Amanhã outro julgamento, julgando que se aguenta. Tua cabeça um reboiço, teu corpo cumpriu caprichos, tua mãe também passou por isso, e todas da tua família”



Il. 3: Imagem síntese cronofotográfica do Momento 2 (extra) da performance de Carol Dall Farras.

Fonte: Valicente; Lazera, 2022.



MOMENTO 3 | 1:55 – 2:01 – Reações da plateia: “UOU!” (Il. 4). Trecho declamado no momento: “imaginou o chicote lento na vértebra de um branco e viu que a força é um detalhe, pra quem vive resistência.”



Ao final, ocorre um longo do abraço de acolhimento à *slammer* pelas demais competidoras, a câmera se volta ao entorno de onde este corpo estava, e é possível ver as reverberações da *performance* nos outros corpos e no espaço, completamente ocupado por pessoas, de forma circular e em camadas (alturas diferentes-sentados no chão, em cadeiras de praia, em pé). Durante a *performance*, a *slammer* se movimenta em todas as direções do espaço central, diante disso percebemos a conformação de uma espacialidade em forma escalonada e semi circular concêntrica, rememorando muito a disposição de um teatro de arena, funcionando também como uma forma de proteção ao corpo da *slammer* em *performance*. O vídeo tem duração de 3 min 15 segundos e a poesia ocupou 2 min desse tempo, com a *slammer* em

Il. 4: Imagem síntese ronofotográfica do Momento 3 da *performance* de Carol Dall Farras. Fonte: Valicente; Lazera, 2022.



movimento, sem microfone e com as mãos livres (sem papel ou celular). Nos demais momentos do vídeo (após a performance) o espaço conformado pelos corpos é retratado, permitindo-nos mapear esse espaço a partir dos corpos e afetos decorrentes, conforme mostra a panorâmica (Il. 5) constituída a partir do vídeo.

As análises realizadas buscam registrar e compreender a materialidade produzida pelos corpos e afetos durante o evento, reafirmando a hipótese de que as dinâmicas corporais das mulheres, ao ocuparem o espaço urbano neste contexto, conformam um corpo coletivo capaz de ativar uma ambiência de resistência. Tal ambiência, por sua vez, se espacializa e se materializa em uma topografia de corpos e afetos, constituindo um Lugar que interfere na própria

estrutura urbanística local. Essa espacialização é entendida aqui como a construção próxima ao conceito de *corpografia* proposto por Paola Jacques (2008). Contudo, diferentemente da autora, o conceito aqui não se concentra apenas na expansão de um corpo individual sobre o espaço topológico, mas no modo como a ação de um corpo reverbera e se projeta sobre outros corpos, produzindo coletividade. Assim, esse *Lugar* conformado adquire características próprias.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos o espaço público das cidades contemporâneas como palco de uma complexidade sinestésica, que afeta nossa percepção de tempo e produção do espaço. A profusão de cores, luzes, cheiros, ausências, presenças, movimentos e sons em constante troca, afetando/sendo afetados por corpos que participam da dinâmica urbana. Colocamos aqui as batalhas de poesia urbana, mais especificamente a lente interseccional de gênero abordada pelo Slam das Minas, como mais uma camada dessa complexa equação.

No Slam das Minas, dois elementos podem ser facilmente destacados acerca das ambiências conformadas, sendo eles: o corpo de mulheres em *performance* e o corpo

Il. 5: Imagem síntese cronofotográfica panorâmica do entorno da *performance* de Carol Dall Farras. Fonte: Valicente; Lazera, 2022.



coletivo resultante dos afetos gerados ao longo do evento. Nessa lente, pelo contexto e pela espacialização promovida por esses corpos neste espaço urbano, reconhecemos a ambiência de resistência durante o recorte de tempo analisado. Assim, na perspectiva da pesquisa qualitativa, visando compreender a espacialização da ambiência de resistência conformada por um corpo coletivo participante deste evento de poesia urbana, apoiamo-nos em uma metodologia capaz de tornar compreensível a observação dos processos, de seu acontecimento e seus impactos.

Por meio de um imenso suporte imagético, que carrega consigo símbolos, gestos e significados que muitas vezes passam despercebidos no momento vivido, chegamos às experimentações cine-gráficas e cronofotográficas, apoiando-

nos tanto na etnografia quanto na semiótica, considerando limitações contextuais e percepção das potencialidades destes métodos. Essas experimentações objetivam, acima de tudo, a melhor compreensão acerca dos espaços públicos enquanto espaços políticos, assim como os corpos que os conformam, vislumbrando sua ressignificação pelo poder da linguagem e presença, de corpos ativos e reativos. Encontramos aí uma importante ponte para pensar novas maneiras de fazer urbanismo que abranja outras perspectivas de ser urbano. Para além de conclusões e resultados, compartilhar essa pesquisa, mesmo em fragmentos, é um convite a encarar outras formas de experienciar a cidade como potência de transformação. É acreditar nos afetos como forças que alteram a lógica inerte da reprodução espacial contemporânea. É também, por fim, articular esse conceito carregado de utopia às resistências, dissidências e insurgências, concluindo que corpos são capazes de redesenhar um lugar.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B.; ASH, J. Atmospheric Methods. In: VANNINI, P. (Org.). *Non-Representational Methodologies: Re-Envisioning Research*. London: Routledge Publishing, 2015. p. 34–51.
- ARAÚJO, P. O medo como rotina: o desafio de circular nas cidades sendo mulher. In: *Senado Notícias*, 13 jun. 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2025/06/o-medo-como-rotina-o-desafio-de-circular-nas-cidades-sendo-mulher>. Acesso em: 3.set.2025.
- AUGOYARD, J.-F. Vers une esthétique des ambiances. In: *Ambiances en débats*. Paris: À la Croisée, 2004. p. 17–30.
- BENEVIDES, B. G. *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024*. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2025.
- BESTETTI, M. L. T. Ambiência: espaço físico e comportamento. In: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, V. 17, p. 601-610, 2014.
- CRENSHAW, K. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. University of Chicago Legal Forum, V. 1989, nº. 1, 1989.
- D’ALVA, R. E. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DEBRASSI, T. M. F. B. *Paradigmas e teorias da cidade: das reformas urbanas ao urbanismo contemporâneo – o caso de Barcelona*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006. (Dissertação de Mestrado)

- FERREIRA, N. A. M. *Materializando o espaço invisível dos movimentos do corpo: maquetes kinesféricas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2017.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Ciências Sociais Hoje*, n. ANPOCS, p. 21, 1984.
- HARVEY, D. O direito à cidade. *Lutas Sociais*, V. 29, p. 73-89, 2012.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- JACQUES, P. B. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, V. 8, nº. 93.07, 2008.
- KERGOAT, D. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos – CEBRAP*, nº. 86, p. 93-103, 2010.
- LE CORBUSIER. *Carta de Atenas*. 1933. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em: 13 ago.2020.
- LEFEBVRE, H. *The production of space*. Malden, MA: Blackwell, 1991.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MAGNOLI, M. Em busca de “outros” espaços livres de edificação. *Paisagem e Ambiente*, nº. 21, 2006.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- MIRAFETAB, F. Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, V. 18, nº. 3, p. 363-378, 2016.
- NEVES, C. A. B. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. In: *Linha D'Água*, V. 30, nº. 2, p. 92-112, 2017.
- PAIVA, E. *Batalhas de poesia slam: representatividade sócio-literária*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019. (Monografia de Graduação)
- PINHEIRO, E. *Cidades entre: dimensões do sensível em arquitetura ou a memória do futuro na construção de uma cidade*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- TAVOLARI, B. Direito à cidade: uma trajetória conceitual. *Novos Estudos – CEBRAP*, V. 35, nº.1, p. 93–109, 2016.
- THIBAUD, J.-P. A cidade através dos sentidos. In: *Cadernos PROARQ - Revista de Arquitetura e Urbanismo do PROARQ*, nº. 18, p. 1-16, 2012.
- VALICENTE, Mariana. *Linguagens e corpos no discurso do Slam das Minas: ambiências de resistência e resignificação espacial por meio de mulheres nas batalhas de poesia urbana*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

**CIDADE
MARAVILHOSA
PRA QUEM?
UM ENSAIO
SOBRE
INFÂNCIAS,
PLANEJAMENTO
URBANO
E JUSTIÇA
TERRITORIAL**

ALAIN LENNART FLANDES GÓMEZ

“Cidade maravilhosa pra quem?”, a pergunta feita por uma criança da zona oeste do Rio, rompeu o roteiro previsto da minha pesquisa de doutorado e instalou um incômodo necessário. A partir dela, nada mais pôde seguir igual. Não sei seu nome. Não conheço sua história além daquele momento breve em que ela participou do Mapeamento Afetivo, realizado em 2019. Mas, desde então, suas palavras ecoam como um eixo ético, constituindo o fundamento metodológico e o horizonte político que orientam minha investigação acadêmica, centrada na escuta qualificada das infâncias como prática de produção de conhecimento e de incidência sobre o espaço urbano.

Essa pergunta, simples na forma e densa em sua implicação, não me chegou como dado, mas como convocação. Foi mais que uma dúvida: tornou-se linha de força que me fez reordenar modos de olhar, de habitar e de pesquisar a cidade. Como arquiteto e pesquisador, fui aprendendo que essa indagação infantil continha em si o que Octavio Paz (1982) chamaria de “poema latente”, uma abertura para outras leituras do mundo, um convite a escutar aquilo que quase nunca é ouvido.

Neste ensaio, proponho compartilhar os fundamentos, horizontes e reverberações da pesquisa de doutorado que desenvolvi dentro do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reconhecida com o *2º Premio de Investigación de Tesis Doctoral de la Asociación de Escuelas*

y Facultades de Arquitectura Públicas de América del Sur (ARQUISUR), em 2024. Ao longo desse percurso, busquei compreender como as crianças percebem, habitam e transformam os espaços urbanos, especialmente no contexto de desigualdade e violência que atravessa as cidades latino-americanas. Mais do que uma tese sobre infâncias, trata-se de um trabalho realizado com as infâncias, escutando, caminhando, mapeando e aprendendo com elas.

A investigação partiu de uma constatação recorrente por diversos autores: nas políticas públicas brasileiras voltadas para crianças e jovens, a infância das camadas mais vulneráveis permanece subalternizada. Mesmo quando reconhecida em documentos legais, sua participação na vida urbana é frequentemente tratada de maneira tutelar ou compensatória, relegando as crianças a espaços de controle como a casa e a escola (Nunes, 2011). Ao mesmo tempo, suas práticas cotidianas, brincar na rua, circular com autonomia, desejar outras formas de estar no mundo, seguem sendo apagadas, criminalizadas ou romantizadas.

Assim, adotou-se uma metodologia baseada na escuta ativa e na análise das práticas socioespaciais das infâncias, integrando referenciais da teoria crítica da infância, do pensamento decolonial e das pedagogias participativas. O dispositivo central foi o Mapeamento Afetivo da cidade do Rio de Janeiro¹, aplicado em mais de 700 escolas públicas municipais, com a participação de cerca de 40 mil pessoas. A experiência gerou dados valiosos sobre desejos, medos, trajetos, afetos e propostas urbanas formuladas pelas próprias crianças. Uma contra-cartografia da cidade, feita desde baixo.

¹ O dispositivo de pesquisa foi criado em colaboração entre o Grupo Ambiente Educação (GAE), o Sistema de Espaços Livres do Rio de Janeiro (SEL-RJ), o Laboratório Paisagem Sonora, Memória e Cultura (LabSOM), a Secretaria Municipal de Educação (SME-RJ) e a Casa Civil da Prefeitura do Rio de Janeiro. A elaboração contou com a participação de grupos de pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/FAU UFRJ), sob a coordenação das professoras Doutoras Giselle Azevedo, Vera Tângari e Andrea Rego.

Este ensaio se organiza em quatro movimentos. Primeiro, apresento a matriz do projeto realizado, seus fundamentos teóricos, institucionais e metodológicos. Em seguida, exploro os horizontes que a pesquisa abriu, tanto no campo acadêmico quanto nas possibilidades de formulação de políticas públicas sensíveis às infâncias. Na terceira parte, recupero as devolutivas obtidas no processo: possíveis retornos às escolas, repercussões institucionais e apropriações coletivas do material produzido. Por fim, compartilho os ganhos alcançados, sejam pessoais, políticos e epistemológicos na construção de um olhar mais atento à cidade como território educativo.

Mais do que oferecer respostas, a tese pretendeu sustentar uma pergunta. Talvez ela siga sem resposta definitiva. Talvez esse seja justamente seu maior valor: seguir nos convocando a repensar o que entendemos por cidade, por infâncias e por política. Cidade Maravilhosa pra quem?

MATRIZ DO PROJETO REALIZADO

A pesquisa foi uma continuação, iniciada no mestrado, do desejo de compreender como as crianças vivem e transformam a cidade, a partir de suas experiências mais íntimas e cotidianas. Não era suficiente falar *sobre* as infâncias, era preciso falar *com elas*, escutá-las em seus próprios termos. Para isso, a construção da metodologia e do referencial teórico se deu sempre atravessada por escutas, parcerias, deslocamentos e aprendizados.

A matriz do projeto se organiza em torno de três eixos principais: a crítica à invisibilidade histórica das crianças nas políticas urbanas; a valorização dos saberes infantis como expressão legítima de cidadania; e a proposição de uma abordagem territorial e educativa que reconheça a cidade como espaço de aprendizagem e pertencimento. Esses eixos foram sustentados por um conjunto de referenciais interdisciplinares, que dialogam com os campos da arquitetura, do urbanismo, da sociologia da infância, da

pedagogia crítica e do pensamento decolonial (Azevedo, 2019; James, Jenks e Prout, 1990; Prout, 2005; Christensen e James, 2005; Christensen, 2003; Corsaro, 1997; Sarmento, 1999, 2000, entre outros).

Autores como Qvortrup, Sarmento, Tonucci e Mayumi Souza Lima ajudaram a desconstruir a imagem da criança como ser em falta, incompleto, à espera de formação. Ao mesmo tempo, referências como Paulo Freire, Bell hooks, Giselle Azevedo e os teóricos da virada decolonial latino-americana permitiram pensar a escuta como prática ética e política, não como técnica de coleta, mas como abertura real ao outro. Escutar as crianças foi, desde o início, uma decisão metodológica e uma tomada de posição diante da cidade adultocentrada, desigual e violenta.

A escolha do Mapeamento Afetivo da Cidade do Rio de Janeiro, desenvolvido em 2019, como dispositivo central da pesquisa, foi fruto dessa perspectiva. Ele se propôs a captar o modo como as crianças percebem seus percursos entre casa e escola, e como desejariam que esses caminhos fossem (Il. 1). A simplicidade da pergunta metodológica ocultava a complexidade das respostas: foram mais de 13 mil registros coletados, entre desenhos, textos e colagens, em mais de 700 escolas da rede pública municipal (Il. 2). Os dados não apenas revelaram demandas concretas (por segurança, arborização, acessibilidade), como também anunciaram afetos, medos, desejos e sonhos (Il. 3). Era a cidade falada pelas crianças, com suas gramáticas próprias.

A metodologia envolveu a articulação entre análise documental, escuta participativa e diálogo com experiências internacionais. A etapa de doutorado-sanduiche na University of California, Berkeley junto ao *Center for Cities & Schools* permitiu acompanhar de perto a metodologia Y-PLAN (Mackoy, Eppley and Buss, 2022) referência global em planejamento urbano com participação de jovens (Il. 4). O encontro com essa experiência reforçou a centralidade de vincular processos de escuta qualificada à formulação



Il. 1: Formulário aplicado aos estudantes com duas perguntas abertas sobre o percurso entre casa e escola: a primeira voltada à descrição sensível do trajeto real e a segunda dedicada aos desejos de transformação desse percurso, expressos por meio de palavras e/ou desenhos. Fonte: Adaptado de GOMEZ et al, 2023.

PERCEPÇÃO E DESEJOS DOS ESTUDANTES

Foram aplicados formulários com duas questões:

1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.



2) Agora que você respondeu à primeira pergunta, descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você deseja para esse percurso.



OS DESEJOS DOS ESTUDANTES

Reconhecer a cidadania das crianças é o primeiro passo na construção de cidades que servem às crianças também.

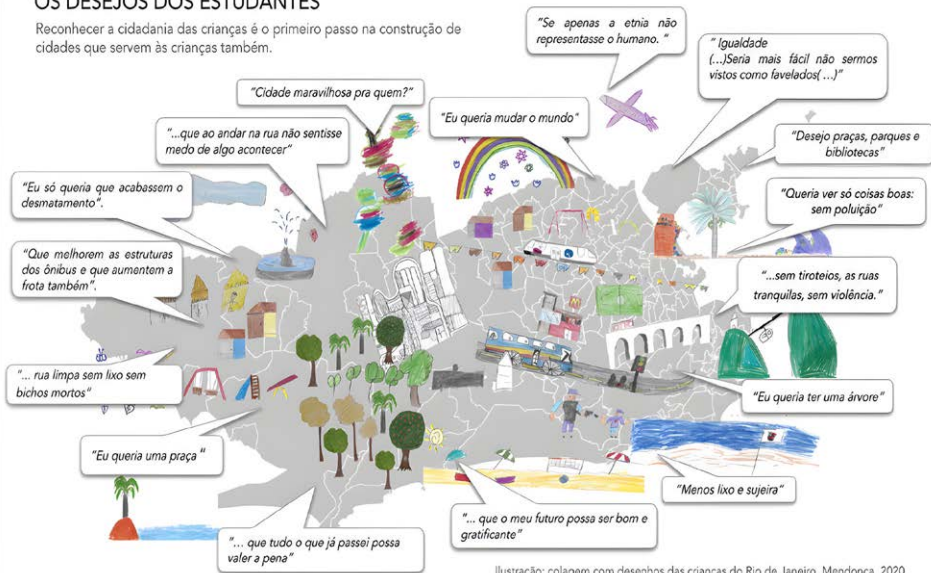
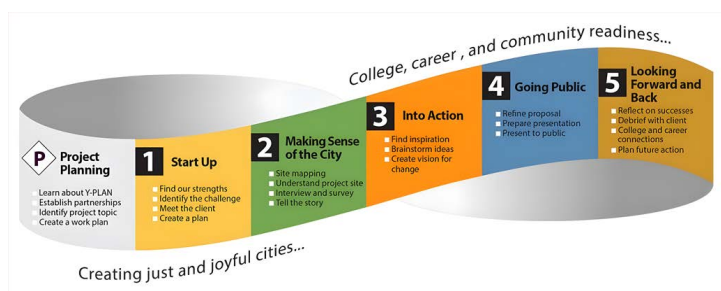


Ilustração: colagem com desenhos das crianças do Rio de Janeiro. Mendonça, 2020.

Il.3: Mapa – colagem de resultados dos desejos obtidos no MARJ – 2019. Fonte: Mendonça, 2019, a partir de material do Mapeamento Afetivo da cidade do Rio de Janeiro – 2019, 2020.



Il. 4: Y- PLAN Roadmap to Change. Fonte: UC Berkeley Center for Cities and Schools, 2022.

concreta de políticas públicas, superando a lógica da consulta pontual e simbólica. Ao invés de compreender a participação infantil como um gesto ilustrativo ou complementar, a experiência evidencia a necessidade de incorporá-la como etapa estruturante no ciclo das políticas, desde o diagnóstico até a implementação e avaliação, reconhecendo as infâncias como produtoras legítimas de conhecimento territorial e agentes ativos na construção do espaço urbano.

Ainda que inspiradora, a vivência nos Estados Unidos também evidenciou as limitações inerentes à transposição metodológica entre contextos socioterritoriais distintos. As experiências de planejamento participativo observadas revelaram alto grau de institucionalização, previsibilidade e infraestrutura de suporte, características que contrastam fortemente com os contextos de precariedade, instabilidade institucional e desigualdade que marcam as cidades do Sul-Global. Tais disparidades impõem a necessidade de metodologias profundamente enraizadas no território, capazes de responder às urgências climáticas, à fragmentação urbana e às formas cotidianas de resistência e produção da vida nas periferias.

Assim, o projeto manteve como princípio a ancoragem local e a atuação em rede. A pesquisa foi conduzida junto ao Grupo Ambiente-Educação (GAE), em colaboração com o SEL-RJ, ambos da UFRJ. Consolidando uma rede interdisciplinar comprometida com a escuta das infâncias e com a consolidação do espaço urbano como território educativo, em diálogo com as especificidades socioespaciais do Rio de Janeiro. Essas parcerias foram essenciais para sustentar uma metodologia ética, situada e replicável, capaz de buscar mudanças institucionais sem perder de vista a singularidade de cada território.

Mais do que um método, a tese de doutorado compreendeu o mapeamento como linguagem. Uma forma de dizer e de se fazer ouvir. Uma tecnologia social (Singer, 2010) e afetiva que permitiu às crianças nomear a cidade com suas próprias palavras e imagens e, com isso, reivindicar um lugar no debate público. A escuta, aqui, não se encerra na coleta dos dados: ela se desdobra em análise, devolutiva, diálogo e proposição. Cada desenho, cada relato, cada medo compartilhado é também uma forma de reivindicar a cidade como espaço de direito e de sonho.

A matriz do projeto, portanto, não se restringe a um conjunto de técnicas ou a um desenho metodológico.

Ela se funda na decisão política de tratar as infâncias como categoria epistemológica, e as crianças como produtoras de conhecimento e de cidade. A partir daí, a tese se constrói não apenas como diagnóstico, mas como gesto: um gesto de escuta, de presença e de cuidado diante das ausências que tanto marcam nossas cidades.

HORIZONTES ABERTOS PELA PESQUISA

A pesquisa sobre as infâncias no Rio de Janeiro não foi apenas uma tentativa de descrever realidades urbanas, foi, acima de tudo, um exercício de abertura para o inédito. Escutar o que as crianças têm a dizer sobre a cidade não implica apenas conhecer seus desejos ou dificuldades: implica deixar-se afetar por outras formas de ver, nomear e transformar o mundo. Ao longo do percurso, tornou-se evidente que não se tratava de uma investigação que apenas registrava dados, mas de uma travessia que ia desvelando, pouco a pouco, outros modos possíveis de pensar o espaço, a política e a vida em comum.

Um dos principais horizontes que se abriu foi contribuir com a consolidação do conceito de território educativo como categoria crítica e operativa. Ao contrário da visão que restringe o processo educativo ao interior das escolas, o território educativo emerge aqui como um campo ampliado de aprendizagens, relações e práticas cotidianas que atravessam os espaços urbanos. As crianças, com seus percursos entre casa e escola, seus vínculos com árvores, calçadas, becos e praças, ensinam que a cidade também educa, mesmo (ou sobretudo) quando não foi pensada para isso. Essa perspectiva desloca a centralidade da escola como único *locus* formativo e propõe uma articulação mais fluida entre planejamento urbano, justiça social e política educacional.

Outro desdobramento importante diz respeito à própria posição da infância no campo das políticas públicas. Ao invés de ser tratada como uma fase transitória da vida,

como um “ainda-não” adulto, a infância passa a ser entendida como dimensão política em si mesma, um lugar de produção de sentido, de desejo e de resistência. As crianças, ao nomearem o que sentem e o que desejam da cidade, revelam não apenas carências estruturais, mas sobretudo potências de reorganização simbólica dos territórios. Elas rompem com os consensos, questionam lógicas estabelecidas, reivindicam tempos e espaços outros e, ao fazer isso, nos convocam a imaginar futuros mais justos.

A escuta das infâncias também sistematizou a possibilidade de construção de uma cartografia afetiva do urbano. Os dados colhidos não apenas informam: eles performam outro olhar. Os desenhos, colagens, relatos e desejos organizam uma cartografia da cidade, feita a partir da experiência vivida e não do ponto de vista técnico (Il. 5). Essa produção sensível do espaço tensiona os fundamentos do urbanismo tradicional, convidando planejadores, arquitetos e gestores públicos a considerar outras epistemologias mais situadas, mais sensíveis, mais abertas ao dissenso.



Il. 5: Mural recebido como resposta do Mapeamento Afetivo da cidade do Rio de Janeiro, 2019. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.

Nesse sentido, a pesquisa não se limitou ao diagnóstico: ela propôs uma metodologia replicável de participação infantil em larga escala, com potencial para inspirar políticas públicas intersetoriais. O mapeamento afetivo tornou-se, ele próprio, instrumento de planejamento urbano, sendo incorporado ao Plano de Desenvolvimento Sustentável da cidade do Rio de Janeiro (PDS-RJ) como referência para o desenho de políticas alinhadas à Agenda 2030. Com isso, o projeto deixou de ser apenas acadêmico e passou a integrar a prática institucional, abrindo caminho para uma escuta mais estruturada e constante das infâncias na formulação de políticas territoriais.

A interlocução internacional com o Y-PLAN da UC Berkeley, também ampliou os horizontes metodológicos da pesquisa. Ao acompanhar experiências de planejamento participativo com jovens em cidades da Califórnia, ficou evidente que o engajamento cívico das infâncias pode ser estruturado como política pública, não como exceção, mas como prática contínua. Ao mesmo tempo, o contraste entre os contextos reforçou a necessidade de uma escuta situada: as crianças brasileiras vivem desigualdades profundas, com menos garantias institucionais, o que torna o desafio ainda maior e mais urgente.

Em um cenário marcado por desigualdades estruturais, vulnerabilidades acumuladas e fragilização das políticas públicas, a escuta deixa de ser apenas uma ferramenta metodológica e passa a se constituir como um ato político de reconhecimento e reparação. A ausência de garantias institucionais torna o envolvimento das infâncias nos processos de decisão não apenas desejável, mas inadiável.

Por fim, a tese buscou abrir um horizonte mais subjetivo: o de pensar a cidade como um lugar de cuidado. Os relatos infantis, quase sempre ignorados por seu suposto “caráter lúdico”, revelaram uma ética do vínculo, da convivência e da reciprocidade. Quando as crianças pedem

sombra, segurança, árvores e lugares para brincar, não estão apenas pedindo infraestrutura, estão anunciando um desejo por uma cidade mais gentil, mais atenta às fragilidades e mais aberta à imaginação. Nesse desejo, há uma chave poderosa para repensar o urbano como espaço sensível e partilhado.

Esses são alguns dos horizontes que esta pesquisa ajudou a entrever. Ela não fecha caminhos, ao contrário, busca multiplicá-los. Ao escutar com atenção o que as crianças têm a dizer sobre a cidade, o que se abre não é apenas uma nova agenda para o desenho de políticas públicas, mas uma nova possibilidade de mundo.

DEVOLUTIVAS OBTIDAS

Se a escuta é o ponto de partida, a devolutiva é o ponto de retorno. E entre um e outro, há um compromisso ético que atravessa todo o processo: fazer com que aquilo que foi partilhado pelas crianças não desapareça no silêncio dos relatórios, nem se dissolva nas abstrações acadêmicas. O que elas disseram, desenharam e sonharam precisa encontrar eco, na escola, na gestão pública, na cidade.

A primeira devolutiva se deu no campo simbólico: ao reconhecer as infâncias como produtoras legítimas de conhecimento sobre o espaço urbano, a pesquisa já realiza um deslocamento fundamental. Cada vez que um professor lê um mapa feito por seus alunos e se surpreende com as palavras usadas, cada vez que uma criança vê sua produção incorporada em um relatório ou exposição, algo se move. Um gesto de escuta se transforma em reconhecimento. Uma experiência cotidiana ganha valor público.

Uma das mais significativas foi a incorporação oficial dos resultados do Mapeamento Afetivo ao Plano de Desenvolvimento Sustentável do Município do Rio de Janeiro (PDS-RJ). Os dados, sistematizados em categorias temáticas e espacializados por regiões administrativas, passaram a compor a base de indicadores da cidade, articulando-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Essa integração reforçou a legitimidade do dispositivo como ferramenta de planejamento e evidência a capacidade de diálogo entre universidade, escola e poder público.

A tese, em suas considerações finais, aponta caminhos possíveis para a construção de políticas públicas que reconheçam a juventude e a infância como sujeitos ativos nos processos de decisão urbana. Promover devolutivas concretas que envolvam as crianças não apenas como participantes simbólicos, mas como coautoras de território, exige uma mudança de paradigma no modo como desenhamos a cidade e formulamos suas políticas.

Entre as possibilidades que emergem, destacam-se a criação de conselhos municipais de juventude e infância, com poder consultivo real; a implementação de programas de mentoria intergeracional, que aproximem crianças e jovens de representantes políticos; e o fortalecimento de orçamentos participativos voltados às infâncias, com metodologias acessíveis e apropriadas.

Também se fazem urgentes a promoção de espaços públicos e culturais cogestionados por jovens, a incorporação da educação cívica nas escolas desde as primeiras etapas, e o uso de ferramentas digitais para captar desejos e propostas das novas gerações. Além disso, a tese defende o fortalecimento de observatórios de infância e juventude, reconhecendo dispositivos como o *Mapeamento Afetivo da cidade do Rio de Janeiro* não apenas como metodologia de escuta, mas como instrumento legítimo de diagnóstico urbano e produção de dados sensíveis.

Outro campo importante de retorno foi o acadêmico e institucional. O texto da tese tem sido divulgado em eventos, congressos, periódicos e por meio do reconhecimento no Prêmio de Investigação Arquisur 2024, o que ampliou sua potência de incidência, não apenas como tese, mas como prática transformadora. A recepção nos espaços acadêmicos, no entanto, nunca foi o objetivo final. O que importava, acima de tudo, era fazer com que a pergunta “Cidade maravilhosa

pra quem?” continuasse circulando como provocação, como desafio, como horizonte.

Ao devolver à cidade aquilo que a cidade nos deu, a pesquisa se afirma como gesto circular. O que foi escutado volta transformado, com potência de atravessar políticas, inspirar educadores, provocar planejadores, sensibilizar gestores. Mais do que um projeto encerrado, trata-se de uma convocação contínua: que tipo de cidade estamos dispostos a construir quando decidimos levar as infâncias a sério?

GANHOS ALCANÇADOS

É difícil sair ileso de uma escuta verdadeira. Quando nos abrimos à cidade contada pelas crianças, algo também se reconfigura dentro de nós. Ao longo do processo de pesquisa, fui compreendendo que esta não era apenas uma tese sobre as infâncias urbanas, era também uma jornada pessoal de transformação. Cada etapa, do contato com os registros ao trabalho coletivo de sistematização, das visitas institucionais ao intercâmbio internacional, deixou marcas que hoje reconheço como ganhos profundos.

No campo acadêmico, a pesquisa consolidou um percurso comprometido com a articulação entre teoria crítica das infâncias, urbanismo e metodologias participativas. A contribuição para com o conceito de território educativo, tal como desenvolvido na tese, representa um ganho teórico-operativo que buscou ultrapassar os muros da universidade: trata-se de uma proposta concreta para repensar as relações entre escola, cidade e cidadania. Esse conceito foi também fortalecido pela minha atuação ao longo de oito anos no estágio de docência da disciplina Projeto de Arquitetura 3 da FAU/UFRJ, no qual pude discutir diretamente com estudantes de arquitetura e urbanismo o projeto de territórios educativos em diálogo com escolas públicas reais.

Essa vivência pedagógica intensificou a dimensão formativa da pesquisa, ao permitir que futuros profissionais refletissem criticamente sobre os vínculos entre espaço

urbano, educação e participação social. A possibilidade de articular esse conceito a dados reais produzidos por crianças em larga escala foi uma das maiores potências do trabalho e reafirma a relevância da escuta como ferramenta metodológica e política.

Outro ganho importante foi fazer parte do trabalho coletivo que levou ao reconhecimento do Mapeamento Afetivo como dispositivo de planejamento urbano. Sua aplicação em mais de 700 escolas públicas, com o envolvimento de professores e a sistematização realizada em parceria com a SME-RJ e a Casa Civil, demonstrou a viabilidade de metodologias de escuta sensível no âmbito de políticas públicas de grande escala. Uma edição realizada em 2022 ampliou o número de escolas participantes, e uma nova edição, prevista para 2025, pretende consolidar ainda mais o dispositivo como fonte de dados qualificados para a formulação de estratégias intersetoriais. Esse reconhecimento institucional valida o Mapeamento Afetivo como uma tecnologia social replicável e reafirma o papel da infância como sujeito político e produtor legítimo de conhecimento sobre a cidade.

No plano institucional, a pesquisa fortaleceu vínculos entre universidade, escola e gestão pública. As parcerias com o Grupo Ambiente-Educação (GAE/UFRJ) e o Sistema de Espaços Livres (SEL-RJ) foram fundamentais para estruturar uma metodologia coletiva, situada e comprometida com os territórios e suas territorialidades. A atuação em rede, ao mesmo tempo densa e horizontal, consolidou uma experiência de produção de conhecimento baseada na escuta ativa, na devolutiva ética e na coautoria institucional.

A vivência internacional, por sua vez, também gerou ganhos significativos. A passagem pelo Center for Cities & Schools (UC Berkeley) possibilitou o contato direto com a metodologia Y-PLAN e com práticas de planejamento participativo desenvolvidas junto a escolas públicas da Califórnia. Mais do que um intercâmbio acadêmico, essa

experiência foi uma provocação epistemológica: perceber as similaridades e os contrastes entre os contextos reforçou a importância de escutas territorializadas, e reafirmou que a infância não é um conceito universal, mas uma construção situada marcada por raça, classe, território e história.

No plano pessoal, esta pesquisa me ofereceu uma nova posição como pesquisador-arquiteto. Não aquela que observa de fora, mas a que se deixa afetar, que se compromete com o que escuta, que se permite habitar o campo como espaço de relação e não apenas de coleta. Reconhecer as infâncias como produtoras de cidade me ensinou a rever meu próprio modo de projetar, de escrever, de estar no mundo. Com as crianças, aprendi outra linguagem, mais sensível, mais poética, mais comprometida com a vida concreta das pessoas.

E, por fim, houve também um ganho coletivo. A pesquisa não pertence só a mim. Ela foi construída com muitas vozes, muitas mãos, muitas escolas. Foi sustentada por redes de confiança, por práticas de cuidado, por alianças que atravessam os limites institucionais. Cada desenho feito por uma criança, cada conversa com uma professora, cada reunião entre pesquisadoras ajudou a tecer esse corpo vivo que hoje se apresenta como tese e, agora, como ensaio. O que ganhamos, juntos, foi a possibilidade de seguir perguntando: cidade maravilhosa pra quem?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio foi tecido a partir de uma pergunta que me atravessou durante o doutorado, uma pergunta feita por uma criança da zona oeste do Rio de Janeiro durante um exercício simples de escuta: “Cidade maravilhosa pra quem?”

Essa frase, aparentemente ingênua, revelou-se fio condutor de uma pesquisa que não buscou apenas compreender o lugar da infância nas cidades latino-americanas, mas também interrogar os próprios fundamentos sobre os quais construímos nossas políticas, nossas escolas, nossos mapas, nossas ideias de futuro. Ao longo do percurso,

compreendi que não se tratava de buscar respostas definitivas. O que importava, e ainda importa, é sustentar a pergunta. Deixá-la ecoar. Permitir que ela nos desloque.

A escuta das crianças, realizada em larga escala por meio do Mapeamento Afetivo de 2019, revelou um modo sensível e situado de pensar a cidade. Suas respostas, sejam desenhos, palavras, colagens ou gestos, nos conduzem a outros critérios de planejamento: o afeto, o vínculo, a segurança, o desejo de brincar, a necessidade de sombra. Em meio às urgências da crise climática, do racismo estrutural, das desigualdades territoriais, as crianças nos mostram que não se trata apenas de resistir, mas de reencantar. Elas apontam caminhos não hegemônicos para reorganizar os espaços comuns, caminhos que valorizam o cotidiano, a ludicidade, o cuidado.

A consolidação do conceito de território educativo, proposta central desta pesquisa, afirma que a cidade é, em si, espaço de formação. Cada trajeto entre casa e escola, cada árvore nomeada, cada calçada atravessada carrega uma experiência de aprendizagem, pertencimento ou exclusão. Reconhecer isso é romper com a lógica que fragmenta a cidade em zonas funcionais, que dissocia o urbanismo da educação, que marginaliza os saberes das infâncias.

Mais do que um produto acadêmico, esta tese propôs um gesto do que Guattari e Rolnik (1986) chamam de *micropolítica*. Um gesto que afirma a possibilidade de produzir conhecimento em rede, em escuta, em território. Um gesto que não busca domesticar as vozes das crianças, mas amplificá-las; que não pretende “ensinar” as infâncias, mas aprender com elas; que compreende a pesquisa como travessia e não como ponto de chegada.

Dentre os principais aprendizados desta trajetória, permanece a convicção de que a escuta não é apenas um método: é posição ética. Escutar as crianças como sujeitos políticos, devolvê-las ao centro do debate urbano e reconhecer suas práticas como legítimas é uma tarefa

contínua, que ultrapassa esta tese e exige o engajamento de todas e todos que acreditam na construção de cidades mais justas, sensíveis e plurais.

A pergunta que me mobilizou no início permanece aberta, insistente, viva. Talvez seja esse seu maior valor: continuar nos convocando a agir. A resposta, se houver, precisa ser construída em coletivo, com coragem, imaginação e compromisso com o comum.

REFERENCIAS

- AZEVEDO, Giselle A. Nielsen (Org.). *Diálogos entre arquitetura, cidade e infância: territórios educativos em ação*. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2019.
- CHRISTENSEN, Pia. *Place, space and knowledge: children in the village and the city*. *Children's Geographies*, V. 1, n.º. 1, p. 37-52, 2003.
- CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (Org.). *Research with children: perspectives and practices*. London: Falmer Press, 2005.
- CORSARO, William A. *The sociology of childhood*. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.
- GOMEZ, Alain Lennart Flandes; GOMES, Rafael Ferreira Diniz; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Desejos dos estudantes para o percurso casa-escola no mapeamento afetivo da cidade do Rio de Janeiro. *In: Em aberto*, Brasília, V. 36, n.º. 117, p. 163–171, maio/ago.2023.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JAMES, Allison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. *Theorizing childhood*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- McKOY, Deborah; EPPLEY, Amanda; BUSS, Shirl. *Planning cities with young people and schools: forging justice, generating joy*. New York: Routledge, 2022.
- NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- PROUT, Alan. *The future of childhood: towards the interdisciplinary study of children*. London: RoutledgeFalmer, 2005.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. A socialização infantil: perspectivas sociopedagógicas. *In: Revista Portuguesa de Pedagogia*, V. 33, n.º. 1, p. 115–136, 1999.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas sociedades contemporâneas. *In: Revista Educação & Sociedade*, Campinas, V. 21, n.º. 73, p. 35-52, dez. 2000.
- SINGER, Helena. *República de crianças: sobre experiências escolares de resistência*. São Paulo: Autêntica, 2010.

**ITAMARATY
EM REDE:
REAGREGANDO A
CONCEPÇÃO DO
PALÁCIO**

CLAUDIO COMAS BRANDÃO

O anúncio de página inteira da Sika S.A. publicado na revista Manchete em 29 de julho de 1967 (Il. 1) trazia estampado o seguinte texto:



Quem fez
este
poema
de concreto?

Criado pela inspiração e gênio de Oscar Niemeyer
- teve a execução perfeita da Construtora Pederneiras
Entretanto, não se vê na harmonia da obra completa, os óbices do trabalho dos mestres, nem os instrumentos e a matéria prima de que se valeram para executá-la. Há na leveza do todo um equilíbrio etéreo, como se o bloco pairasse no ar. E o monumento – "Meteoro" de Ettore Giorgi – é nota dinâmica sobre a mansidão do lago em meio aos suaves jardins tropicais de Burle Marx.
Entre as obras monumentais de Brasília - o Palácio do Itamaraty - é um raio de deslumbramento. Inerte à solidão e à perpétuidade da obra, PLASTIMENT e presença da SIKA na plástica do concreto - homogeneidade, trabalhabilidade e impermeabilidade - que o engenho dos mestres transformou em arte.

A SIKA S.A. felicita arquiteto, engenheiros e hábeis operários que engramam este "poema de concreto".

Sika
SIKA S.A. Produtos Químicos para Construção
Rua Visconde de Inhaúma, 66 - 13ª and. - Tel. 43-8801 - Riq. GD.

Il 1: Publicidade Sika S.A. Fonte: *Manchete*, 29 jul.1967.

Quem fez este poema de concreto?

Criado pela inspiração de Oscar Niemeyer – teve a execução perfeita da Construtora Pederneiras.

Entretanto, não se vê na harmonia da obra completa, os óbices do trabalho dos mestres, nem os instrumentos e a matéria prima de que se valeram para executá-la. Há na leveza do todo um equilíbrio etéreo, como se o bloco pairasse no ar. E o monumento – “Meteoro” de

Bruno Giorgi – é nota dinâmica sobre a mansidão do lago em meio aos suaves jardins tropicais de Burle Marx.

Entre as obras monumentais de Brasília – o Palácio Itamaraty – é um rasgo de deslumbramento. Inerente à solidez e à perpetuidade da obra, PLASTIMENT é presença da SIKA na plástica do concreto – homogeneidade, trabalhabilidade e impermeabilidade – que o engenho dos mestres transformou em arte.

A SIKA S.A. felicita arquiteto, engenheiros e hábeis operários que erigiram este “poema de concreto.

O Palácio Itamaraty, parte do complexo do Ministério das Relações Exteriores em Brasília (Il. 2), foi projetado e construído entre 1959 e 1970, sendo o foco deste ensaio. Um segundo anexo, posterior, não será abordado aqui.

Neste ensaio, apresento resumidamente os principais argumentos da tese que defendi no PROARQ em 2023¹, na qual procuro manter viva a pergunta: “quem fez este poema de concreto?” Não se trata, porém, de contestar a sabida autoria do projeto de Oscar Niemeyer nem de relativizar sua contribuição. O objetivo é fazer uma historiografia do processo, adotando uma abordagem alternativa à maneira como se costuma lidar com a autoria – reproduzindo o que a historiadora Dana Arnold (2006) considera a busca por um “pedigree” dos edifícios – e jogar luz sobre os diversos agentes que participam da produção da arquitetura, tentando entender o que se oculta quando voltamos nossas atenções apenas à autoria consagrada do projeto.

O próprio anúncio publicitário já expõe a ambiguidade dessa questão: começa exaltando Niemeyer como “inspiração”, mas logo menciona a execução da Construtora Pederneiras, os engenheiros, os operários,

¹ Cf. Brandão, Claudio R. Comas. *Com quantos arcos se faz um palácio? A arquitetura do Itamaraty em processo*. Tese (doutorado em arquitetura) UFRJ, Rio de Janeiro, 2023. A tese foi orientada pela Prof^a. Dr^a. Ana M. G. Albano Amora, coordenadora do grupo Lablugares do PROARQ.

os artistas Bruno Giorgi e Burle Marx, e até mesmo a ação química do aditivo Plastiment, sem o qual a “plástica do concreto” não teria a mesma qualidade. De maneira análoga, procuro reagregar a autoria à rede de atores que participaram da produção do edifício.



Il. 2: Complexo do Ministério das Relações Exteriores. Fonte: Fotografia do do autor, 2019.

O trabalho se apoia na Teoria do Ator-Rede, ou ANT, de *Actor-Network Theory*² e em suas ferramentas conceituais para compreender a arquitetura como um processo dinâmico. Essa escolha teórica foi demandada pela complexidade do próprio objeto de estudo: um palácio representativo e de destaque na nova capital, construído em um período político conturbado e cujo protagonismo

² A Teoria do Ator-Rede (ANT) floresceu no âmbito dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), em pesquisas que analisam como conhecimentos científicos, tecnologias e objetos técnicos são produzidos, sendo Bruno Latour seu principal expoente. Além de Latour, destacam-se também os trabalhos de Albená Yaneva, Annemarie Mol, John Law, Madeleine Akrich, Michel Callon, Steve Woolgar, Wiebe Bijker, entre outros. No Brasil, o uso da ANT em pesquisas de arquitetura é mais recente e ainda pouco difundido, mas merece destaque o pioneirismo do grupo Prolugar, vinculado ao PROARQ-FAU UFRJ e coordenado pelos professores Paulo Afonso Rheingantz e Vera Regina Tângari.

institucional foi fundamental para a sua realização. Isso exigiu uma abordagem teórica capaz de decifrar processos intrincados, nos quais interações contínuas entre as diversas partes interessadas e as contingências do contexto moldaram o curso do projeto e da obra.

Entendo que essa abordagem pode oferecer subsídios não apenas para a compreensão dessa obra, mas também para enfrentar uma questão que a teoria e a crítica arquitetônica frequentemente tratam com certo desconforto: o reconhecimento da importância de outros profissionais, além daquele que assina o projeto, para o êxito da obra construída.

Durante a pesquisa, as entrevistas com pesquisadores, arquitetos, familiares e servidores revelaram um leque de interpretações sobre a concepção do Palácio, cada uma enfatizando diferentes protagonistas. A arquiteta Ana Cristina³, filha de Milton Ramos, destacou o volume de desenhos produzidos sob seu comando como evidência de sua contribuição decisiva no desenvolvimento e construção. Em perspectiva complementar, o designer Joaquim Redig⁴, filho de Olavo Redig de Campos, e o arquiteto Jayme Zettel⁵, da mesma equipe de arquitetos do Itamaraty, descreveram uma divisão de atuações na qual Niemeyer definia a estrutura e a espacialidade, cabendo à equipe a organização interna, o mobiliário e os detalhes, sempre em diálogo com o embaixador Wladimir Murtinho. Zettel, em particular, reforçou a autonomia dos colaboradores e a liderança de Murtinho, mas sem hesitar em atribuir a criação a Niemeyer. O conselheiro Heitor Granafei⁶, por sua vez, ampliou o olhar, situando o Itamaraty como marco do auge da vanguarda

³ Ana Cristina Ramos é curadora do acervo de Milton Ramos, onde se encontram centenas de desenhos originais para o Itamaraty, feitos por Milton Ramos, e desenhos feitos à mão por Oscar Niemeyer para serem desenvolvidos.

⁴ Entrevista realizada em 2.jul.2019.

⁵ Entrevista realizada em 7.jun.2018.

⁶ Entrevista realizada em 26.jul. 2018.

cultural brasileira, enquanto o professor Cláudio Queiróz⁷, que trabalhou com Niemeyer na Argélia, explicou que o arquiteto não reconhecia desvios significativos do desenho original, embora concedesse autonomia a seus colaboradores de confiança.

No conjunto, essas interpretações sobre o Itamaraty indicam que sua realização envolveu uma colaboração complexa entre arquitetos, clientes, construtores e artistas, na qual Niemeyer manteve a autoria principal, ainda que com a atuação relevante de seus colaboradores. Esta pesquisa, por sua vez, dedica-se menos a atribuir tais funções e mais a compreender o dinamismo dessas relações, que emergem nas controvérsias do processo. Desse modo, concebe a autoria como uma ação distribuída e constrói uma narrativa distinta da tradição historiográfica, a qual privilegia o edifício concluído, a figura do autor e as datas de início e fim da obra.

O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Para mapear esse processo, a pesquisa reuniu documentação heterogênea e de origens diversas, além das entrevistas já mencionadas, de visitas ao edifício e de um levantamento bibliográfico minucioso.

A documentação primária foi localizada principalmente no Arquivo Público do Distrito Federal, nos arquivos do MRE e no acervo do arquiteto Milton Ramos, em Brasília, e constituem o núcleo central da pesquisa. No Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, foram consultados os acervos de Olavo Redig de Campos e do crítico de arte Jayme Maurício, que se mostraram fontes importantes para ampliar a compreensão sobre o contexto do projeto e, no caso deste último, sobre as relações estabelecidas com a artista Mary Vieira. No arquivo histórico do MRE, pude acompanhar o processo de construção do edifício por meio de relatórios de comissões, memorandos e ofícios.

⁷ Entrevista realizada em 26.mai.2022.

Duas monografias sobre o edifício integram a pesquisa: *Palácio Itamaraty: Brasília, Rio de Janeiro* (1993), com textos de André Corrêa do Lago e Silvia Escorel; e *Palácio Itamaraty: a arquitetura da diplomacia*, de Eduardo Rossetti e Graça Ramos (2017). Por sua vez, o livro do jornalista Manuel Mendes (1996), *O cerrado de casaca*, fornece um histórico bastante completo da construção. Mendes acompanhou de perto a obra pelo *Correio Braziliense*. As informações contidas no livro foram posteriormente complementadas por outras matérias pesquisadas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Além disso, foram analisados depoimentos orais coletados entre as décadas de 1980 e 1990 no projeto *Memória da Construção de Brasília*, do Arquivo Público do Distrito Federal, incluindo os testemunhos do embaixador Wladimir Murtinho, dos arquitetos Oscar Niemeyer e Jayme Zettel, do engenheiro Cláudio Sant’Anna, e dos artistas Bruno Giorgi e Athos Bulcão. Também foram úteis para esclarecer certos eventos, as palestras do arquiteto Milton Ramos e de Murtinho, disponíveis no canal do IAB-DF no YouTube (1996 e 1998).

Curiosamente, ainda que o Itamaraty já fosse considerado na época de sua inauguração, uma das melhores obras de Niemeyer, ele faz poucas menções ao projeto em seus livros e jamais o publicou na revista *Módulo*, editada por ele.

FERRAMENTAS CONCEITUAIS

Em *Give me a gun and I will make all buildings move*, Bruno Latour e Albena Yaneva (2008) defendem que a arquitetura deve ser analisada não como objeto estático, mas como um processo em movimento. Segundo os autores, a arquitetura não pode ser reduzida à representação gráfica dos desenhos, que ocultam demandas dos clientes, restrições legais, negociações, orçamentos e conflitos inerentes à sua produção. Daí a proposta de acompanhar o “voo” dos edifícios.

Essa perspectiva orientou a pesquisa. Menos do que identificar “quem” participou de sua realização, interessa-me compreender “o quê” contribuiu para sua materialização: eventos políticos, críticas, debates públicos, tecnologias e materiais. A pesquisa procura interpretar a arquitetura como resultado de associações em redes heterogêneas – compostas por humanos e não humanos –, e não como expressão de um gênio individual.

O termo “rede” não designa uma estrutura fixa, mas um instrumento descritivo para revelar energia, movimento e mediação (Latour, 2012). Diferente do modelo de difusão – centrado em grandes autores que irradiam influência –, o modelo de tradução enfatiza as negociações e alianças que estendem o trabalho de poucos por meio de muitos (Yaneva, 2023). Assim, o poder de uma rede, ou de um projeto, está menos em sua origem e mais em sua capacidade de atrair participantes e resolver controvérsias.

Essa abordagem permite considerar o projeto não como mero intermediário, simples passagem do croqui ao edifício concluído, mas como mediador: espaço de disputas, ajustes e invenções. “Abrir” os desenhos equivale a abrir uma caixa-preta, revelando negociações que de outro modo permaneceriam invisíveis.

Michel Callon (1996) reforça esse ponto ao afirmar que a concepção arquitetônica é mais mediação do que criação: dificilmente pode ser atribuída a uma única ou a poucas pessoas, pois resulta de negociações contínuas entre múltiplos atores. A distinção rígida entre concepção e construção, entre desenho e canteiro, segundo ele, é enganosa, já que as transformações no projeto não cessam quando a obra começa, apenas se tornam mais difíceis de implementar.

Ao adotar essa perspectiva, o próprio objeto de estudo se redefine. Se abandonamos a narrativa linear (programa > croquis > projeto > obra), surgem novas perguntas: qual é a “data” de início de um projeto? Como

definir sua autoria? O que constitui a obra – apenas a arquitetura ou também as técnicas e obras de arte que a integram? Longe de serem apenas reflexos da teoria, essas perguntas tornam-se, elas mesmas, ferramentas analíticas para desmontar narrativas consolidadas e revelar as dinâmicas geralmente ocultas da produção arquitetônica.

Para capturar essa complexidade, a pesquisa adota a cartografia de controvérsias, ferramenta que permite observar interações, associações e disputas no “calor da ação” (Yaneva, 2023). No caso do Palácio Itamaraty, esse método revela uma composição heterogênea, onde arquitetos, políticos, técnicas, materiais, diplomatas e instituições formam uma teia instável (Yaneva, 2022). Essa lógica ecoa a observação de André Corrêa do Lago (1993) sobre a “estranha fórmula mágica” por trás de obras emblemáticas brasileiras, que alinha o talento de arquitetos a clientes excepcionalmente ativos, como Wladimir Murtinho no Itamaraty.

Nesse quadro, a autoria deixa de ser um atributo exclusivo do arquiteto. O conceito de mecanismos primário e secundário (Latour, 1988) ajuda a esclarecer essa ambiguidade: há o Niemeyer arquiteto, que traduz demandas em projeto junto a outros profissionais, e o “Niemeyer” emblema, cujo prestígio mobiliza apoios e legitima escolhas. Um não existiria sem o outro.

Essa distinção permite reformular as perguntas sobre o Palácio: sua origem residiria no gênio criativo ou nas intervenções do cliente? O que o torna um monumento: a força do desenho, a qualidade da execução ou sua recepção pública? O objetivo, assim, não é relativizar o papel de Niemeyer, mas compreender sua atuação em rede e visibilizar os inúmeros atores – humanos e não-humanos – ofuscados por uma história escrita sob a lógica restrita da assinatura autoral.

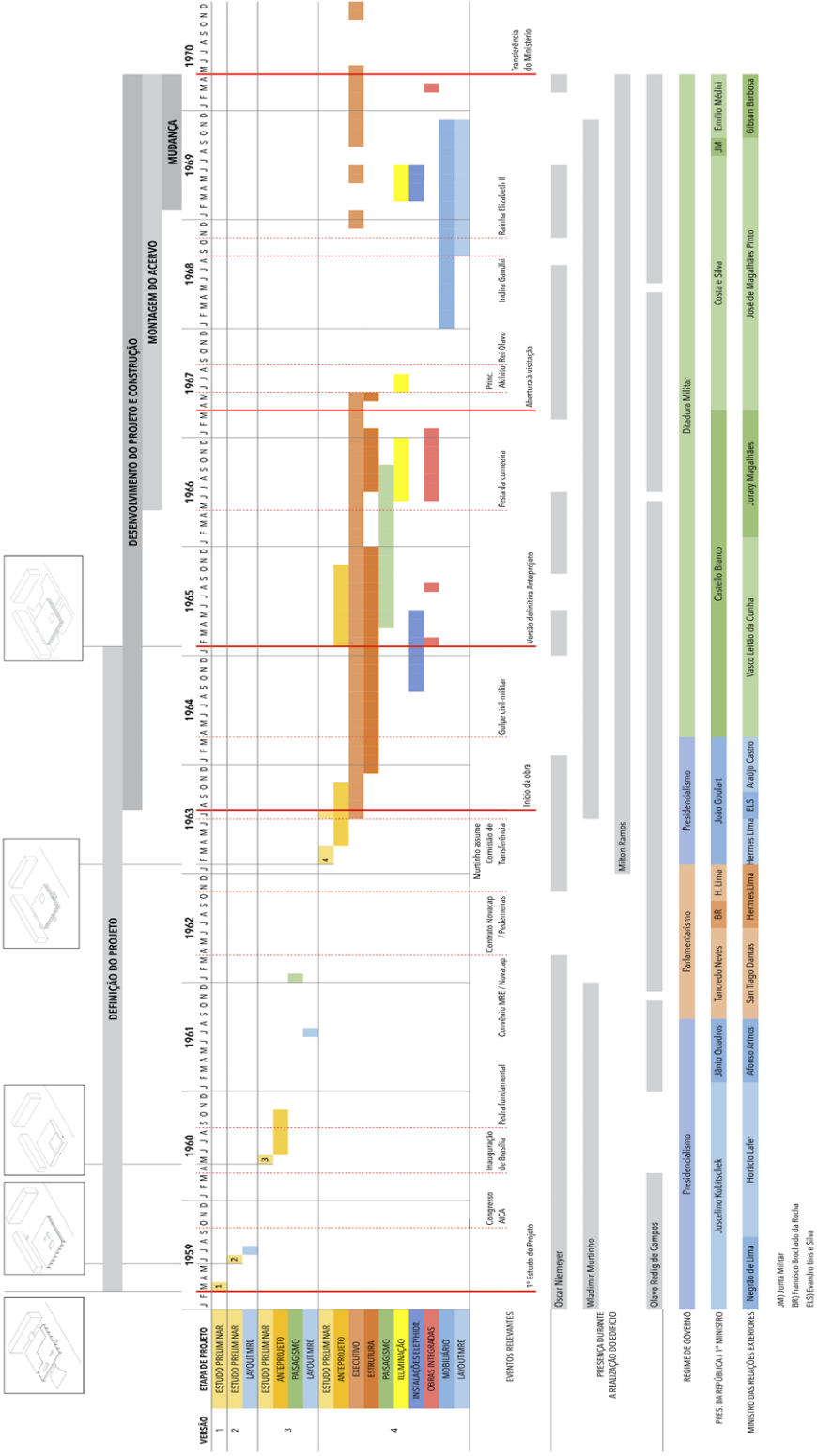
UMA CRONOLOGIA EM CAMADAS

Para cartografar as controvérsias, partiu-se da sistematização da documentação em uma história do edifício elaborada em camadas. Essa cronologia em camadas identifica, de forma integrada: as diversas versões do projeto; as fases de definição da proposta, desenvolvimento, montagem do acervo e mudança; os atores centrais; os contextos político-administrativos; e eventos-chave como o início da obra, inaugurações parciais e a transferência definitiva do ministério (Il. 3).

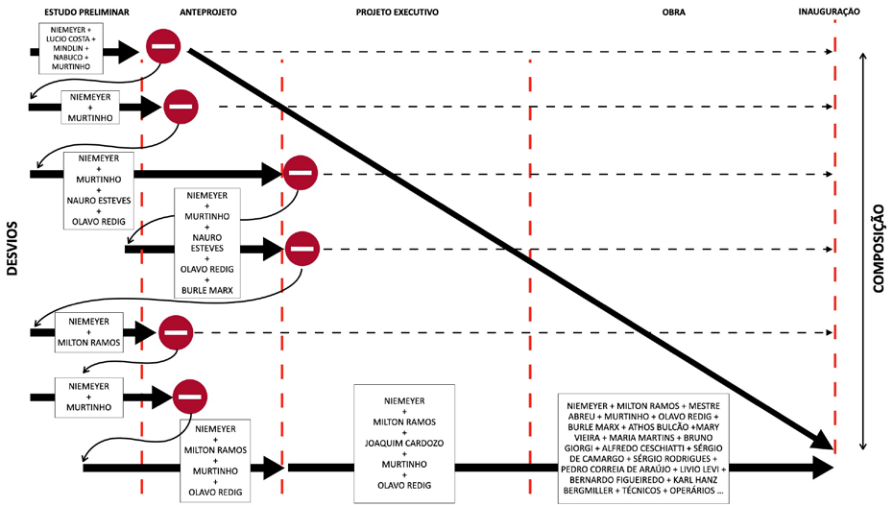
A cronologia foi construída a partir de fontes diversas: desenhos de arquitetura, engenharia, mobiliário, paisagismo e artes integradas; notícias de jornal, que captam a incerteza dos acontecimentos em curso; depoimentos de arquitetos, engenheiros, diplomatas e artistas em entrevistas, palestras e memórias; e documentos internos do Ministério, como atas, memorandos e relatórios, que revelam vias de intervenção nem sempre visíveis.

O cruzamento desses materiais conecta redes variadas de atores – das Comissões do Itamaraty à imprensa, dos desenhos às demandas institucionais – e demonstra o caráter artificial da distinção entre edifício e contexto. A história, assim, não se organiza em linha reta, mas como uma trajetória não linear, marcada por desvios que compõem a trajetória do edifício (Il. 4).

Emergem, portanto, perspectivas parciais – dos arquitetos, da instituição, dos construtores – que indicam como a narrativa histórica depende do ponto de partida escolhido. Para seguir o objeto na Esplanada, interessa o percurso desde os primeiros estudos de Niemeyer em 1959, ou mesmo sua predisposição no Plano Piloto de Lucio Costa de 1957. Já a história do Palácio dos Arcos começa efetivamente em 1963. E se o foco recai sobre o Itamaraty como questão institucional, o recuo pode chegar ao concurso para a construção da nova ala do Ministério no Rio de Janeiro, vencido por Henrique Mindlin em 1941. A



Il. 3: Cronograma de produção do Palácio Itamaraty. Fonte: Concebido pelo autor, 2023.



Il. 4: Diagrama de desvios e composição. Fonte: Concebido pelo autor, 2023.

pesquisa busca, justamente, reconectar os elos dessa cadeia de acontecimentos de um extremo a outro.

Quanto ao ponto de chegada, tomei como marco a inauguração oficial de 20 de abril de 1970, ainda que o edifício já tivesse sido inaugurado e celebrado em datas anteriores, o que mostra como o próprio evento da “inauguração” se torna objeto de disputa.

Esse percurso evidencia que se trata menos de acompanhar um projeto ou obra construída, e mais de compreender a sobreposição de dimensões estéticas, técnicas e políticas que se entrelaçam na produção do palácio. É a partir dessa trama de múltiplos registros que se passa, na sequência, à apresentação das controvérsias mapeadas, com exemplos que tornam visíveis as negociações e desvios que marcaram sua trajetória.

CARTOGRAFANDO CONTROVÉRSIAS

O estudo de controvérsias em arquitetura busca entender como as divergências são negociadas e como impactam na configuração final de um edifício. Em *Mapping Controversies in Architecture*, Albena Yaneva (2012) explica que o termo deve ser entendido como parte fundamental

dos diversos aspectos da prática arquitetônica, constituindo a melhor maneira para lidar com os múltiplos problemas com os quais administradores, arquitetos e demais atores precisam lidar normalmente.

Cartografar controvérsias consiste em examinar aquilo que se convencionou chamar de “caixas-pretas” (Latour, 2000), que define como elementos complexos cujo funcionamento interno é aceito sem questionamento, conhecendo-se apenas seus *inputs e outputs*. As controvérsias representam justamente esses momentos de reabertura, onde os consensos se desfazem e os processos de construção, seja de descobertas científicas, de novas tecnologias, ou de edifícios, tornam-se visíveis.

No caso do Itamaraty, concentrei-me em quatro controvérsias centrais. Na primeira controvérsia, sobre a definição do projeto executivo, a pesquisa revela como o partido arquitetônico evoluiu significativamente entre 1959 e 1963. Os estudos iniciais de Niemeyer mostram uma abordagem mais expressiva, enquanto as versões de 1960-1961 apresentam soluções mais contidas. A versão que quase prevaleceu – uma caixa de vidro de inspiração miesiana – foi desenvolvida como resposta à urgência na transferência da capital após o governo Kubitschek, em resposta às forças que tentavam trazê-la de volta ao Rio de Janeiro. A adoção das arcadas em 1963 pode ser entendida, portanto, não como mera decisão estética, mas como estratégia para conquistar setores conservadores do Itamaraty que resistiam à mudança para Brasília. Nessa fase, foi fundamental o trabalho da equipe de Olavo Redig de Campos, que articulou as demandas institucionais do Itamaraty com as propostas de Niemeyer.

A segunda controvérsia, sobre a fase construtiva (1963-1970), desvenda as complexas traduções entre desenho e execução. A pesquisa detalha como Milton Ramos, instalado no canteiro, desenvolveu soluções específicas que definiram a aparência final das arcadas em concreto

armado, todas respondendo a limitações tecnológicas efetivas (carrinhos de mão, betoneiras, espaço estreito entre ferragens). Seu depoimento revela uma atenção obsessiva aos detalhes: maquetes e protótipos em escala real eram usados para testar correções visuais, estudar concretagens e antecipar problemas estruturais (Il. 5). Simultaneamente, o trabalho de Joaquim Cardozo revela como elementos estéticos como a escada central exigiam invenções técnicas específicas, enquanto estruturas eram dissimuladas sob forros para valorizar a percepção espacial.



Il. 5: Protótipo dos arcos desenvolvido e fotografado pelo arquiteto Milton Ramos (1964). Fonte: Acervo do arquiteto Milton Ramos.

Na terceira controvérsia, sobre o acervo artístico, a pesquisa mostra como Wladimir Murтинho orquestrou um delicado equilíbrio entre protocolo diplomático, orçamento limitado e afirmação cultural. Sua atuação revela critérios específicos: evitou abordagens ufanistas ou polêmicas, preferindo artistas brasileiros ou radicados no país. A análise detalha como cada obra foi concebida para dialogar com

a arquitetura, seja por harmonização, como é o caso das obras de Athos Bulcão e dos jardins de Burle Marx, ou por contraste e acento, no caso de Bruno Giorgi (Il. 6) e Maria Martins, dentro de uma concepção museológica coerente.



A quarta controvérsia desvenda os mecanismos políticos da mudança, mostrando como a transferência do Itamaraty para Brasília envolveu ironias institucionais: Murtinho, responsável pela instalação do gabinete em 1967, foi “premiado” com embaixada na Índia, enquanto Mario Gibson Barboza, antes contrário à transferência, foi o chanceler responsável pela inauguração. A pesquisa conecta eventos aparentemente desconexos: a consolidação do palácio como vitrine diplomática, como no caso da visita da Rainha Elizabeth II em 1968 (Il. 7) que aconteceu às vésperas da mais violenta do regime militar AI-5, enquanto sequestros de embaixadores no Rio criavam pressão adicional para a mudança.

Por meio desse mapeamento, a pesquisa demonstra como o Itamaraty resulta de uma ação distribuída entre arquitetos, engenheiros, artistas, operários, funcionários públicos, príncipes, reis, rainhas, ditadores, guerrilheiros e diplomatas, um edifício cuja materialização só se compreende seguindo as controvérsias que o moldaram.



Il. 7: Visita da Rainha Elizabeth II do Reino Unido. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, 1968.

CONCLUSÃO

Retornando à pergunta inicial – “quem fez este poema de concreto?” –, a discussão de Michel Foucault em “O que é um autor?” nos alerta que não basta decretar a morte do autor, alegando que a recepção de uma obra depende somente de quem a aprecia. Mais interessante é compreender a função-autor em nosso tempo, uma vez que a sociedade contemporânea não tolera a ausência de autoria. Como observa Foucault, “[...] o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso” (2009, p. 273). No caso do Itamaraty, o nome do arquiteto sinaliza como o edifício deve ser recebido – o que, no entanto, não significa conceder-lhe o privilégio exclusivo da criação. Talvez a atitude mais adequada seja, portanto, tratar o autor não como uma origem, mas como um ator-rede, jamais isolado de seu ecossistema de produção.

Dessa forma, procurei demonstrar que as perguntas “quem fez, quando, onde e como” são insuficientes para dar conta da história do Palácio, e propus expandir o problema para incluir outras interrogações: para quem? Com quem? Com quê? Com quais recursos? Quais interesses estavam em disputa? Que associações se formaram no processo? Como as controvérsias foram resolvidas — e por que dessa forma e não de outra? Abordada por esse viés, a arquitetura se revela, para além do ato criativo, um espaço de negociações e disputas, um exercício político.

A busca por essas respostas não apenas amplia o conhecimento sobre a arquitetura, mas também abre novos caminhos para a sua pesquisa. Como procurei demonstrar, a importância do Palácio Itamaraty não reside apenas na energia potencial do risco de Niemeyer ou na qualidade da construção, mas na força das associações que, em conjunto, tornaram a obra possível.

Acredito que o próprio Niemeyer tivesse consciência dessa força distribuída, que ia além da potência do seu traço — e talvez essa seja a razão pela qual ele nunca tenha dado

grande importância ao Itamaraty em suas publicações. Isso não deixa de ser paradoxal, pois, ao mesmo tempo, vários historiadores e críticos, ainda hoje, consideram o Itamaraty uma de suas melhores obras.

REFERÊNCIAS

- ARNOLD, Dana; ERGUT, Elvan Altan; ÖKZAYA, Belgun Turan (eds.). *Rethinking architectural historiography*. London, New York: Routledge, 2006.
- BRANDÃO, Claudio Roberto Comas. *Com quantos arcos se faz um palácio? A arquitetura do Itamaraty em processo*. 2023. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.
- CALLON, Michel.. Le travail de conception en architecture. Situations. In: *Les cahiers de la recherche architecturale*, V. 37, n° 1, 1996. p. 25-35.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (V. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2000.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.
- LATOUR, Bruno. *The Pasteurization of France*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.
- LATOUR, Bruno; YANEVA, Albena. “Give me a gun and I will make all buildings move”: an ant’s view of architecture. In: Geiser, Reto (ed.), *Explorations in architecture: Teaching, Design, Research*, Basel: Birkhäuser, 2008.
- MENDES, Manuel. *O cerrado de casaca*. Brasília: Thesaurus, 1995.
- MURTINHO, Wladimir. Memória do Arquiteto de Brasília: Wladimir Murtinho. Brasília: IAB-DF, 1998. Disponível em: https://youtu.be/tRvPBUBlxbw?si=ZfMGezd_w7YeJ_Sq. Acesso em: 28 ago. 2023.
- MURTINHO, Wladimir. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 1990.
- PALÁCIO Itamaraty: Brasília, Rio de Janeiro. São Paulo: Banco Safra, 1993.
- RAMOS, Milton. Memória do Arquiteto de Brasília: Milton Ramos. Brasília: IAB - DF, 1996. Disponível em: https://youtu.be/_kBgOyK8Xek?si=_hW84hQZelTDk_T. Acesso em: 28.ago.2023.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti; RAMOS, Graça. *Palácio Itamaraty: a arquitetura da diplomacia*. Brasília: ITA, 2017.
- YANEVA, Albena. *Mapping controversies in architecture*. Farnham, Burlington: Ashgate Publishing, 2012.
- YANEVA, Albena. *A ciência em fabricação*. Tradução de: Claudio Comas Brandão e Paulo Afonso Rheingantz. In: *Cadernos PROARQ*, Rio de Janeiro, n°. 40, p. 1-19, jul.2023.

**O ARQUITETO
EM FORMAÇÃO:
PERCURSO
ACADÊMICO DE
ARCHIMEDES
MEMÓRIA NA
ENBA
(1911–1916)**

DIEGO NOGUEIRA DIAS

ARQUITETURA E AS BELAS ARTES NO BRASIL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

O ensino de arquitetura no Brasil, ao longo das primeiras décadas do século XX, refletia os debates entre tradição e modernidade que marcavam a cultura acadêmica internacional. A Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), no Rio de Janeiro, foi o principal espaço de formação de arquitetos nesse período, estruturando-se a partir do modelo francês da *École Nationale et Spéciale des Beaux-Arts* de Paris e adaptando-o às especificidades locais. Nesse contexto, o aprendizado não se limitava ao domínio técnico, mas estava profundamente ligado ao desenvolvimento de competências artísticas, ao rigor dos concursos acadêmicos e ao ideal de composição arquitetônica monumental. Compreender esse ambiente pedagógico é fundamental para analisar as trajetórias individuais que nele se desenvolveram, revelando como gerações de arquitetos foram moldadas por práticas e valores que buscavam conciliar heranças clássicas e exigências de modernização. É nesse quadro que se insere a formação de Archimedes Memória, objeto central deste ensaio, desdobrando da pesquisa de doutorado do autor. Nascido em Ipu, no Ceará, em 1893, Memória teve sua formação básica no Liceu do Ceará, em Fortaleza. Em 1910, após a morte de seu pai, migra para a então capital do país, intencionado em viajar para Zurich, na Suíça, onde pretendia estudar engenharia (Memória Filho, 2008, p. 18). Entretanto, em

face às dificuldades financeiras encontradas, passa a dedicar-se aos estudos de forma autônoma, para ingressar no curso de Pintura da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), tendo sido aprovado em 1911.

Os alunos ingressantes na ENBA eram todos direcionados ao chamado Curso Geral, onde aprendiam disciplinas consideradas basilares para quaisquer das áreas correlatas às Belas Artes que pretendessem seguir. Conforme aponta Uzeda (2006), apesar de algumas diferenças, o currículo da ENBA possuía grandes semelhanças ao da *École des Beaux-Arts*. E de fato, o fundador da Academia Imperial de Belas Artes, precursora da ENBA, o arquiteto francês Grandjean de Montigny, que no Brasil aportou com a Missão Artística Francesa, ainda em 1816, havia estudado na *École*, e assim transpôs seus preceitos para o Rio de Janeiro, capital do Império.

A denominação Belas-Artes (ou artes finas) e o sistema das academias redundam no sentido do privilégio na produção artística, representando-o fortemente na sociedade aristocrática. Belas-Artes significa uma tradição. Baseou-se na educação artística grega, que assumia grande importância na educação tradicional, visando formar um indivíduo de alta cultura. Nela, as Belas-Artes eram em primeiro lugar a música, que incluía a dança, depois as artes plásticas, na qual se incluía a arquitetura, com destaque para o desenho, e por fim, na cultura helenística, a literatura (Malacrida, 2010, p. 32).

O sistema de ensino *Beaux-Arts* nasceu com a incumbência de dotar os profissionais dos precisos conhecimentos que envolviam as construções, desde a composição formal até a garantia da predominância da beleza clássica. Conforme ressalta Malacrida (2010, p. 47), na Arquitetura, em especial, o ensino deveria preparar “um profissional engenhoso, capaz de não somente construir, mas também projetar uma cidade ideal no grande estilo a ser renovado e internacionalizado”.

O ensino *Beaux-Arts* na França tinha no desenho de Arquitetura seu principal elemento. Era a partir dele

que se estruturava todo o curso, e seu completo domínio era vital para a formação plena deste profissional: “a supremacia da técnica” (Malacrida, 2010, p. 50). “O desenho do estilo Belas-Artes é caracterizado pela ordem, simetria, concepção formal, grandiosidade, ornamentação elaborada e grandiosidade das construções” (Malacrida, 2010, p. 51). Todo este sistema buscava nas construções já existentes os elementos a se copiar, a se catalogar, e assim, tais elementos iam sendo incorporados ao repertório dos próprios alunos em seus novos projetos. Dessa forma, quando um aluno ou arquiteto mesclava elementos de edifícios diferentes que havia desenhado em um mesmo projeto, alavancava o historicismo, e assim, o ecletismo em arquitetura.

Da *Beaux-Arts* francesa também surgiram os concursos, sendo o mais famoso denominado *Grand Prix de Rome*, no qual os alunos tinham que elaborar um projeto sob um tema previamente estabelecido, com prazo exíguo e uma extensa lista de itens a serem entregues. Muitas das pranchas resultantes destes concursos acabaram por se transformarem em livros, amplamente difundidos, constando inclusive na biblioteca da Escola Nacional de Belas Artes. Archimedes Memória também possuía em seu acervo particular diversos livros franceses, dentre eles um exemplar do *Le Concours du Grand Prix de Rome* de 1905, confirmando-o enquanto referência basilar no ensino da ENBA.

Nos concursos do *Grand Prix*, a criatividade deveria ser exacerbada, não necessitando o concorrente se preocupar com recursos financeiros ou terrenos para uma hipotética execução de seu projeto. A grandiosidade e suntuosidade poderiam (e deveriam) prevalecer.

Enquanto instrumento pedagógico, O Grande Prêmio é revelador da distinção de grau que acompanhava o processo de formação do artista-gênio: aquela em que o arquiteto deve fazer no dia a dia, e a arquitetura melhor, dos monumentos. É nessa última que o prestigiado concurso final se justifica, ou seja, na mais rara e por isso mesmo mais importante arquitetura para o Sistema de

Ensino Belas-Artes. Ambas – a boa e a melhor – decorrem dos mesmos princípios de construção e composição e por isso se harmonizam no conjunto da cidade clássica, que por elas se distinguiu na cultura para a história (Malacrida, 2010, p. 60).

O próprio Grandjean de Montigny havia ganhado este prêmio em 1799, o que torna ainda mais plausível a implementação deste método no ensino de arquitetura proposto no Rio de Janeiro, e a propagação dos livros do concurso entre os alunos da ENBA. Então, a partir de 1915, instituiu-se na ENBA o Concurso de Grau Máximo, que poderia ser equivalente ao *Grand Prix*, que consistia “na elaboração de um projeto completo, de caráter monumental, com os respectivos cálculos, detalhes e memória, o qual será defendido perante uma comissão composta do Diretor e dos professores das Cadeiras de Arquitetura e Construção” (Brasil, 1915, p. 373).

Entretanto, segundo Rodrigues,

Havia uma diferença fundamental entre a instituição do Brasil e a da França, que não estava na estrutura do modelo, e sim na intensidade dos embates gerados com os concursos. Na ENBA [nesse período] só havia um ateliê, portanto, apenas a competição entre alunos; enquanto isso, na École, onde havia diversos ateliês, e, mais do que a disputa entre os estudantes, era colocado a prova a doutrina dos mestres, o pensamento de um ateliê, um modelo arquitetônico (Rodrigues, 2016, p. 46).

Já Uzeda destaca que recorrentemente o currículo da ENBA passava por modificações, de acordo com cada diretor, mas sempre mantinha as bases tradicionais. Dos seis anos totais da graduação, três eram dedicados ao Curso Geral, e três ao Curso Especial na área escolhida pelo aluno (Pintura, Escultura, Gravura ou Arquitetura). O Curso Especial de Arquitetura não tinha considerável procura, com pouquíssimos alunos matriculados nos últimos anos do século XIX, chegando a não ter nenhum aluno nos anos de 1901 e 1902 (Uzeda, 2006). No início do século XX intensificou-se o número de matrículas, passando de 11 em

1901, para 49 em 1910, mesmo período em que a cidade do Rio de Janeiro passava por consideráveis transformações em sua área urbana central. A maioria dos alunos, entretanto, ainda optava pelos cursos de Escultura ou Pintura, ficando o curso de Arquitetura com o menor número de matriculados. Em 1914, dos 69 alunos matriculados na ENBA, apenas oito estavam no Curso Especial de Arquitetura (Uzeda, 2006), dentre eles Memória. Foi a partir de 1915 que este seguimento passou a receber número regular de alunos, chegando a 23 em 1924.

ARCHIMEDES MEMÓRIA: PERCURSO ACADÊMICO

Ao ingressar na ENBA, em 1911, Archimedes Memória estudou sob a chamada “Reforma Rivadávia Correa” (Uzeda, 2006, p. 160), a qual buscou

evitar a repetição das antigas falhas do regulamento de 1901. Grande parte dela dizendo respeito à organização do Curso Geral, que havia se empobrecido em disciplinas [...]. Mas Cianconi também apontava um grave engano em relação à organização do Curso de Arquitetura, considerando ser inadmissível deixar seus alunos “...que no curso geral já tinham começado a desenhar os elementos de arquitetura, ficassem por dois longos anos sem exercício algum desta disciplina que é a base e o fim de sua arte.” (Uzeda, 2006, p. 161-162).

O Quadro 1 a seguir elenca o histórico do aluno, que foi reconstituído pelo autor a partir dos exemplares dos trabalhos de graduação existentes no acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, em intercruzamento com o acervo do próprio Memória, cedido em regime de comodato ao NPD, em 2019, acervo este que serviu de base para o desenvolvimento da tese do autor (Dias 2024)¹.

¹ Intitulada “O estilo sob suspeita: arquitetura e modernidade em Archimedes Memória e Lucio Costa”, a tese, defendida em 2023 junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi agraciada com o Prêmio CAPES de teses de 2024.

QUADRO 1

CURSO GERAL	
1ª Série 1911	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho à Mão Livre e Geométrico (Prof. João Ludovico Maria Berna, arquiteto); • Desenho de Ornatos e Elementos de Arquitetura (Prof. Adolfo Morales de los Rios, arquiteto); • Desenho Figurado (1ª cadeira prof. Modesto Brocos, pintor; 2ª cadeira Prof. Lucílio de Albuquerque, pintor).
2ª Série 1912	<ul style="list-style-type: none"> • Geometria Descritiva e Desenhos Relativos (Prof. Gastão Bahiana, engenheiro) – aprovado com distinção; • Desenho de Ornatos e Elementos de Arquitetura (Prof. Adolfo Morales de Los Rios, arquiteto); • Desenho Figurado (1ª cadeira prof. Modesto Brocos, pintor; 2ª cadeira Prof.. Lucílio de Albuquerque, pintor).
3ª Série 1913	<ul style="list-style-type: none"> • Escultura de Ornatos (Prof. Petrus Verdié, escultor) – aprovado em 1º lugar; • Desenho de Composições Elementares de Arquitetura (Prof. Adolfo Morales de Los Rios, arquiteto) – aprovado com distinção; • Desenho Figurado e Princípios de Modelo-vivo (Prof. João Zeferino da Costa, pintor) – aprovado com menção honrosa; • Perspectiva e Sombras e Desenhos Relativos (Prof. Gastão Bahiana, engenheiro civil) – aprovado plenamente.
CURSO ESPECIAL DE ARQUITETURA	
1ª Série 1914	<ul style="list-style-type: none"> • Geometria Descritiva e suas Aplicações (Prof.. Gastão Bahiana, engenheiro civil); • Geometria Analítica e Cálculo (Prof. Carlo Cianconi, engenheiro civil) • Noções de História Natural, Física e Química (Prof. Cincinato Filafiano Néri, médico); • Composição de Arquitetura, seu Desenho e Orçamento (Prof. Heitor de Mello, arquiteto) – aprovado com distinção, agraciado com medalha de prata.
2ª Série 1915	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais de Construção, Estudo Experimental de sua Resistência e Tecnologia das Profissões Elementares (Prof. José Pereira da Graça Couto, engenheiro civil); • Mecânica, Resistência dos Materiais, Estabilidade das Construções e Grafo-estática (Prof. Heitor Lira da Silva, engenheiro civil); • Topografia e Desenho Topográfico (Prof. Manoel Henrique Lima, arquiteto) – aprovado plenamente, grau 8; • Composição de Arquitetura, seu Desenho e Orçamento (Prof. Heitor de Mello, arquiteto) – aprovado em 1º lugar.
3ª Série 1916	<ul style="list-style-type: none"> • História e Teoria da Arquitetura (Prof. Ernesto da Cunha de Araújo Viana, engenheiro civil) – aprovado plenamente; • Legislação de Construção, precedida de Noções de Economia Política (Prof. Diogo Chalréo, bacharel em Direito); • -Composição de Arquitetura (Prof. Heitor de Mello, arquiteto).
	<ul style="list-style-type: none"> • Habilitado com Pequena Medalha de Ouro em 1917, com projeto de uma escola e museu de belas artes.

Ao analisar as disciplinas cursadas por Memória nota-se que a base metodológica, majoritariamente guiada pelo desenho, é espelho da *École* francesa. Dos professores da ENBA neste período, sobretudo aqueles vinculados ao ensino de arquitetura, três merecem destaque: Heitor de Mello, Adolfo Morales de los Rios e Gastão Bahiana; os dois primeiros, arquitetos, e Bahiana, engenheiro civil. Estavam todos ligados diretamente às transformações urbanas que ocorriam no Rio de Janeiro, tendo inclusive os três elaborado projetos que foram executados na Avenida Central. Enquanto Mello projetou as sedes sociais do Jockey e o Derby Club, Morales de los Rios foi o autor do próprio edifício da ENBA, além de diversos outros da avenida, e Bahiana projetou o extenso Carlton Hotel, em estilo neogótico, à esquina da Avenida Central com a Praça Mauá, dentre outros. Morales de los Rios e Bahiana também marcaram presença na Exposição Internacional do Centenário, em 1922, com os projetos do Parque de Diversões e do Pavilhão da Estatística, respectivamente. Estes professores, os mesmos arquitetos à frente dos principais empreendimentos edilícios da capital da República, garantiam a seus alunos a plena formação, da teoria à prática construtiva.

Os trabalhos de graduação de Memória, em considerável número, além de corroborar para o já citado emprego do desenho enquanto instrumento basilar para a formação dos profissionais da ENBA, explicitam o rigor técnico da representação ao avançar do curso. A Il. 1 exemplifica este rigor, com o ensino baseado no estudo das cinco ordens: dórica, jônica, coríntia (as três de caráter grego), toscana e compósita (as duas de caráter romano), em total harmonia com o praticado na *École*, de se estudar os elementos compositivos das arquiteturas clássicas. Todas as pranchas do trabalho de Memória dessa disciplina, a de Composições Elementares de Arquitetura, foram assinadas também pelo professor, Adolfo Morales de los Rios, que ressaltou a qualidade do trabalho: “Muito bem. Aluno exemplar”. Ele

era sempre aprovado com distinção, e os jornais da época ressaltavam seus méritos, inclusive por recorrentemente ser agraciado em premiações internas.



Il. 1: Archimedes Memória- trabalho de graduação, disciplina Desenho de Composições Elementares de Arquitetura- 1913. Ordem Coríntia, com anotação do professor Adolfo Morales de los Rios: "Discípulo exemplar". Fonte: Acervo NPD/FAU UFRJ.

Já a disciplina de Perspectiva e Sombras e Desenhos Relativos, do professor Gastão Bahiana, dividia-se em duas partes: na primeira, aprendia-se sobre sombras próprias e projetadas, desde a generalidade até a aplicação na arquitetura; e na segunda parte eram apresentadas as definições, os efeitos da orientação, da cor, da distância (Uzeda, 2006, p. 144). A maior parte da ementa desta disciplina focava na perspectiva: dos 20 pontos listados pelo professor na ementa, pelo menos 11 traziam o termo em seu texto. Foi nesta disciplina que Archimedes executou o trabalho apresentado na Ilustração 2, um desenho de observação da galeria de moldagens da ENBA, a partir de um ângulo lateral.



Il. 2: Archimedes
Memória- trabalho de
graduação, disciplina
Perspectiva e Sombra
e Desenhos Relativos-
1913, professor Gastão
Bahiana. Fonte: Acervo
NPD/FAU UFRJ.

A disciplina de Desenho Figurado e Princípios de Modelo Vivo (ministrada a Archimedes pelo professor João Zeferino da Costa, no terceiro ano do Curso Geral, em 1913), basilar a todos que ingressavam na Escola, o então diretor Rodolfo Bernardelli, ainda em 1911, ressaltava:

[...] seria necessário preparar o aluno de modo que estando no 3º ano se ache habilitado a desenho do natural, a fim de que quando entrar para as aulas de pintura, escultura, gravura e arquitetura já saiba com desembaraço interpretar o modelo².

Memória, ao final do Curso Geral, foi agraciado com menção honrosa na disciplina de Desenho Figurado, conquistando medalha de prata na cátedra de Desenho de Composições Elementares de Arquitetura, “premiações inéditas e extracurriculares na ENBA”. Também foi aprovado plenamente na disciplina de Perspectiva e Sombras, alcançando o 1º lugar na classificação final da disciplina de Escultura de Ornatos. Na admissão para o Curso Especial de Arquitetura, habilitou-se com vinte pontos, quatro à frente do segundo colocado, Nestor Egydio de Figueirêdo.

² Atas da Escola Nacional de Belas Artes, 1901-1912, p. 63 *apud* Uzeda (2006, p. 166).

Se a Adolfo Morales de los Rios e Gastão Bahiana cabiam as principais disciplinas do Curso Geral, Heitor de Mello era o professor responsável pela cátedra de Composição de Arquitetura, aquela com maior número de horas e considerada o carro-chefe do Curso Especial, presente em todos os três anos. No acervo de Memória foram encontrados trabalhos de todos os anos do Curso Especial de Arquitetura, o que possibilita a compreensão das etapas propostas pelo professor ao longo das séries, da elaboração da planta até o projeto completo de um edifício de caráter monumental (banco, estação ferroviária, teatro, escola, hospital, igreja, dentre outros).

Mello, que logo convidaria Memória para trabalhar em seu escritório, nessa disciplina moldou o fazer arquitetônico do então aluno, exemplificado no trabalho apresentado na Ilustração 3, o projeto para um edifício de Conselho Municipal, elaborado em 1915, no segundo ano do Curso Especial de Arquitetura. Neste período, Mello havia acabado de ser contratado para elaborar o projeto da nova sede do Conselho Municipal do Rio de Janeiro (atual Câmara de Vereadores), propondo assim a seus alunos este mesmo tema para o trabalho principal da disciplina naquele ano. Estes projetos de caráter monumental, que geralmente só se faziam presentes nos trabalhos dos alunos do terceiro ano, agora era sugerido já no segundo ano, diferenciando-se do programa da disciplina apresentado pelo professor em 1913 para os três anos do Curso Especial. O trabalho de Memória, monumental não apenas no edifício, pois a prancha com o desenho possui mais de dois metros de extensão, impressiona pelo refinamento dos detalhes e pela técnica de sombreamento aplicada, frutos do conhecimento adquirido ao longo do Curso Geral.

Esse trabalho também rendeu a Archimedes o 1º lugar no concurso da disciplina, ficando em segundo lugar novamente seu colega Nestor Egydio de Figueirêdo. Pela extensão do desenho elaborado e riqueza de detalhes pode-se ter noção do tempo que tal matéria demandava, devendo



Il. 3: Archimedes Memória- trabalho de graduação, edifício para Conselho Municipal, disciplina Composição de Arquitetura - 1915, professor Heitor de Mello.
Fonte: Acervo NPD/FAU-UFRJ.

os alunos se prepararem para, além desses trabalhos regulares, participarem dos concursos: de Grau Médio, ao longo dos dois primeiros anos do Curso Especial, e de Grau Máximo, realizado ao final do terceiro e último ano da graduação – que corresponde ao atual Trabalho Final de Graduação. Segundo Uzeda,

Os mesmos trabalhos eram exigidos para a inscrição no concurso da segunda série, chamado Grau Médio, que estipulava que dois dos três projetos realizados fossem de edifícios particulares. Para participar do concurso de Grau Máximo, que fechava o Curso de Arquitetura, o aluno precisaria já haver executado cinco concursos de esboço e três projetos completos, e, dessa vez, os temas focalizavam edifícios públicos, de caráter mais complexo e grandioso (Uzeda, 2006, p. 244).

Os concursos, nitidamente baseados no *Grand Prix de Rome*, enfatizavam a tradição do ensino *Beaux-Arts* sobre a ENBA. O programa, estabelecido por uma comissão, relacionava-se diretamente aos trabalhos que vinham sendo elaborados pelos alunos nas disciplinas, e pela demanda das construções para a cidade naquele período. Só poderia participar “quem obtivesse aprovação em todas as disciplinas do curso de Arquitetura” (*Idem*, p. 396).

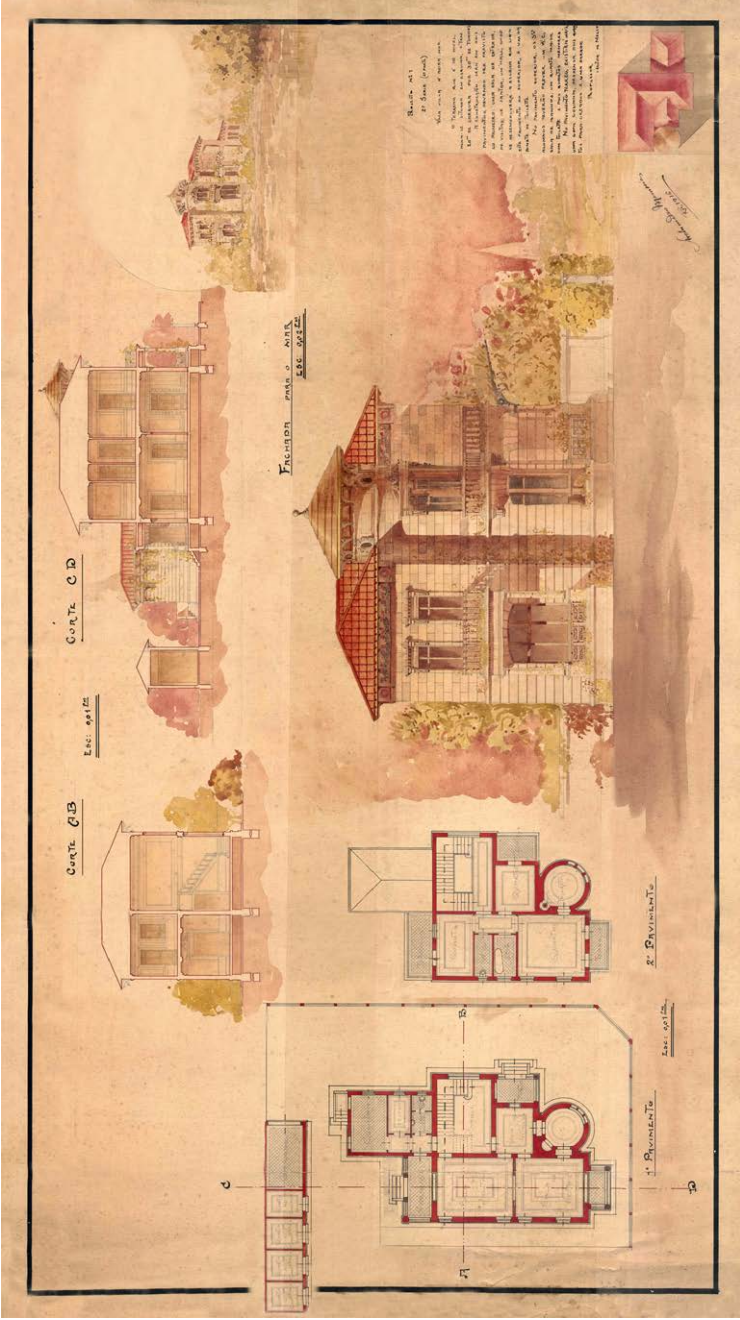
Em 1916, último ano do Curso Especial de Arquitetura, Memória elaborou considerável produção acadêmica, tendo sido encontrados pelo menos cinco grandes trabalhos. A seguir serão explicitados dois deles, escolhidos em função de seu ineditismo, e também enquanto claros exemplares da execução projetual exigida pelo mestre Heitor de Mello, do esboço inicial ao projeto definitivo. O primeiro destes trabalhos, o projeto de uma vila à beira-mar, dividiu-se em duas etapas. Na primeira, Archimedes apresentou a fachada principal da edificação, voltada para o mar, um corte AB, e as plantas dos dois pavimentos, tudo em grafite. Nesta prancha, que pode ser considerada o anteprojeto da edificação, consta ainda a assinatura de seu professor Heitor de Mello.

Já no projeto final, executado em escala maior (Il. 4), apresentam-se, além da fachada aquarelada, das plantas dos dois pavimentos e do corte AB, outro corte (CD), uma perspectiva e a planta do telhado. Nesse projeto nota-se o elemento de esquina (no caso, a torre circular) marcando o eixo central do desenvolvimento da planta. A perspectiva externa ressalta o refinado acabamento das fachadas, com considerável uso de estruturas de ferro, nos guarda-corpos e na cobertura lateral.

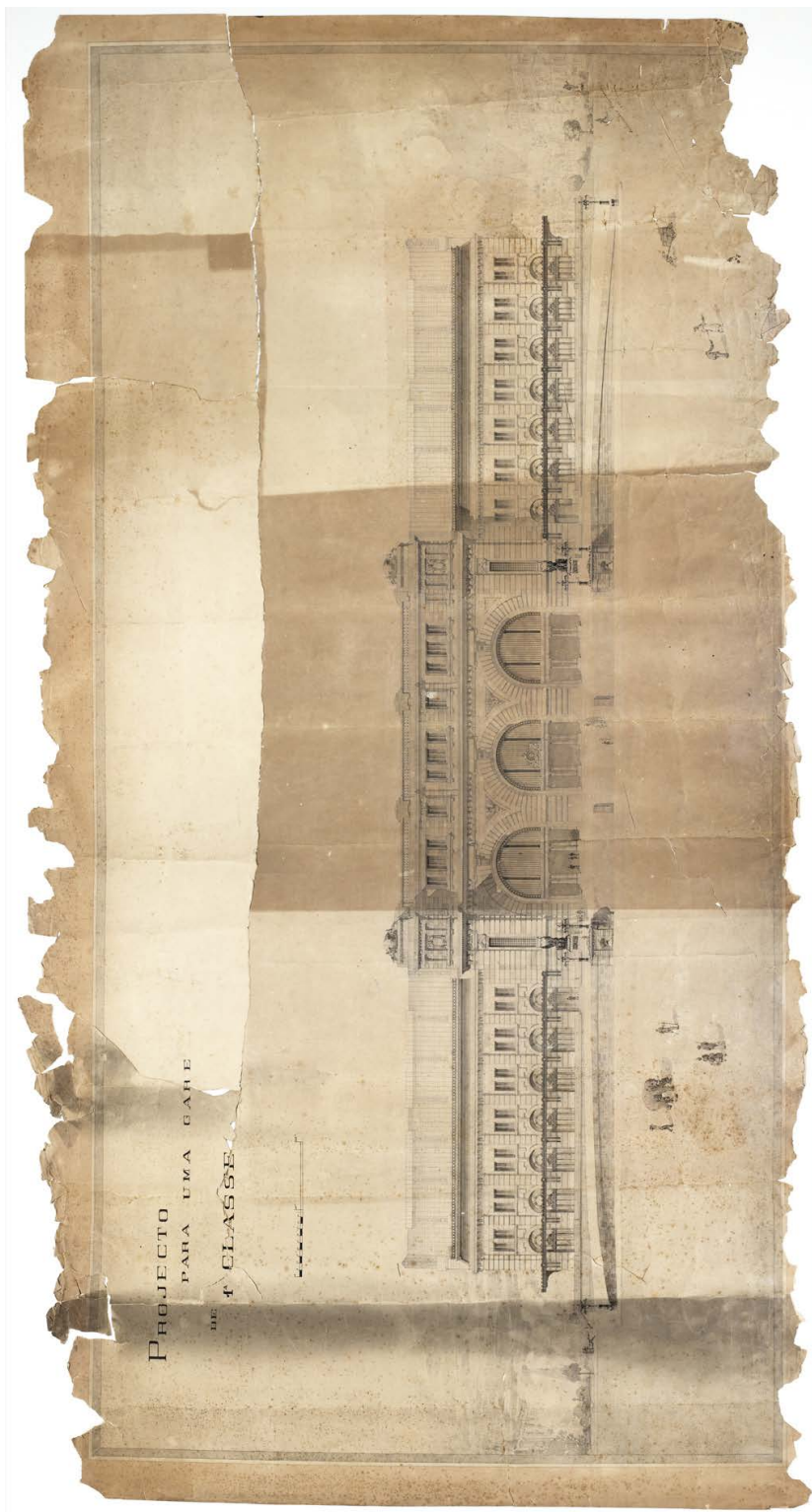
Destaca-se também a ornamentação em estuque sob o telhado do pavimento superior, que, juntamente com a estrutura aparente do telhado da torre, configura uma típica residência que facilmente se inseriria nas orlas do Flamengo, Botafogo ou Copacabana. Memória pode ter se influenciado por dois projetos de Heitor de Mello, executados na própria Avenida Atlântica, em Copacabana: a residência de Stella Wilson, com suas varandas e *bow-windows* (aberturas que se projetam para além da parede externa da edificação), e a residência de Antonio S. de Alvarenga, que também apresenta torre em altura discreta na fachada frontal.

Neste último ano do Curso Especial de Arquitetura, Memória elaborou, na disciplina de Composição de Arquitetura, o projeto de uma monumental “gare de 1ª classe”, estação ferroviária (Il. 5), e qual alguns autores relatam ser este seu trabalho final de graduação. A gare foi, de fato, o último projeto elaborado enquanto aluno de Heitor de Mello na disciplina, havendo inclusive uma cópia do projeto com dedicatória de Archimedes a seu mestre.

Ao analisar os documentos do acervo do NPD-FAU/UFRJ, cruzando-os com as informações encontradas nos jornais da época, concluiu-se, entretanto, que seu trabalho final de graduação, apresentado no Concurso Final de Grau Máximo, foi o de uma escola e museu de Belas Artes. O projeto da gare, entretanto, foi adaptado posteriormente e submetido por Memória para a estação ferroviária da cidade do Crato, no Ceará – cujos desenhos foram encontrados no



Il. 4: Archimedes Memória- trabalhos de graduação, anteprojeto e projeto final de uma vila à beira-mar, disciplina Composição de Arquitetura - 1916, professor Heitor de Mello. Fonte: Acervo NPD/FAU UFRJ.



Il. 5: Archimedes Memória - trabalho de graduação, gare de primeira classe, disciplina Composição de Arquitetura - 1916, professor Heitor de Mello. Fonte: Acervo NPD/FAU UFRJ.

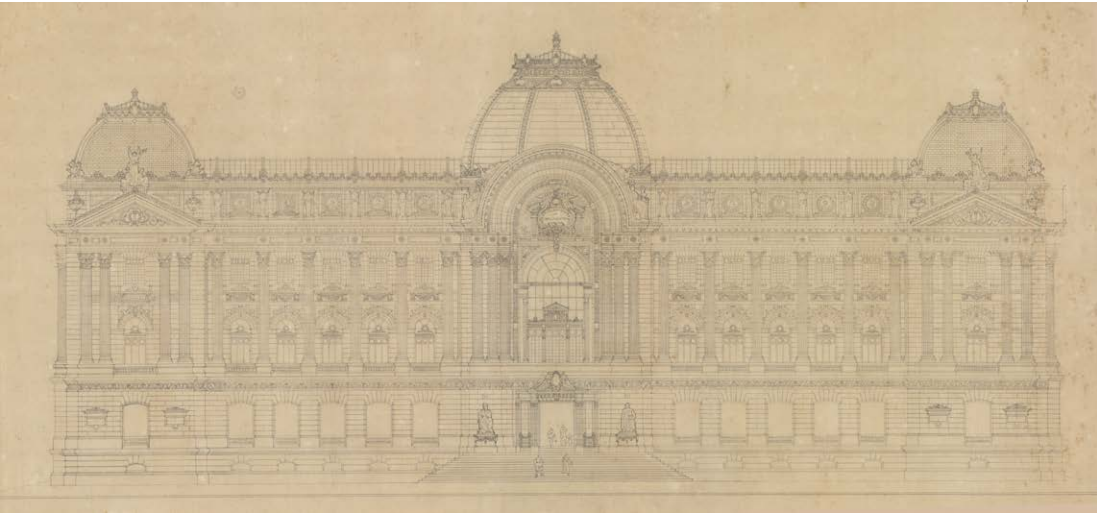
arquivo do Departamento Histórico Diocesano Padre Antonio Gomes de Araújo, junto à Diocese de Crato –, mas que nunca saiu do papel.

Para o concurso final, “o aluno precisaria já haver executado cinco concursos de esboço e três projetos completos, e dessa vez, os temas focalizavam edifícios públicos, de caráter mais complexo e grandioso” (*Idem*, p. 244). Se nos dois primeiros anos do Curso Especial os trabalhos finais eram realizados em vinte sessões, o trabalho final do terceiro ano deveria ser elaborado em cinquenta sessões de dez horas. Neste concurso, os alunos deveriam elaborar “um projeto completo, de caráter monumental, com os respectivos cálculos, detalhes e memória, o qual será defendido perante uma comissão composta do Diretor e dos professores das cadeiras de Arquitetura e Construção” (Brasil, 1915, p. 373).

Dentre os temas propostos pelo professor na ementa da disciplina, um era sorteado ao aluno, que então era direcionado a uma sala para elaboração do esboço do projeto, no tempo estipulado. A partir deste esboço, deveria elaborar o projeto final dentro do prazo estipulado de sessões, constando todos os itens já citados. Tendo sido sorteado a Memória o ponto de uma escola de Belas Artes, o esboço (ou anteprojeto) por ele elaborado compreendia fachada frontal, plantas dos três pavimentos e corte transversal. Ao finalizar este esboço, o aluno deveria entregá-lo ao secretário, que assinava a prancha.

Do projeto final de Memória, que não podia desviar-se dos parâmetros do esboço, foram encontrados no acervo do NPD-FAU UFRJ os seguintes desenhos: fachada frontal, fachada posterior, corte transversal, corte longitudinal, planta do 1º pavimento, planta do 2º pavimento, planta do subsolo e detalhe da decoração do salão nobre. Das principais diferenças encontradas entre o esboço e projeto final, ressalta-se que o corte longitudinal enfatiza o caráter monumental do edifício, principalmente pelo pé-direito majestoso do salão nobre, que juntamente com a cúpula central faz jus à função desta sala, a mais solene do edifício.

Já a fachada frontal (Il. 6), que antes tinha cúpula central avantajada, a exemplo dos edifícios parlamentares do período, passou a se alinhar harmonicamente com as duas cúpulas laterais no projeto final.



Il. 6: Archimedes Memória - Concurso Final de Grau Máximo da ENBA, projeto de Escola de Belas Artes e Museu, 1916. Fonte: Acervo NPD/FAU UFRJ.

Ainda em busca de uma feição própria de projeto, Memória inspirou-se, neste projeto, em soluções adotadas em edifícios já construídos. A fachada apresentada impõe semelhanças compositivas e de ordem simétrica ao edifício do Museu Nacional de Belas Artes do Chile, construído naquela mesma década, diferenciando-se principalmente pelas proporções, tendo o projeto de Memória escala muito superior. Já as soluções adotadas na planta, baseada em um pátio central, com salas e corredores que o circundam, tem clara influência no edifício da própria Escola Nacional de Belas Artes, cujo projeto, de seu professor Adolfo Morales de los Rios, integrava as salas de aula e os espaços expositivos, que na década seguinte seriam inclusive reformados pelo próprio Archimedes, já na condição de professor da instituição.

A banca avaliadora do concurso compunha-se dos professores Heitor de Mello, Graça Couto e Gastão Bahiana. Ao término do trabalho, que foi plenamente aprovado, agraciado

com a Pequena Medalha de Ouro, suas pranchas foram expostas no “Salon”, juntamente com trabalhos dos alunos de pintura, escultura e gravura. A solenidade de abertura da exposição, que contou com a presença do Ministro do Interior, foi ressaltada nos jornais, que elogiavam seu trabalho:

Foram concorrentes ao título de engenheiro arquiteto os Srs. Archimedes Memória e Nestor Figueirêdo, tendo-se retirado, na prova eliminatória, sete outros candidatos.

Triunfou o Sr. Archimedes Memória, que obteve a pequena medalha de ouro. Vimos o seu trabalho – um lindo projeto do palácio da Escola de Belas Artes feito com uma grande segurança, uma alta beleza de linhas.

Na opinião dos entendidos o julgamento agradou pela absoluta justiça. O jovem engenheiro Sr. Archimedes Memória distinguiu-se sempre no correr do seu brilhante curso. É um artista, de inspiração vigorosa, com que se poderá contar³.

O jovem engenheiro Sr. Archimedes Memória distinguiu-se sempre no correr do seu brilhante curso. É um artista, de inspiração vigorosa, com que se poderá contar. Logo ao graduar-se Memória formalizou sua atuação junto ao escritório de Heitor de Mello, e rapidamente se tornou seu principal auxiliar, tendo realizado inclusive projetos em coautoria com seu antigo mentor. Em abril de 1920 foi nomeado pelo Ministro da Justiça professor interino na disciplina de Desenhos de Ornatos e Composições elementares de Arquitetura na ENBA. No ano seguinte, venceu, “por unanimidade de votos”, o concurso para a vaga de professor da disciplina de Composição de Arquitetura, em concorrência com o colega Raul Lessa Saldanha da Gama. A disciplina ficou vaga com a morte de Heitor de Mello, ocorrida no ano anterior. A comissão do concurso foi composta pelos professores Adolfo Morales de los Rios, Heitor Lyra da Silva e Gastão Bahiana.

³ A Rua, matéria *O "salon" de trabalhos escolares: a inauguração de hoje*, editorial. Rio de Janeiro, 15.jan.1917, p. 3.

Nos anos seguintes era recorrentemente citado nos jornais pelo método de ensino e resultados consideráveis de seus alunos, expostos nos salões anuais. A esse respeito o jornal *A Noite* destacou:

Ao par de um reduzido número de trabalhos expostos pelos alunos de escultura, pintura, gravura, modelo vivo e anatomia artística, avulta e domina a esforçada direção do professor Archimedes Memória, a quem se deve em grande parte a nova orientação imprimida ao ensino de Composição de Arquitetura.

O professor Memória, acabando por completo com a praxe até então adotada das cópias dos trabalhos de “Grand Prix” da École de Paris e de obras clássicas, imprimiu no curso que dirige nos três anos superiores do curso de arquitetura, uma feição inteiramente sua e, segundo a qual, o aluno, ao mesmo tempo que se aprofunda e familiariza com os modelos e os cânones clássicos, fica, entretanto, com a liberdade de ir gradativamente mostrando os seus pendores, as suas tendências.

E a todos os discípulos o professor Memória, sem contrariar-lhes as vocações, apenas corrige e guia baseado na sua educação artística.

Além disso acabou esse professor em definitivo com os projetos fantásticos onde os alunos apenas tinham que adotar a construção do papel.

S. S. formula os temas sobre bases reais, existentes, que tem de ser previamente vistos e estudados e assim vai habituando seus alunos a adotarem as construções projetadas à topografia e ao panorama do local indicado⁴

Memória, então, transfigurava os *Grand Prix*, de forma a diminuir a simples transposição ou cópia de projetos, instigando os alunos a basearem suas propostas em demandas mais voltadas à realidade, ao trivial, inclusive em terrenos de relevo mais acidentado, muito frequentes nas áreas ainda disponíveis para construção no Rio de Janeiro. Outro folheto, o *Rio Jornal*, também ressaltava a qualidade

⁴ A Noite, matéria *A época é da Arquitetura: uma exposição – interessantes concursos*, editorial. Rio de Janeiro, 31 jan.1925, p. 3.

dos trabalhos apresentados pelos alunos de Archimedes no Salão deste ano:

Nunca se fez no Brasil uma exposição de arquitetura tão importante como esta, onde os nossos jovens e futuros arquitetos, guiados pela mão experimentada e incansável do professor Archimedes Memória, aparecem mostrando trabalhos verdadeiramente dignos de nota⁵.

Ao concluir o curso, em 1916, Memória foi agraciado com a Pequena Medalha de Ouro (Uzeda, 2006, p. 246; 422). Nesse período já estava em intensa atuação projetual, no escritório de Heitor de Mello. Todo o conhecimento acadêmico agora seria colocado em prática, permeado dos estilos eclético e neocolonial, tão divulgados nos anos seguintes nas edições da revista *A Casa*, publicação que impulsionou ainda mais o mercado para esta classe, que conquistaria seu Instituto ainda em 1921.

CONSIDERAÇÕES

A análise da formação de Archimedes Memória na Escola Nacional de Belas Artes entre 1911 e 1916 permite compreender não apenas a trajetória de um arquiteto em particular, mas também o funcionamento de um modelo pedagógico que marcou de forma decisiva o ensino de arquitetura no Brasil. Ao evidenciar a centralidade do desenho, a lógica dos concursos e a valorização da composição arquitetônica, este estudo revela como a tradição *Beaux-Arts* foi absorvida, adaptada e transmitida no contexto carioca. Mais do que herança, tratava-se de um sistema que orientava escolhas estéticas, metodológicas e profissionais, influenciando gerações sucessivas de arquitetos. Nesse sentido, o percurso de Memória exemplifica as tensões entre

⁵ Rio Jornal, matéria *Um "tentame" animador: a exposição da Arquitetura da Escola Nacional de Belas-Artes franqueada ao público*, editorial. Rio de Janeiro, 24. Jan. 1925, p. 3. Esta publicação foi guardada por Memória, e encontrada em seu acervo quando da pesquisa documental realizada pelo autor..

continuidade e mudança, tradição e modernização, que caracterizaram a arquitetura brasileira na primeira metade do século XX, além de destacar a relevância de sua atuação como elo entre diferentes etapas da história da ENBA e da própria disciplina arquitetônica no país.

Esse sistema de ensino, que teve continuidade com o próprio Memória à frente da cadeira de Grandes Composições de Arquitetura, foi o mesmo que formou toda a primeira geração de arquitetos que consolidariam o Movimento Moderno no Brasil, dentre Lucio Costa, Attilio Corrêa Lima e Affonso Eduardo Reidy, e as reformas e aprimoramentos desenvolvidos por Memória enquanto professor e diretor da ENBA auxiliaram no aperfeiçoamento e transformação do currículo do curso de arquitetura na Escola, que em 1945 conquistaria sua independência com a criação da Faculdade Nacional de Arquitetura, que este ano comemora seus 80 anos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Decreto nº 11.749, de 13 de outubro de 1915*. Reorganiza a Escola Nacional de Bellas Artes. Actos do Poder Executivo. Distrito Federal, DF. Acervo do Museu D. João VI, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1915, p. 372-397.

DIAS, Diego Nogueira. *O estilo sob suspeita: arquitetura e modernidade em Archimedes Memória e Lucio Costa*. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- Proarq. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

MALACRIDA, Sérgio Augusto. *O sistema de ensino Belas-Artes no curso de arquitetura da École des Beaux-Arts de Paris em sua tradição e ruptura: legado de saber e de poder*. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2010.

MEMORIA FILHO, Péricles. *Archimedes Memória: o último dos ecléticos*. Rio de Janeiro: Livraria Brasil Ltda, 2008.

RODRIGUES, Bernard Cunha. *Ângelo Murgel: trajetória singular (1932-1939)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.

UZEDA, Helena Cunha de. *Ensino acadêmico e modernidade: o curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes: 1890-1930*. Tese Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV, Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

RESUMOS/ABSTRACTS

RUA DO LAVRADIO: CARTOGRAFANDO TRAÇOS E RASTROS DO COLETIVO-LUGAR (2013)

Fabiola Belinger Angotti

Resumo

Este ensaio visa a apresentar e refletir sobre a pesquisa de dissertação *Rua do Lavradio: cartografando traços e rastros do coletivo-lugar*, defendida, em 2013, no PROARQ (FAU UFRJ). O tema da dissertação refere-se à qualidade do lugar com ênfase na subjetividade presente nas conexões entre os múltiplos atores da Rua do Lavradio, no bairro da Lapa/RJ – juntamente com os aspectos materiais do ambiente urbano. Alinhada com a Teoria Ator-Rede (TAR), a pesquisa explora a noção de lugar como um coletivo ou rede sociotécnica, reunindo humanos e não humanos e diferentes traduções sobre o coletivo-lugar Rua do Lavradio. Como estratégia metodológica utiliza-se a cartografia de controvérsias em conjunto com instrumentos de análise tipomorfológica da avaliação pós-ocupação (APO), enfatizando as controvérsias e os interesses distintos entre os atores. Busca-se a partir das descobertas da pesquisa, demonstrar as contribuições da Teoria Ator-Rede na compreensão de ambientes urbanos complexos e no entendimento de qualidade do lugar.

Palavras-chave: Rua do Lavradio; qualidade do lugar; coletivo-lugar; cartografia de controvérsias.

Abstract

RUA DO LAVRADIO: MAPPING TRAITS AND TRACES OF THE COLLECTIVE-PLACE (2013)

*This essay aims to present and reflect on the dissertation research *Rua do Lavradio: mapping traits and traces of the collective-place*, defended in 2013 at Proarq (FAU UFRJ). The theme of the dissertation refers to the quality of place and emphasizes the subjectivity present in the connections between the multiple actors of Lavradio Street – located in the neighborhood of Lapa/RJ – together with the the material aspects of the urban environment. Aligned with Actor-Network Theory (ANT), the research explores the notion of place as a collective or sociotechnical network, bringing together humans and non-humans and different translations of the collective-place Rua do Lavradio. As a methodological strategy, the method of cartography of controversies is used together with typomorphological analysis of post-occupancy evaluation (POE), emphasizing controversies and distinct interests of actors. Based on the research findings, the aim is to demonstrate the contributions of Actor-Network Theory to understanding complex urban environments and the quality of the place.*

Keywords: *Lavradio street; quality of place; collective-place; cartography of controversies*

DA GERAÇÃO DA FORMA À CO-CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO: UMA DÉCADA DE PESQUISA NA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA NAS CIDADES

Tathiane Agra de Lemos Martins

Resumo

Este ensaio revisita os caminhos trilhados e abertos por uma tese de doutorado em Arquitetura, defendida há mais de uma década. Inserida no contexto emergente da inteligência artificial e da automação paramétrica em arquitetura, a tese fornece hoje um ponto de partida oportuno para deslocar o foco do seu objeto em si – a otimização do potencial solar de quadras urbanas – e trazer ao primeiro plano os mecanismos subjacentes de geração e interpretação da informação para o planejamento. A questão hoje não reside mais apenas na capacidade de gerar dados, mas na de dotá-los de sentido, de transpor fronteiras disciplinares e de promover práticas colaborativas, indispensáveis à apropriação do conhecimento na tomada de decisão. A trajetória da pesquisa – ancorada inicialmente em simulações computacionais de alta complexidade e acoplamento de modelos climáticos e métodos generativos, explorou o potencial do diálogo interdisciplinar e da co-construção de pontes entre a pesquisa-ação e os agentes da decisão pública. O texto proposto organiza-se em três partes: a exposição dos pilares teóricos e das aberturas metodológicas da tese; os diálogos e desdobramentos inscritos principalmente nos projetos subsequentes; e, por fim, as reflexões em curso e que hoje norteiam novas perspectivas para transição socioecológica das cidades.

Palavras-chave: Percurso pós-doutoral; interdisciplinaridade; produção de indicadores urbanos; SIG, modelagem paramétrica; tomada de decisão urbana.

Abstract

FROM SHAPE GENERATION TO THE CO-CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE: TEN YEARS OF RESEARCH ON CITIES ENERGY TRANSITION

This essay revisits the paths explored and opened by a doctoral thesis in Architecture, defended more than a decade ago. Situated in the emerging context of artificial intelligence and parametric automation in architecture, the thesis now provides a timely starting point to shift the focus from its original object – the optimization of solar potential in urban blocks – and foreground the underlying mechanisms of information generation and interpretation for planning. Today, the issue no longer lies solely in the capacity to generate data, but in endowing it with meaning, transcending disciplinary boundaries, and promoting collaborative practices, essential for the appropriation of knowledge in decision-making. The research trajectory – initially anchored in highly complex computational simulations and coupled climate and generative models – explored the potential of interdisciplinary

dialogue and the co-construction of bridges between action-research and public decision-makers. The proposed text is organized into three parts: the presentation of the theoretical pillars and methodological openings of the thesis; the dialogues and developments primarily inscribed in subsequent projects; and finally, ongoing reflections that today guide new perspectives for the socio-ecological transition of cities.

Keywords: *postdoctoral trajectory; interdisciplinarity; urban indicators production; GIS, parametric modelling; decision-making.*

BETHENCOURT DA SILVA E A CULTURA ARQUITETÔNICA DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO 19

Doralice Duque Sobral Filha

Resumo

O presente trabalho artigo busca apresentar o principal protagonista da tese de doutorado defendida sob o título: "Bethencourt da Silva e a Cultura Arquitetônica do Rio de Janeiro do Século XIX". Apoiados nos pré-requisitos da sua trajetória de vida: formação acadêmica, atuação profissional, discursos publicados e os projetos desenvolvidos; bem como os principais atores com quem interagiu, em especial os engenheiros civis formados no Brasil, a pesquisa procurou demonstrar as mudanças culturais ocorridas na arquitetura da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Buscando não atribuir ao tema uma função monográfica, mas desde já apoiada na relação existente entre biografia e contexto, acreditamos que o estudo particularizado pelas narrativas individuais dos profissionais que estiveram empenhados na constituição de uma nova cultura arquitetônica na capital imperial, vem a colaborar com a identificação do pensamento e da crítica arquitetônica brasileira.

Palavras-chave: Bethencourt da Silva; narrativas biográficas; cultura arquitetônica; século 19; Rio de Janeiro.

Abstract

BETHENCOURT DA SILVA AND THE ARCHITECTURAL CULTURE OF RIO DE JANEIRO IN THE 19TH CENTURY

This article presents the main protagonist of the doctoral dissertation defended under the title: "Bethencourt da Silva and the Architectural Culture of 19th-Century Rio de Janeiro." Based on the prerequisites of his life trajectory: academic training, professional activity, published speeches, and developed projects; as well as the key actors with whom he interacted, especially civil engineers trained in Brazil, the research sought to demonstrate the cultural changes that occurred in the architecture of the city of Rio de Janeiro in the second half of the 19th century. While seeking not to attribute a monographic function to the topic, but rather grounded in the relationship between biography and context, we believe that a study, focused on the individual narratives

of the professionals who were committed to establishing a new architectural culture in the imperial capital, will contribute to the identification of Brazilian architectural thought and criticism.

Keywords: *Bethencourt da Silva, biographical narratives, architectural culture, 19th century, Rio de Janeiro.*

AMBIÊNCIA E MEMÓRIA NA TRANSFORMAÇÃO DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL: IMPACTOS ESPACIAIS, SIMBÓLICOS E SOCIAIS

Nathália Rodiguês de Melo

Resumo

Desde a década de 1990, os estádios de futebol vêm passando por reformas que visam melhorias tecnológicas, de segurança e conforto, mas que impactam nas relações de afeto estabelecidas pelos torcedores e seus modos de torcer. Isso ocorre, pois, essas transformações seguem uma lógica mercadológica que busca atender principalmente aos anseios dos patrocinadores e direitos televisivos. Minha tese de doutorado buscou analisar essas reformas no contexto brasileiro, principalmente para a Copa do Mundo de 2014, focando no caso do Maracanã, e utilizando os conceitos de ambiência e memória para entender se o estádio ainda pode ser ressignificado pelos usuários, mesmo após tantas rupturas traumáticas. A base metodológica utilizada foi ancorada em uma análise documental e iconográfica; uma pesquisa etnotopográfica; e entrevistas semiestruturadas com torcedores. Como desdobramento, buscamos adaptar a base metodológica da tese no contexto dos estádios reformados na França.

Palavras-chave: Estádio, reforma, Maracanã, ambiência memória.

Abstract

AMBIANCE AND MEMORY IN THE TRANSFORMATION OF FOOTBALL STADIUMS: SPATIAL, SYMBOLIC, AND SOCIAL IMPACTS

Since the 1990s, football stadiums have undergone renovations aimed at technological, safety, and comfort improvements, but which also affect the emotional bonds established by fans and their ways of supporting their teams. This happens because these transformations follow a market-oriented logic that seeks to meet the demands of sponsors and broadcasting rights. My doctoral thesis analyzed these renovations in the Brazilian context, particularly in connection with the 2014 World Cup, focusing on the Maracanã stadium and applying the concepts of ambiance and memory to understand whether the stadium can still be re-signified by its users despite so many traumatic ruptures. The methodological framework was based on documentary and iconographic analysis; an ethnotopographic study; and semi-structured interviews with supporters. As a continuation, we aim to adapt the thesis's

methodological framework to the context of renovated stadiums in France.

Keywords: *Stadium; renovation; Maracanã; ambiance; memory.*

PROJETAR COM CONTROVÉRSIAS: ARQUITETURA COMO PRÁTICA COSMOPOLÍTICA

Rodrigo das Neves Costa

Resumo

Esse ensaio é um exercício de retrospectiva, que busca refletir sobre o percurso de pesquisa da tese de doutorado defendida há cerca de seis anos. O objetivo aqui não é reapresentar o trabalho, mas descrever as experiências e os aprendizados do processo, a partir dos efeitos do pesquisar sobre o pesquisador. Nesse sentido, escolhi alguns encontros que me causaram estranheza durante a pesquisa, quais foram as questões que me moveram e como me afetaram, antes mesmo do doutorado em si. Ao longo dessa descrição, exponho como foi sendo modificada minha visão sobre arquitetura e o projeto, até o encontro a abordagem sociotécnica, que permite compreender o projeto em seu caráter político, como um trabalho de discussão, negociação e articulação capaz de fazer existir – ou não – determinadas realidades. E isso se dá com particularidades espaciais próprias do modo de funcionamento da arquitetura. Por fim, faço um resumo dos horizontes abertos com a pesquisa e das devolutivas obtidas, enfatizando o papel do método da pesquisa e seus desdobramentos na compreensão do projeto, além de tecer considerações sobre o processo de doutorado.

Palavras-chave: Edifícios de pesquisa e desenvolvimento em saúde; prática projetual; abordagem sociotécnica.

Abstract

DESIGNING WITH CONTROVERSIES: ARCHITECTURE AS A COSMOPOLITICAL PRACTICE

This essay is a retrospective exercise, reflecting on the doctoral research journey developed six years ago. The objective is not to present again the work, but to describe the experiences and learnings of the process, based on the research effects on the researcher. In this sense, I chose some encounters that sounded me strange during the research, the issues that moved me and how they affected me, even before the doctorate itself. Throughout this description, I explain how my architecture and design gradually changed, until I encountered the sociotechnical approach, which allows me to understand design in its political aspect, as a work of discussion, negotiation, and articulation capable of bringing about – or not – certain realities. And this occurs within the spatial particularities inherent to the way architecture functions. Finally, I summarize the horizons opened by the research and

the feedback obtained, emphasizing the role of the research method and its implications for understanding the project, as well as offering considerations on the doctoral process.

Keywords: *Health research and development buildings; design practice; sociotechnical approach.*

CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS NA MARÉ-RJ: DIÁLOGOS COM A JUVENTUDE COMO SUPORTE À CONSTITUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS NAS FAVELAS

Rafael Ferreira Diniz Gomes

Resumo

Este capítulo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado em Arquitetura que investigou as relações entre juventude, educação e território no Conjunto de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro. A pesquisa articula conceitos de Educação Integral, Cidades Educadoras e Territórios Educativos, adotando a cartografia como metodologia para acompanhar a processualidade da pesquisa de campo. Os objetivos centrais consistiram em compreender como os jovens percebem e experienciam o território, identificar desafios e potencialidades locais e refletir sobre o papel da escola na redução das desigualdades sociais e educacionais. Os resultados evidenciaram preocupações com a segurança, demandas por respeito social, melhores relações afetivas, questões econômicas, de saúde e lazer, além da valorização de práticas culturais e artísticas. Constatou-se que, ao se articular com redes comunitárias já existentes, a escola pode assumir papel central na consolidação da Maré como um Território Educativo.

Palavras-chave: Favelas da Maré; cidade educadora; territórios educativos; cartografia; pesquisas

Abstract

CARTOGRAPHING EXPERIENCES IN MARÉ-RJ: DIALOGUES WITH YOUTH AS SUPPORT FOR THE CONSTITUTION OF EDUCATIONAL TERRITORIES IN THE FAVELAS

This chapter presents part of the results of a doctoral research in Architecture that investigated the relationships between youth, education, and territory in the Maré favela complex, Rio de Janeiro. The study articulates the concepts of Integral Education, Educating Cities, and Educational Territories, adopting cartography as the main methodology to follow the processual nature of field research. The central objectives were to understand how young people perceive and experience the territory, to identify local challenges and potentialities, and to reflect on the role of schools in reducing social and educational inequalities. The results highlighted concerns about security, demands for social respect, stronger affective relationships, as well as issues related to economics, health, and leisure, along with the valorization of cultural and artistic practices. The study concludes that by articulating

with existing community networks, schools can play a central role in consolidating Maré as an Educational Territory.

Keywords: *Maré favelas; educating city; educational territories, cartographic method; researching WITH.*

CINE-GRAFIA DO CORPO: UM LUGAR DE RESISTÊNCIAS

Mariana Valicente

Resumo

Este ensaio aborda a relação entre corpo, gênero e Direito à Cidade, evidenciando o caráter constitutivo, subjetivo e material desta relação, tensionando suas fronteiras, inclusive metodológicas. A partir da noção de direitos faltantes espacializados em desigualdades, nos voltamos às ambiências, compreendendo que os espaços não se limitam à sua dimensão material, mas se constituem nas experiências sensíveis, nas práticas cotidianas e nas afetividades dos corpos que nele existem. Nesse contexto, o Slam das Minas emerge como prática insurgente de transformação espacial por meio do corpo, gênero e poesia. Sob o recorte interseccional, mulheres ocupam a cidade para realizar batalhas de poesia e, assim, transformam a materialidade urbana em um território de resistência. Suas performances criam ambiências que ressignificam o espaço público, abrindo brechas para vivências coletivas que tensionam o caráter excludente e hegemônico da cidade, reivindicando este espaço como lugar de liberdade e assim, da práxis do Direito à Cidade.

Palavras-chave: *Ambiências Urbanas; Corpo; Interseccionalidades de Gênero, Batalhas de Poesia; Slam das Minas.*

Abstract

CINE-GRAPHY OF THE BODY: A PLACE OF RESISTANCE

This essay addresses the relationship between body, gender, and the Right to the City, highlighting its constitutive, subjective, and material character, as well as its boundaries, including methodological ones. From the notion of absent rights spatialized in inequalities, we turn to the concept of ambiances, understanding that spaces are not limited to their material dimension but are constituted through the sensitive experiences, everyday practices, and affectivities of the bodies that inhabit them. In this context, Slam das Minas emerges as an insurgent practice of spatial transformation through body, gender, and poetry. From an intersectional perspective, women occupy the city through poetry battles and thus transform urban materiality into a territory of resistance. Their performances create ambiances that re-signify public space, opening breaches for collective experiences that challenge the exclusionary and hegemonic character of the city, reclaiming this space as a place of freedom and, therefore, as the praxis of the Right to the City.

Keywords: *Urban ambiances, body, gender intersectionalities, Poetry Battles; Slam das Minas.*

CIDADE MARAVILHOSA PRA QUEM? UM ENSAIO SOBRE INFÂNCIAS, PLANEJAMENTO URBANO E JUSTIÇA TERRITORIAL

Alain Lennart Flandes Gómez

Resumo

Este ensaio apresenta a tese de doutorado que parte das dificuldades enfrentadas pelas crianças latino-americanas no reconhecimento sociopolítico e seus desdobramentos no espaço urbano. Nas cidades, elas vivenciam segregação, invisibilidade e opressão, reforçadas por políticas sociais que tratam a infância como fase transitória e tutelada. A participação das crianças na sociedade permanece limitada, restrita à casa e à escola, sustentando uma visão de incompletude. A pesquisa discute as aglomerações urbanas, a violência e a infância como dimensão política, capaz de desafiar estruturas sociais excludentes. Com base nesse marco, analisam-se as práticas socioespaciais das infâncias no Rio de Janeiro, por meio do dispositivo “Mapeamento Afetivo – 2019”. O estudo propõe o conceito de Território Educativo como alternativa de política pública que reconhece as infâncias em seus próprios termos. Promover políticas urbanas participativas, fundamentadas na escuta ativa das crianças, constitui uma estratégia essencial para a construção de cidades socialmente justas, espacialmente inclusivas e epistemologicamente sensíveis à pluralidade das experiências infantis.

Palavras-chave: infâncias; território educativo; política pública; participação social; planejamento urbano.

Abstract

A WONDERFUL CITY FOR WHOM? AN ESSAY ON CHILDHOODS, URBAN PLANNING, AND TERRITORIAL JUSTICE

This essay presents the doctoral dissertation that stems from the difficulties faced by Latin American children in achieving sociopolitical recognition and its repercussions in urban space. In cities, children experience segregation, invisibility, and oppression, reinforced by social policies that treat childhoods as a transitional and tutelary phase. Children’s participation in society remains limited, confined to the home and school, perpetuating a view of incompleteness. The research discusses urban agglomerations, structural violence, and childhood as a political dimension capable of challenging exclusionary social structures. Based on this framework, the study analyzes the socio-spatial practices of children in Rio de Janeiro through the participatory device “Affective Mapping – 2019.” The study proposes the concept of the Educational Territory as a public policy alternative that recognizes childhood on its own terms. Promoting participatory urban policies grounded in the active listening of children constitutes an essential strategy for building socially just, spatially inclusive, and epistemologically sensitive cities that embrace the plurality of childhood experiences.

Keywords: *childhoods; educational territory; public policy; social participation; urban planning.*

ITAMARATY EM REDE: REAGREGANDO A CONCEPÇÃO DO PALÁCIO

Claudio Comas Brandão

Resumo

O artigo investiga a concepção do Palácio Itamaraty em Brasília a partir da noção de concepção como ação em rede. Em vez de destacar apenas o edifício concluído ou o nome de um único autor, a pesquisa acompanha as controvérsias que marcaram o processo: desde os estudos de Oscar Niemeyer e as negociações conduzidas por Wladimir Murтинho até as mediações de Olavo Redig de Campos e Milton Ramos, passando pelo papel ativo da instituição, pelas restrições políticas e orçamentárias e pelas soluções tecnológicas e materiais que definiram a aparência final do palácio, como as superfícies ripadas, a cor do concreto e a adoção das arcadas. Nesse percurso, arquitetos, engenheiros, artistas, políticos e diplomatas se entrelaçam em um campo de negociações que envolve tanto a concepção como a execução da obra. O resultado é o reconhecimento do Itamaraty como criação coletiva, fruto de disputas e associações que moldaram a imagem que hoje o caracteriza.

Palavras-chave: Palácio Itamaraty; arquitetura moderna; teoria do ator-rede; controvérsias; autoria coletiva.

Abstract

ITAMARATY IN NETWORK: REASSEMBLING THE PALACE'S DESIGN

The article investigates the conception of the Itamaraty Palace in Brasília through the notion of authorship as network action. Rather than focusing solely on the completed building or a single author's name, the research traces the controversies that marked the process: from Oscar Niemeyer's studies and the negotiations led by Wladimir Murтинho to the mediations of Olavo Redig de Campos and Milton Ramos, including the active role of the institution, political and budgetary constraints, and the technological and material solutions that defined the palace's final appearance, such as the ribbed surfaces, the color of the concrete, and the adoption of the arcades. Along the way, architects, engineers, artists, diplomats, and managers intertwined in a field of negotiations involving both the design and execution of the project. The result is the recognition of the Itamaraty as a collective creation, born from disputes and associations that shaped the image that characterizes it today.

Keywords: *Itamaraty Palace; Modern Architecture; Actor-Network Theory; Architectural Controversies; Collective Authorship.*

O ARQUITETO EM FORMAÇÃO: PERCURSO ACADÊMICO DE ARCHIMEDES MEMÓRIA NA ENBA (1911–1916)

Diego Nogueira Dias

Resumo

Este ensaio investiga a formação do arquiteto Archimedes Memória na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), entre 1911 e 1916, período em que o modelo pedagógico da *École des Beaux-Arts* de Paris se consolidava no Brasil. A pesquisa contextualiza o ensino de arquitetura na Primeira República, marcado pela ênfase no desenho, pela centralidade dos concursos acadêmicos e pelo ideal de composição monumental. Analisa o percurso de Memória desde o Curso Geral até o Curso Especial de Arquitetura, destacando sua produção acadêmica, as distinções recebidas e a influência de mestres como Heitor de Mello, Adolfo Morales de los Rios e Gastão Bahiana, todos ligados às transformações urbanas do Rio de Janeiro. Evidencia-se como a tradição *Beaux-Arts* moldou sua trajetória e sua atuação posterior como professor e diretor da ENBA. Os trabalhos de Memória ilustram o caráter tradicionalista do ensino, responsável por formar a geração que, anos depois, lideraria o Movimento Moderno no Brasil.

Palavras-chave: Archimedes Memória; Escola Nacional de Belas Artes; ensino de arquitetura no Brasil.

Abstract

THE ARCHITECT IN THE MAKING: ARCHIMEDES MEMÓRIA'S ACADEMIC TRAJECTORY AT THE ENBA (1911–1916)

This essay investigates the education of the architect Archimedes Memória at the Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) between 1911 and 1916, a period when the pedagogical model of the École des Beaux-Arts in Paris was being consolidated in Brazil. The study contextualizes architectural education during the First Republic, marked by the emphasis on drawing, the central role of academic competitions, and the ideal of monumental composition. It examines Memória's academic trajectory from the General Course to the Special Course of Architecture, highlighting his student work, the awards he received, and the influence of masters such as Heitor de Mello, Adolfo Morales de los Rios, and Gastão Bahiana, all engaged with the urban transformations of Rio de Janeiro. The analysis demonstrates how the Beaux-Arts tradition shaped his career and later his role as professor and director of ENBA. Memória's works illustrate the traditionalist pedagogy that trained the generation that would later lead the Modern Movement in Brazil.

Keywords: Archimedes Memória; National School of Fine Arts; architectural education in Brazil.

ÍNDICE REMISSIVO

AUTORAS/AUTORES		Páginas
1	Alain Lennart Flandes Gómez	202
2	Aline Pires Veról	14
3	Andrea Queiroz Rego	14
4	Cláudio Comas Brandão	220
5	Diego Nogueira Dias	238
6	Doralice Duque Sobral Filha	90
7	Fabíola Belinger Angotti	20
8	Leopoldo Eurico Gonçalves Bastos	9
9	Natália Rodrigues de Melo	116
10	Mariana Valicente	174
11	Rafael Ferreira Diniz Gomes	152
12	Rodrigo das Neves Costa	140
13	Tathiane Agra de Lemos Martins	66

AUTORAS/AUTORES

Alain Lennart Flandes Gómez | Arquiteto pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), mestre e doutor pelo PROARQ/FAU UFRJ, com estágio doutoral na UC Berkeley. Atua com organizações intergovernamentais no desenvolvimento de metodologias participativas para políticas voltadas às crianças na cidade. Participou da Bienal de Arquitetura de Veneza 2016 e sua tese de doutorado recebeu o segundo prêmio na categoria Pesquisa do Prêmio Arquisu 2024.

Andrea Queiroz Rego | Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ FAU UFRJ, 2024-2026). Diretora da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ANPARQ (2023-2024). Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018-2022). Coordenadora do Núcleo Rio de Janeiro da ABAP (2022-2018). Membro Titular do Conselho de Ensino de Graduação CEG-UFRJ (2019-2016). Diretora Adjunta de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2014-2018). Vice-Coordenadora do PROARQ (2014-2016). Membro Titular do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Estado do Rio de Janeiro CAU/RJ (2011-2014). Cientista do Nosso Estado FAPERJ (2021-2023). Líder do Grupo de pesquisa CNPq Projeto e Representação do Ambiente, onde desenvolve as pesquisas: “Paisagem sonora, memória e cultura” e “Projeto, planejamento e paisagem”. Integra a rede de pesquisadores Quapá/SEL.

Aline Pires Veról | Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ FAU UFRJ, 2024-2026). Representante da FAU no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH UFRJ) para a área de Ciências Humanas. Coordenadora do Laboratório de Saneamento e Sistemas Prediais Hidrossanitários (FAU UFRJ). Chefe do Departamento de Tecnologia da Construção (FAU UFRJ, 2019-2021). Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ (2021-2026). Líder dos grupos de pesquisa do CNPq “Projeto e Representação do Ambiente” e “Manejo de Águas Pluviais Urbanas e Cidades Sustentáveis”, com pesquisas nos seguintes temas: saneamento ambiental, drenagem urbana sustentável e sistemas prediais hidráulicos e sanitários. Co-autora do livro Drenagem Urbana: do Projeto Tradicional à Sustentabilidade, premiado em 3. lugar no 58 Prêmio Jabuti (2016). Representante FAU UFRJ na Cátedra UNESCO de Drenagem Urbana em Regiões de Planícies Costeiras.

Claudio Comas Brandão | Arquiteto e Urbanista (Universidade de Brasília - UnB), Mestre e Doutor em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ/FAU UFRJ. Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Design de Interiores na Escola de Belas Artes- EBA UFRJ. Dedicou-se à história da arquitetura moderna brasileira, com ênfase no papel das redes sociotécnicas na produção arquitetônica e integra o grupo de pesquisa Lab Lugares. Sua tese de doutorado sobre o Palácio Itamaraty recebeu o Prêmio Anparq 2024.

Diego Dias | Arquiteto e urbanista, Mestre e Doutor em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ. Agraciado com o Prêmio CAPES de Teses em 2024. Pós-doutorado no PROARQ-FAU UFRJ (2025). Autor do livro “O estilo sob suspeita: arquitetura e modernidade em Archimedes Memória e Lucio Costa”, e organizador dos livros da série “Museografia e Arquitetura de Museus”: “Pesquisa e Patrimônio” e “Origens e Transculturalidades”.

Doralice Duque Sobral Filha | Licenciada em Desenho e Plástica (Universidade Federal de Pernambuco). Mestre e Doutora pelo PROARQ/FAU UFRJ com prêmio Anparq 2016 - Menção honrosa da tese: *Bethencourt da Silva e a Cultura Arquitetônica do Rio de Janeiro no Século XIX*. Docente da Escola de Belas Artes - EBA UFRJ. Atua nos cursos de licenciatura. Pesquisadora na área de História e Historiografia do ensino Desenho e Arte Educação.

Fabiola Belinger Angotti | Arquiteta e urbanista (FAU UFRJ), Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ/FAU UFRJ. Sua dissertação recebeu a menção honrosa no Prêmio ANPARQ 2014. No doutorado foi bolsista CNPq e bolsista Tec Nota 10 da FAPERJ. Pesquisadora independente com interesse na construção do sentido dos lugares, com ênfase em revitalização de centros urbanos, estratégias metodológicas e modos de atuação do pesquisador na prática da Teoria Ator-Rede.

Leopoldo Eurico Gonçalves Bastos | Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ), na Linha de Pesquisa “Ambiente Construído, Tecnologia e Sustentabilidade”, e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Cidade da Universidade Vila Velha (UVV). Líder do Grupo de Pesquisa Projeto Arquitetura e Sustentabilidade (GPAS) e Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Docente de Pós-doutorado no LAAS/CNRS- Toulouse, França (1977). Participou como Professor Visitante na Faculdade de Engenharia - UERJ; Universidade de Coimbra; Universidade Técnica de Berlim; Centre Thermique des Bâtiments CETHIL- *Institut des Sciences Appliquées de Lyon* - INSA; e *École d'Architecture* (ENSA e INSA) de Toulouse. Suas pesquisas abarcam os seguintes temas: Sustentabilidade na Arquitetura (bioclimatismo,

conforto ambiental, ventilação e análise multicritério); Transferência de calor (equipamentos e sistemas); Conversão térmica e elétrica da energia solar.

Natália Rodrigues de Melo | Turismóloga, Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ-FAU UFRJ. Professora na Université Bourgogne Europe e pesquisadora no Centre de Recherche en Gestion des Organisations - CREGO. Tese laureada no Prêmio Brasil de Teses e Dissertações Sobre futebol e direitos do torcedor do Ministério da Cidadania- Secretaria Especial do Esporte, em 2020.

Mariana Valicente | Arquiteta e Urbanista, Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura PROARQ/FAU/UFRJ. Realizou estágio doutoral CAPES PRINT na *Aarhus Arkitektskolen*, Dinamarca. Teve a tese de doutorado laureada com Menção Honrosa no Prêmio Capes de Tese 2023. Atua como colaboradora junto ao Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (LASC).

Rafael Ferreira Diniz Gomes | Arquiteto e Urbanista, Doutor e Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ-FAU/ UFRJ. Professor Adjunto no Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO. Pesquisador do Grupo Ambiente-Educação (GAE). Sua tese de doutorado recebeu Menção Honrosa na Terceira Edição do Prêmio IPP - Maurício de Almeida Abreu, Instituto Pereira Passos- IPP.

Rodrigo das Neves Costa | Arquiteto e Urbanista, Doutor e Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ-FAU UFRJ. com estágio no *Centre for Innovation and Social Process (Goldsmiths University of London)*. Pesquisador do Grupo Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR/FAU UFRJ). Arquiteto do quadro permanente da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

Tathiane Agra de Lemos Martins | Arquiteta e Urbanista, Doutora em Arquitetura (PROARQ/FAU UFRJ) e em Engenharia Civil- INSA Toulouse). Professora e pesquisadora na École Nationale Supérieure d'Architecture de Toulouse (ENSA Toulouse). Atua nas áreas de adaptação das cidades às mudanças climáticas e de eficiência energética das edificações. Sua tese foi laureada com o Grande Prêmio CAPES de Tese, pelo estudo sobre o potencial solar das formas urbanas.

ORIENTADORES

Ana Maria Gadelha Albano Amora | Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ), na Linha de Pesquisa “Teoria, História e Patrimônio”. Pesquisadora CNPq e líder do Grupo de Pesquisa LabLugares, com as pesquisas: Lugares de Memória da Saúde e Arquitetura e Arquitetos Brasileiros- séculos XIX e XX. Participa nas redes "Latino-Americana de Pesquisadores em História da Arquitetura Hospitalar" e “Docomomo”. Responsável pela “Coleção Temas de Arquitetura Moderna Brasileira”, que traz reflexões sobre a produção e o ensino da Arquitetura Moderna no Brasil. Dirigiu o Laboratório de Documentação e Acervo- LDA. Coordenou em Santa Catarina o Inventário de Patrimônio Cultural da Saúde, desenvolvido nacionalmente pela Casa de Oswaldo Cruz, que resultou na organização do livro "História da Saúde em Santa Catarina- Instituições e do patrimônio arquitetônico". Integrou a equipe técnica do Projeto Corredor Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro. Exerceu ainda o cargo de arquiteta na Empresa de Obras Públicas (EMOP) e na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA).

Beatriz Santos de Oliveira | Participou como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ), na Linha de Pesquisa “Teoria, História e Patrimônio”, por mais de uma década. Publicou: "Espaço e Estratégia: Considerações sobre a arquitetura dos jesuítas no Brasil"; "Construção de um Método para a arquitetura: procedimentos e princípios em Vitruvius, Alberti e Durand", e é um dos organizadores da série "Leituras em Teoria da Arquitetura". Foi editora do periódico acadêmico "Cadernos Proarq". Recebeu em Premiações anuais do IAB-RJ a Menção Honrosa pelo trabalho Arkhé: uma abordagem fenomenológica da Arquitetura (2000); a Menção honrosa na categoria Trabalhos Teóricos pela pesquisa Casas Brasileiras séc. XX (2008) e Menção honrosa na categoria Trabalhos Teóricos pelo livro "Leituras em Teoria da Arquitetura" (2009). Em 2010 o livro "Leituras em Teoria da Arquitetura 1. Conceitos" foi agraciado com o prêmio ANPARQ na categoria coletânea. Em 2012 recebeu o Prêmio Docomomo-Rio por pesquisa realizada.

Cristiane Rose de Siqueira Duarte | Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ), na Linha de Pesquisa “Cultura e Paisagem”. Pesquisadora A do CNPq, Cientista do Nosso Estado FAPERJ e líder do Grupo CNPq Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura. É membro da Comissão de Equidade, Diversidade e Inclusão e do do comitê de assessoramento da FAPERJ, além de coordenadora das áreas de Arquitetura e Urbanismo, Planejamento Urbano e Design na FAPERJ. Coordenou o Grupo de Pesquisa Habitat e o Núcleo Pró-acesso. Foi membro do Comitê de Assessoramento do CNPq para a área de Ciências Sociais Aplicadas (2009/2012). Recebeu

prêmio internacional da *Association Européene pour l'Enseignement de l'Architecture* pela melhor metodologia de ensino de arquitetura do biênio 2003-2004. Autora dos livros: "Arquiteturas e Subjetividades. metodologias para a análise sensível do lugar", "Arquitetura, Subjetividade e Cultura. Cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo", "Novos Olhares Sobre o Lugar. Ferramentas e Metodologias, da Arquitetura à Antropologia", "Lugar do Projeto", *Ambiances Urbaines en Partage: Pour une Écologie Sociale de la Ville Sensible* e "Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências".

Ethel Pinheiro Santana | Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ), na Linha de Pesquisa "Cultura e Paisagem". Cientista do Nosso Estado FAPERJ (desde 2024) e Pesquisadora do CNPq - PQ2. Coordenou o PROARQ UFRJ (2020-2024) e atua como Editora-chefe do Periódico CADERNOS PROARQ desde 2014. Atual secretária executiva da ANPARQ onde atuou na diretoria entre 2021 e 2022. Atual Superintendente em exercício da Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UFRJ (outubro 2025) e coordenadora do projeto CAPES-GLOBAL.edu da UFRJ. Foi membro titular do Conselho de Ensino para Graduados CEPG UFRJ (2019-2024). Líder do Grupo CNPq Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura e pesquisadora associada ao Cresson AAU/ENSA-Grenoble através de acordo de cooperação técnico-científica celebrado entre UFRJ e ENSAG. Suas pesquisas envolvem os seguintes temas: ambiências urbanas, desenho urbano, memória, percepção do ambiente, cidade - complexidade e cultura urbana. Autora dos livros: "Arquiteturas e Subjetividades. metodologias para a análise sensível do lugar", "Arquitetura, Subjetividade e Cultura. Cenários de pesquisa no Brasil e pelo mundo" e "Manual Básico de Atendimento à Pessoa em Situação de Rua".

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo | Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ), na Linha de Pesquisa "Cultura e Paisagem". Cientista do Nosso Estado FAPERJ e Pesquisadora CNPq. Coordenou o PROARQ entre setembro de 2019 e abril de 2020. Lidera o Grupo CNPq Ambiente-Educação (GAE) e atua no Núcleo Interdisciplinar em Estudos da Infância, Adolescência e Juventude (NIAJ/UFRJ). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento e Projetos da Edificação, atuando principalmente nos seguintes temas: Arquitetura Escolar, Territórios educativos, cidade e infâncias, Avaliação pós-ocupação, Qualidade do Lugar, Percepção Ambiental. Autora dos livros: "O Lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços Livres. Uso, Forma e Apropriação", "O habitar das infâncias e juventudes: territorialidades em rede", "Arquitetura, cidade e infância: territórios educativos em ação" e "Do Espaço Escolar ao Território Educativo: O Lugar da Arquitetura na conversa da Escola de Educação Integral com a cidade".

Leopoldo Eurico Gonçalves Bastos | Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ), na Linha de Pesquisa “Ambiente Construído, Tecnologia e Sustentabilidade”, e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Cidade da Universidade Vila Velha (UVV). Líder do Grupo de Pesquisa Projeto Arquitetura e Sustentabilidade (GPAS) e Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Docente de Pós-doutorado no LAAS/CNRS- Toulouse, França (1977). Participou como Professor Visitante na Faculdade de Engenharia - UERJ; Universidade de Coimbra; Universidade Técnica de Berlim; Centre Thermique des Bâtiments CETHIL - *Institut des Sciences Appliquées de Lyon* - INSA; e *École d'Architecture* (ENSA e INSA) de Toulouse. Suas pesquisas abarcam os seguintes temas: Sustentabilidade na Arquitetura (bioclimatismo, conforto ambiental, ventilação e análise multicritério); Transferência de calor (equipamentos e sistemas); Conversão térmica e elétrica da energia solar.

Maria da Conceição Alves Guimaraens | Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU UFRJ), na Linha de Pesquisa Teoria, História e Patrimônio. Líder da Rede de Pesquisa em Arquitetura de Museus e Patrimônio e do Grupo CNPq de Estudos de Arquitetura de Museus criado em 2001. Coordenadora do PROARQ (2007-2009). Pesquisadora UFRJ/EBA-LaPecre, UFPE/MDU-LUP e MHN/GPEHM. Componente do Conselho Superior e do Grupo de Trabalho Acervos do Instituto de Arquitetos do Brasil/Departamento do Rio de Janeiro. É membro do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural da Cidade do Rio de Janeiro, consultora ad hoc e bolsista da FACEPE, Mast/UniRio e bolsista CNPq. Autora da Coleção “Museografia e Arquitetura de Museus” que abrange os temas da formação profissional, projetos de edifícios, equipamentos e espaços livres, e conservação e restauração dos patrimônios culturais. Organizadora de encontros científicos internacionais, nos temas: arquitetura e urbanismo, arquitetura de museus, patrimônio cultural e museologia. Integra a rede de professores e pesquisadores da UFRJ, UERJ, ULHT, ETSAM e UFPE; e faz parte da Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia.

Paulo Afonso Rheingantz | Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 2022, onde atuou como docente por mais de uma década. Foi Professor Visitante do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (2014/2019). Pesquisador CNPq e Líder do Grupo de Pesquisa Lugares e Paisagens (ProLUGAR). Suas pesquisas envolvem os seguintes temas: Ensino de Projeto de Arquitetura, Abordagens performativas dos Lugares Urbanos e do Ambiente Construído; efeitos dos estudos Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS) e da Teoria Ator-Rede (ANT) na pesquisa e na prática da arquitetura-urbanismo. Autor dos livros: *Projeto do lugar, O lugar do projeto, Observando a qualidade do Lugar, O Lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres, Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: controvérsias e ressonâncias em coletivo urbanos, Projetos complexos e seus impactos na cidade e na paisagem, Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e viver as cidades e Do Espaço Escolar ao Território Educativo: O lugar da arquitetura na conversa da Escola de Educação Integral com a cidade*".

SÉRIE
Convergências
transversalidades



UFRJ

FAU FACULDADE DE
ARQUITETURA
E URBANISMO UFRJ

PROARQ UFRJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

COORDENAÇÃO EDITORIA
PROARQ

**PAISAGENS
HÍBRIDAS**
EDITORA



CAPES

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO



FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Durante a coleta Sucupira de 2024, a coordenação do PROARQ revisitou a trajetória do Programa para preencher as fichas de avaliação. Esse passeio pelo passado trouxe à tona a lembrança exitosa dos prêmios obtidos nos últimos anos.

A iniciativa da professora Andrea Rego, coordenadora do PROARQ no biênio 2024-2025, deu forma a esta coletânea que reúne teses e dissertações premiadas, convidando seus autores a compartilhar não apenas os resultados das pesquisas, mas também os caminhos e desdobramentos que delas emergiram.

Os textos revelam a amplitude temática e a qualidade que caracterizam as linhas de pesquisa do Programa: das simulações quantitativas às experimentações sensíveis, do estudo dos materiais aos estudos da paisagem, da teoria ao projeto, do projeto enquanto teoria. Entre menções honrosas e prêmios da Capes, da Anparq e de outras instituições, o conjunto reafirma o compromisso do Proarq com a produção de conhecimento de rigor técnico-científico aliado à sensibilidade própria das ciências sociais aplicadas.

Mais do que um registro do passado, esta publicação é também um convite a olhar para o futuro — um estímulo à continuidade da pesquisa, à renovação do pensamento e à busca permanente pela excelência que marca a história do PROARQ.

Luciana Bonvino Figueiredo

Prof^a. Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- PROARQ
Coordenadora Adjunta de Ensino/PROARQ (2024-2026)

A Série *Convergências e Transversalidades* nasce com o propósito de reunir e divulgar produções que exploram as interfaces entre arquitetura, projeto, ensino e crítica, revelando a diversidade de abordagens e estratégias investigativas que caracterizam o campo contemporâneo da arquitetura e do urbanismo. A série pretende constituir-se como um espaço de reflexão e diálogo entre pesquisadores, docentes e pos-graduandos, no intuito de fomentar debate sobre práticas projetuais e metodologias que atravessam o fazer arquitetônico em sua dimensão técnica, estética e social. Ao integrar pesquisas sistematizadas e resultados de investigações desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura- PROARQ, a série evidencia o papel da universidade como agente produtor de conhecimento crítico e inovador.

Convergências e
transversalidades



PAISAGENS
HÍBRIDAS